

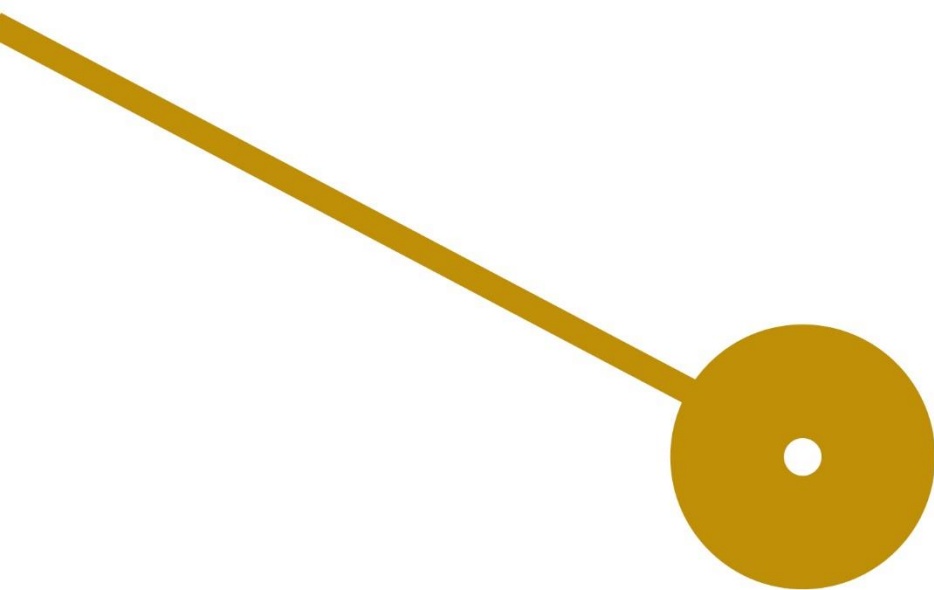


Camaleoa

Do corpo ao manifesto

Rita Pinheiro Peixoto Machado Teixeira
da Luz

10/2021



M

MESTRADO
TEATRO – ARTES CÉNICAS
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

Camaleoa

Do corpo ao manifesto

Rita Pinheiro Peixoto Machado Teixeira
da Luz

Projeto apresentado à Escola Superior de Música e Artes do
Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Interpretação e Direção Artística.

Professora Orientadora
Cláudia Marisa

10/2021

Dedico este trabalho a todas as pessoas que vivem à margem da sociedade. Eu vejo-vos. Também dedico este trabalho a mim por toda a minha dedicação e perseverança. Estou muito orgulhosa por esta jornada.

AGRADECIMENTOS

Ao meu melhor amigo e companheiro José Miguel Luz por ser o meu porto seguro, por toda a sua disponibilidade, dedicação, apoio, amor e por acreditar sempre em mim.

À minha estrelinha que me acompanha. Agradeço por me ter sempre incentivado a lutar pelos meus sonhos.

À minha orientadora, Cláudia Marisa por ter sido incansável. Pela confiança, motivação, serenidade, gargalhadas e por me encaminhar sempre no caminho certo. O seu apoio e acompanhamento foram cruciais.

Muito obrigada a todos xs trabalhadorxs do sexo que tiveram a amabilidade de colaborar nesta investigação, que genuinamente partilharam as suas histórias e, em especial, ao Movimento dxs trabalhadorxs do sexo. Sem eles nada disto teria acontecido.

Agradeço muito a quem acreditou no meu projeto e deu um bocadinho de si para que ele acontecesse, a quem chamo de forma querida de “minha equipa”: à Inês Bollen Pinto, Irene Reis Leite, Frederico Botelho, João Aires, João Reis, Luisa L´Abbate, Manuel Silva, Miguel Silva e Valentina Cunha.

Não posso deixar de agradecer a quem colaborou no projeto e se disponibilizou de forma tão sincera: ao Alex Navarro, Sofia Príncipe, Letícia Moro e Júlia Anjos.

Agradeço ainda ao Hugo Maganinho, Maria Luz, Maria João Reis, Nuno M. Cardoso, Mariana Dorigatti, Nani Luz, Raquel Machado, Rita Aires, Rossana Ribeiro, Dra. Sónia Passos e Tiago Lapa pelos seus contributos.

À minha querida amiga Catarina Raposo pela partilha de informação sobre trabalhadorxs do sexo pelo mundo fora e por toda a amizade.

À equipa do Teatro Helena Sá e Costa.

A todos aqueles que me inspiraram e se cruzaram no meu caminho profissional.

Muito obrigada por contribuírem para que a Camaleoa se faça ouvir!
Rita.

RESUMO

Ter a oportunidade de contar uma história a ouvidos atentos é único. Criar uma história a partir de outras histórias é fascinante.

Criar um espetáculo e partilhá-lo de corpo e alma é algo transcendente.

Um monólogo é um dos grandes desafios do trabalho de uma atriz. Uma experiência marcante, que antes de ser saboreada, pode ser tremendamente assustadora. Um corpo despido e despojado em palco é de uma generosidade avassaladora, no entanto sacia cada poro do nosso corpo como uma tatuagem de emoções vivas.

A partir de testemunhos dxs trabalhadorxs do sexo, no decorrer da pesquisa, dá-se lugar à escrita de cena, que resulta numa encenação solitária e interpretação sincera de uma viagem real pelo universo da invisibilidade. Fala-se de vidas, de sonhos, da sociedade, de emoções, de legislação e de sexo.

Ao público cria-se a oportunidade de desvendar alguns mistérios da profissão mais antiga do mundo de modo a semear questionamentos acerca da invisibilidade e marginalidade à qual os trabalhadorxs são sujeitos. E de o provocar a considerar o tipo de preconceito e discriminação que exerce.

Afinal, qual é o rosto da violência?

PALAVRAS-CHAVE

Violência estrutural | Trabalhadorxs do sexo | Estigma social | Marginalidade | Invisibilidade | Escrita de cena |

ABSTRACT

Having the opportunity to tell a story to attentive listeners is unique. Creating a story from other stories is fascinating. Creating a show and sharing the body and soul is something transcendent.

A monologue is one of the great challenges of an actress' work. A remarkable experience, which before being savored, can be tremendously frightening. A naked and stripped body on stage is overwhelmingly genuineness, yet it slakes every pore of our body like a tattoo of vivid emotions.

From the testimonies of sex workers, during the research, the scene writing was given place. Which results in a solitary staging and sincere interpretation of a real journey throughout the universe of invisibility. There are talks of lives, dreams, society, emotions, legislation, and sex.

the play gives the public the opportunity to being enlightened and to unravel some mysteries of the oldest profession in the world in order to narrow those gaps concerning questions about the invisibility and marginality to which workers are subject to. Also, to provoke and tease them to consider the type of prejudice and discrimination they exert.

In the end, which is the face of violence?

KEYWORDS

Structural violence | Sex Workers | Social Stigma | Marginality | Invisibility | Scene Writing |

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	5
PALAVRAS-CHAVE	5
ABSTRACT	6
KEYWORDS.....	6
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO.....	12
Inquietações	12
Crenças	17
Objetivos	18
<u>Objetivos de processo</u>	19
Estado da Arte	20
CAPÍTULO II – UNIVERSO DO SEXO	25
Conceito de Prostituição	25
2. Evolução Histórica	25
Trabalhadorxs do sexo e Indústria do sexo	27
Trabalho sexual considerado uma profissão	29
Trabalho sexual em Portugal	31
CAPÍTULO III – METODOLOGIA E INVESTIGAÇÃO	34
Metodologia	34
Amostra	35
Entrevistas	36
<u>1-Combater o estereotipo do trabalhador do sexo</u>	36
<u>2-Gostam do que fazem</u>	37
<u>3-Trabalham na indústria por opção</u>	37
<u>4-Remuneração acima da média</u>	38

CAPÍTULO IV – PROCESSO CRIATIVO	39
Processo de pesquisa	39
Processo da escrita de cena	39
<u>1 Fase – Análise transcrições</u>	39
<u>2 Fase – Análise conteúdo com base em 3 sectores de trabalho</u>	41
<u>3 Fase – O monólogo</u>	42
Reflexões após a escrita	45
CAPÍTULO V – AS EMOÇÕES EM AÇÃO	48
Materialização da ideia	48
Mecânica dos ensaios	50
Experiência da Encenação e Interpretação	57
Espectáculo Camaleoa	58
NOTAS FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
ANEXOS.....	68
ANEXO 1: GUIÃO DA ENTREVISTA	65
ANEXO 2: DOCUMENTO AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE ÁUDIO E IMAGENS	70
ANEXO 3: DOCUMENTO PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	71
ANEXO 4: CALENDÁRIO PROJETO CAMALEOA	72
ANEXO 5: NOTAS DAS ENTREVISTAS	73
ANEXO 6: QUADRO DOS ENTREVISTADOS.....	77
ANEXO 7: TRANSCRIÇÕES	78
ANEXO 8: DIÁRIO DO PROCESSO	203
ANEXO 9: TEXTO	229
ANEXO 10: REGISTO DOS ENSAIOS.....	241
ANEXO 11: FOTOGRAFIA RASCUNHO DESENHO CENOGRAFIA.....	254
ANEXO 12: CARTAZ	255
ANEXO 13: FOLHA DE SALA.....	256
ANEXO 14: DOSSIER DE IMPRENSA.....	257
ANEXO 15: FEEDBACK	258

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 - Imagens de experiências levadas a cabo em Pesquisa Artística II com base no tema “Qual o rosto da violência”	15
Imagem 2 - Espetáculo de Milo Rau “The 120 Days of Sodom”	16
Imagem 3 - Espetáculo de Milo Rau “La Reprise. Histoire(s) du théâtre (I)”	16
Imagem 04 - Timeline elaborada para a folha de sala com algumas datas importantes	31
Imagem 05 – Anúncio colocado redes sociais	34
Imagem 06 – Quadro do mapeamento artístico.....	41
Imagem 07 – Espaço de ensaio na sala preta.....	51
Imagem 08 – Fotografia de ensaio divã provisório	52
Imagem 09 – Fotografia de ensaio com espelho provisório	52
Imagem 10 – Fotografia de ensaio com cenografia definitiva	53
Imagem 11 – Fotografia de ensaio toucador espetáculo.....	54
Imagem 12 – Ensaio de cena no toucador	55
Imagem 13 – Fotografia de ensaio	55
Imagem 14 – Fotografia de ensaio	56
Imagem 15 – Fotografia do Espetáculo	58
Imagem 16 – Fotografia do Espetáculo	59
Imagem 17 – Fotografia do Espetáculo	60
Imagem 18 – Fotografia do Espetáculo	61
Imagem 19 – Fotografia do Espetáculo	62
Imagem 20 – Fotografia do Espetáculo	63
Imagem 21 – Fotografia do Espetáculo	63

INTRODUÇÃO

“Mas quem é que definiu os parâmetros da dignidade? Eu decidi usar o meu corpo como uma armadura e deixar de ser uma vítima do sistema. Foi isso que aconteceu” Rita Pinheiro, in Camaleoa

Uma Camaleoa muda de cor para se camuflar, consoante o ambiente onde se encontra ou o seu estado emocional. Mas muitas vezes esta mudança acontece para defender o seu território e se tornar visível. Quem é esta Camaleoa?

Sou eu, és tu, somxs nós, somxs todxs.

Escrever sobre a Camaleoa é escrever sobre uma realidade escondida na penumbra, nas soleiras das portas, atrás das árvores e de câmaras. Uma verdade que se esconde atrás de trapos e farrapos, de máscaras, de maquilhagem e aromas que se misturam. Que se encobre com lençóis, com rádios nas alturas e com bancos rebaixados. Que vive de gemidos, de prazer, de perdas e conquistas. É escrever sobre a sombra que nos esquecemos e sobre corpos vivos com emoções que fervilham.

Escrever sobre a Camaleoa é escrever muito sobre mim. Mas também é escrever sobre o tabu do sexo, a falta de condições de quem trabalha com sexo, sobre desejos e sonhos.

É escrever sobre uma natureza sufocada por um espartilho, que camufla o som das vozes e as transforma num leve choro que se confundem com tímidos risos.

É escrever sobre um projeto que se transformou num manifesto para ecoar as minhas inquietações e a de muitxs

Este projeto reflete o meu posicionamento enquanto artista, ativista, mulher e a minha vontade em trabalhar sobre o real, o agora e sobre o que é urgente.

Camaleoa surge a partir de testemunhos de trabalhadorxs do sexo e pretende dar voz a quem tem vivido à margem. Numa viagem poética, fala-se de percursos e trajetórias introduzindo o público num universo camuflado por crenças.

No âmbito do Mestrado em Artes Cénicas na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo na vertente de Interpretação e Direção Artística tive a oportunidade de investigar, de experimentar e de testar coisas, como uma criança que explora os sentidos, mas que vai dando passos firmes rumo ao seu objetivo.

Durante este último ano descobri muitas pessoas inspiradoras e deixei sair algumas das minhas personalidades. A leitora que devora,

a ouvinte que se emociona, a escritora que se descobre, a encenadora que se filma e se corrige à intérprete que dá a voz e o corpo.

Assumi um compromisso comigo e com as minhas convicções e entreguei-me com todas as minhas fragilidades, mas estou orgulhosa desta Camaleoa que fala uma língua universal.

É importante referir que durante toda a escrita serão utilizadas as duas nomenclaturas relativamente ao trabalho sexual, nomeadamente trabalhadorxs e profissionais do sexo.

No capítulo I será feita uma contextualização. Com a abordagem às motivações para a criação deste projeto, crenças antes de começar, assim como, os objetivos e o estado da arte.

No Capítulo II será abordado o universo do sexo, com a apresentação de conceitos, sua evolução histórica, profissionalização do trabalho sexual e ainda apresentação da situação do trabalho sexual em Portugal.

No Capítulo III será apresentada a metodologia de investigação, com a definição da amostra, abordagem às entrevistas realizadas e algumas conclusões resultantes destas entrevistas.

No Capítulo IV será descrito todo o processo criativo, fruto de uma pesquisa sólida. O processo de escrita será detalhadamente apresentado até chegar à explicação do surgimento do monólogo Camaleoa e intrínsecas reflexões.

No Capítulo V, o capítulo das emoções, será apresentado o desenvolvimento prático do espetáculo Camaleoa. Desde a fase da materialização da ideia, aos ensaios e à experiência de encenação.

CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO

Inquietações

“A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota.” (Sartre, 1948)

O presente projeto trata-se de um processo de uma investigação sobre o universo dos trabalhadorxs¹, trabalhadoras e trabalhadores do sexo, a violência estrutural à qual são sujeitos e à forma como esta violência contribui para a sua invisibilidade e marginalização. Após as várias entrevistas realizadas a este coletivo de trabalhadorxs, desenvolveu-se a escrita de cena a partir do material recolhido e de bibliografia pertinente, que resultou na criação de um espetáculo intitulado Camaleoa apresentado a 19 de Setembro no Teatro Helena Sá e Costa.

O motivo pelo qual escolhi este tema deve-se essencialmente ao meu interesse particular por minorias. A minha “veia” ativista estende-se a várias causas, mas de facto depois de investigar o espectro da violência e de ter percorrido um longo caminho durante o primeiro ano de mestrado, interessei-me pelos que Vivem à margem.

Depois de ter encontrado este universo, senti que de alguma forma se tratou de uma escolha natural. A decisão de trabalhar sobre esta temática surgiu, de facto, por inúmeros fatores. Ao longo dos anos o tabu do sexo e a curiosidade de quem trabalhava com sexo foram-se suscitando muitas reflexões. Recordo sobretudo o caso da morte da Gisberta, ocorrido em Portugal em 2006 que na altura me chocou, o caso da Dandara no Brasil em 2017 viral nas redes sociais e pelo facto de reconhecer que é uma profissão muito antiga, na qual os trabalhadorxs não têm quaisquer direitos ou proteção. Muitos profissionais ocorrem em penas de lenocínio, existem menores a desempenhar este trabalho, há tráfico de pessoas para estes fins, mas não existe nenhuma proteção porque o trabalho sexual é discriminado. Ou seja, os serviços que os profissionais prestam são reais, são serviços com muita procura, mas a sociedade nega a sua existência. São os chamados trabalhadorxs invisíveis aos quais pretendia dar voz e um rosto. Queria ter a possibilidade de expor a violência estrutural da qual são alvos e demonstrar que muitas vezes esta violência não é causada por indivíduos singulares.

Consciente de que os trabalhadorxs do sexo não são os marginais, mas vivem à margem e são marginalizados pela sociedade, uma das minhas ambições era desenvolver um projeto artístico que abordasse todo este universo.

Pessoalmente sinto que vivemos bastante alienados para o que se passa à nossa volta e sempre tive a ambição de usar o meu trabalho artístico para refletirmos sobre o nosso papel e o lugar que ocupamos na sociedade. Vejo o teatro como um elemento transformador e acredito na sua força, por isso desafiei-me como artista e, durante todo o processo,

¹ Trabalhadrxs: utilizar-se-á esta nomenclatura sempre que se utilize o plural, uma vez que, se considera que representa melhor a heterogeneidade do coletivo de pessoas que trabalha na indústria do sexo

questionei-me de qual poderia ser o meu contributo para que os trabalhadorxs do sexo pudessem ter uma vida mais digna.

Para encontrar algumas respostas para as minhas inquietações, escolhi o artista, pesquisador e ativista, Milo Rau². O meu interesse pelo seu trabalho, advém do facto de Rau criar com o objetivo de transformar o mundo, “vejo o teatro como uma máquina capaz de mudar o mundo”³. Aborda temas violentos, tabus sociais e “carrega na ferida” nas suas produções de uma forma extraordinária. Também recorre ao teatro documental, que me interessa e tem como principal influência o filósofo Pierre Bourdieu (2002), que também tenho vindo a estudar. Bourdieu advertia que é indispensável a experiência do contacto físico e da recolha em loco. E para Rau a pesquisa de campo é a parte pedagógica do teatro, que é quando se aprende de facto sobre as coisas.

Foi precisamente através do trabalho de campo, junto da comunidade, com a realidade dos trabalhadorxs do sexo e suas experiências de viverem à margem, alvo de diferentes tipos de violência, que se desenvolveu toda a investigação que culminou na criação do objeto artístico, o espetáculo Camaleoa.

Muitos filósofos, dramaturgos, encenadores, praticantes, falam no poder transformador do teatro. Hans-Thies Lehmann (2017), defende hoje se estabelece um diálogo mais direto com a sociedade, através de um entusiasmo por novos significados teatrais que possam alargar a linguagem do próprio teatro, redescobrimo-o. Acredita que fazer e pensar teatro é sempre um gesto político. Defende que o teatro altera hábitos de perceção e, através da produção de diferentes meios de comunicação, altera, politicamente, as atitudes das pessoas. E, em tempos de conflito político, o teatro mostrou sempre a sua força, sendo um lugar de discussão, que ainda hoje mantém.

Mas estou consciente do perigo da história única como defende Chimamanda Ngozi numa Ted Talk em 2009⁴. Muitas vezes reagimos da mesma forma, porque somos conduzidos à mesma leitura e interpretação dos factos, mas é urgente reconhecer que isso pode causar danos e diminuir a nossa existência. Neste sentido, pretendia dar a estes trabalhadorxs invisíveis uma voz para que as suas histórias chegassem mais longe e de alguma forma pudessem provocar questionamentos no espectador.

Com esta investigação, ambicionava ainda estabelecer uma relação diferente com o espectador. E efetivamente, depois da estreia, o *feedback* do espetáculo tem sido interessante. Adiante apresentarei mais informação sobre este assunto.

Relativamente ao papel do espectador, é importante referir a obra de Jacques Rancière (2014). Para este filósofo, para que arte possa mudar de alguma forma o modo de apreensão sensível, é preciso renunciar a uma unidade, a uma doutrina e moral que requer um corte. Esse corte, se não for produzido pela própria arte, deve ser ativado pelo espectador, que não pode esperar dela uma proposta de organização do mundo. E se o entendermos, não

²Actual diretor do NTGent na Bélgica. Consultado em 18 out. 2020. Disponível em <https://www.ntgent.be/nl/ensemble/milo-rau-reg>

³Nadais, I. (2019) O teatro de Milo Rau faz justiça pelas suas próprias mãos. Consultado em 28 jan. 2020. Disponível em <https://www.publico.pt/2019/03/01/culturaipilon/entrevista/teatro-milo-rau-faz-justica-proprias-maos-1863611>

⁴ Chimamanda, N. (2009). O perigo da história única. Consultado em 30 jan. 2020. Disponível em https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt

apenas como um sujeito passivo perante um objeto artístico a consumir, mas como alguém que pode fazer coisas, como construir referências, a partir de um manancial de objetos artísticos, culturais, sociais e políticos, perceberemos que também há lugar para o espectador neste palco. A emancipação não será, assim, um processo de renúncia, mas antes um processo de filtragem.

Tal como Rancière, tentei atribuir especial atenção ao espectador e falar-lhe diretamente. Esta preocupação esteve presente no discurso usado no texto e na forma como o espetáculo foi construído. Ou seja, a ideia era transpor o público para a acção, para que se sentisse envolvido, e desta forma também poder ser implicado e provocado mais diretamente.

À semelhança de Rancière, acredito que na criação artística, a questão não é a de representar o mais fielmente possível a realidade, mas a de representar uma certa cartografia do real que não o reproduza. O que a arte faz é mudar o estado material das imagens e o estatuto das palavras.

De acordo com Lehmann, trata-se de fazer articular a realidade.

Uma das funções do teatro ao longo dos tempos tem sido a de criar imagens, ou articulações, que nos permitem aceder à totalidade dos problemas humanos de uma forma diferente à análise abstrata. Essa função, que é a de produzir imaginação, tem-se vindo a tornar cada vez mais vital hoje pelo facto de as realidades serem, de dia para dia, cada vez mais abstratas, tanto no domínio das ciências, da economia, da política, da teoria. (...) Nós vamos ao teatro para viver uma experiência. É improdutivo esperar do teatro imagens e mensagens ditas “positivas” (Lehmann, 2017 p.396).

O objetivo passa, não por mostrar a vítima ao espectador, mas antes dar-lhe material para que ele possa pensar como a vítima. E, deste modo, levá-lo a fazer com que questione o seu papel. Precisamente com o texto da Camaleoa e a encenação, o objetivo passava por levar o espectador a questionar o que faria no lugar daquela mulher.

Segundo Rancière,

(...) o espectador deve ser retirado da posição de observador que examina calmamente o espetáculo que lhe é oferecido. Deve ser desapossado desse controle ilusório, arrastado para o círculo mágico da acção teatral, onde trocará o privilégio de observador racional pelo do ser na posse de suas energias vitais integrais. (Rancière, 2014 p.10)

Deste modo, o poder detido pelo espectador emancipa-se, uma vez que traduz a sua própria percepção.

Embora esta pesquisa se tenha iniciado no primeiro ano de mestrado, o interesse pela problemática da violência e, inerentemente, o estudo do conceito “violência” já me acompanhava há algum tempo.

Comecei por questionar os tipos de violência aos quais estamos sujeitos em contexto societal. Estamos conscientes desta violência? O que é na realidade a violência psicológica

e simbólica? Pesquisei espetáculos que retratam a violência, filmes, dramaturgos entre outros, e na verdade é um tema bastante comum. Shakespeare, Rau, Tarantino, entre muitos outros, recorrem à violência no seu trabalho para mostrar o que acontece entre os seres humanos.

A propósito da violência, o autor Slavoj Žižek (2014), revela-se muito pertinente com a sua obra *Violência*, na abordagem aos tipos de violência a que estamos sujeitos e da política do medo.

À medida que ia avançando, acabei por orientar a pesquisa para a Violência Social, com a subcategorização de violência de género, violência étnica e racial entre outras. Note-se que a violência social se traduz na polaridade Forte versus Fraco. Cheguei assim à dicotomia social dos privilegiados e não privilegiados. Ou seja, obrigar os pilares da sociedade, "os mais fracos", a sustentarem a sociedade capitalista, o que parece ser a realidade desde sempre. Isto foi evidenciado com o Covid-19, mas como era algo que já me questionava há algum tempo, decidi incluir nas minhas reflexões. Portanto, a minoria que detém o poder como forma de controlo, exclui todos os outros. Torna-se claro que, o forte que exerce poder perante o fraco, é o mecanismo para qualquer tipo de violência já evidenciada, e, por conseguinte, é possível identificar o principal jogo que é jogado nas sociedades.

Entretanto, ao explorar hipóteses e variáveis sobre a Violência em Pesquisa Artística II, acabei por chegar à Violência de Poder.

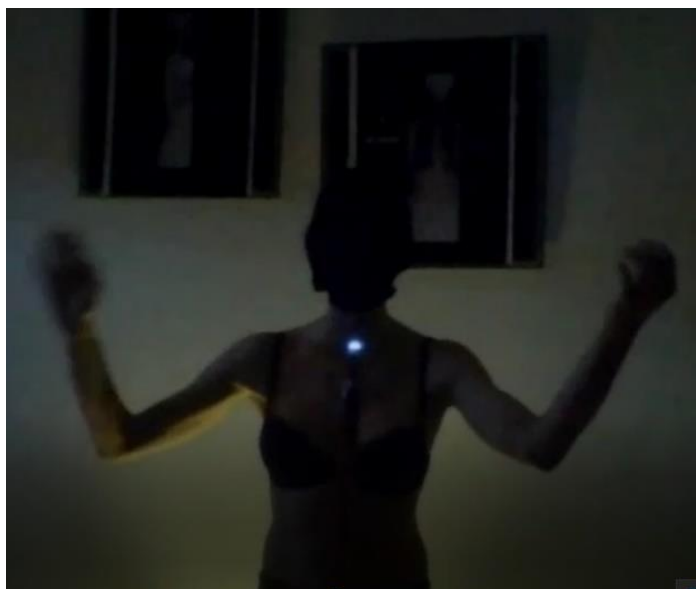


Imagem 1 - Experiências levadas a cabo em Pesquisa Artística II com base no tema "Qual o rosto da violência".

Neste seguimento, surgiram autores mais pertinentes para a minha pesquisa como Pierre Bourdieu (1989), com as obras *Poder Simbólico* e a *Dominação Masculina* (2002) e Maria Filomena Mónica com *Os Pobres* (2016). De facto, fiquei contente por conhecer o trabalho desta socióloga não só por ter um trabalho louvável, mas também por ser a única mulher neste universo de autores que encontrei. No entanto, para este documento, não irei fazer

referência direta à sua obra.

Fui buscar referências ao espetáculo de 2017, *The 120 Days of Sodom*, que levanta determinadas questões: como se protege a dignidade de uma vida? quem observa quem? o que é o normal, o que é o anormal? qual o significado do poder?



Imagem 2 - Espetáculo de Milo Rau “The 120 Days of Sodom”

Pergunta que me remete ao campo de poder de Pierre Bourdieu(1989) e que me ajudou nas experiências que desenvolvi no primeiro ano. Outro espetáculo que serviu de pesquisa foi o *La Reprise. Histoire(s) du théâtre (I)*, de 2018.



Imagem 3 - Espetáculo de Milo Rau “La Reprise. Histoire(s) du théâtre (I)”

Fez-me questionar a origem dos crimes e o seu ponto de partida. Acontecem por acidente,

coincidência ou com intenção? Este espetáculo fez-me refletir profundamente sobre o papel do público, que foi precisamente o que Rau pretendia.

Para a presente investigação é ainda pertinente falar do conceito de violência estrutural. Minayo (1994, cit. in Almeida & Coelho, 2008) define violência estrutural como,

(...) violência gerada por estruturas organizadas e institucionalizadas, naturalizada e oculta em estruturas sociais, que se expressa na injustiça e na exploração e que conduz à opressão dos indivíduos.

Boulding (1981, cit. in Neto e Moreira, 1999) afirma que,

(...) o conceito de violência estrutural que oferece um marco à violência do comportamento, se aplica tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família como aos sistemas económicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de determinadas pessoas a quem se negam vantagens da sociedade, tornando-as mais vulneráveis ao sofrimento e à morte. Essas estruturas determinam igualmente as práticas de socialização que levam os indivíduos a aceitar ou a infligir sofrimentos, de acordo com o papel que desempenham.

Desta forma, percebemos a presença da violência estrutural nas sociedades ditas democráticas, que pressupõe igualdade e liberdade de direitos a todos os cidadãos, no entanto, estas não são capazes de garantir o acesso pleno a esses direitos.

No espetáculo optou-se por retratar a violência de forma mais subtil, na qual esta se encontra camuflada, que pelas suas artimanhas pode ser confundida. No entanto, o estigma e o preconceito são formas de violência que ao longo de todo espetáculo tentam ser descortinadas.

Crenças

Iniciei esta investigação com o propósito de perceber de que forma, o coletivo de trabalhadorxs, trabalhadoras e trabalhadores do sexo, sofriam de violência estrutural e eram invisibilizados pela sociedade. Como um grupo que sofre de marginalização pela sociedade, pretendia dar-lhes voz. Queria ainda conhecer mais sobre o trabalho sexual em si, todo o universo que o envolve e, muito em particular, o seu atual estado em Portugal.

Apesar do tabu do sexo ser algo que me incitava a falar sobre ele, desde o início da investigação me questionava se as pessoas estariam nesta profissão por escolha própria e quais as motivações que as levavam a prosseguirem nesse caminho.

Também eu tinha algumas ideias pré-concebidas: os trabalhadorxs do sexo na sua maioria são forçados a trabalhar, provêm de contextos pobres, vivem em situações dramáticas, têm nula ou escassa formação, o trabalho sexual envolve sempre sexo.

Ao longo da investigação fui tomando consciência de que estava equivocada e que eu própria, de alguma forma, tinha um olhar preconceituoso face ao trabalho sexual.

Naturalmente que as minhas crenças relativamente a esta temática são fruto da minha socialização e aculturação, mas percebi que nunca tinha olhado verdadeiramente para esta realidade. Para além disso, como se trata de algo que a sociedade tanto se esforça em esconder, desconhecia quase tudo sobre esta realidade, apesar da minha curiosidade.

No entanto, após alguns meses de pesquisa, e de todo este processo enriquecedor, posso afirmar que me sinto bastante mais informada sobre o universo do trabalho sexual, das diferentes categorias no exercício da profissão, do seu estado atual em Portugal, das dificuldades que enfrentam diariamente, da legislação e do que tem vindo a ser feito para alterar as condições de trabalho dos milhares de trabalhadorxs do sexo que atualmente desenvolvem a sua atividade em Portugal.

Objetivos

- Identificar profissionais de sexo dos diferentes ramos da indústria;
- Constituir um grupo de profissionais do sexo que traduzam a heterogeneidade e singularidade da profissão;
- Investigar o universo do trabalho sexual em Portugal;
- Analisar os territórios de fronteira habitados pelos profissionais do sexo: invisibilidades e violência.
- Identificar as memórias da violência que os profissionais do sexo construíram ao longo da sua carreira;
- Desenvolver a escrita de cena a partir de material gerado nas entrevistas realizadas aos profissionais do sexo;
- Produzir materiais durante o processo de trabalho que contribuam para o objeto artístico final;
- Dar voz aos profissionais do sexo;
- Construir um espetáculo teatral;
- Incitar à reflexão e questionamentos sobre a forma como a violência estrutural condiciona a vida destes profissionais.

Os passos prévios à construção do espetáculo passavam pela recolha de factos reais da vida dos trabalhadorxs entrevistados e a redação de um texto. Quando surge a ideia do formato monólogo e da Camaleoa, a forma como desenvolvi o espetáculo pretendia dar a conhecer a realidade de alguém que vive do sexo, colocando em palco banalidades do dia a dia de uma mulher que, casualmente, trabalha com sexo. Partilhar a sua história, falar de como tudo começou, porque se mantém na indústria, das dificuldades que enfrenta e da realidade do trabalho sexual em Portugal. Com a exposição destes factos pretendia que o espectador refletisse e se questionasse sobre o seu posicionamento relativo ao trabalho sexual, e ainda que suscitasse várias linhas de questionamento ao espectador,

nomeadamente:

- Conhecia o universo do trabalho sexual?
- Estou a contribuir para o preconceito face ao trabalho sexual?
- Sou parte deste problema?
- Com as conversas que vou mantendo, contribuo para que o trabalho sexual seja marginalizado?
- Como deve ser tratado alguém que vende sexo?
- O trabalho sexual é um trabalho digno?
- Imagino-me a trabalhar com sexo? É uma filha minha?
- Estes trabalhadorxs do sexo são ou não profissionais na sua área de trabalho?
- Quem vive do sexo tem ou não direito a uma carteira profissional?
- O trabalho sexual é legítimo?
- Quem trabalha com sexo deve contribuir para a Segurança Social?
- No lugar da protagonista, veria o trabalho sexual como uma opção?
- Falo sobre sexo com as pessoas que me rodeiam?
- Procuraria este tipo de serviços?

Estas e muitas outras questões podiam ser levantadas no final do espetáculo.

Com o texto e a encenação pretendia também criar uma aproximação e identificação, no sentido de levar o espectador a colocar-se na história, de assumir o papel da trabalhadora e, deste modo, ser capaz de se julgar. De se posicionar face às condições de vida apresentadas e questionar a decisão que tomaria. E, ao fazê-lo, o próprio espectador poderia sentir na pele o estigma e o preconceito que estaria a exercer, ou a empatia e compreensão, pelas decisões tomadas em favor da sobrevivência.

Ao dar lugar a algumas destas reflexões, e por proporcionar ao espectador a sua própria tomada de consciência das condições de vida e das lutas de quem trabalha com sexo, ao espectador é dada a oportunidade de se colocar “nos sapatos” de alguém que vive do sexo, para que em virtude disso possa entender a violência estrutural subjacente e, idealmente, gerar um outro olhar sobre a importância da legalização do trabalho sexual.

Objetivos de processo

- Criar um grupo heterogéneo de profissionais que reflitam a diversidade social e profissional;
- Desenvolver um guião de entrevista;
- Documentar todo o processo de recolha de informação e de criação;
- Desenvolver escrita de cena a partir dos testemunhos e em colaboração com os profissionais do sexo;
- Realizar ensaios abertos articulados com os profissionais do sexo – face à situação atual não foi possível realizar estes ensaios com os profissionais do sexo, no entanto,

foram realizados ensaios abertos e sessões de *feedback*.

Estado da Arte

Depois de aprofundada pesquisa sobre esta matéria, foi encontrada pouca informação que se relacionasse diretamente com a abordagem que pretendia explorar.

Em contexto académico foram identificados alguns estudos centrados na saúde física e mental de trabalhadorxs do sexo e na posição débil das pessoas que trabalham nesta área. Encontraram-se ainda alguns estudos sobre a situação dos trabalhadorxs do sexo em Portugal e no Brasil, bem como outros a propósito da regulamentação profissional da prostituição; no entanto, estes estudos afastavam-se da linha de orientação inicial, uma vez que o objetivo visou sempre abordar o universo de trabalhadorxs do sexo e desenvolver uma pesquisa artística.

Em todo o caso, inúmeros trabalhos desenvolvidos por alguns artistas, cujos nomes passo a citar, têm servido como base de inspiração para este projeto.

O trabalho admirável de Milo Rau, no *International Institute for Political Murder*⁵ que se foca nos conflitos históricos e sociopolíticos, foi fundamental e assumiu um papel de destaque em toda a minha pesquisa. As suas criações falam de políticas que geram violência e que podem matar, mas a perspetiva sociológica destes acontecimentos violentos é o que realmente lhe interessa. Compreender estas influências sociológicas, é fundamental para que eu, como artista, seja capaz de criar e de contribuir para a mudança, que é o que genuinamente desejo alcançar com o meu trabalho. Ao abordar o espectro da violência, Rau questiona constantemente o nosso papel na sociedade, que é o que também procuro com esta pesquisa.

A antropóloga Ana Lopes revelou-se muito importante para a minha pesquisa. Tem um trabalho muito aprofundado sobre os trabalhadorxs do sexo e tive inclusive a oportunidade de a conhecer via zoom, o que representou uma mais valia para a realização das entrevistas. O seu livro *Trabalhadores do sexo Uni-vos!* foi fundamental para me introduzir no universo dos trabalhadorxs do sexo. Deu-me a conhecer várias pessoas e entidades que trabalham e lutam pelos direitos de quem vive do sexo, permitiu-me seguir a evolução de temas laborais, deu lugar a muitas reflexões e contribuiu para que o meu discurso se aproximasse cada vez mais do formato de manifesto.

A pertinência e influência do trabalho de Monica Calle deve-se sobretudo à sua implicação direta com as comunidades. Além disso, algumas das suas criações colocam o espectador numa posição muito diferente da habitual o que, como pesquisa, me interessa bastante. Por exemplo, no espetáculo *Rua de Sentido Único*, que decorre num quarto escuro com apenas duas camas e dois espectadores, estabelece-se uma relação intimista entre ambos, o que configura toda uma nova dimensão.

Já *Em Virgem Doida*, de Rimbaud, espetáculo muito intimista e pessoal, ao qual assisti

⁵ Fundador do IIPM – International Institute of Political Murder. Consultado em 18 out. 2020. Disponível em <http://international-institute.de/en/about-iipm-2/>

recentemente no Teatro Nacional São João, a artista aposta num formato dramatúrgico que explora dimensões corporais e usa a exposição carnal como estratégia narrativa. Este espetáculo em particular fez-me refletir sobre a exposição do corpo, de como a poderia utilizar e em que contextos, já que pode atribuir uma dramaturgia pesada, ou pelo contrário tornar-se vulgar. Uma vez que iria falar de sexo, a possibilidade de expor o corpo foi algo que questionei porque, sendo o instrumento de trabalho de quem vive do sexo, naturalmente pensei de que forma esta Camaleoa se deveria mostrar. Cheguei à conclusão de que queria falar de sexo, de sentimentos, de lutas e sonhos de uma forma menos exposta, o que permitiria, na minha opinião, criar camadas de profundidade que me interessavam.

Com a Casa Conveniente, Calle tentou estabelecer uma relação entre a arte e o mundo, o exterior e o interior, a rua e a casa. Acolheu a vizinhança, fruto da herança do mundo do trabalho sexual do antigo espaço, usando desse modo estas influências para marcar a diferença. Por outro lado, no seu trabalho, procura uma relação com o teatro sem artificialidades, chegando mesmo a expor todo o processo criativo que não limita a construção teatral e cénica. O seu teatro deve estar profundamente ligado a todos os aspetos da vida e, da mesma forma, também procurei mostrar a realidade com a Camaleoa. Um dos grupos que gostaria de salientar pela sua importância é o coletivo Rimini Protokoll por fundamentarem as suas criações na vida real e nunca na literatura. Trata-se de um grupo que trabalha sempre com leigos que vão conhecendo nas suas pesquisas. Os seus projetos são desenvolvidos a partir das situações e circunstâncias dos atores, denominados de especialistas, que se representam sempre a si próprios nas encenações. No fundo usam modelos experimentais que unem a realidade e a teatralidade. Para mim foi bastante encorajador descobrir que existem artistas, com trabalho sólido, que partem para a criação desta forma e sem sustentação de um texto já existente. Este ponto foi importante, porque eu própria estava a criar sem uma estrutura definida, sem um texto prévio e fui encaixando peças à medida que ia descobrindo coisas novas. Apesar da forte ligação entre a realidade e a teatralidade explorada na sala de ensaios, apercebi-me que o espetáculo havia adquirido forma no momento em que finalizei o texto.

No trabalho da artista e cineasta Kika Nicolela encontrei uma inspiração para a utilização do vídeo em direto no espetáculo. A artista interessa-se pelo encontro com o outro, que é mediado pela câmara, e vê nesta ferramenta uma forma de desencadear uma situação, relacionamentos e comportamentos. Muitas vezes acaba por fazer uma espécie de arquivo humano, uma coleção de pessoas que reage a determinada proposta. No vídeo-instalação *Trópico de Capricórnio* exibido em 2005, na mesma noite, convida quatro mulheres transexuais, uma de cada vez, para um quarto de hotel. Cada uma delas recebe as seguintes instruções: deitar-se na cama do quarto vazio e expor-se perante uma câmara colocada no teto. Elas partilham as suas fantasias, esperanças, interrogações e experiências nas ruas de São Paulo, onde trabalham com o seu corpo e o sexo. A utilização de uma câmara que filma em direto permitia trazer intimidade e criar uma aproximação com o espectador. Nicolela buscava um encontro com o público mais direto e pessoal criando ao mesmo tempo um ambiente mais introspetivo.

Documentários como, *Normal - Real Stories from the Sex Industry*, de Nicola Mai, *Morte de*

uma puta, de Harmonia Carmona e *Meu corpo é político*, de Alice Riff foram inspiradores pela temática, pela forma como as histórias são contadas, pela sensibilidade que transmitem e ainda pelo formato documental que eu pretendia trazer para cena. Em pleno processo de construção de um espetáculo, durante algum tempo considerei a possibilidade de recorrer ao registo documental, com não atores em palco entre outras características próprias deste formato. Neste seguimento, e numa fase inicial, estes documentários mostraram-se valiosos para a pesquisa.

Outra referência relevante durante a fase de pesquisa, foi Nan Goldin, uma das primeiras artistas a fazer um trabalho sobre o universo da transgenia, sexualidade e transsexualidade. Trata-se de uma fotógrafa americana conhecida por usar imagens íntimas como uma autobiografia visual, que a documentam a si mesma e às pessoas mais próximas, especialmente à comunidade LGBTQ. Usa as fotografias como ferramenta política para informar o público sobre questões que considera importantes. A exposição da sua obra *The Ballad of Sexual Dependency* entre 1980 e 1986, consistia numa apresentação de slides, com 700 fotos musicadas, com 40 minutos de duração, que conta a sua vida em Nova York durante a década de 80. Na Camaleoa recorre-se à projeção, desenvolvida com fotografias de trabalhadorxs do sexo, não da mesma forma que Goldin, até pela dificuldade em obter estas imagens, mas servindo-me igualmente do documento real, biográfico e trazendo, assim, para cena um pouco de cada um dos entrevistados.

A atriz e encenadora Joana Craveiro é uma referência para o meu trabalho pela forma como pesquisa e cria os seus espetáculos. Trabalha a partir de memórias e histórias reais. Faz trabalho de campo e vai à procura de material no contexto real, quase como uma antropóloga, o que introduz um novo ângulo e perspetiva para o trabalho artístico, que considero muito enriquecedor e que muito me atrai. Revela grande interesse pela escrita de texto próprios, e o seu trabalho enquadra-se no teatro documental que é algo que me interessa como já referi. Um bom exemplo é o espetáculo *Ocupação*, no qual o objetivo passou por reunir testemunhos do Teatro São Luiz, e dos espaços envolventes e sua relação com a PIDE, e ainda o espetáculo *Um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas*, sobre o Estado Novo e contra a visão hegemónica da História.

O espetáculo *Margem* de Vítor Hugo Pontes, estreado em 2018, é outra referência, uma vez que se assemelha à minha pesquisa em vários pontos: pela temática dos que vivem à margem, embora de uma forma diferente, pelo processo de trabalho com entrevistas, neste caso a crianças institucionalizadas, e pela escrita de cena resultante de um conjunto de informação. Este espetáculo contou com três camadas de criação: o texto de Jorge Amado, o registo documental das crianças institucionalizadas e ainda o olhar dos intérpretes face a situações que viveram ou o que quiseram partilhar sobre esta temática. A escrita de cena, ou dramaturgia, foi desenvolvida por Craveiro.

Considero o espetáculo *MDLSX* de Enrico Casagrande e Daniela Nicolò uma referência pela conjugação de diferentes elementos em palco, pela simbiose entre literatura e material biográfico utilizado e pela ambiguidade criada face à veracidade e cariz biográfico da história. Quando assisti ao espetáculo fiquei totalmente convencida de que a atriz contava a sua história e, embora não fosse esse o meu propósito, acabei por conjugar alguns

elementos biográficos no texto, para trazer algo de real e verdadeiro. Isto é, nunca tinha sido minha intenção criar uma personagem fictícia, mas, no momento em que decidi criar o monólogo, poder trazer uma dimensão da minha história pessoal também foi algo que me fez sentir mais autêntica e honesta.

O *Ordinary People* trazido pelo Archa Theatre, dirigido por Jana Svobodová, e o Living Dance Studio dirigido por Wen Hui, ao qual também tive oportunidade de assistir, interessou-me por seguir o registo documental, por recorrer a pessoas comuns com histórias reais e pelo próprio formato do espetáculo.

Lola Arias despertou-me igualmente interesse por recorrer sistematicamente ao teatro documental. Em *Melancolía y Manifestaciones* por exemplo, os artistas apresentam-se em cena e contam a sua história, munidos dos seus documentos. Apesar de serem performances apresentadas em diferentes locais, com vários artistas, é curioso a forma como combina vários elementos reais, e diferentes dispositivos, e os coloca em cena. São espetáculos com várias camadas e mensagens, em que a ficção tem um cariz claramente biográfico e em que os corpos são objetos e arquivos ao mesmo tempo, criando uma espécie de história coletiva. De alguma forma, a combinação dos vários dispositivos na Camaleoa, como a projeção com as imagens dos trabalhadorxs, o vídeo em direto, o texto e o discurso utilizado, pretendia criar este ambiente de coletividade.

Cito ainda o *Still here* de Bill T. Jones, construído a partir da questão “O que é que significa para alguém saber que tem uma doença mortal”, que se revelou muito interessante pelo universo denso que aborda e pela forma como foi construído. Porque ter acesso a tantas pessoas em situações desesperantes e ter a oportunidade de as fazer pensar, como propõe o artista, não sobre a morte, mas sobre como viver, ajudou-me a conceber o meu projeto. Não pretendia de forma alguma vitimizar os profissionais do sexo nem criar um espetáculo violento. Pretendia, pelo contrário, ser capaz de criar algo com impacto, que partisse de material real, que falasse de experiências de marginalização e da violência que os profissionais do sexo sofrem e que, ao mesmo tempo, pudesse “falar” sobre todos nós.

Já numa fase mais avançada do processo, descobri o espetáculo *A Culpa Não Foi Minha*, resultado de uma exposição fotográfica *Posto de Trabalho*, de Valter Vinagre, que ficciona o encontro entre uma trabalhadora do sexo de rua e um fotógrafo que surge no papel de ouvinte. Sendo dos poucos trabalhos que encontrei sobre a temática do sexo, tive a perceção de que, no fundo, se perpetuavam alguns estereótipos, nomeadamente pelos figurinos, cenografia e pelo discurso. E apesar de não se referir diretamente à atividade sexual, o que não acontece na Camaleoa, para mim foi útil por me mostrar uma linguagem que não pretendia seguir. Na verdade, foi importante porque me fez refletir e perceber que de facto não queria expor este lado mais ingénuo, da mulher religiosa, sem ambição, que de alguma forma se resignou e não encontrou espaço para lutar pelos seus sonhos. Talvez mostre um lado que eu, como ser humano, tenho dificuldade em entender. E com a Camaleoa, de alguma forma, também queria falar de esperança e convicções.

A obra *Teoria de King Kong* de Virginie Despentes, revelou-se uma lufada de ar fresco: um discurso em forma de manifesto, que poderia ser igualmente uma habitual conversa de café, rapidamente me cativou e abriu possibilidades de criação. Ao contar a sua história pessoal,

de forma não dramática, abandonando o papel de vítima, deu força ao tipo de discurso que senti que para mim fazia todo o sentido usar. A forma como fala de sexo, do trabalho, do ser e estar no mundo como mulher, trouxeram grandes contributos para o desenvolvimento do texto e encenação.

Ficou muito material por investigar, o qual guardarei para uma eventual futura investigação sobre este universo. O trabalho da artista, ativista e ex. trabalhadora do sexo, Carol Leigh que tem tido um papel fundamental na luta pelos direitos dos trabalhadorxs do sexo; a artista Milo Moiré, ícone do sexo artístico e da arte sexual, aborda a relação da arte e do sexo em performances polémicas; o espetáculo *Gardenia* de Alain Platel, Frank Van Laecke, com travestis e pessoas trans, que fala sobre a dignidade, e o espetáculo *Onde o frio se demora*, que fala sobre direitos humanos e violência doméstica, que resultou de conversas entre a jornalista Ana Cristina Pereira e três mulheres do grande Porto, depois encenado por Luísa Pinto.

Como já referido anteriormente, Pierre Bourdieu e Slavoj Zizek fizeram parte do início da minha pesquisa e de alguma forma influenciaram o meu trabalho.

Mesmo que a Camaleoa pareça não repercutir o trabalho de alguns destes artistas, pessoalmente reconheço a sua influência no resultado final deste projeto e no que me fez refletir sobre este processo criativo.

CAPÍTULO II – UNIVERSO DO SEXO

Conceito de Prostituição

2. Evolução Histórica

“A Prostituição⁶ é tão antiga como o mundo.”⁷

A atividade profissional, frequentemente reduzida à prostituição, remonta à Grécia antiga. Vários séculos antes de cristo, ao contrário de ser vista como um ato imoral, era considerada uma profissão com a remuneração mais elevada para a mulher.

Numa altura em que as mulheres detinham outro tipo de poder, protegidas pela força das deusas, a prostituição era uma componente da vida quotidiana, considerada inclusive necessária, uma vez que se tratava de uma atividade económica da qual advinham lucros consideráveis (Salles, 1987).

A palavra prostituta, em grego, é *porné*, que deriva do verbo *pérnemi*, vender ou ser vendido, ou seja, aquela que está à venda ou aquela que vende sexo, Davidson (1998, cit. in Neto 2011) e Vrissimtzia (2002, cit. in Neto 2011) Uma palavra que carrega a ideia de troca comercial, ou seja, a troca de dinheiro, cede-se direitos sobre o corpo. As *pórnai* eram escravas que serviam a preços tabelados por lei e atuavam nas zonas portuárias a baixos preços. Ao contrário as *Heteirai*, ou companheiras, eram mulheres cultas, com dotes artísticos e físicos, trabalhadoras de posto mais elevado, que serviam apenas estrangeiros ricos ou cidadãos mais abastados. Eram mulheres livres, podiam escolher os clientes e o que receberiam em troca, uma vez que o seu contrato não se tratava de uma transação comercial, mas antes uma troca de favores, ou presentes, entre ambas as partes, sendo o sexo um elemento implícito, mas não uma compensação imediata ou obrigatória, Davidson (1998, cit. in Neto 2011).

De acordo com (Lopes, 2006) na Roma Antiga, as prostitutas registadas eram chamadas de meretrizes e as não registadas de *prostibulae*, palavra da qual deriva prostituta. E embora o Estado tentasse controlar a atividade através de leis impostas às prostitutas com o uso de determinada indumentária, no Império Romano a prostituição não era estigmatizada, e inclusive estava integrada na economia Roberts (1992 cit. in Lopes, 2006).

Já nas primeiras civilizações da Mesopotâmia, Egito e Babilônia, são consideradas sacerdotisas sagradas (Ceccarelli, 2008), que praticavam a prostituição nos templos dedicados à deusa Afrodite Pandemos, deusa do amor, a quem Sólon construiu um templo pelos lucros gerados (Salles, 1987). Numa altura em que a mulher era o símbolo da maternidade e da fertilidade, a prostituta era requisitada para prestar serviços sagrados nos

⁶ Prostituição: recorrer-se-á ao termo prostituição para apresentar a evolução do trabalho sexual, no entanto, por ser uma designação que muitos dos trabalhadorxs entrevistados consideram depreciativa, e eu também, apenas será usada quando for estritamente necessária.

⁷ Cruz, F. I. dos S. (1984). Da Prostituição na cidade de Lisboa. Lisboa: Publicações Dom Quixote, coleção Portugal de Perto, N.º5, p.53-69. Consultado em 20 set. 2021. Disponível em <https://books.openedition.org/etnograficapress/4698>

templos, o que se considerava uma forma de iniciação à vida amorosa e símbolo de fertilidade.

Muitos séculos depois com a difusão do poder da igreja e com o casamento a assumir cada vez mais uma posição de relevo nas sociedades, chega-se à predominância patriarcal. Deste modo, o destaque da mulher desaparece e esta é arrastada para a sombra do homem que muitas vezes se assume como seu proprietário. Como consequência, cria-se uma enorme divisão entre as mulheres legítimas e as mulheres que se prostituíam, o que provocou uma contínua estigmatização das que se prostituíam, algo que se mantém até aos dias de hoje, tornando a profissão um alvo de preconceitos sistémicos que marginalizam os envolvidos (Basserman,1968).

Na realidade, a história da Humanidade tem sido acompanhada por uma panóplia de nomes para classificar quem trabalha na indústria do sexo, nomeadamente: acompanhante, alcoviteira, colareja, cortesã, devassa, libertina, marafona, meretriz, michela, mulher da má vida, hetera, pega, prostituta, puta, rameira, mas todos, sem qualquer exceção, denotam uma conotação moralista depreciativa.

No dicionário português, apenas se encontram definições acerca da prostituição e prostituta, o que não reflete todo o universo e dimensão da indústria do sexo, vejamos:

pros-ti-tu-ta⁸ (latim prostituta, -ae)

nome feminino. Mulher que obtém lucro através da oferta de serviços sexuais; mulher que exerce a prostituição. = PEGA, MERETRIZ, RAMEIRA.

pros-ti-tu-to (latim prostutus, -a, -um, participio passado de prostituere, prostituir) adjetivo

1. [Pouco usado] Que se prostituiu ou se prostitui.

nome masculino

2. Homem que obtém lucro através da oferta de serviços sexuais; homem que exerce a prostituição. No caso do masculino, não existe outro termo pejorativo. Usam apenas prostituto.

Segundo o mesmo dicionário, entende-se por prostituição o seguinte:

pros-ti-tu-i-ção⁹ |u-i|(prostituir + -ção)

nome feminino

1. Ato ou efeito de prostituir.

2. Atividade de quem obtém lucro através da oferta de serviços sexuais.

3. Vida desregrada de devassidão. = LIBERTINAGEM

4. Conjunto das pessoas que se prostituem.

5. Profanação.

6. Servilismo degradante.

pros-ti-tu-ir |u-í| - Conjugar (latim prostituo, -ere) verbo transitivo e pronominal

1. Oferecer serviços sexuais com o objetivo de obter lucro; ter a prostituição como modo de vida.

2. Perder ou tirar a dignidade. = AVILTAR, DESONRAR, REBAIXAR

3. Colocar interesses materiais à frente de princípios ou ideias. = CORROMPER.

⁸ Prostituta no dicionário Português. Consultado em 19 out. 2020. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/prostituta>

⁹ Prostituição no dicionário Português. Consultado em 19 out. 2020. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/Prostituição>

Entende-se por prostituta toda a mulher que declara praticar a prostituição. A prostituição tem sido definida como a atividade institucionalizada que visa a ganhar dinheiro com a cobrança por atos sexuais e a exploração de prostitutas (Houaiss 2001).

A professora da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, Alexandra Oliveira tem desenvolvido uma densa e pertinente investigação sobre o trabalho sexual, em particular a prostituição. A mesma descreve-a como,

“uma das formas de trabalho sexual, incluindo-se sob esta designação uma série de atividades que ultrapassam os limites da prostituição, mas que de alguma forma se relacionam com o sexo ou erotismo e com o objetivo de ganhar dinheiro” (Oliveira, 2011 p.14)

José Mouraz Lopes, define a prostituição, como o,

“relacionamento sexual mediante um preço” (Lopes, 2008 p. 73).

Trabalhadorxs do sexo e Indústria do sexo

Com a estruturação das sociedades, o que se entendia por prostituição começou a ser objeto de análise pela sociologia. No entanto, pela sua forte presença, o seu estudo por outras ciências tornou-se inevitável. Por este motivo, têm sido consideradas várias interpretações e conceções sobre a prostituição. As ideias são muito divergentes e de um lado há quem lute pelos direitos dos trabalhadorxs do sexo, e do outro quem difunda ideias abolicionistas, uma vez que consideram o trabalho sexual, uma mercantilização indigna do corpo e da sexualidade da mulher, o que, por sua vez, se trata de uma afronta aos direitos das mulheres.

De acordo com Lopes (2006) este discurso moralizante contra o trabalho sexual, é justificado com adjetivos como degradante e traumatizante para a mulher, como se apenas a mulher o fizesse. Mas rapidamente se percebe que tal só acontece porque se pressupõe que o corpo da mulher é um “lugar” sexual, ou seja, entende-se que é nas experiências sexuais e nos próprios órgãos sexuais que reside a sua auto-estima. E embora possa ser verdade para algumas pessoas, não é certamente para todas. Muitas mulheres nada veem de perturbador na transação comercial Agustin (2005, cit. in Lopes, 2006). Na verdade, as experiências corporais são muito particulares e é urgente reconhecer e respeitar.

Independentemente dos motivos que levam à prática da profissão, quem trabalha com sexo sofre inúmeras represálias, como conflitos com a família de origem, dificuldades de reconhecimento pessoal e profissional, para além de que estão expostos a inúmeros riscos e vulnerabilidades (Correa, & Holanda 2012 p.427-435).

A visão que Lopes (2006) nos traz com o seu livro, mostra-nos um pensamento bastante distinto acerca dos trabalhadorxs do sexo. Defende não só o uso do termo profissional do

sexo, usado pela primeira vez pela ativista Carol Leigh¹⁰ nos anos 70, como também, nos revela que a indústria do sexo, muitas vezes confundida com prostituição, é um caminho escolhido por muitos e que para estes profissionais é fundamental desenvolverem a sua profissão sem discriminação. Para além disso, tenta contestar a ideia de venda do corpo muito recorrente no discurso feminista que coloca as mulheres como vítimas sem controlo da sua vida.

Por se tratar de um tema que cada vez mais se debate, hoje é possível encontrar outras definições de trabalhadoras do sexo e de trabalho sexual na bibliografia sobre o assunto. Bindman e Doezema (1997, cit. em Lopes, 2006) apresentam uma definição que enfatiza o trabalho sexual como uma atividade laboral.

Negociação e prestação de serviços sexuais

1) com ou sem intervenção de uma terceira pessoa;

2) onde esses serviços são publicitados e geralmente reconhecidos como disponíveis num local específico;

3) onde o preço dos serviços reflete as pressões da oferta e da procura

Nesta definição, negociação, implica a possibilidade de rejeição de clientes ou atos específicos, ao critério individual. Não se assume a aceitação indiscriminada, pelo trabalhador, de todas as transações propostas – essa aceitação indicaria a presença de coação.

Segundo Oliveira (2011) entende-se, trabalho sexual, como uma atividade comercial de prestação de serviços, que apenas diverge das outras atividades porque existe um comportamento ligado à sexualidade e erotismo por parte do cliente, mas apenas se verifica na situação na qual a trabalhadora do sexo seja maior de idade e escolhe, livre e conscientemente sem qualquer coação, exercer a prática da prostituição.

Trata-se de uma atividade com diferentes especificações/áreas. Bares de alterne, clubes de striptease, rua, apartamento, operadores de linhas eróticas, acompanhante de luxo, atriz/actor de pornografia, vendedores de serviços em sites e *webcams*, massagistas entre outros. Segundo Oliveira, a vasta oferta, pode ser praticada por diferentes intervenientes, em diversos contextos dependendo da cultura, poder económico, oferta e procura. Pode acontecer em diferentes locais, nomeadamente rua, apartamentos privados, hotéis, espaços de massagens, bares, clubes e inclusive online através de serviços como linhas eróticas, serviços de *webcam* personalizados, deixando espaço para outras possibilidades.

Neste sentido, o trabalho sexual, ultrapassa as limitações da prostituição de rua, mas prevê uma remuneração pela prestação de um serviço ao cliente cujo objetivo é,

“proporcionar prazer através de uma experiência sexual” (Pinheiro (2021): Camaleoa).

¹⁰ Carol Leigh é uma artista americana, ex. trabalhadora do sexo e ativista

Independentemente das definições, penso que é possível identificar três pontos comuns subjacentes ao trabalho sexual, nomeadamente, oferta, procura e dinheiro. O que se traduz numa transação comercial entre clientes, intermediários (clubes ou espaços de massagens por exemplo) e trabalhadorxs.

No seio dos investigadores sobre o trabalho sexual, é consensual que existem diferenças significativas entre prostituição forçada e voluntária e que o trabalho sexual, tráfico e exploração sexual, apesar de questões complexas, não devem ser confundidas. Algo que Oliveira (2011) faz questão de reforçar constantemente no seu trabalho.

Desde os anos 90 que a ONU e Organização Internacional do Trabalho utiliza a expressão trabalho/trabalhador sexual, com o objetivo de dignificação e combate ao estigma. Inclusive em 1998, a Organização Internacional do trabalho apelou ao reconhecimento económico do setor, com atividade devidamente taxada e defesa dos direitos dos trabalhadorxs¹¹.

De toda a pesquisa efetuada, conclui-se que trabalhador do sexo e indústria do sexo, são denominações mais apropriadas uma vez que, não carregam o preconceito dos termos anteriormente mencionados. Para além disso a sua abrangência possibilita englobar os diferentes intervenientes que podem fazer parte da indústria do sexo, nomeadamente, mulheres, homens, transgéneros, transsexuais, travestis, queer entre outras designações. Infelizmente ainda há quem julgue que perpetuar o estigma, criminalizar e incapacitar quem vê no sexo uma profissão, é a melhor forma de defender os direitos dos trabalhadorxs do sexo e por este motivo, trabalhos como este projeto podem revelar-se importantes.

Trabalho sexual considerado uma profissão

Embora a literatura sobre ativismos em defesa dos direitos dos profissionais do sexo seja limitada, e por todo mundo se continue a verificar fortes resistências à dignificação do trabalho sexual, segundo Lopes (2006), com a publicação de

“Sex Work (trabalho sexual) de Delacoste e Alexander (1987), o conceito de trabalho sexual como um trabalho normal tem sido central no movimento em defesa dos direitos dos profissionais do sexo. (Lopes 2006 p.103)

Pessoalmente, sou a favor da liberdade de expressão. Defendo a ideia de que cada individuo deve ter controlo sobre a sua própria vida, deve ser responsável pelas suas escolhas, pelo seu trabalho e pelo seu próprio corpo. A sociedade não deve de forma alguma exercer pressão nas decisões profissionais individuais, muito menos estigmatizar qualquer individuo que faça uma escolha profissional desviante dos padrões que esta sociedade considera legítimos. Isto naturalmente se o individuo não estiver a pôr em causa a segurança de terceiros e se trate de uma escolha livre e sem qualquer coerção.

Face ao exposto, e de acordo com a minha investigação, o trabalho sexual pode ser uma

¹¹ Cândia, F. (2018). A guerra do trabalho sexual. Consultado em 27 set. 2021. Disponível em <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/25-nov-2018/a-guerra-do-trabalho-sexual-10232020.html>

opção. Adiante falarei sobre os resultados das entrevistas que demonstram que estar na indústria do sexo é uma opção, facto que contribuiu consideravelmente para o discurso e elaboração do texto Camaleoa.

Naturalmente e como em todas as profissões e trabalhos, há quem gosta do que faz e há quem não goste, nem se identifique e apenas o faça por necessidade financeira.

Rona, um dos elementos fundadores do sindicato IUSW ¹² diz que,

“Trocou a sua profissão de enfermeira pelo trabalho sexual, por vocação. Rona adora o erotismo e o sexo e, portanto, juntou o útil ao agradável. Nem todos têm essa sorte. Uma vez mais, as realidades são múltiplas” (Lopes, 2006 p.34).

A propósito da importância de o trabalho sexual ser considerado profissão para muitas pessoas, a sindicalização é um passo importante e muito abordado por inúmeros intervenientes na indústria do sexo,

“Sim é uma profissão – creio que é uma profissão perfeitamente respeitável, e deveria ser considerada como tal, do mesmo modo que a de professor, contabilista ou qualquer outra. Acredito que o primeiro passo consistirá em obter o reconhecimento de que os trabalhadores do sexo são trabalhadores legítimos, de uma indústria e profissão legítima. A primeira coisa a fazer é formar um sindicato e depois exercer pressão para beneficiar dos mesmos direitos que os outros trabalhadores” Rona (2000 p.4 cit. in Lopes 2006 p. 64).

Ana Lopes, Virginie Despentes, Carol Leight, Catherine Stevens são algumas das mulheres que tem contribuído para a dignificação e legitimação do trabalho sexual. Stevens é reconhecida como uma referência de uma profissional de sucesso e modelo ético para a indústria do sexo. Leva muito a sério a questão da segurança, vive e trabalha em locais diferentes, o seu local de trabalho é acessível a cadeiras de rodas, respeita muito os clientes e é respeitada. Quando se apresenta publicamente Stevens desfaz os estereótipos sobre os profissionais do sexo, uma vez que expressa bem os seus argumentos e não se apresenta como vítima (Lopes 2006).

Segundo Lopes (2006), muitos coletivos e trabalhadorxs ao longo dos anos têm-se mobilizado para a legitimação da profissão,

“(…) os profissionais do sexo têm feito inúmeros esforços coletivos no sentido de mudar a sua situação de marginalização e exclusão. De facto, podemos falar de um movimento mundial de profissionais do sexo. O facto de este movimento não ser mais amplamente conhecido mostra como as vozes dos profissionais do sexo são tão frequentemente abafadas, quer pelos meios de comunicação social,

¹² International Union of Sex Workers (IUSW) foi o primeiro sindicato de trabalhadorxs do sexo no Reino Unido, no qual Rona e Ana Lopes, foram fundadoras.

quer pelos investigadores académicos. (...) pretendo contribuir para a emancipação dessas vozes e para o reconhecimento da mobilização deste grupo de pessoas” (Lopes 2006 p.44)

Embora o meu propósito com este projeto não fosse o de discutir ou levantar questões sobre a profissionalização, vantagens ou características do trabalho, senti que era necessário contextualizar a situação da indústria do sexo.

Neste sentido, apresento a *timeline* que desenvolvi para utilização na folha de sala que apresento alguns marcos históricos e conquistas que os profissionais do sexo têm alcançado pelo mundo fora.

Timeline do Trabalho Sexual:



*TS – trabalhador do sexo

Imagem 04 - Timeline elaborada para a folha de sala com algumas datas importantes

Trabalho sexual em Portugal

A situação que se verifica em Portugal traduz-se na total ausência de regulamentação do trabalho sexual, o que se reflete na inexistência de direitos e deveres para as pessoas cujo meio de subsistência provém da venda de serviços sexuais.

A legislação encontra-se num limbo que coloca os trabalhadorxs num lugar de desproteção que só perpétua o estigma e a violência da qual são alvo.

Um dos exemplos flagrantes é o facto de ser permitido exercer, isto é, o trabalhador não é punido, no entanto os trabalhadorxs são assombrados pelo crime de lenocínio simples. Passo a explicar de que se trata este crime.

Código Penal

Decreto-Lei n.º 48/95

Diário da República n.º 63/1995, Série I-A de 1995-03-15

LIVRO II – Parte especial

*TÍTULO I – Do crime contra as pessoas**CAPÍTULO V – Dos crimes contra liberdade e autodeterminação sexual**SECÇÃO I – Crimes contra a liberdade sexual**Artigo 169.^o¹³**Lenocínio*

1 - Quem, profissionalmente ou com intenção lucrativa, fomentar, favorecer ou facilitar o exercício por outra pessoa de prostituição é punido com pena de prisão de seis meses a cinco anos.

2 - Se o agente cometer o crime previsto no número anterior:

a) Por meio de violência ou ameaça grave;

b) Através de ardil ou manobra fraudulenta;

c) Com abuso de autoridade resultante de uma relação familiar, de tutela ou curatela, ou de dependência hierárquica, económica ou de trabalho; ou

d) Aproveitando-se de incapacidade psíquica ou de situação de especial vulnerabilidade da vítima;

é punido com pena de prisão de um a oito anos.

Embora muitas vezes a legislação tenha o intuito de proteger o cidadão, ficam sempre espaços em branco e neste caso parece-me demasiado evidente. Porque na prática, o lenocínio simples, da forma como se encontra a legislação, impossibilita os trabalhadorxs de por exemplo, partilharem transportes, preservativos e aluguer de espaços o que numa outra profissão qualquer não se verifica. E isto torna-se perigoso para os trabalhadorxs porque os obriga a trabalhar de forma clandestina,

“São os sistemas legais, que ao criminalizarem o trabalho sexual, negam aos profissionais do sexo a proteção legal e policial, levando-os a procurar formas alternativas, e não as ideais, de proteção.”
(Lopes 2006, p.39)

Vários países têm vindo a assumir uma postura de perseguição perante o trabalho sexual¹⁴, no entanto têm demonstrado que este tipo de postura não impede o trabalho, e pelo contrário, contribui para o aumento do estigma,

“Nos países onde o trabalho sexual foi criminalizado não acabou. E o pior é que contribuiu para o aumento da discriminação e marginalização. Resultado, grupos mais vulneráveis, maior exploração e violência.” (Pinheiro (2021): Camaleoa).

Por este motivo, cada vez mais estudos apontam para a descriminalização como o melhor cenário para a defesa dos direitos humanos de quem trabalha com o sexo.

¹³ Crime de lenocínio simples. Consultado em 17 out. 2020. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/107981223/201708230200/73474079/diploma/indice>

¹⁴ Modelo de organização do trabalho sexual https://apdes.pt/wp-content/uploads/2015/12/frameworks_v3.pdf

Para defender os interesses dos trabalhadorxs do sexo, a descriminalização e aceitação como profissão, diversos grupos e coletivos foram surgindo por todo o país. Nomeadamente o *GIITS - Grupo Interdisciplinar de Investigadores sobre Trabalho Sexual*¹⁵, o *MTS - Movimento dxs Trabalhadorxs do sexo*¹⁶, o *Porto G*¹⁷ entre outras.

Muitos estudos têm sido feitos ao longos dos anos, muitos livros escritos sobre a temática do sexo, no entanto, tenho a sensação de que a evolução tem sido demasiado lenta e muitas vidas são diariamente menosprezadas.

As definições para trabalho sexual/trabalhador do sexo são inúmeras, as opiniões muito divergentes, no entanto, cada vez mais as sociedades, e inclusive a legislação, parecem continuar mais focadas no ato do trabalho em si do que nos valores implícitos. E é por isso mesmo, que faz sentido analisar o trabalho sexual como profissão e não o julgar pelos códigos morais.

Apesar dos lentos avanços, verificam-se algumas mudanças de mentalidades como demonstrou o presidente do Tribunal Constitucional, Costa Andrade, em 2016,

"Quem explora comercialmente o exercício da prostituição não pode ser incriminado, desde que as pessoas que se prostituem o façam de livre vontade. Defender o contrário é colocar o direito penal ao serviço da prevenção ou repressão do pecado, num exercício de moralismo atávico que é incompatível com o Estado de direito da sociedade secularizada e democrática dos nossos dias." (Câncio, 2018)¹⁸.

E ainda em 2017 o Tribunal da Relação do Porto considerou que o lenocínio simples deveria passar a ser considerado apenas uma contraordenação porque entende que se trata apenas de um crime inconstitucional. Contudo, tal nunca aconteceu.

Até à data, o modelo mais equilibrado é o da Nova Zelândia¹⁹. Na verdade, é o único país do mundo com uma lei que visa defender os direitos humanos dos profissionais do sexo e descriminalizar o trabalho sexual e por isso uma grande referência para os coletivos que lutam por melhores condições.

Parece-me que devem ser feitas mudanças face à situação do trabalho sexual em Portugal,

"É urgente a criação de um modelo que vise a descriminalização e legitimação da profissão" (Pinheiro (2021): Camaleoa)

¹⁵ GIITS. Consultado em 20 jul. 2021. Disponível em <https://www.facebook.com/groups/658571561008739/>

¹⁶ MTS. Consultado em 20 jul. 2021. Disponível em <https://mts.parafuso.net>

¹⁷ Porto G. Consultado em 20 jul. 2021. Disponível em <https://www.portog.org/oquefazemos>

¹⁸ Câncio, F. (2018). A guerra do trabalho sexual. Consultado em 27 set. 2021. Disponível em <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/25-nov-2018/a-guerra-do-trabalho-sexual-10232020.html>

¹⁹ New Zealand Sex Workers' Collective (1987). Consultado em 20 jul. 2021. Disponível em <https://www.nzpc.org.nz/The-New-Zealand-Model>

CAPÍTULO III – METODOLOGIA E INVESTIGAÇÃO

Metodologia

Esta pesquisa trata-se de investigação-criação com metodologia qualitativa por estudo de caso.

Desenvolveu-se a escrita de cena que depois culminou na apresentação de um espetáculo e uma reflexão analítica do processo.

Relativamente ao processo de entrevistas passarei a explicar como decorreu.

Para obter os contactos dos trabalhadorxs do sexo recorreu-se a anúncios, colocados nas páginas das minhas redes sociais, contactaram-se algumas pessoas que faziam parte de uma lista de contactos recolhidos desde o início da pesquisa e entrou-se em contacto direto com a *Porto G*.



Imagem 05 – Anúncio colocado redes sociais

Desta lista resultaram alguns contactos e da *Porto G* infelizmente ninguém se mostrou interessada. Felizmente, resultado do anúncio, fui contactada pelo Movimento dxs trabalhadorxs do sexo que imediatamente se mostraram bastantes interessados em obter informações da pesquisa e do estado do processo para apresentarem ao coletivo e avaliarem possível colaboração. Reuni via zoom com o Movimento onde apresentei a minha pesquisa e alguns pontos da proposta. Enviei uma apresentação do projeto e objetivos e como gostaram da iniciativa e sentiram que poderia contribuir para a sua causa, decidiram colaborar comigo. Prontamente fizeram uma recolha de contactos de pessoas predispostas a contar a sua história e a colaborar na presente investigação.

Por este motivo, de forma bastante célere, redigi o guião de entrevista (Anexo 1) de acordo com que pretendia questionar nomeadamente: quais as condições de vida, de trabalho, educação, questões práticas do exercício da profissão, situações de violência relacionada com o trabalho que desempenham e a violência estrutural da qual são alvo, entre outras coisas. As entrevistas realizaram-se todas via zoom, gravadas com os devidos consentimentos pelos próprios (Anexo 2 e 3). Cada uma das entrevistas durou uma média de 1h30, e em anexo estão algumas notas retiradas durante as mesmas (Anexo 5).

Face à situação pandémica que se vivia não me foi possível realizar a observação de campo prevista. No entanto, e face a este constrangimento, foi solicitado aos entrevistados diários de trabalho, mas infelizmente nenhum deles tem este tipo de registo ou se o fazem não quiseram partilhar comigo.

Após as entrevistas, passou-se à fase das transcrições (Anexo 7) que foram todas realizadas de forma manual sem recorrer a qualquer tipo de programa para o efeito.

Só após as transcrições é que se deu início ao processo de escrita que será descrito mais adiante.

Amostra

A minha amostra é composta por 8 pessoas, 7 mulheres e 1 homem. Em anexo (Anexo 6) poderá ser consultado o quadro com o resumo das características dos entrevistados.

- 2 portuguesas e 6 brasileiras
- Com idades compreendidas entre os 30 e os 45 anos
- 12ano é a escolaridade média
- Fazem descontos para a segurança social
- Vivem no meio urbano
- Área de trabalho é Rua, Apartamento e *Webcam*
- Trabalham todos por conta própria
- Alguns são associados do Movimento dxs trabalhadorxs do sexo.

Apesar de não se tratar de uma investigação sociológica, consegui tirar algumas conclusões que usei como ideias base para a escrita de cena. Nomeadamente, pela minha investigação e pela análise da minha amostra, concluí que os trabalhadorxs do sexo que entrevistei fazem o trabalho por opção. Ou seja, face a determinada situação na vida, o trabalho sexual surgiu na vida destas pessoas e todas elas, conscientemente, optaram por entrar no trabalho sexual, e optaram por desenvolver o trabalho por vários anos. Esta escolha deve-se essencialmente ao facto de lhes permitir independência económica. Revelam obter lucros consideráveis que lhes possibilita ter uma vida digna, assumir compromissos e tomar conta das suas famílias.

Alguns elementos da amostra, revelaram gostar realmente do que fazem. Dar prazer foi algo que sobressaiu com frequência e executam o trabalho com orgulho.

Apesar disto, e pelas represálias que a família também pode sofrer, a maioria omite o que faz ou apenas partilha com um círculo muito fechado.

O estigma e o preconceito da sociedade foram os fatores que mais revelaram como impeditivo de poderem ter uma vida livre.

Entrevistas

Na minha opinião, parece-me que pelo facto de sermos humanos, o nosso sentido de julgamento revela-se bastante apurado, o que nos torna bastante críticos e pouco compreensivos muitas vezes. Talvez fruto da história e sociedade na qual estamos inseridos, relativamente ao trabalho sexual, não somos diferentes, e pelo contrário chegamos a ser preconceituosos. Os resultados aos quais cheguei são reveladores da falta de conhecimento que em geral possuímos face a esta temática.

Com base na minha amostra, e em toda a investigação levada a cabo, cheguei às seguintes conclusões:

1-Combater o estereótipo do trabalhador do sexo

- Têm educação

Dentro da minha amostra apenas um não revelou a sua escolaridade e uma tem apenas o 7º ano. Os restantes têm o 12ºano. Alguns casos chegaram a ingressar na faculdade, contudo, por diversas situações tiveram que desistir. Um dos elementos da amostra é licenciado.

- Não tem histórias de vida cheias de problemas e transtornos

Quando iniciei esta investigação, ainda mesmo no início, a questão da violência estava muito presente como referido anteriormente. Depois fui evoluindo e encontrando outros caminhos até que cheguei à violência estrutural. Ou seja, a que tipos de violência os trabalhadorxs do sexo eram sujeitos. Este era o ponto de partida. Que trouxe para o guião das entrevistas. Mas, no momento, que questioneei sobre esta violência, mesmo não o fazendo de forma direta, percebi que era algo pouco presente na vida dos entrevistados.

Naturalmente que questioneei sobre a violência relacionada com a atividade, com que frequência acontecia, que tipos de violência tinham presentes nas suas histórias, quais as violências geradas pela polícia, por clientes, se tinham vivido situações de perigo, entre outras coisas. No entanto, apesar de terem revelado algumas situações, surpreendentemente, foi residual e a violência que julgava estar tão relacionada com este tipo de trabalho, não se revelou significativa nesta amostra.

Apenas um elemento da amostra revelou ter sido vítima de tráfico humano e violência, e foi esse o fator que a trouxe para o trabalho sexual, no entanto, hoje mantêm-se no trabalho porque encontrou uma estabilidade financeira que não encontra noutra trabalho e mesmo com esse passado, consegue retirar algum partido do que faz.

No geral, as referências à infância e situações de vida, revelaram-se tratarem-se de

situações normais, com perdas e dramas naturais que qualquer ser humano pode passar.

2-Gostam do que fazem

Quando dei início a esta pesquisa, questionava o que levava as pessoas a trabalhar nesta indústria. Estava completamente à margem deste universo e, talvez influenciada pela educação católica que tive e fruto da sociedade na qual me insiro, questionava o que levava as pessoas a usarem o seu corpo para trabalhar e, inclusive, como seria a sua relação com o seu próprio corpo. Para além disso, a maior parte dos estudos que encontrava apenas revelavam o cenário negativo, a ligação do trabalho sexual com o consumo de drogas e doenças sexualmente transmitidas, de modo que, tudo me levava a que quem estava na indústria do sexo apenas o fazia por necessidade e sem obter qualquer prazer.

No entanto, após a realização das entrevistas, percebi que estava equivocada. Existe na realidade um grande número de pessoas que trabalha com sexo apenas por dependências, existe o lado do tráfico de pessoas para o trabalho sexual que é realmente dramático, no entanto, apenas me tinha sido mostrado este lado. Mas existe um outro, que é este que de alguma forma tentarei mostrar com esta investigação, que me parece ser, um lado mais positivo, mas que é de facto real. Trata-se do lado dos trabalhadorxs que gostam de trabalhar com sexo, que são competentes no que fazem, que falam do seu trabalho com profissionalismo e cumprem as suas obrigações apesar de terem de se esconder. Trabalhadorxs que procuram lutar por condições dignas e que apresentam vários argumentos válidos para o facto de se manterem na indústria do sexo.

3-Trabalham na indústria por opção

“Foi o trabalho sexual que me permitiu alcançar a minha independência económica e ter uma vida.” (Pinheiro (2021): Camaleoa)

Algumas encontraram na profissão a confiança e motivação que precisavam para se sentirem completas. Outras gostam de dar prazer. Alguns dos entrevistados sentem que com o trabalho sexual estão a ajudar outras pessoas. Os argumentos são inúmeros, mas a questão financeira foi sem dúvida unanime.

A maioria dos entrevistados tem filhos, o que analisando as entrevistas, pode ser um dos fatores que os levou à procura de um trabalho com remuneração elevada a curto prazo. Depois de algum tempo poderiam ter optado por procurar outros trabalhos, todavia sentem que não encontram estabilidade noutra profissão e por isso optam por se manter na indústria do sexo. Apresentaram vários argumentos para defender a sua posição. Boa remuneração, são responsáveis pelo seu tempo e trabalho, não tem de dar comissões entre outras justificações.

“A indústria do sexo e, em especial, a prostituição são muitas vezes entendidas como a última alternativa para aqueles e aquelas que a praticam. Isto está longe de ser verdade. É mais uma generalização infundada. (...) Os meios de comunicação social e o discurso das feministas abolicionistas são em grande parte responsáveis por esta visão redutora, uma vez que procuram os setores mais vulneráveis e usam essas situações como argumento para condenarem a indústria” (Lopes 2006 p.29)

4-Remuneração acima da média

O trabalho sexual possibilita uma autonomia financeira a curto prazo, o que foi evidenciado pelos argumentos anteriormente mencionados. É a forma de obter rapidamente a remuneração que necessitam, uma vez que, se trata de uma profissão com valores por hora acima da média. É um trabalho que permite, o sustento das famílias, pagamento de estudos, viver com condições e, inclusive em determinados casos, foi o meio que lhes permitiu alcançar sonhos, como comprar uma casa.

Segundo os entrevistados e, a pesquisa efetuada, os valores de alguns dos serviços são:

- Apartamento, cerca de 30 minutos por cliente, valor médio de 50 euros;
- *Webcam*, show de 10 minutos, valor médio 15 euros;
- Trabalho de Rua, serviços de 8 a 10 minutos, valor médio 15/ 20 euros.

Como habitualmente trabalham com horários definidos, uma média de 6h a 8h e atendem vários clientes por dia, rapidamente se entende que os valores que alcançam, são bastante consideráveis. Portanto, face às horas que trabalham e à forma como trabalham, o valor atribuído por hora e por serviço, foi considerado justo por todos os entrevistados. Foi também considerado bastante superior a outro tipo de trabalho fazendo a comparação ao mesmo número de horas.

“(…) Mas sendo o mundo de hoje, economicamente o que é, isto é, uma guerra cruel e sem piedade, impedir o exercício da prostituição dentro de circunstâncias legais adequadas é especificamente impedir que a classe feminina enriqueça, que tire proveito da sua própria estigmatização.” (Despentes 2016 p.71)

CAPÍTULO IV – PROCESSO CRIATIVO

Processo de pesquisa

Pessoalmente sou bastante motivada para a prática de registos. Gosto muito de fazer listas e registos de várias coisas. Por vezes faço-o até de forma obsessiva. E, apesar de, inicialmente não ter tido propriamente consciência da utilidade que poderia ter de registar todo o processo, desde o início desta pesquisa, fui registando todas as descobertas que ia fazendo. Uma espécie de um diário, no qual tomava nota de todo o tipo de coisas. Documentários que descobria, ideias que me chegavam, referências que ia encontrando, reuniões que ia tendo entre outras coisas. Este diário teve início no dia 19 de Fevereiro de 2020 e pode ser consultado no (Anexo 8).

Simultaneamente, foi feito o levantamento de outro material documental, nomeadamente, livros, documentários, espetáculos e outros suportes de apoio ligados à temática dos profissionais do sexo, já apresentados no estado de arte e mais desenvolvidos no diário do processo de pesquisa, que serviram como fontes de inspiração para a construção do espetáculo Camaleoa.

Processo da escrita de cena

“A criação de um texto teatral implica uma infinidade de procedimentos, alguns conscientes, outros não.” (Vendramini, 1994)

De acordo com José Eduardo Vendramini (1994), na criação artística, tentar reconhecer, que características da atividade dramaturgica tem capacidade de desenvolvimento, pode tornar-se um enorme desafio. Defende que, para a criação de um texto dramaturgico, estão implícitos dois grandes procedimentos. Imaginação e organização. O primeiro, pouco controlável, é confundido muitas vezes com o “fazer e ser artístico”. O segundo, mais passível de vontade própria, trata-se de um conjunto de procedimentos que filtra, seleciona e estrutura o material fornecido pela imaginação. É perentório entender que sem imaginação não haveria material para trabalhar, mas sem organização dificilmente se consegue construir um texto coeso.

O processo de escrita da Camaleoa, teve uma boa base de alicerces na minuciosa organização dos diversos materiais, resultantes de diferentes fontes, aos quais se conjugou uma boa dose de imaginação. Passarei a descrever todos os procedimentos.

1Fase – Análise transcrições

Este trabalho iniciou-se com a leitura de todo o material resultante das entrevistas e seleção das passagens que suscitasse maior interesse. Como se tratava de muito material, e a

seleção parecia estar a ser um pouco arbitrária, a determinado momento sentiu-se a necessidade de definir alguns parâmetros. Por conseguinte, e segundo alguns temas chave considerados prioritários, deu-se início à análise das transcrições:

-Lugar do feminino (mulher está aqui para servir a masculinidade. Apesar de muitas vezes comparar-se o sexo a uma massagem, uma ida a um restaurante ou outro serviço que tenha como finalidade proporcionar uma experiência prazerosa, o discurso é bastante direcionado para servir o masculino);

-Lugar da mulher na sexualidade;

-Envelhecimento profissão (profissão desgaste rápido e, como consequência, a necessidade de trabalharem na Rua)

-Invisibilidade (Área de trabalho que os obriga a permanecerem invisíveis. Não é o trabalhador do sexo que à partida se estigmatiza. Mas faz parte de um sector que os obriga à invisibilidade. Os trabalhadorxs escolhem apenas dizer a algumas pessoas o que fazem, por proteção e preconceito, apesar de estarem conscientes face a estas questões);

-Violência estrutural, é legitimada e vivida pelos trabalhadorxs entrevistados. E é legitimada porque a perpetuam (exemplo: servir a masculinidade, o lugar da mulher na sexualidade, condição de ser excluída etc.). Paradoxalmente temos a escolha da profissão – que é feita por várias razões.

- Violência simbólica. Trabalhadorxs do sexo sofrem de estigma. Estigma da profissão, estigma de ser brasileiro, ser emigrante, de ser transgénero etc. A sociedade não altera o paradigma porque ser trabalhador do sexo não é visto com bons olhos. A sociedade não reconhece a sua existência, profissão ou direitos. E por isso o trabalhador do sexo não se apresenta ao mundo e vive na clandestinidade. Mas nunca saberemos se a sociedade está disponível para olhar para estes trabalhadorxs de outra forma, porque eles próprios já se segregaram. Embora alguns lutem por direitos, não são os trabalhadorxs do sexo que se debatem, é a sociedade que os esconde, logo a luta é externa. Aqui verificamos a violência estrutural e simbólica de que Bordieu falava.

-Escolha profissão (ao contrário da ideia de ser-se forçado ou escravizado). Contrariar o lugar da vítima, que habitualmente está associado ao trabalho sexual.

“Dizer que teve “um cliente” é colocar-se à margem da sociedade e submeter-se às fantasias sexuais mais divertidas. Nada trivial. Dizer que vai ver putas é diferente. Isso não faz de um homem um marginalizado, nem carimba a sua sexualidade, nem o predefine de maneira alguma. Espera-se que os clientes de prostitutas constituam uma população variada, pelas suas motivações e funcionamentos, as suas categorias sociais, as suas idades, as suas culturas. As mulheres que fazem esse tipo de trabalho são imediatamente estigmatizadas, pertencem a uma categoria única: a das vítimas.”
(Despentes 2016 p.55)

Portanto, a determinada altura o material começou a ser selecionado com base nestes pressupostos.

2 Fase – Análise conteúdo com base em 3 sectores de trabalho

Depois desta primeira triagem, continuava com bastante material e precisava encontrar outras formas de seleção. Então resolvi fazer a análise de conteúdo segundo os três principais sectores de trabalho dos entrevistados: Rua, Apartamento e *Webcam*. Com esta nova decisão, optar por áreas de trabalho, reduzi novamente o material escrito. Ao mesmo tempo, a escolha desta informação teve em consideração, os detalhes e riqueza do que era partilhado e, ainda, o facto de se encontrarem no ativo. Com estas delimitações, avançou-se triagem, até que se chegou a três histórias principais.

Após esta fase, tinha o esquema principal alinhavado, o que indicava estar no bom caminho. Temas chaves selecionados, áreas de trabalho também e três histórias bastante interessantes.

A par desta seleção, desenhei o mapeamento artístico para poder imergir no material de escrita com mais segurança. O que se revelou ser muito útil na leitura destas três histórias e numa nova triagem de material.

MAPEAMENTO ARTÍSTICO
1: Ekfrase 1 – Qual o rosto da violência
2: Símbolos
Lugar feminino (mulher para servir o homem)
Lugar da mulher na sexualidade
Envelhecimento profissão (profissão desgaste rápido e ida para a rua)
Invisibilidade
Violência estrutural
Violência simbólica, Estigma e preconceito da sociedade
Escolha profissão
Combater o estereotipo do TS
3: Metáfora - já está a ser desenvolvida no trabalho todo
4: Deslocamento – Criar um espetáculo que mostre a violência estrutural, que mostre o contexto dos trabalhadores e que leve o publico a conhecer a vida do TS e a refletirem sobre a sua posição, trabalho, forma de vida, estigma etc.
5: Ekfrase 2 – Do corpo ao manifesto

Imagem 06 – Quadro do mapeamento artístico

Dia 11 de maio encontrava-se terminada a primeira grande seleção, edição e tratamento da primeira versão, que tinha por base 3 personagens.

Contudo, face à situação em que nos encontrávamos, contar com a colaboração de outros atores/não atores poderia trazer alguns constrangimentos, apesar de uma das entrevistadas se ter mostrado muito interessada em participar.

Por este motivo, começava a pensar em alternativas exequíveis num curto espaço de tempo e a 14 de maio foi discutido com a orientadora algumas possibilidades de espetáculo, nomeadamente:

- Atores a fazer as três histórias – ficcionado;
- Algo com cariz documental – ter trabalhadorxs em palco;
- Fazer um monólogo – fazer a história de uma trabalhadora, ficcionada.

Face ao tempo que tinha disponível, aos constrangimentos pela situação na qual todos nos encontrávamos, decidimos que esta última ideia seria a opção mais viável.

3 Fase – O monólogo

A escrita do monólogo teve início a 17 de maio. No entanto, isto fugia muito à minha ideia inicial, que apesar de sempre ter pensado integrar o espetáculo como atriz, interessava-me muito a parte da direção. Para além disso, ficcionar uma história fugia da ideia documental que me acompanhava há tanto tempo e sentia que estava a afastar-me dos meus objetivos pessoais e artísticos.

Por este motivo, a determinado momento, parti em busca de uma possibilidade de dramaturgia. Ocorreu-me que poderia tratar-se de uma pessoa, talvez uma Escritora, que poderia estar a contar as três histórias, as anteriormente selecionadas a partir da análise de conteúdo por sector de trabalho, Rua, Apartamento e *Webcam*. Mas como passaria isto para palco?

Depois surgiu outra hipótese de dramaturgia. Uma Jornalista que iria fazer uma reportagem sobre a indústria do sexo. Desta forma podia recorrer aos documentos e trabalhar mais o documental como pretendia, mas não tinha muito tempo para o fazer. Apesar das circunstâncias e da dificuldade que sentia em encontrar um fio condutor, deu-se início à escrita com o pressuposto da Jornalista, no entanto, deparava-me com alguns obstáculos e por isso abandonei a ideia.

Consciente da azáfama e turbilhão de emoções que se vive num processo criativo, do qual a busca, a experimentação e o fracasso são características da criação, e estando eu ávida por encontrar a minha linguagem, continuava a beber informação, a pensar e a pesquisar. O que a determinado momento resultou no aparecimento de uma outra hipótese de dramaturgia. No fundo não se tratava de uma ideia completamente nova. Tratava-se de uma trabalhadora do sexo, ativista, que contava a sua história e a de duas colegas suas. Parecia-me exequível, mas em que contexto?

Este caminho parecia ser interessante, mas continuava com dúvidas se funcionaria e se era o que me interessava realmente fazer. Uma atriz que conta a sua e outras histórias de quem vive do sexo. Senti que encontrara um caminho, mas estava a faltar qualquer coisa. Ao mesmo tempo, agarrando-me a algumas destas ideias, fui dando vida a alguns devaneios. Comecei a “interpretar” estas “figuras”, nos locais mais inusitados, enquanto falava do trabalho sexual, de política, de direitos humanos entre outras coisas. E gravava ficheiros áudio, à semelhança de *podcasts*. Mais tarde transcrevi e foi usado algum deste material.

O facto de não ter data marcada para uma apresentação, permitia continuar o processo de

pesquisa e com o objetivo de encontrar o que faltava mergulhei novamente na leitura do material das três entrevistas, revisei espetáculos, documentários, livros entre outras coisas. Apesar de não ter uma data definida, nem ter decidido exatamente o que pretendia construir artisticamente, a ideia de ser apenas eu em palco ganhava força na minha cabeça. O medo que anteriormente sentira quando pensava num monólogo parecia ter-se dissipado e agora dava lugar a um eco, cada vez mais forte, que me interpelava, *porque não?*

A 23 de maio, este questionamento dá lugar a três possibilidades dramáticas:

- Monólogo de uma trabalhadora que prepara uma ação com um tom de política de intervenção. Como se tratasse de um ensaio prévio à ação;
- Monólogo de uma trabalhadora que espera por um cliente, que vai refletindo sobre a sua vida;
- Monólogo de uma trabalhadora que se prepara para um dia de trabalho, no qual vai falando do seu processo de trabalho, da sua vida, enquanto vai contando a sua história e das outras duas colegas.

Para me facilitar este impasse, dia 24 de maio, foi-me atribuída a data de apresentação no Teatro Helena Sá e Costa. Na verdade, parece-me que era precisamente o que faltava para ser capaz de tomar decisões e encontrar a dramaturgia e o caminho para o texto que pretendia escrever. Tudo se tornou mais claro, e de uma simbiose destas três ideias, comecei a escrever sobre a vida de uma trabalhadora do sexo, que na minha cabeça resultava de um conjunto de todas estas histórias que escutara, que conhecia e que imaginara.

Depois descobri o espaço no qual esta mulher se encontrava enquanto partilhava a sua história. E imediatamente fez sentido encontrar-se em sua casa enquanto se preparava para trabalhar ou para sair com as amigas. Tratava-se de um espaço no qual se sentia bem, protegida. Que revelava o seu estatuto e o seu bom gosto.

Uma vez que, podia controlar a escrita e toda a conceção do espetáculo, deveria ter em consideração os recursos disponíveis, o que significava, ser astuta. Quero com isto dizer, deveria ser criativa, mas, consciente. Neste seguimento, trazer um universo real, próximo e simples, não comprometia a dramaturgia e facilitava a sua execução.

Deste modo, a escrita ia fluindo e a dramaturgia ganhando forma. E, portanto, a ação começava a desenrolar-se naturalmente. À medida que a trabalhadora recordava a sua infância, o seu passado, partilhava o seu percurso, as suas ambições, contava detalhes sobre o trabalho sexual e como entrara. Deambulava entre os seus pensamentos e desejos. Percebi que fazia sentido a ação decorrer sempre neste mesmo espaço, no qual esta mulher partilhava alguns detalhes do seu trabalho, como valor médio por serviço e presente situação do trabalho sexual em Portugal. A determinada altura, a história evolui, e esta mulher recorre ao seu trabalho como ativista e à sua luta pelos direitos dos trabalhadorxs do sexo para surpreender o público.

O texto começava a ganhar a forma desejada, e esta mulher cada vez mais se revelava. Uma mulher educada, batalhadora, persistente, com fortes convicções que se encontrava

numa posição confiante ao ponto de expor a sociedade e sua hipocrisia.

“Na nossa cultura, hipocritamente, o limite entre sedução e prostituição é apagado, e no fim das contas todos têm consciência disso” (Despentes 2016 p.58)

Contrariando o estigma associado ao seu trabalho, agarra-se à sua voz e transforma-a num veículo para fazer chegar a sua luta a mais pessoas. Para isso vai lançando pequenas provocações a quem a escuta, de modo a propiciar um questionamento sobre o seu posicionamento face à temática do sexo.

“O pacto da prostituição “eu pago-te e tu satisfazes-me” é a base da relação heterossexual. Fingir que esse pacto é estranho à nossa cultura é uma hipocrisia. Muito pelo contrário, a relação entre cliente macho heterossexual e puta é um contrato saudável e claro entre sexos. Por isso torna-se necessário complicá-lo, culpabilizá-lo” (Despentes 2016 p.69)

Uma questão que continuo a fazer, mesmo após a apresentação do espetáculo, é quem a escuta? Talvez os seus vizinhos ou as amigas com quem vai sair.

A partir do momento que esta dramaturgia se solidificou, a escrita foi fluindo de forma muito orgânica. Ao mesmo tempo, recorria a excertos das entrevistas, revia notas recolhidas ao longo do processo, absorvia as minhas convicções para ser capaz de levantar outras questões.

“A figura de puta é um bom exemplo: quando se afirma que a prostituição é uma “violência feita às mulheres” pretende-se que esqueçamos que a verdadeira violência é o casamento, assim como de maneira geral a maioria das coisas que suportamos. (...) A sexualidade masculina não constitui em si uma violência contra as mulheres se elas estiverem de acordo e forem bem remuneradas. A violência vem desse controle que é exercido sobre todos nós, essa faculdade de decidir em nosso lugar o que é digno e o que não é”. (Despentes 2016 p.73)

Inclusive trouxe um pouco da minha história pessoal para a criação deste universo que se revelava ficcionado, mas que partira de muito material real. E, desta forma, esta mulher ganhava vida. A sua história continha cada vez mais bagagem.

Entretanto, várias ideias foram surgindo, mas uma que sobressaiu, talvez por toda a pesquisa, horas de conversas, entrevistas realizadas, e vários argumentos que me foram chegando, foi a ideia de um universo mais glamoroso e positivo, com alguma sensualidade, mas pouco reveladora. Aproximando-se de um glamour cinematográfico. Um universo que deambulava entre memórias e decisões conscientes, mas que revelam um corpo com voz de manifesto e nunca de uma vítima.

“Eu decidi usar o meu corpo como uma armadura e deixar de ser vítima do sistema, foi isso que aconteceu” (Pinheiro (2021): Camaleoa)

Há medida que esta escrita se foi desenrolando, com revisões e correções fundamentais por parte da orientadora, surgiram também algumas ideias de encenação. Recorrer a outras vozes e ao vídeo e projeção foi algo que já estava presente nesta fase.

Por conseguinte, esta mulher estava a tornando-se cada vez mais empoderada e presente. Com ideias cada vez mais sólidas, com poder de escolha e sonhos concretizados. Ao mesmo tempo, a escrita revelava urgência em expor e fazer pensar sobre a realidade do sexo, mas também expressava batalhas, conquistas e orgulho. Um texto que ganhava vida e pretendia contribuir para a reflexão. Que ganhava cada vez mais corpo, até ao ponto desta voz se insurgir e dizer basta. Neste sentido, surge finalmente o manifesto da Camaleoa, sobre o tabu do sexo e a luta por melhores condições para os trabalhadorxs do sexo.

“Aquilo que eu podia vender (...) Esse sexo pertencia só a mim, não perdia o seu valor à medida que era utilizado e podia ser rentável. Novamente encontrava-me numa situação de ultrafeminilidade, mas dessa vez eu tirava um benefício líquido.” (Despentes 2016 p.60).

A 15 de junho, termina-se a versão mais aproximada do objeto final, V7. Quando os ensaios arrancaram, o texto encontrava-se na V8 devido a ligeiras correções, o que aconteceu até ao final do processo da escrita, V12 (Anexo 9). Esta alteração das versões surge maioritariamente por alterações cénicas que descreverei adiante.

Antes de se terminar a escrita de cena, solicitou-se a colaboração dos trabalhadorxs. Para tal, foi enviada uma versão áudio para a líder do MTS, para que esta pudesse dar o seu contributo. Desta ação, resultou apenas a alteração de uma profissão, por questões de confidencialidade.

“(...) E começo assim para que tudo fique bem claro: não me desculpo de nada, não vim aqui para reclamar. Não trocava de lugar com ninguém, porque ser Virginie Despentes parece-me um assunto muito mais interessante do que qualquer outro” (Despentes, 2016, p.7).

Reflexões após a escrita

“Ainda não consigo fazer a distinção entre a prostituição e o trabalho assalariado, entre a prostituição e a sedução feminina, entre o sexo pago e o sexo interessado, entre o que conheci naqueles anos e o que vi nos anos seguintes. O que as mulheres fazem com os seus

corpos, a partir do momento em que são cercadas por homens que tem poder ou dinheiro, tudo isso me parece muito próximo no fim das contas. As nuances entre a feminilidade tal como é anunciada pelas revistas e a feminilidade da puta escapam-me sempre. E mesmo que algumas não deixem claro o seu preço, tenho a impressão de ter conhecido muitas putas desde então. Muitas mulheres a quem o sexo não interessa, mas sabem lucrar com ele”. (Despentes 2016 p.62)

Depois de se terminar a escrita do texto, partilhou-se com a orientadora, alguns professores e um colega da área para se obter *feedback*.

Foi-me levantada a questão se o trabalho sexual se trata de uma profissão, uma vez que é apresentado no texto desta forma. A opção por apresentar o trabalho sexual como profissão, é justificada pelos resultados das entrevistas e pela pesquisa levantada. Portanto, de acordo com os resultados obtidos pela minha amostra e detalhada pesquisa, o trabalho sexual não se trata apenas de desempenhar determinadas tarefas com o objetivo de pagar as contas. De facto, é algo com o qual os profissionais se identificam, desempenham com prazer e confirmar boa remuneração. É uma profissão que lhes permitiu alcançar vários objetivos, e apesar de serem obrigados a fazer descontos por outra profissão, fazem-no porque desta forma tentam-se legitimar.

Entende-se trabalho por algo que desempenhamos em troca de uma remuneração. Para pagar as contas. Mas muitas vezes este tipo de trabalhos não é legitimado socialmente, como por exemplo as empregadas de limpeza, os trabalhadores de postos de gasolina, entre outros.

Uma profissão, pressupõe uma identificação com a atividade que se desempenha. Verifica-se uma relação com a própria identidade porque o executante reveste no que faz. Existe uma legitimação social.

Apesar do trabalho sexual socialmente, não ser considerado uma profissão, por questões éticas da utilização do corpo e outros argumentos apresentados, como resultado da minha investigação, depreendo que adquire características de uma profissão. Por este motivo, de alguma forma, tentei legitimar e empoderar esta Camaleoa, dignificando o seu trabalho, através do seu discurso e atitude.

No texto menciona-se o trabalho nas limpezas, precisamente para proporcionar algumas reflexões sobre este assunto porque, à semelhança do trabalho sexual, os trabalhadores das limpezas vivem de alguma forma marginalizados. E não só. Quem trabalha em hotelaria, em lares de idosos, funcionários de supermercados entre outros prestadores de serviços de diversas áreas que são muito estigmatizados. Isto porque não são bem remunerados, muitas vezes exercem trabalhos clandestinamente, sem contrato, seguro ou qualquer estabilidade. A única diferença é que se tratam trabalhos “socialmente aceites”. E isto pode gerar conflitos e questionamentos, que é precisamente o que me interessa. Interessa-me esta oportunidade de extrapolar e comparar com outro tipo de trabalhos e perceber as condições precárias que existem nestes trabalhos “socialmente aceites”. Que curiosamente são aceites em determinado contexto, noutra já não, tema que não será desenvolvido por não ter lugar nesta

investigação.

A escrita deste texto levou-se a refletir bastante na organização da sociedade. Tenho a sensação de que a sociedade nos apresenta determinada estrutura e forma de vida como ambição e sonho. À semelhança de uma comunidade, que vende uma imagem global e todos fazem parte. Por esta ordem de ideias, todos deveríamos seguir o mesmo caminho. Ou seja, à partida todos deveríamos estudar muitos anos para pertencer a determinado núcleo e cumprir todas as normas impostas para ter os mesmos direitos e deveres. Mas depois, esqueceram-se que somos seres humanos com necessidades e vontades diferentes e acima de tudo com oportunidades muito diferentes. E pior ainda, esqueceram-se das pessoas que se desviam dessa suposta estrutura, que, no entanto, muitas vezes são os seus alicerces e quem permite que essa comunidade tenha a suposta vida de sonho. Esqueceram-se: dos cuidadores que “facilitam” o abandono dos familiares que representam um estorvo à evolução das suas carreiras; das empregadas de limpeza que permitem que os patrões de “desgastem” com as vidas atarefadas, os seus inúmeros hobbies e viagens; esqueceram-se dos funcionários da restauração e hotelaria que facilitam os enfiamentos pela noite dentro e escapadelas de fim de semana para passear as marcas catitas ou fazer inveja aos amigos. Esqueceram-se de todos os que trabalham atrás. Atrás dos panos, das barras, das lonas, das telas, das caixas, que nunca verão o seu trabalho reconhecido e ainda por cima trabalham horas extra sem serem pagas, trabalham sem qualquer segurança em todos os sentidos e não tem qualquer prospeção de carreira. No entanto, são socialmente aceites. Tal como refleti sobre tudo isto, gostaria de proporcionar este tipo de experiência ao público

Com esta abordagem às profissões e trabalhos que se desempenham, também me interessa levantar a questão sobre a oportunidade de escolha. Ou seja, ser-se livre para optar pelo trabalho e/ou profissão que se deseja. Assim, uma profissão deve ser algo prazeroso e, ao mesmo tempo, deve ser fonte de rendimentos que proporcione a concretização dos objetivos. No entanto, muitas vezes temos profissões que por inúmeras razões, não nos proporcionam nada disto, mas são socialmente aceites. Muitas vezes identificamo-nos e desejamos desempenhar determinado trabalho, mas infelizmente não nos permite a independência económica que precisamos para alcançar os nossos sonhos. Por isso, quando realizei as entrevistas, analisei os dados e percebi que há quem tenha essa oportunidade, mesmo sofrendo de estigma e preconceito desde sempre, foi algo verdadeiramente comovente que não poderia deixar de salientar e de alguma forma invejar. O retorno da partilha prévia do texto foi bastante positivo. Fez-me pensar e voltar a olhar para ele, mas senti que a escrita estava a causar o impacto que pretendia, ou seja, fazer pensar e questionar.

Uma das pessoas que leu o texto disse-me que entendia o meu manifesto e que se tratava de um tema muito pertinente.

Fica no ar a possibilidade de o trabalho sexual vir a ser reconhecido como profissão e os trabalhadorxs poderem usufruir de uma vida digna, com direitos e deveres, bem como, muitas outras profissões. Quero acreditar que é possível.

CAPÍTULO V – AS EMOÇÕES EM AÇÃO

Materialização da ideia

Antes dos ensaios arrancarem, fazia sentido para mim desenhar a ideia o melhor possível. Para isso, assim que a data de apresentação ficou definida, iniciaram-se as reuniões com a restante equipa artística.

A projeção, foi pensada no momento da escrita, e após terminada, reuni com o João Aires. Durante as entrevistas tinha pedido aos trabalhadorxs fotografias de uma parte do rosto que gostassem, e, logo, na primeira reunião passei-lhe as imagens, fiz uma leitura do texto e fizemos um brainstorming. A primeira ideia, quando pensei na projeção, era usar *vídeo mapping*. Esta ideia tinha ocorrido, porque imaginei que ao usar o *mapping*, com projeção frontal, o meu corpo e o espaço da ação, a casa, seriam inundados pelos corpos, pelas curvas e texturas destes trabalhadorxs. E como o *mapping* era acompanhado pela *voz off*, trazia a dimensão dos trabalhadorxs para a cena de uma forma mais evasiva e penetrante. No entanto, o Teatro não tinha capacidade técnica para operar uma projeção frontal e outra projeção em direto. De modo que, imediatamente tive de fazer escolhas. O vídeo em direto esta certa que pretendia manter, e mesmo que abandonasse o *mapping*, poderia sempre usar a retro-projeção, o que de alguma forma permitia concretizar esta ideia de trazer os trabalhadorxs para a cena.

O João quis aproveitar as cores e texturas das imagens e começou a experimentar. Nelas sobressaíam os tons de peles diferentes, e desta forma, criou uma paleta de diferentes tons de pele, que se misturavam de forma harmoniosa.

Como a tela estaria sempre em palco, decidiu-se tirar partido e com ela criar o ambiente do espaço onde decorria todo o espetáculo. Quando a projeção era acompanhada pela *voz off*, as imagens eram evidenciadas até ao ponto de se vislumbrarem alguns contornos de corpos. Assim que as vozes desapareciam, a projeção, esta paleta de peles, transformava-se na parede da casa.

A utilização deste dispositivo foi bastante ponderada e sinto que acrescentou valor ao espetáculo.

Relativamente à sonoplastia, havia a preocupação dos direitos de autor. E neste sentido percebi que o momento cantado, teria de ser feito à capela e adaptado por mim. Depois de selecionar alguns temas, optei por fazer uma versão do tema “Anyone who knows what love is”, de Irma Thomas. Usei este tema porque fiz uma analogia entre o amor de romance com o amor próprio.

Entretanto reuni com o Miguel e cada um partilhou o universo que imaginava. Do meu lado, os ambientes passavam por pianos, *House music* e Edith Piaf. O primeiro momento musicado tratava-se da entrada do público. O que desde o início foi pensado acontecer comigo já em palco. Como trabalho com um pianista, imediatamente pensei em reunir com

ele sobre este momento, e como o Miguel Silva concordou com a ideia, passei um “briefing” ao João Reis. Fiz-lhe chegar uma versão do texto escrito e um áudio, expliquei-lhe todo o conceito e dei-lhe espaço para criar. Sentia que os pianos contribuiriam para o ambiente de glamour que imaginara, por isso estava entusiasmada com a evolução do processo criativo. Como a entrada poderia durar até 30 minutos, o único pedido foi que criasse temas em separado, como se tratasse de um CD. Até porque a primeira coisa que iria fazer ao entrar em palco seria ligar o rádio.

O momento seguinte, da canção, já estava decidido. O terceiro momento, do *Striptease*, soava-me a dessincronia. Não consigo bem explicar, mas ouvia sons dissonantes. E para isso reuni com outro amigo, o músico Frederico Botelho. Novamente, expliquei conceito, enviei material e pedi para criar. Enviou-me algum material que não se enquadrava tanto, mas quando ouvi uns “sons estranhos”, que me pareceram talheres a bater e coisas a voar, foi revelador e percebi que era o que queria. O tema era bastante mais longo, selecionei a parte que me interessava e ficou perfeito. Curiosamente nesta altura, ainda não sabia que seria um *Striptease*. Para este momento da peça, tinha apenas escrito, dança. Visualizava apenas movimentos não coincidentes com a música. Mas assim que o *Striptease* ganhou destaque nos ensaios, evolução que descreverei adiante, senti que tudo se encaixava e esta sonoridade era tudo o que podia ter imaginado.

Por último, faltava apenas o momento da passagem da cena para o ativismo, que rapidamente se decidiu que fazia sentido manter o registo glamoroso inicial, e por isso, seria para manter os pianos.

No que diz respeito ao desenho de Luz, realizaram-se algumas reuniões com a Luísa L´Abbate antes da escrita terminar, nas quais partilhei as minhas ideias e os ambientes que pretendia. Como ela se encontrava fora do Porto, sabíamos que teríamos que trabalhar à distância com o envio de ensaios gravados. Como dificilmente teria a oportunidade de ensaiar com a Luz, decidiu-se que apenas iríamos tratar deste assunto quando a Luísa viesse ao Porto para assistir a um ensaio.

Estar envolvida em todo o processo, apesar de exigente, permitiu-me organizar o trabalho metodicamente. Ser responsável por toda a ideia, escrita, encenação e produção, esta última partilhada com a Irene Reis Leite, permitiu-me controlar tudo, o que curiosamente, transmitia alguma segurança.

Como sabia que teria pouco tempo para ensaios e montagem do espetáculo, e que, apenas teria dois dias no palco, pareceu-me prudente trabalhar o texto antes de ir para a sala de ensaios. Por este motivo, na semana de 15 de junho comecei a estudar o texto. Trabalho de análise de texto, de intenções. Decorei o texto e fui gravando alguns áudios, para poder ouvir e sentir de outro modo, como soava a voz que escrevera. Revelou-se muito útil para trabalhar respirações e os tempos necessários de cada frase.

A materialização de toda a ideia e a organização prévia, permitiu reunir grande parte do material necessário antes de arrancar com os ensaios. Nomeadamente vozes *off* e as músicas. E assim que fui para a sala de ensaios, senti que estaria mais livre para me dedicar à nova fase que se iniciava.

Mecânica dos ensaios

Este processo levou-me a pensar e a experimentar diferentes métodos de criação teatral. Encontrava-me sozinha de ambos os lados e toda a experiência era nova para mim. Sabia que teria o apoio da orientadora e pouco mais, de modo que, era imprescindível filmar tudo para poder fazer correções e evoluir. A par da filmagem, fui fazendo um registo de ensaios, no qual tomava nota do que ia experimentando, descobrindo, tal como questões práticas de encenação e produção. Este registo foi feito num caderno, mas devido ao seu estado lastimável, seleccionaram-se alguns desses registos e transcreveram-se. A informação pode ser consultada em anexo (Anexo10).

Como mencionado anteriormente, no período da escrita de cena, surgiram algumas ideias de encenação. Neste sentido, a escrita desenrolou-se com base em algumas experiências que pretendia explorar. Um dos interesses tratava-se da projeção em direto. E nesses momentos previstos, os dois momentos que decorrem no toucador, pôs-se em hipótese o texto ser *voz off*. Ou seja, em virtude de se tratar de memórias de infância, poderia ser interessante ter a *voz off*. No entanto, com o avançar do processo, essa ideia deixou de fazer tanto sentido, e depois mais tarde, já na sala de ensaios, percebeu-se que não funcionava.

A 28 de junho de 2021, segunda-feira, tive acesso ao espaço onde iria passar grande parte do tempo a ensaiar, a Sala Preta da ESMAE. Foi elaborado um plano de ensaios de acordo com a disponibilidade da sala, e até à estreia, tinha grande parte dos dias e horários disponíveis para ensaiar. Naturalmente que foi preciso conjugar os ensaios com a restante agenda profissional, mas até dia 14 de julho, tive a oportunidade de ensaiar aproximadamente 116 horas.

Nesta fase, faz sentido explicar que a estreia para dia 18 de julho foi cancelada derivada ao vírus SARS-CoV2, e por esse motivo, dia 14 de julho foi o último ensaio desta primeira fase. A chegada ao espaço e a sua apropriação constituíram grande parte do processo. Foi durante estas semanas que tudo se materializou e ganhou corpo. Passar à ação era algo realmente empolgante e depois de marcar o espaço de palco, comecei a montar as ideias da cenografia que tinha em mente (Anexo11).

Relativamente à projeção, realizou-se um ensaio na fase inicial, com uma tela e projetor portáteis, para perceber se funcionava, ajustar tempos e o que fosse necessário. Como se tratava de algo bastante simples, não foi necessária a presença da projeção na maioria dos ensaios, e trabalhei apenas com as *vozes off* dos dois principais momentos. Depois em setembro, de regresso à sala, a mecânica foi a mesma, mas explicarei mais adiante.

Quanto ao vídeo em direto, este foi testado atempadamente, mas por questões técnicas também só foi possível ensaiar com ele já no palco do Teatro.

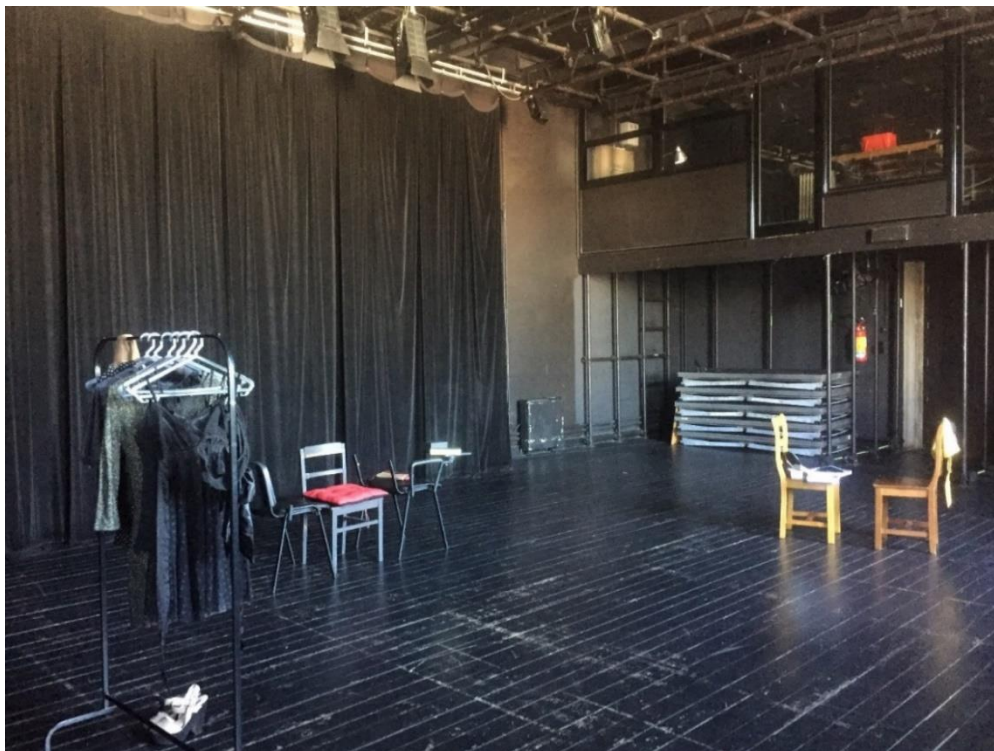


Imagem 07 – Espaço de ensaio na sala Preta

Ao longo dos ensaios, fui experimentando algumas técnicas, ferramentas, mas como não tinha muito tempo, e encontrava-me sozinha, optei por direcionar os ensaios para a vivência naquele espaço. Ou seja, comecei por fazer algumas improvisações no espaço da casa, nas quais estabelecia o jogo com a cenografia, os adereços e os figurinos. Uma parte considerável dos ensaios foram organizados desta forma: chegar ao espaço, instalar-me, habitar esta casa, descobrir ações do quotidiano com o que tinha disponível nesse espaço. Descobrir coisas, tomar nota, voltar a experimentar. Experimentava executar tarefas familiares que fazem parte do dia-a-dia, e executá-las de forma banal e bastante consciente, e depois fazê-lo de uma outra forma, por vezes de modo automático, outras vezes contrariando a normalidade. E depois repetia, e filmava muitas vezes, para depois rever. Depois de alguns dias no espaço, senti a necessidade de levar mais objetos, trocar outros, sempre na procura da naturalidade e do jogo entre corpo/espaço/voz.

Há medida que os ensaios decorriam absorvia sensações, cheiros, detalhes daquele espaço. Experimentava viver nele. Utilizei quase sempre o texto, apropriando-me dele de cada vez que o fazia. Uma espécie de fusão entre mim e a Camaleoa. Foi a forma mais orgânica que encontrei para trabalhar sozinha. E sentia que estava a funcionar.

Os ensaios mostravam-se bastante úteis para concretizar e testar ideias. Ao mesmo tempo serviam para me fazer perceber que algumas ideias deveriam ser substituídas ou deixadas cair, porque apesar de fazerem todo o sentido no processo de escrita, depois na prática, tornavam-se desinteressantes ou irrelevantes.

Estava sempre acompanhada pela minha câmara, o bloco de notas e a coluna para colocar todos os ficheiros áudio: voz off, dança e momento musical da mudança para o ativismo.

Relativamente ao desenho de Luz, a determinado momento, realizou-se um ensaio na sala para que a Luísa L´Abbate pudesse conhecer o espetáculo visualmente, mas infelizmente, até à entrada no teatro nunca foi possível ensaiar com o desenho de Luz.



Imagem 08 – Fotografia de ensaio divã provisório

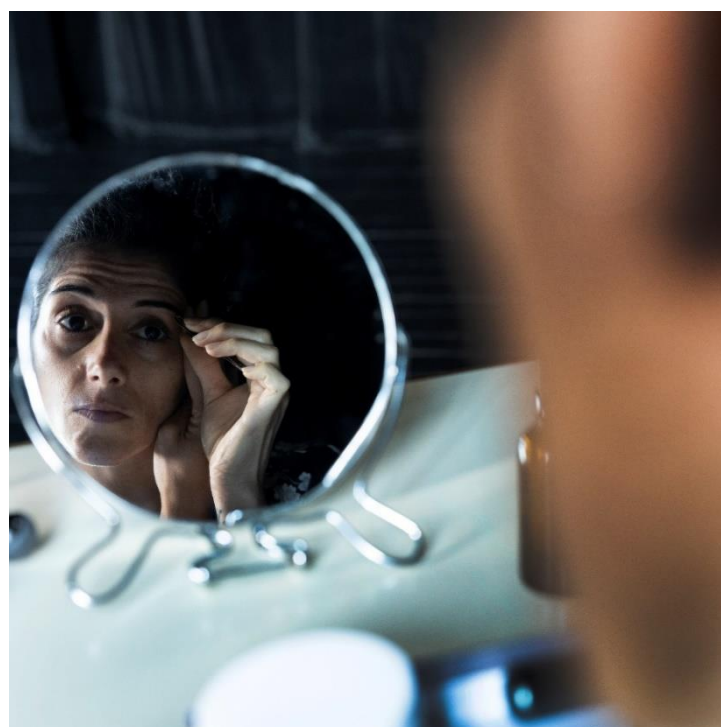


Imagem 09 – Fotografia de ensaio com espelho provisório

O trabalho na sala de ensaios, as ações, a corporalidade e materialização é o que faz crescer a criação artística. Apesar disso, após alguns dias de ensaio, continuava a sentir o ritmo do espetáculo um pouco acelerado. Mas finalmente dia 5 de julho, com a chegada da cenografia definitiva, os ensaios ganharam outra intensidade e percebi que era precisamente o que estava a faltar para encontrar a energia que procurava.



Imagem 10 – Fotografia de ensaio com cenografia definitiva

Entretanto as experiências continuavam até que senti estar verdadeiramente confortável no espaço, nas ações, nos figurinos, no texto e na gestualidade. Ou seja, este trabalho solitário começava a revelar os seus frutos e a determinada altura senti que encontrei em mim a Camaleoa.

Não tinha tido outra experiência num monólogo, nem tão pouco a dirigir a mim própria, mas ter de interpretar uma personagem era algo que não fazia sentido para mim. A ideia de criar uma personagem, para agora a incorporar e imitar, não ecoava em mim. Não podia ser. Depois de todo este processo não queria de todo fazê-lo. Por este motivo inicialmente estava tão reticente em escrever um texto de uma personagem ficcionada. Mas depois de algum tempo passado no universo da Camaleoa, apropriei-me dela de forma natural. Senti que houve um encontro entre as vozes que escutei, a minha e esta nova que estava a construir. O exercício estava a revelar-se ser um desafio muito enriquecedor.



Imagem 11 – Fotografia de ensaio toucador espetáculo

Foi a partir deste momento que comecei a usufruir realmente da experiência. Realizava vários ensaios, filmava. Todos os dias eram dias especiais. Tive momentos de descoberta, de frustração, de brincadeira e sensualidade. Outros de emoção e exaustão. Um dos momentos que me recordo em particular foi o momento do *Striptease*. Inicialmente comecei por dançar pelo espaço, como se estivesse em casa a dançar divertida, mas era demasiado forçado. A música não pedia uma dança infantil. E num dos ensaios, quando coloco a música, o meu corpo começa a dançar de forma mais sensual até que tiro o bolero. Fez-se luz. Claramente aquele caminho fazia muito mais sentido. Como não tinha pensado nisso? Ou seja, a despreocupação, a liberdade que sentia por poder fazer o que me apetecesse deu lugar a descobertas muito valiosas. Uma procura por uma linguagem sem restrições ou limites. E a partir daqui fui experimentando esta sedução e sensualidade, que não pertencem bem ao meu corpo, ou melhor, que até então nunca tinham sido exploradas, o que me deu muito gozo. A certa altura, noutro ensaio, surge o jogo da sedução com o divã e o cliente imaginário. Ou seja, cada ensaio continuava a resultar em algo novo, uma entoação, uma vontade ou uma emoção.



Imagem 12 – Fotografia de ensaio

Não posso deixar de mencionar a pertinente e importante presença da orientadora nesta fase de ensaios. Deu contributos essenciais à construção deste universo, fez correções e sugestões, bem como, trazia sempre uma boa dose de motivação, que para este tipo de trabalho tão narcisista, significou bastante.



Imagem 13 – Fotografia de ensaio

Durante todo o processo, realizaram-se alguns ensaios abertos e uma primeira apresentação ao Júri dia 14 de julho todos na Sala Preta. Quem assistiu não ficou indiferente.

Como referido anteriormente, o processo de ensaios sofreu uma pausa entre 15 de julho e o dia 5 de setembro. Durante este tempo, o texto foi sendo revisto para que o regresso à sala não fosse de forma alguma prejudicado.

Neste seguimento, a 6 de setembro, recomeçaram os ensaios. Desta vez o tempo passado a ensaiar foi de aproximadamente 63 horas. E terminaram a 16 de setembro, véspera da entrada em palco. Desta vez foram-me atribuídos três dias no teatro, com a estreia a 19 de setembro às 19h.

Desta segunda fase de ensaios, parece-me apenas relevante salientar que percebi que a Camaleoa se tinha apropriado ainda mais de mim e eu dela. Ou seja, quando regresssei, parecia que a pausa trouxe alguma maturidade e plenitude que antes não existia. O tempo em que estive afastada desta casa, desta linguagem e desta voz, deu-lhe uma outra dimensão que me parece difícil descrever. Naturalmente que tive a oportunidade para encontrar mais algumas coisas novas, mas desta vez, os ensaios eram essencialmente vividos e desfrutados em toda a sua plenitude. Não como uma repetição, mas como se estivesse verdadeiramente a viver aquela vida e aquele espaço de cada vez que o fazia. A duração do espetáculo estava aproximadamente com 45 minutos e na última semana de ensaios, pelo menos três vezes por dia, eu vivia a Camaleoa. E parece-me que esta é a melhor forma que posso usar para me fazer explicar.

Resumindo todo este valioso tempo de ensaios, caracterizo-o como um processo solitário, por vezes um pouco esquizofrénico, mas bastante transformador.



Imagem 14 – Fotografia de ensaio

Experiência da Encenação

Todo o processo criativo teve início no momento da escrita. Uma vez que, há medida que ia escrevendo, toda a ideia do que pretendia foi sendo desenhada. Quando se escreve, imagina-se toda a história, as personagens e ambientes, mas por vezes, na prática temos que fazer alterações. Neste seguimento, só quando passei para o trabalho na sala de ensaios é que tudo começou a ganhar forma, e algumas das ideias iniciais tiveram de ser substituídas por outras. Mas no geral, parece-me que o trabalho se foi desenrolando de forma organizada, com algum tempo para experimentar e amadurecer algumas ideias, o que resultou num espetáculo do qual me sinto orgulhosa.

Na verdade, tenho vindo a descrever todo este processo desde a fase da escrita do monólogo, à materialização da ideia e apresentação da dinâmica de ensaios. Apenas resta-me falar um pouco de algumas das ideias que ainda não tinha encontrado espaço para o fazer.

Diz respeito às linhas dramáticas que criei e tentei colocar em cena. Trata-se de três linhas dramáticas:

- Linha do que está a ser dito por mim;
- Linha da câmara em tempo real que amplifica a intimidade da exposição;
- Linha dos trabalhadoras do sexo com a *voz off* que é acompanhada com a projeção.

Uma das preocupações com a encenação era alcançar uma simbiose de todos os elementos e dispositivos artísticos de modo a que pudessem disseminar este manifesto.

Com o texto e o discurso, tentei fazer sobressair a personalidade da Camaleoa. Que mostrava convicta, saudosa, afirmativa, por vezes com um ligeiro tom acusador, que rapidamente depois dava lugar à sua veia ativista e empática, que partilha detalhes do trabalho sexual de forma bastante assertiva e natural.

Ao falar do tabu do sexo e da falta de condições do trabalho sexual, pretendia-se contribuir para a desconstrução desse mesmo tabu e corromper com estigmas e preconceitos.

O vídeo em direto também cria uma proximidade e intimidade que depois vai facilitar a relação que se estabelece com o público.

As vozes que se misturavam, pretendiam ser uma extensão da minha, como se a minha voz se tornasse múltiplas vozes.

E no final, quando agarro a carteira e saio, deixo no ar a questão para o público refletir sobre o seu papel, a sua pele, o seu posicionamento, o seu privilégio, a sua voz....

“Já se viram ao espelho hoje?”. (Pinheiro (2021): Camaleoa)

E então o que sentiram?

Espetáculo Camaleoa

O espetáculo resultante de toda esta investigação foi o monólogo Camaleoa apresentado no Teatro Helena Sá e Costa a 19 de setembro de 2021.



Imagem 15 – Fotografia do Espetáculo

Um dos objetivos que se pretendia alcançar com o espetáculo passava por mostrar a realidade dos trabalhadorxs do sexo. Uma realidade muitas vezes desconhecida, mas que existe. Há quem opte por viver do sexo. Sem querer romantizar ou parecer paternalista. Apenas quis mostrar que se pode tratar de uma escolha consciente. De facto, muitas vezes escondem a profissão, porque a sociedade não os quer ver. São invisibilizados, e, apesar de ser uma escolha, optam por viver à margem.



Imagem 16 – Fotografia do Espetáculo

No final do espetáculo o público pode passar de um estado de indiferença, por desconhecer o universo do trabalho sexual e a realidade em Portugal, a um estado de consciência sobre a realidade dos trabalhadorxs.



Imagem 17 – Fotografia do Espetáculo

Pretendia com o espetáculo mostrar que o cidadão comum não pensa neste assunto da forma como a exponho, nem acreditam que as pessoas possam trabalhar no sexo por escolha. Como já mencionado, há pessoas que não tiveram opção, no entanto, posso dizer pela minha amostra e investigação, há quem veja na indústria do sexo um caminho profissional e tem lutado para que a situação se altere.



Imagem 18 – Fotografia do Espetáculo

Com o espetáculo mostro uma realidade, a que dificilmente chega ao comum dos mortais, e acredito que de alguma forma poderá contribuir para a causa que os trabalhadorxs defendem que é a legitimação, regulamentação e descriminalização do trabalho sexual.



Imagem 19 – Fotografia do Espetáculo

O *feedback* que fui recebendo é que quem assistiu não ficou indiferente. O espetáculo despoletou várias reflexões. Alguns comentários que recebi destacavam a oportunidade de ficar a conhecer a realidade de quem trabalha na indústria e a situação do trabalho sexual em Portugal. (Anexo 15).



Imagem 20 – Fotografia do Espetáculo



Imagem 21 – Fotografia do Espetáculo

Quer concordem ou não, quer gostem ou não gostem, o que pretendia é que saíssem de lá a pensar.

NOTAS FINAIS

Sempre tive a intenção de desenvolver um projeto que revelasse uma pesquisa artística inspirada na realidade. Que de alguma forma pudesse contribuir para a reflexão, porque desejava utilizar o meu trabalho como artista para transformar o mundo. Após um ano de trabalho, penso que é bastante gratificante chegar a esta fase com o sentimento de dever cumprido e escrever que consegui concretizar grande parte dos meus objetivos.

Para além disso, foi possível encontrar respostas para algumas das minhas inquietações e explicar algumas das minhas convicções, nomeadamente:

Identificar formas de violência estrutural da qual são vítimas os trabalhadorxs do sexo;

Compreender a invisibilidade e marginalização que os trabalhadorxs do sexo são sujeitos;

Compreender de que forma o estigma e o preconceito condiciona a vida destes trabalhadorxs;

Pôr em perspetiva diferentes tipos de violência que socialmente cada um de nós acaba por exercer;

Conhecer e dar a conhecer o universo de quem vive do sexo.

Confrontar o espectador com a realidade do trabalho sexual em Portugal;

Por o espectador a questionar o seu papel como cidadão de uma sociedade na qual o sexo é um tabu;

Por o espectador a questionar o seu posicionamento face ao trabalho sexual;

Questionar a hipocrisia social face à temática;

Apresentar o trabalho sexual como uma profissão;

Dar o meu contributo para a sensibilização da importância da legalização do trabalho sexual em Portugal;

Utilizar o meu trabalho artístico para dar voz a pessoas que vivem à margem.

Propus-me analisar a violência estrutural, e, segundo a minha amostra, identificou-se a existência de vários comportamentos de violência, nomeadamente de estigma e preconceito, face ao trabalho que desempenham. Ao mesmo tempo, encontrou-se uma classe profissional cada vez mais organizada, que luta pelos seus objetivos, com metas bem definidas, bem remunerados e que gostam do que fazem.

Há um outro lado que não se investigou, mais associado ao crime, às doenças sexualmente transmissíveis, à degradação e pobreza extrema. No entanto, e apesar de saber que este universo existe, como não tive qualquer contacto com ele, não me irei pronunciar.

A minha proposta de desenvolver uma criação artística e escrita de cena a partir de testemunhos de trabalhadorxs do sexo, concretizou-se e resultou na construção de um monólogo, Camaleoa apresentado a 19 de setembro de 2021 no Teatro Helena Sá e Costa. Um espetáculo, em tom de manifesto, que pretendia dar voz aos trabalhadorxs do sexo, com o qual pretendo circular e desta forma fazer chegar o meu trabalho a mais pessoas.

Após a apresentação, o retorno tem sido bastante positivo e encorajador, de modo que, acredito que a Camaleoa vai continuar a manifestar-se e a fazer-se ouvir.

“(…) pretendo contribuir para a emancipação dessas vozes e para o reconhecimento da mobilização deste grupo de pessoas” (Lopes 2006, p.44).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, N. K. D.; & Coelho, M. T. A. D. (2008). A Violência Estrutural. XII Seminário Estudantil de Produção Acadêmica (SEPA), 11.(1). Consultado em 3 dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/viewFile/323/270>

Agustin, L. (2005) Trabajar en la indústria del sexo, y otros tópicos migratórios. San Sebastian: Tercera Prensa

Bassermann L. História da Prostituição: Uma Interpretação Cultural. (1968). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bindman, J., e J. Doezema (1997). Redefining Prostitution as Sex Work on the International Agenda. Consultado em 3 dez. 2020. Disponível em <https://walnet.org/csis/papers/redefining.html>

Boulding E. (1981). Las Mujeres y la Violencia. In La Violencia y Sus Causas. p 265-279. Editorial UNESCO. Paris – França. Consultado em 12 dez. 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/csc/v4n1/7129.pdf>

Bourdieu, P. (2002). A dominação masculina. (2ªed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bourdieu, P. (1989). O Poder Simbólico. (2ªed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Ceccarelli, P.R. (2008). Prostituição – Corpo como mercadoria. *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial). Consultado em 6 out. 2021. Disponível em <https://docplayer.com.br/8223398-Prostituicao-corpo-como-mercadoria-in-mente-cerebro-sexo-v-4-edicao-especial-dez-2008.html>

Correa, W. H., & Holanda, A. F. (2012). Prostituição e sentido de vida: relações de significado. *Psico-USF, Bragança Paulista*, (Vol. 17, n. 3, p. 427-435). Consultado em 15 nov. 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/pusf/v17n3/09.pdf>

Cruz, F. I. dos S. (1984). Da Prostituição na cidade de Lisboa. Lisboa: Publicações Dom Quixote, coleção Portugal de Perto, N.º5, p.53-69. Consultado em 20 set. 2021. Disponível em <https://books.openedition.org/etnograficapress/4698>

Davidson, J. N. *Courtesans and Fishcakes: The Consuming Passions of Classical Athens*. New York: St. Martin Press, 1998.

Despentes, V. (2016). *Teoria King Kong*. São Paulo: N-1 Edições.

Houaiss A, Villar M.S., Franco F.M.M. (2001). Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.

Lehmann, H.T. (2017). Teatro Pós-dramático. Lisboa: Edições Orfeu Negro.

Lopes, A. (2006). Trabalhadores do sexo uni-vos!. Organização Laboral na Indústria do Sexo. Lisboa: Dom Quixote.

Lopes, J. M. (2008). Os crimes contra a Liberdade e Autodeterminação sexual no código penal. (4ª.ed.) Coimbra: Editora Coimbra.

Minayo, M. C. de S. (1994) A violência social sob a perspectiva da saúde pública. Cadernos de Saúde pública, n. 10, p. 7-18, suplemento 1. Consultado em 12 dez. 2020. Disponível em <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/viewFile/323/270>

Mónica, M. F. (2016). Os Pobres. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Neto, O. C. & Moreira, M. R. (1999). A concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural. Revista Ciência & Saúde Coletiva, 20.(1). Consultado em 12 dez. 2020. Disponível em <https://www.scielo.org/article/csc/1999.v4n1/33-52/>

Neto, E.M.G. (2011). Educação feminina, prazer e poder em Atenas (séculos VI-IV a.C.). PHOÏNIX, Rio de Janeiro. p.51-81. Consultado em 6 out. 2021. Disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/33094/1/Phoinix17-2_artigo5.pdf?ln=pt-pt

Oliveira, Alexandra. (2011). Andar na Vida: Prostituição de Rua e Reação Social, Coimbra: Edições Almedina, S.A.

Pinheiro, R. (2021). Camaleoa. Porto

Ranciére, Jacques. (2014). O espectador emancipado. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Roberts, N. (1992). Whores in History. Prostitution in Western society. Londres: Harper Collins.

Salles, C. (1987). Nos Submundos da Antiguidade. São Paulo: Brasilense.

Sartre, J.P. (1999). Situations II. França: Gallimard.

Vendramini, J. E. (1994) Dramaturgia: criação e reflexão. São Paulo, ECA-USP, MIMEO). Consultado em 27 de set. 2021. Disponível em.

<file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/57118-Texto%20do%20artigo-72392-1-10-20130624.pdf>

Vrissimtziz, N. A. Amor, sexo e casamento na Grécia Antiga. São Paulo: Odysseus, 2002.

Zizek, S. (2014). Violência. São Paulo: Boitempo.

ANEXO 1: GUIÃO DA ENTREVISTA

O meu nome é Rita Pinheiro e no âmbito da investigação artística que estou a desenvolver na ESMAE para a construção de um espetáculo, gostaria de realizar esta entrevista.

CONFIRMAR QUE AUTORIZAM A GRAVAÇÃO

(FALAR SOBRE MIM, ONDE NASCI, ESTUDEI, FALAR SOBRE O TEMA PARA CRIAR EMPATIA)

Tenho um grande fascínio pelas comunidades invisíveis, e após muita pesquisa, senti necessidade em dar voz aos profissionais do sexo que ocupam um lugar e espaço de invisibilidade na esfera social.

Pretendo tornar visível o invisível e conhecer mais sobre esta atividade profissional.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Esta entrevista e todo o material partilhado, será confidencial.

(DESCULPAR SE ALGUMA PERGUNTA NÃO ESTIVER ADEQUADA)

(CUIDADO PARA NÃO USAR PALAVRAS QUE VÃO CONDICIONAR A RESPOSTA)

História de vida

1-Gostava que começasse por me contar a sua história.

2- Onde nasceu e onde cresceu?

3-Começou a estudar na sua cidade? Qual a sua escolaridade? - (CUIDADO COM ESTA PERGUNTA)

4-É filha/o única?

5-E relativamente à sua infância tem algum momento que queira partilhar?

6-Que sonhos é que gostaria de concretizar?

7-Tem filhos?

8-Pode-me falar de si? como se descreve como pessoa? Poderia dizer-me algumas qualidades e defeitos

9-O que gosta de fazer nos tempos livres? - PERGUNTA QUE ACRESCENTEI MAIS TARDE

(ATÉ AQUI POSSO CONSEGUIR PERCEBER SE É TRABALHO OU PROFISSÃO)

Profissão

10-O que a/o levou a trabalhar na indústria do sexo?

11-Em que área da indústria do sexo trabalha?

12-Como descreve o seu trabalho?

13-Faz este trabalho por não ter outra alternativa?

14-Quais são as maiores dificuldades relativamente à sua atividade profissional?

15-Trabalha na indústria do sexo por escolha ou por não ter opção?

16-Quais são os seus maiores receios relativamente à sua atividade profissional?

- 17-Teve algum episódio de violência ao desempenhar a sua atividade profissional?
- 18-Se sim, procurou ajuda? Qual foi o resultado?
- 19-Quando se sente desprotegida ou numa situação pouco segura, de que forma procura ajuda?
- 20-Sente que pode procurar apoio nas forças de segurança, polícia?
- 21-Existe alguma tabela de valores e serviços?
- 22-É bem remunerada?
- 23-Diria que desempenha bem a sua atividade profissional?
- 24-Quais são os seus planos para o futuro? - PERGUNTA QUE ACRESCENTEI MAIS TARDE

Sociedade

- 25-Quem a conhece sabe a sua profissão?
- 26-Quando preenche um formulário, no lugar da profissão o que costuma preencher?
- 27-Sente algum tipo de limitação quando tem de falar sobre o seu trabalho?
- 28-Está registada em algum tipo de instituição (segurança social, finanças etc.)?
- 29-Tem consciência dos seus direitos como cidadão?
- 30-Sente que é discriminada? Em que sentido?
- 31-Sente que tem espaço para ser ouvida?
- 32-Sente-se visível e legitimado, ou invisível?
- 33-Relativamente à sociedade, como sente que é tratada?
- 34-Se pudesse mudar alguma coisa na lei relativamente à sua atividade profissional, o que faria?

Material para o espetáculo

- 35-Se pudesse ter voz neste espetáculo, o que gostaria que fosse dito?
- 36-Se pudesse escolher um objeto relacionado com a sua atividade profissional, o que escolheria? objeto com significado especial?
- 37-Faz algum tipo de registo da sua atividade profissional? Ex. diário, coleção de nomes, lista de nomes.
- 38-Poderia indicar uma música que goste?
- 39- Queria lhe pedir fotografia de uma parte da sua cara para criar um rosto gigante com todos, pode ser?

**ASSEGURAR QUE:
SO IREI USAR O MATERIAL PARA O ESPETÁCULO;
QUE IREI MANTER O SIGILO;
QUE IRÃO TER ACESSO À ENTREVISTA TRANSCRITA**

Agradecer a Colaboração no final.

ANEXO 2: DOCUMENTO AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE ÁUDIO E IMAGENS

AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE ÁUDIO E IMAGENS

Declaro, para os devidos efeitos legais, que autorizo a utilização de áudio, imagens e fotografias recolhidas no âmbito do projeto de mestrado da estudante Rita Pinheiro Peixoto Machado Teixeira da Luz -----

Mais declaro expressamente, que o material referido como áudio, imagens e fotografias só poderão ser utilizadas no âmbito do espetáculo que será construído, sendo vetada qualquer exposição publicitária ou de promoção das instituições ou membros envolvidos sem o meu prévio consentimento. Para caso de aplicação científica renuncio, desde já, a quaisquer direitos ou compensação de imagem que esta utilização possa eventualmente resultar.-----

Desta forma, autorizo:

Que o áudio, imagens e fotografias captadas poderão ser reproduzidas parcialmente, ou na sua totalidade, em qualquer suporte (papel ou digital) e integradas apenas com a proteção da minha identidade (uso de máscaras ou distorção de imagem e som).-----
-----.

As imagens e o vídeo resultantes da entrevista realizada por zoom com a estudante Rita Pinheiro Peixoto Machado Teixeira da Luz não serão divulgadas.

Por ser verdade, e por nada haver a obstar, esta declaração vai ser assinada por mim, -----

Local e data: _____, ____/____/201____

Assinatura:

BI/CC

nº:

ANEXO 3: DOCUMENTO PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

Eu, _____ aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Rita Pinheiro Peixoto Machado Teixeira da Luz (Aluna da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo), orientada pela Professora Doutora Cláudia Marisa no âmbito do projeto de Mestrado em Interpretação e direção artística.

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo. Para além disso, entendi e aceito responder a uma entrevista que explora questões sobre o trabalho como trabalhador do sexo.

Compreendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim.

Ao participar neste trabalho, estou a colaborar para o desenvolvimento da investigação na área do teatro, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Entendo, ainda, que toda a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que a minha identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo, a menos que eu o autorize por escrito.

Para efeito da investigação, aceito que o meu depoimento seja utilizado com um pseudónimo/nome fictício.

Nome _____

Assinatura _____

Data ___/___/___

ANEXO 5: NOTAS DAS ENTREVISTAS**26-2-2021 Rafaela**

*Se pudesse ter voz neste espetáculo, o que gostaria que fosse dito?
estigma e legitimação da profissão. Só todos em conjunto podemos transformar. Só a voz
uníssona pode fazer funcionar e mudar a lei
batom
boate azul
estudos curso superior
trabalhou bares de alterne, apartamento e agora rua
o trabalho sexual de rua vai de valores de 15€, 20€
Faz descontos para a segurança social, mas não sei a atividade*

1-3-2021 Monique

*palavra enfiou nome exposição que fez na bienal
não tenho complexo de sexo, de imagem de género
2015 já não voltou para o brasil
ingressou ensino superior
baía
tinha 9 irmãos
pai morreu quando tinha 2 anos
quando ia a festa de aniversario não comia e levava comida para casa para partilhar com
os irmãos
o que é que vamos comer?
2002 veio para Portugal
ingressou faculdade artes visuais, mas abandonou
mãe faleceu em 2014
contracenar como atriz é um sonho e diz q eu posso ajudar a concretizar um sonho.
Universidade é um sonho q pode concretizar
defeito acha que é a frontalidade, qualidade empatia
tem canal Youtube quase 6000 e instagram quase 32.000 seguidores
trabalhou num lar, com 23 idosos, mas já trabalhava como TS
tem recibos como massagista e prestação serviço - Faz descontos prestadora serviços
faz este trabalho porque gosta
50€ por 30 min de sexo
lenocínio simples acabar*

objeto leque. Pombagira personagem brasileira que esta associada a prostituta de rua. Dá empoderamento. Um cigarro, um toucador ou diva. salto, lingerie

opera carmen associada a pombagira. Música crammeries que não se lembra nome, No me quite pah jacques brel e L'accordéoniste -edith piaf conta a história de uma prostituta q se apaixona por um soldado

Profissão: o que a levou a trabalhar na indústria foi a ambição de querer mais, ter mais, aproximar se dos filhos

Trabalha conforme o seu preço. é um preço base €50,

Faz convívio presencial, sexo mesmo é toma lá dá cá

Fala abertamente sobre o que faz

2-3-2021 Júlia

veio aos 18 para espanha

32 anos

eu sinto-me muito bonita

recife

rua

dificuldade é ter q atender velhos

quando entra no carro

voz espetáculo - se pudesse voltar atrás, eu voltaria

discriminação racial

música evangélicas, "a minha vitoria hoje tem sabor de mel"

7 ano

n disse que ganha valores do costume, mas não especificou

Sim, nunca escondi de ninguém.

3-3-2021 Cláudia

começou a trabalhar aos 20 anos, depois do segundo filho

no brasil a mulher não tem muita voz, é menor por nascer mulher

eu comecei a empoderar-me a partir do momento que me prostitui

senti-me mais discriminada por ser mulher do que pelo trabalho que faço

saiu do brasil com 24 anos, está em Portugal há 20 anos

quando chegou a Portugal sentiu o preconceito de ser emigrante

mas você é brasileira?

veio em 2000 p Portugal

filha tem 25, filho

eu tenho que aprender a amar-me, se eu me amar eu consigo respeitar os outros

18 anos trabalhou

livro que leu paulo coelho “11 minutos” sobre uma prostituta,

sou gente como toda a gente, amei, quis ser amada, vivi, sofri, ri, chorei, somos carne e osso

objeto preservativo

scorpions, send me na angel

12 ano

trabalhei em casa noturnas, já trabalhei em apartamentos e também já trabalhei na rua

as pessoas a volta julgavam que sabiam o que ela fazia

valores vinte minutos é €15 euros – mas agora já n trabalha pode não estar atualizado

5-3-2021 Leandro

começou a trabalhar com 20 anos

2020 parlamento movimento trabalhadorx sexo 6 junho, 12 junho ouvidos assembleia

nós não somos marginais

objeto vibrador

The Pussycat Dolls - Hush Hush; Hush

Estudou até ao 12º.

Sempre trabalhou em apartamento e também num bar swing

30m - 40€, 1h - 80€

Só a família direta não sabe, o resto sabe tudo.

11-3-2021 Flor

veio aos 32 anos para Portugal

4 anos que trabalha na área do sexo separação do marido

15 que esta na europa

nós somos todos iguais

lingerie

músicas toni carreira

Me formei até para professora. Posso cuidar de crianças também de zero a, até a 4a classe.

Diploma em Portugal equivale 9 ano, deveria ter dado mais. Posso terminar o 12 se quiser

área trabalho não quis especificar e diz que faz várias coisas

valores diz que cada uma faz o seu valor e não quis especificar

Família sabe o que faz? Escondo porque a minha vida é privada. Ninguém tem o direito de

invadir a minha privacidade. As minhas amigas mais íntimas, sabem. Mas outras pessoas

não. Eu não digo nada.

15-3-2021 Susana

julho 2017 veio para Portugal

livro de receitas da avó

Nós existimos

câmara e vibrador

bom jovi, lie to me

ingressou faculdade, mas desistiu. Chegou a começar a fazer...letras, tradução, quando eu estava ali com 18 anos

webcam

se eles quiserem 10 minutos, vão ter de pagar €15, se quiserem pagar €10, vai ser até 7 minutos, mas quando eu comecei, a média era €20, por até 20 minutos

Pouquíssimos amigos sabem, minha família não

faz descontos

30 -3- 2021 Adriana

2007 veio para portugal

2016 início foi para xxxx

há dois anos que não trabalha no sexo

agora faz pigmentação sobancelha

lady gaga – música do filme ao piano que canta com ele

Always Remember Us This Way ou shallow?

ANEXO 6: QUADRO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistado 1 - Rafaela
Idade: 45-50
Escolaridade: Licenciada
Nacionalidade: Portuguesa
Estado Civil: Solteira
Filhos: 1
Área de trabalho: Bares de alterne, apartamento e rua
Descontos: Faz descontos SS
Entrevistado 2 - Monique Mon
Idade: 40-50
Escolaridade: 12ºano, mas ingressou faculdade
Nacionalidade: Brasileira
Estado Civil: Divorciada
Filhos: 2
Área de trabalho: Apartamento
Descontos: Faz descontos SS
Entrevistado 3 - Júlia
Idade: 32
Escolaridade: 7ºano
Nacionalidade: Brasileira
Estado Civil: União de facto
Filhos: 1
Área de trabalho: Rua
Descontos: Não faz descontos, mas já tem a situação regularizada para poder fazer
Entrevistado 4 - Cláudia
Idade: 43
Escolaridade: 12º ano
Nacionalidade: Brasileira
Estado Civil:
Filhos: 2
Área de trabalho: Bares de alterne, apartamento e rua. Trabalhou 18 anos na indústria, mas já não trabalha
Descontos: Fazia descontos como prestadora de serviços
Entrevistado 5 - Leandro
Idade: 38-45
Escolaridade: 12º ano
Nacionalidade: Portuguesa
Estado Civil: Desconhecido
Filhos: 1
Área de trabalho: Apartamento e bar swing
Descontos: Faz descontos como massagistas
Entrevistado 6 - Flor
Idade: 45-50
Escolaridade: Desconhecida
Equivalência 9º ano apesar de ter estudado mais
Nacionalidade: Brasileira
Estado Civil: Separada
Filhos: 1
Área de trabalho: Não quis especificar
Descontos: Desconhecido
Entrevistado 7 - Susana
Idade: 34
Escolaridade: 12ºano, mas ingressou faculdade
Nacionalidade: Brasileira
Estado Civil: União de facto
Filhos: Não
Área de trabalho: webcam
Descontos: Faz descontos SS como artista
Entrevistado 8 - Adriana
Idade: 48
Escolaridade: Desconhecida
Nacionalidade: Brasileira
Estado Civil: Casada
Filhos: Desconhecido
Área de trabalho: Apartamento e luxo
Descontos: Não fazia descontos SS

ANEXO 7: TRANSCRIÇÕES

Entrevista a Rafaela
Duração: 1:57:57
Data: 26 de Fevereiro de 2021

78 de 259

ESTA TRANSCRIÇÃO NÃO ESTÁ COMPLETA POR MOTIVOS DE CONFIDENCIALIDADE

RITA: vou por aqui a gravar, antes de mais já falei um bocadinho do processo, o porquê de estar a fazer isto, mas se calhar também é importante porque vou pedir para me contar a sua história. Nasci no Porto, somos quatro irmãos, vivi toda a vida no centro do Porto, fui educada segundo a religião católica. Enfim, sempre gostei de fazer atividades, ginástica, música, enfim, sempre gostei de fazer muito coisa ao mesmo tempo. Isto para falar um bocadinho de mim, porque também gostava que a RAFAELA falasse um bocadinho de si e da sua vida. Eu acho que disse na altura que estudei Teatro no Balleteatro do 10 ao 12 ano. Depois estive um ano nesta faculdade, onde estou neste momento a estudar teatro, senti que se calhar o futuro não ia ser muito fácil e decidi ir estudar outra coisa. Achava eu que ia ter um percurso mais seguro e depois de alguns anos a estudar Marketing, não me sentia feliz e voltei para a área artística e aqui estou eu a desenvolver, este, apesar de ser um projeto académico, como expliquei, depois quero continuar o trabalho, no fundo este é assim o meu primeiro projeto. Eu trabalho com jovens e faco espetáculos, mas meu é o primeiro projeto que estou a desenvolver. Como encenadora, criadora e então tem sido assim um processo muito interessante e estou mesmo muito contente pelo meu post ter chegado e por estarmos aqui a conversar. Pronto, então o que eu gostava para começar, era que a RAFAELA me falasse um bocadinho da sua história de vida, de si, de onde é, enfim, para eu a conhecer um bocadinho mais.

XXXXXX

RITA: A lei está muito desatualizada, a lei está muito desatualizada.

RAFAELA: Não, a lei está a permitir...

RITA: Sim, sim. Que as coisas estão feitas de forma a que aconteçam....são completamente muito desprotegidas

RAFAELA: imagine que eu levo uma colega...-Olha, levás também fulana? Eu digo: -Oh mulher posso-te levar... Que a gente fala assim. Eu digo -Posso. Mas oh mulher vais pra onde?

-Ai eu fico no sítio de baixo.

-Então pera aí que eu vou-te buscar. Eu passo aí, mas vá...combinamos. Se neste momento eu digo assim:

-Mas oh mulher, são 5€... A gente faz, 10€, 5€ conforme a distância. São 10€, que é por causa da portagem também. Estou a falar que há sítios que é 25€ a dividir pelas pessoas que vão dentro do carro, para que não leve cada uma o seu carro, que há pessoas que tem... Então esta semana vais tu, à outra semana vais... depois também houve guerras por causa disso. Não pode ser sempre o mesmo carro por que há os pneus, há não sei que, não sei que. Pronto. Então tem que ser um carro todas as semanas. Que é para todos estragar pneus, pronto. E se neste momento,

que já aconteceu a outra colega, se neste momento ela tiver a chegar, e a polícia para-a: - Quem é que te trouxe? porque é que te trouxe? com quem é que veio? E a pessoa diz: - Não, eu paguei 5€ pra vir. Pumba, 2500€. E aí é mais grave porque é exploração. Está a receber dinheiro pela atividade. Já é crime de 2 a 5 anos. Esta pessoa incorre numa pena de prisão, por receber 5€ por tar a transportar a colega. Nós já sabemos a história e dizemos: -Não, tamos nada. Eles dizem- pois vocês vêm...é toda caridosa não é? Mas se há alguém que ainda não se disse, pode dizer ou não, pronto....Ou seja, a lei conforme está, na prática não nos beneficia nada, nada.

RITA: 21- Relativamente ao trabalho que normalmente os trabalhadores do sexo desempenham, existe algum tipo...são vocês que definem os valores, existem algum tipo de tabela, margem ou é completamente cada um faz o seu preço.

RAFAELA: Não...acaba por ser...não existe uma tabela física, não existe uma tabela física, mas existe tipo um consentimento geral, não sei como é que isto surge, qm que mais ou menos toda a gente sabe o tipo de valores, o tipo de serviços...por exemplo na rua, o cliente...imagina, eu estou aqui, a outra está mais abaixo, o cliente que circula aqui vai ali, dali vai aqui, daqui vai ali...os clientes circulam tudo, em todo lado, não é? Então a gente acaba por saber os valores de cada pessoa. -Ai mas aquela ali faz a tanto. E nós: - ah?? já estamos com os telefones. Pronto. Então o baixar...há uma tabela para esta descida. Depois vai da... abaixo disto não, não é? Abaixo disto é as toxicod dependentes, as sem abrigo, há uns mínimos. Os mínimos tabelados existem. Depois vai da pessoa, da capacidade da pessoa de negociar. Pronto, mas isto não está escrito...Por exemplo, é fácil de saber. Quem está em apartamento, os anúncios são publicados nos jornais, e os valores. Então vai tudo dentro daquela tabela, dentro daquela base. Seja para ir dormir uma noite, seja para ir beber um café, ou para ir a um jantar. Sabe-se normalmente estes preços todos. Não está estabelecido, mas sabe-se as médias, os valores mínimos para. Depois aqui difere a idade, a capacidade, a figura...depois há quem tem que basear este mínimo, depois há quem diga, que tenha mais argumentação, a presença, a maneira, a beleza...isto tudo depois influência no aumento, não é? Vai desde os 20€ ou 15€, aos 10.000€, 5000€.

RITA: E sente que são valores justos? Ou seja, sente-se bem remunerada, o trabalho que se desempenha, porque há bocado falava que se ganha o ordenado mínimo quando se trabalha 8h por dia, todos os dias da semana, face ao trabalho que desempenham, são bem remunerados os trabalhadores do sexo ? Neste caso, a RAFAELA.

RAFAELA: Penso que sim, penso que sim. Tu tens que ter a perceção do tamanho do órgão sexual, se a pessoa está muito, mais tímida. Se a pessoa, já é um cliente habitual, isto tudo rapidamente e tu tens que fazer logo aqui decisões e opções e mudar vocabulários ou sequencia do discurso, para poder dentro deste tempo. Dizes assim: - Olha, hoje estás mais...não te está a correr bem o dia, e tal. Se vires que a coisa ainda não está...

- Ai e tal, um bocado cansado.

- Também deixa lá, dá-me uma gorjeta e...já estás a lançar o preço pra mais 3, ou 4, 5 minutos que tenhas que ficar, percebes? Ou tipo: -Ai e tal está calor. E até podes exhibir o peito pra ver se a coisa...pronto. Se vires que a coisa tá tudo perfeito, tu tás ali e é rápido. Depois tens que desinfetar tudo outra vez, guardar tudo outra vez e ir outra vez para o teu local neste tempo. Ou seja, um preço

mínimo de 20€, não é? Depois tu sobes. Podes subir para os 30€, se estás mais um bocadinho a conversar, se...-Então e que e tal... Então tu fazes ali uma tabela de 30€. Nem toda a gente consegue este valor, não é? Mas se alguém tiver a capacidade de articular, de falar: -Então e que fizeste? E já viste a pandemia, as notícias? Consegue estes valores.

-Olha, até vou mostrar o peito.

-Tu não queres mostrar o peito?

Vou perder aqui mais 3 ou 4 minutos. Senão, a pessoa vai aborrecida embora. Então também não é por aí e a pessoa acha-te a mais fantástica do mundo porque mostraste, não é? Então, há aqui muitas formas de trabalho, não é? E o tempo...e difere do sítio. Apartamento já tens que ter um investimento em termos de lingerie, de apresentação, de quarto, do lençol pra cama, para poder transmitir alguma higiene. E estes valores também vão desde, como é que ei de dizer, dos mínimos aos mais altos, não é? Difere muito da pessoa que está, das características da pessoa e daquilo que a pessoa pode exigir. Sempre os valores e o tempo, mas acho que é justo. Porque se tu fazes 5 clientes por (...), normalmente fazes muito mais, estamos a dizer no mínimo, num dia fraco, estamos a falar de valores 20, 40, 80€ estamos a falar de 100€. 100€ por dia. estamos a associar isto à mulher mais..., aquela mais vulnerável, vamos ser educadas, à mulher mais...(interrompi e respondeu que inexperiente ou não, ganha na mesma), mas com mais idade, mais de 50s, mais gordinhas, não tão bonitas de aparência, com um discurso que há aquelas pessoas: -Queres queres. 15€?tititit.

Pronto, há este discurso também, prontos. Há aquelas...as brasileiras aqui ganharam muito, as emigrantes que é tipo: -Diz carinho? E então? Bom dia.

Isto ajuda, a escolaridade...isto tudo faz aumentar ou diminuir o preço. A própria classe dentro do trabalho sexual é...

RITA: 25-Agora falando aqui um bocadinho mais sobre a Sociedade, a RAFAELA, as pessoas à sua volta, da sua rede de conhecimentos, sabem abertamente qual é o seu trabalho?

XXX

RITA: 28- E o facto da profissão, não ser considerada profissão, não é? Isto como cidadã, tem algum...portanto, termos de finanças, segurança social, a RAFAELA tem alguma estabilidade e existe como cidadã, ou por causa do seu trabalho não pode fazê-lo, não quer fazê-lo

RAFAELA: Quando iniciei, não tinha os conhecimentos, nem tinha, infelizmente, não é? as associações também não transmitem estas informações. Não há ninguém que trabalhe com os trabalhadores do sexo no sentido de: -Ok, tu fazes isto, mas mesmo que faças isto podes estar como cidadão com deveres e direitos na mesma. Não que dizer que não estejas. Mas quando inicias, tu pensas: -isto não é legal, não tenho direitos a nada, não desporto nada. Prontos, e perde-se longos anos da vida sem fazer descontos. Entretanto eu tive uma capacidade económica e abri negócios. Depois disso, continuei a fazer, e fiz por conta própria descontos e ia fazendo, mas sem saber bem que valores. Eu quando quis comprar casa foi muito complicado. Porque os valores que declarava eram muitos baixos. Então, este tipo de informações para um trabalhador do sexo. Então, é tipo, não tu queres sair da tua atividade ok? mas daqui a uns anos esta pessoa...Então estas questões finanças, isto tem que ser tudo repassado, tem que ser informado. Porque se eu soubesse o que sei hoje, há...quando tinha 20 anos, poderia ter usado

o meu dinheiro de forma diferente, não é? de uma forma mais rentável. Podia ter declarado mais dinheiro para poder ter uma reforma...só que é assim, por recibos independentes, tu acima do ordenado mínimo, já vais ter outros problemas. Eu verdadeiramente não tenho recibos. Eu não tenho a quem passar recibos, então até o ordenado mínimo, o estado não se preocupa, não questiona. Nem há grandes investigações, nem tens de fazer aquela coisa trimestral se ultrapassar os 1000€. Se mantiveres no mínimo e pagares? Tens os direitos de segurança social, tens esses direitos todos mas, se quiseres passar daqui tens problemas porque, depois já tens que ter alguém, porque não tens esses conhecimentos não é? que te explique o que é o IRS, como é que se faz se chegares a 10.000€ a mais por mês é bom para ti para comprares casa, pedires um empréstimo, para qualquer coisa não é? mas vais ter que, a nível financeiro, fazer de outra forma. Procura um contabilista, paga 30€ ou 40€ uma consulta....Estas informações, eu não as tive. Sempre declarei o ordenado mínimo, quando quis comprar casa, foi quando eu percebi que aquele mínimo nem para a reforma ia dar nada, para comprar casa não me dava. Eu disse:

-Mas eu tenho o dinheiro no banco.

-Ah! só se você pagar uma parte, der uma entrada e depois, mas se você tivesse declarado mais 250€ por mês. Eu podia ter declarado, mas corria o risco das finanças virem sobre mim. Onde é que estão as faturas? Ou seja, ficamos até aqui limitados a nível da lei e das declarações. Tenho, porque pagamos os mínimos, mas eu só soube disto mais tarde perto dos meus 30 anos. Mas tenho colegas que só estão a saber agora, que estamos a transmitir agora estas coisas que eu fui aprendendo e outras colegas foram aprendendo. Estamos a tentar transmitir diretamente isto às trabalhadoras porque não há instituições que o façam. Não há organismos do estado que o façam e então é tipo, esta informação demora-nos a chegar e quando começamos a pensar realmente nisto, passam-se 10 ou 15 anos, que se perdem não é? que se perde...e isto é uma profissão de desgaste rápido.

RITA: No fundo o trabalho dos coletivos também é nesse sentido? Ou seja, a ideia seria, criar uma espécie, não sei se alguma vez tentaram criar mesmo um sindicato ou sindicalizarem-se. (RAFAELA interrompe, não é permitido em Portugal porque não é profissão) mas então a ideia seria tornar o movimento num sindicato.

RAFAELA: Sem dúvida, sem dúvida para que possamos lutar, divulgar, participar, informar. O trabalho sexual, como existe recentemente, não vai acabar. Nos países onde foi parcial ou completamente criminalizado, seja a prostituição ou o cliente, não acabou. Pelo contrário, foi atirado completamente, mais ainda, para a marginalidade. E aqueles grupos mais vulneráveis, ainda passaram a ser objeto de mais exploração, violência etc não é? Porque hoje, se da maneira que está, nós já temos esta violência estrutural, agora imagine...não se vai parar. Então é tipo...também não há formas, num país em crise e com dificuldades, se não há, para a maioria das mulheres ou homens, racializados, emigrantes etc, que não optam pelo trabalho sexual, condições de trabalho efetivas que ganhem o justo para poderem alugar uma casa. Por exemplo em hotelaria, a maioria não consegue pagar uma casa sozinho. Tu trabalhas nas limpezas, ou nesses a limpar o macdonals, não consegues pagar uma casa sozinho. Se tiveres filhos, muito menos. Então, se não existem respostas para estas pessoas, não é? Porque é que nos querem a nós...nós viemos para o trabalho sexual, para fugir a estas condições precárias de trabalho. Então o que nós queremos, é as condições, pela falta de legitimidade que precariza o nosso trabalho não é? desapareçam ou comecem a

desaparecer. Porque é tipo, eu vou largar o trabalho e vou limpar escadas, trabalhar não sei quantas horas por dia, ganhar o ordenado mínimo. Prontos, o ordenado mínimo não paga a renda da minha casa, então vou viver para um quarto não é? Vou viver para um quarto, nem toda a gente tem que ter casa. Pronto, então eu tenho que optar por não ter uma casa, por viver num quarto, por pagar 200€. 200€ lá no norte, que aqui em Lisboa tu não pagas um quarto...tem que ser aqueles quartos não é? Pronto, então eu tenho que abdicar daquilo que eu fugi com 20 anos porque a sociedade diz que é errado. Então é tipo...então se dessemos a estas pessoas trabalho precário, condições, se a sociedade desse, que não consegue, não consegue dar a estas mulheres, cuidadoras, não consegue dar a estas pessoas condições, então porra, não venham mexer connosco. Nós através deste trabalho conseguimos, então respeitem, percebes? Há aqui uma...tu vais dizer às mulheres que hoje tem casa, que tem as coisas:

-Olha tens aqui para limpar escadas. A mulher diz assim: -Ok.

Mas aquela escada não dá para pagar a casa dela.

-Ah! mas as outras pessoas vivem com o ordenado mínimo.

-Sim, mas é problema delas.

Eu já vivi com o ordenado mínimo. Trabalhar 16 horas por dia. Do restaurante saía de lá as 2h, 3h que às vezes os clientes não iam embora, eu não queria viver o resto da minha vida assim.

Então, regular isto, ou legislar isto, legitimar este trabalho, para nós é fundamental não é? Seja a nível destas incongruências todas, que existem muito mais Rita, as incongruências todas que só quem está dentro do trabalho sexual conhece. As ações da Polícia, as ações da CPCJ, as ações da segurança social, o acesso a apoio, tu chegas lá, nós tivemos colegas a ouvir isto, e agora já nos denunciam a nós. Eu ligo eu, para a pessoa ou para a técnica dessa instituição, já liguei e disse: -Olhe boa tarde. Estou a ligar-lhe pelo movimento tttt.

-Ah! sim diga.

-Olhe... eu sei que isto pode parecer..

Mas tenho que utilizar eu, para ser ouvida, eu que utilizo palavras de 7 e 500.

-Olhe, tivemos uma informação, que uma colega foi aí, e que ouviu dizer, e foi aí buscar o cabaz e foi, eu até nem estou acreditar nisto mas também é uma questão de esclarecermos.

E falo assim.

-Foi buscar o cabaz, e que a técnica lhe disse:

-Ah! caneco, já se pode trabalhar, porque é que não está a trabalhar?

-Eu até...não quero acreditar que alguém...mas prontos, estamos aqui para esclarecer as coisas.

-Ah, não...ah!

A partir daí, acabei de desligar o telefone e foi ligar à pessoa. A pessoa que falei, foi a pessoa que disse. Ligou à pessoa e:

-Olha, se quiseres cá vir. Sabes que às vezes estamos mais nervosas, eu não quis dizer isso.

Mas não disse que eu liguei. Isto acontece. Há aqui pequeninas coisas...Ires a um médico particular, que me aconteceu e acontece a outras colegas, ir a um médico:

-Ah mas o que é que você...

-Eu venho fazer o teste, porque olhe afetou-me o (...)

-Você é casada?

- Não sr Dr. não sou casada

-Ah, mas o que é que você anda a fazer?

-Acho que não lhe diz respeito o que eu ando ou não ando a fazer.

Mas eu falo assim.

-Vamos aqui esclarecer uma coisa. E mudo logo o meu tom de voz. -Vamos esclarecer que acho que não lhe diz respeito aquilo que... eu estou-lhe a dizer que tive uma situação, em que houve ...ah, e preciso dos exames assim assim. Não interessa o que eu fiz, com quem ou mais.... E aí começo a falar. Começo a dar o discurso, a dar o discurso. Agora imagine, com uma pessoa emigrante que está com...isto acontece. Mas acontece, porque nem estes técnicos ou estas pessoas estão preparadas, não é? Não sabem. A visão que tem do trabalho sexual é aquelas....A polícia, quando é vítima de violência doméstica, eu já acompanhei várias, que a polícia está a rir com o marido na parte de trás.A rir!! Tipo:

-Você veja lá, tem que ter cuidado. Anda a bater na mulher para que?

Pah! quando tu ouves isto...eu tenho que, engolir em seco e dizer à minha colega (respira fundo) e dizer assim:

-Olhe, estamos aqui para fazer queixa, não sei quem é o agente responsável, sou assistente social e estou a acompanhar a susana ou a fulana e queremos apresentar queixa por violência doméstica. Eu sei que o individuo está lá porque a minha colega ligou:

-Olha, tens que ir lá.

Às vezes nem conheço a pessoa, mas elas ligam. Ou vai a Roberta ou vou eu. Pessoas que tem o discurso mais...têm que acompanhar as outras. Isto é muito mau, isto é muito mau.

RITA: Eu há bocado esqueci-me de fazer uma pergunta que era: por exemplo nessa situação, do médico, ou quando tem que preencher algum formulário, ou quando lhe perguntam concretamente, então mas a RAFAELA trabalha em que, o que é que a RAFAELA diz?

RAFAELA: Estou desempregada. Sou massagista. Nã. massagista não, que é conotada agora com...quando que se começou a usar muito é conotado com o trabalho sexual. Se for uma pessoa de cor, uma brasileira ou emigrante dizer que é massagista a outra pessoa do outro lado põe-se assim:

-Ah!sim....

Também sofremos estas duplas, como é que é? Estes duplos preconceitos. Que é tipo, se for a dizer a alguém, sou massagista. Isto vai...eles tipo: -Hum, és massagista? Não dizem, mas o discurso muda. Se for emigrante, brasileira ou, muda o discurso. Ou seja, temos que dizer: -Faço as unhas. Isto também, se for uma brasileira a dizer que é manicure, já está associado também ao trabalho sexual, pronto. Agora andamos a ver...cabeleireira. Andamos a..., sou cuidadora de idosos. Andamos aqui a arranjar uma profissão que...(interrompida: Se sintam mais protegidas não é?) -Tomo conta de uma pessoa idosa. Pronto. Que é bem visto socialmente. As manicures, esteticistas, massagistas já não é. Pronto.

RITA: Isso aí vai um bocadinho de encontro ao que queria perguntar que é, para a sociedade, a RAFAELA sente que é visível ou invisível? Neste caso, pensando na sua profissão.

RAFAELA: Invisível completamente. A sociedade conhece um estereotipo que existe há muitos anos do que é a trabalhadora do sexo. É a prostituta. A sociedade tem estes...o paradigma entretanto já alterou, já alterou. Mas...devido também ao que é transmitido na comunicação social ainda faz esta apologia. A comunicação social, as conversas de café. Há aqui uma desinformação tão grande que os trabalhadores do sexo são invisíveis. O que existe na mentalidade geral ou na...isto aqui há uma palavra para isto...no imaginário coletivo é a prostituta.

Aquela...ãh...mulher, mulher, mulher pronto. Não, é a prostituta. É...mulher porque no discurso tu quase não ouves falar do homem, do transsexual, do...não. Ouves é a prostituta, a mulher, aquela coitada que tem o chulo, que não sabe o que quer, não sabe falar, dá o dinheiro, leva porrada...isto é o imaginário coletivo ainda do que é que existe sobre sobre.

RITA: E então pensado que, se fosse possível criar o sindicato, assim idealmente, em termos legislativos, o que é que era mais importante e o que é que era preciso que acontecesse para a atividade...

RAFAELA: A discriminação, o modelo que não existe em lado nenhum. que é a descriminalização do trabalho sexual e a sua legitimação como trabalho. Isto parece um cliché, mas não é. Como é que se faria isto? Ouvindo os trabalhadores do sexo. Esta lei, ou esta proposta de lei que estamos também a tentar fazer, não é fácil, com questionários, é ouvir como se fez com a eutanásia, como se fez com outras questões, do aborto, que são questões que fraturam a sociedade em si não é? mas que foram levadas a, não é? Mas para isto, primeiro é preciso informar, esclarecer. Porque se for levado agora, tamos mal. As pessoas estão desinformadas, não é? Prontos. O Trabalhador do sexo expor-se ou dar entrevistas, ao falar, ao estar, não é? Por exemplo, aquilo que nós estamos a fazer agora poderia ser uma entrevista, poderia ser um debate público que pudéssemos falar, dar voz, que pudéssemos conversar. Estas conversas assim poderiam ser transmitidas nas redes sociais, poderiam ser passadas, não é? mas é muito difícil para um trabalhador do sexo também, ninguém tem interesse, ninguém quer falar sobre isto. Porque se formos só nós, movimento, que já tentamos, fazemos isto, nós divulgamos estas coisa, mas não tem... (interrompida: não tem impacto porque não sai do círculo) não, não. Vai nas nossas redes e tal, mas não sai dali. Isto teria que ser uma coisa a nível nacional, não é? a informação, o debate...a...esta...pronto. a descriminalização, a legitimação como trabalho. Como é que seria aplicado isto, não é? teria que ser trabalhado. Não é de um dia para o outro. Nem a igualdade do género a lei passou de um dia para o outro. vai se acrescentando sempre posições, não é? pontos. Portanto, teríamos que ter aqui uma base e depois trabalhar esta base com quem? Com, desde académicos, desde organizações que trabalham no terreno, trabalhadores do sexo e movimentos liderados por trabalhadores do sexo. Isto é fundamental ouvir. E depois, mesmo dentro dos trabalhadores do sexo, nós temos as classes dos trabalhadores do sexo. Temos também as várias atividades não é? ligadas ao trabalho sexual, não é? ou seja, desde atrizes porno, que tem uma maneira de pensar diferente da minha. Isto teria que ser feito em conjunto, não é? O...porque é que é difícil? Agora, eu não digo que a lei teria que ser assim ou assado. há que encontrar consensos, não é? mas que isto deve ser feito e que é urgente que seja feito, é. Porque este limbo em que se encontra a lei só nos prejudica, só nos estigmatiza, só recai sobre nós ainda mais violência, não é? e põe-nos ainda mais em risco. Agora da forma que isto...nós propusemos isso, para que essa...agora, a forma como é feita a lei, seja debatida pelos vários atores, não é? pelos vários atores dentro do trabalho sexual, isto é que era importante. Isto não é de um dia para o outro, mas que tudo fosse ouvido, não é? os vários, isto é que era importante e o que nós pedimos. Não é que sejamos nós, os trabalhadores de rua, ou de boate, ou de apartamento mas (interrompida: sim, sim, isto tem que ser a própria sociedade) decisores de todos, exatamente. Representantes de todos, com as associações, com as instituições, com os organismos competentes.

RITA: Ok, já não falta muito. Queria-lhe perguntar... portanto, uma coisa que gostasse...o facto de eu estar a entrevistar, depois usar algumas destas, da sua história, se pudesse neste momento dizer: -Olhe eu gostava que isto fosse dito no espetáculo, o que é que assim, alguma coisa que sinta, que é importante que fosse dito no meu espetáculo? Acho que isto do estigma....

RAFAELA: Isto que acabei agora de dizer. Não sei como é que isto poderia ser dito, tipo, mas envolver estas, não sei, não faço ideia. Mas tipo stripper, isto e aquilo, que só todos estes em conjunto poderiam realmente transformar isto de alguma forma. Só a voz destas, era importante. Porque é isto que estamos realmente...não é a minha história ou a...a minha história toda levou-me a esta conclusão.....que só estes todos juntos poderiam...isto é sociedade, isto são direitos humanos, não é?

RITA: Claro que sim. Eu escrevi e depois ao transcrever depois também escolho, sublinho o mais importante. Uma pergunta: Se pudesse escolher um objeto um objeto relacionado com a sua profissão, o que escolhia?

RAFAELA: Um objeto?

RITA: sim, um objeto. Imagine que depois ia estar a contar a sua história e em algum momento eu...esta última parte são assim algumas coisas muito específicas para o espetáculo. Eu não sei se vou usar, não é? mas eu por exemplo identifico-me, há um objeto que me identifica, ou que se relaciona com a minha atividade profissional, ou um objeto que me diz muito porque anda comigo, enfim. A RAFAELA tem assim algum objeto especial para si que se relacione, ou um amuleto que leva para o seu trabalho, enfim, um objeto...

RAFAELA: O batom

RITA: Ok, boa, é um bom objeto.

Faz algum tipo, durante o seu trabalho e ao longo destes anos todos, fez algum tipo de registo, tem algum tipo de diário, escreve, aponta nomes de clientes, de amigos, há assim algum registo que a RAFAELA faça do seu trabalho? Isto só para saber por curiosidade

RAFAELA: Nós normalmente fazemos...os nomes dos clientes não, nós temos nos telemóveis. Não, nós fazemos é a despesa mensal ou o que é que ganhamos. Fazes este...já escrevi sobre. Já escrevi, quando era mais nova, estava na parte das boates escrevi, porque aí, quando estás a trabalhar em boates, estás 15 dias num lado, 15 dias no outro, lidas sempre com muita gente diferente, falas com muita gente diferente e aí escrevia. Não havia, estamos a falar na altura não havia os telemóveis como há agora, prontos. E não tinhas a televisão no quarto, tinhas na sala comum pronto. Normalmente era a cozinha que era a sala de convívio. Nas boates e mesmo nos apartamentos era a sala de convívio a cozinha. E depois tu ias para o quarto, ainda não havia aquela...tu não ias andar com a televisão...depois mais tarde começou-se a andar coma a televisão atrás, com tudo atrás mas naquela altura não, e então, aí escrevia, porque não havia...as redes sociais vieram-nos ajudar muito desde o orkut, veio-nos ajudar muito. Aí escrevia, falava, porque estava longe do meu filho, estava longe da família, então a forma que tinha, só ligava tipo uma vez ao dia e era a tarde e então ligava para a ama do meu filho, para o meu irmão de dois em dois dias, e então, o resto do que se passava, e não

tinhas tanta confiança com as colegas e então aí tu escreves mais um bocado ou fazes assim tipo uns diários, mas de resto não. Depois as redes sociais...

RITA: Tem assim alguma música que seja especial para si que me possa dizer?

RAFAELA: Tenho algumas músicas, mas tenho uma música que é associada...nós, mais ou menos há 15, 17 anos tínhamos muito contacto com a comunidade emigrante brasileira, prontos. E então esse contacto, o que é que acontece, elas estão longe da família de tudo, e normalmente quando elas se reúnem e vão ficando cá, não é? cantam as músicas antigas. Então, quando estamos todas juntas e estamos a beber e como é que se diz? aquilo já passou do convívio, e estamos todas....pronto, a música que cantam sempre é a Boate azul. Não há uma mulher brasileira que não a conheça. E depois chora-se e canta-se.

RITA: Uma coisa que depois vou pedir assim para terminar. Eu estou a imaginar, não sei se vai acontecer, mas no final do espetáculo ou num momento do espetáculo, eu construir um rosto gigante com várias fotografias de partes...portanto, todas as pessoas que eu vou entrevistar e se calhar depois outras, vou pedir que tirem uma fotografia a uma parte do queixo, de uma orelha, do nariz, de um olho, da boca, enfim e tenho um amigo que se tudo correr bem, irá colaborar comigo e trabalha em vídeo e projeção, é artista plástico, etc e no outro dia a noite, isto até acrescentei isto ao guião recentemente, e eu lembrei-me: -ah, construir assim um rosto gigante com todas estas pessoas, era fantástico. A minha orientadora também gostou muito da ideia e pronto, depois o que lhe vou pedir...depois também quando lhe enviar o consentimento vou-lhe pedir, é que me tire uma fotografia de uma parte do seu rosto qualquer. Do nariz, enfim, daquilo que sentir vontade para eu depois ter este material para poder construir este, este rosto de todos nós. Pronto, RAFAELA agradeço imenso a sua colaboração. foi aqui um tempo ótimo que teve comigo, eu depois vou escrever isto tudo, vou ouvir a gravação, também tomei algumas notas e o meu objetivo é tornar isto, é dar voz e espero que isto contribua para alguma coisa, vamos ver se sim. E entretanto...

RAFAELA: Sim, mas...o estarmos a fazer, o estar a fazer a Rita já é alguma coisa boa e o ouvir-nos. As experiências de todas nós são diferentes, as realidades são diferentes, as nossas perceções da vida também são diferentes e vai entender isso nas entrevistas, não é? A forma como se encara o trabalho e as vivências do trabalho também são diferentes e vai ter aqui um leque de pessoas completamente diferentes e experiências diferentes e vai entender isso. Mas nós agradecemos é eu haja...quando alguém nos quer ouvir é muito importante, já é....o que a Rita está a fazer para nós já é...bom, já é ótimo. Nem que amanhã nos ouvisse a todos e não acontecesse nada percebe Rita? O mostrar interesse a uma causa, a um determinado grupo de pessoas que se considera...para nós é importante, já é importante percebes? por isso...

RITA: Ainda bem, ainda bem. Eu sinto-me, sinto-me muito contente pronto, e tenho partilhado com os meus colegas, com amigos, com a minha família, pronto, do meu projeto, e de facto eu cada vez me sinto mais entusiasmada porque lá está, a minha vontade, eu acho que é um bocadinho... a RAFAELA, a sua vontade em trabalhar com uma causa não é? esta minha vontade em dar voz a quem não tem voz, é algo muito urgente em mim e eu sinto mesmo essa vontade e pronto, eu espero...agora vou marcar as entrevistas com os contactos todos que eu tenho, não só do movimento.

Muito obrigada, eu vou pondo a par de tudo e envio-lhe as coisas para o consentimento. Obrigada. Uma boa noite.

###

Entrevista a Monique
Duração: 1:39:33
Data: 1 de Março de 2021

87 de 259

RITA: E agora a gravar só para ficar aqui. Eu depois mando por e-mail o consentimento escrito que é para a Monique assinar, mas para ficar aqui gravado incluo (...) a gravação.

Então a primeira coisa que eu, pronto, nós conversamos, eu expliquei-lhe o porquê de eu estar a fazer isto e a importância que este trabalho também tem para mim e espero sinceramente que o espetáculo não aconteça só para este fim da do meu mestrado que depois possa, possa levar o espetáculo a outros sítios. Se eu conseguir que, que. Portanto se não for um monólogo, como eu tinha dito e se a Monique estiver também disponível, fantástico para de alguma forma a Monique colaborar também como interprete. Eu acredito mesmo nisto, neste projeto e o que eu quero é dar voz aos trabalhadores do sexo e tentarmos aqui construir uma coisa interessante.

A primeira coisa que eu peço é para as pessoas me falarem um pouco da sua história, o que quiserem contar.

MONIQUE: Bom, a minha história é começa, XXXXXX

A sessão da economia portuguesa estava crescendo e era uma oportunidade que eu vi de poder mudar a minha vida já que no Brasil eu fazia carreira como dançarina e a banda na qual eu ingressava já estava chegando ao fim. Já estava desagregando e estava estudando, fazendo faculdade e tudo mais. Como era banda de rapazes, era muito jovem (...) na fase mais adulta (...) fazer carreira da melhor maneira, de advogados, outro foi sendo engenheiro, e assim cada um foi seguindo a sua carreira profissional independente da carreira artística. E eu só fazia dançar, não tocava instrumento, nada e aí já estava sem saber o que fazer, não é? E nesse período a banda estava tocando bem menos do que tocava antes. Eu falo banda de música. E aí o que acontece é eu vim para cá, tirei umas férias, não é? Fui para o Espírito Santo, isto no Brasil ainda. XXXX

XXXX

MONIQUE: Entendeu? Aí o que acontece, eu passei a trabalhar por conta própria. E aí nesse decorrer da situação eu tratei de, pronto, de manter o meu trabalho, não é? Da assistência à minha família também e fui ficando assim para toda a vida até aos tempos de hoje. Só que nesse decorrer, pronto, no meado de 2009 eu conheci uma pessoa, fui viver com essa pessoa. Deixei a prostituição, não era cliente meu. xxxx

Aproveitei que `tava com ele e fui para o Brasil, fazer uma faculdade. Porque aqui não ia ter condições de fazer faculdade, então fui para o Brasil para tentar fazer

cá em Portugal o mestrado. Aí cheguei ao Rio em 2013 para fazer a universidade.
XXXX

Então tive toda essa dificuldade, de quando estava no Brasil e até que consegui uma vaga na universidade federal, que é uma coisa muito difícil conseguir no Brasil, é muito complicado você conseguir. Eu concorri pelo Brasil inteiro essa vaga, praticamente, não é? Então, são praticamente quase 200 milhões de habitantes, eu estava lá nessa altura, estava concorrendo, não com os 200, porque tinha outras universidades, tinha outros polos, mas estavas (...) disponível para tirar o curso que estava fazendo que era artes visuais. Com as artes visuais eu tentei depois migrar para o curso de artes cénicas e então estava estudando novamente para me preparar para o curso de artes cénicas e nesse decorrer eu tive uns problemas.

Eu comecei a prostituição em 2005 para 2006, não, de 2007 até 2009. Foi quando eu conheci ele. Depois fiquei com ele até 2013 porque em 2015 ainda estava com ele também. Eu não estava fazendo mais prostituição nesse tempo, 2015. Quando foi 2015 que eu estava cá, eu precisava voltar para a universidade que já acabou as minhas fériasXXXXXX

Eu tive que perder a minha vaga na universidade que jubilo, eu já estava a fazer 2 semestres e nessa mesma universidade estava tentando outra presta atenção, enquanto estava numa, estava estudando para outra que era as artes cénicas que eu queria e aí resultado, eu até então... olha como as coisas batem viu? Quando foi 2015 eu corri para á de novo nas férias, acabei o prazo de férias eu estava decidida a voltar para o Brasil ou não. 2014 perdi 3 pessoas queridas na minha vida, perdi a minha mãe, morreu o meu irmão, morreu um amigo meu muito amigo, amigo, amigo mesmo que também fazia parte da banda que eu trabalhava, e morreu a minha mãe. Então foram 3 perdas assim 2014 triste.

Em compensação teve momento de alegria também, que eu participei da 2ª bienal do estado da Baía porque, digamos que é segunda, mas que já funciona desde ditadura porque como os artistas têm visões iluministas, são muito para a frente, são muito vanguardistas, então isso assusta um pouco o sistema, o governo não gosta disso. Os governos de ditadores. Então eu tive o mérito de participar nessa bienal porque foram 200 artistas convidados e eu estava entre esses 200 convidados o que não tinham uma licitação para entrar, convite. Foi muito bom para minha história como artista.

RITA: Artista do vídeo. Trabalha em vídeo nessa altura?

MONIQUE: Não, aí é em artes visuais...

RITA: Ahh, artes visuais...

MONIQUE: Vou-te mostrar aqui escultura minha, pera aí

RITA: Sim, e qual é o nome que eu posso procurar?

MONIQUE: Era na altura que eu era artista visual. Eu vou-te mostrar aqui as esculturas minhas. Aí o que acontece, se nesse tempo eu já estava transitando entre Portugal e o Brasil, em 2014 para 2015. Eu voltei em 2015 de novo e parou aí. E então 2015 já foi o ano para decidir a minha vida.

XXXXX

RITA: Ahh!

MONIQUE: Foi esse governo que está agora. O... é o Marcelo...

RITA: O Marcelo é o presidente, o do ps, não é? O...Costa...

MONIQUE: Isso, o Costa. O Costa veio e alterou e isso foi uma tristeza imensa para mim porque eu poderia também pagar, mas como não tinha dinheiro, já tinha "quebrado" do Brasil, não tinha dinheiro e então foi aí que eu pensei comigo (...) uma tristeza profunda. Eu já não tinha mais o meu companheiro,xxxxx
Aí eu fiquei numa tristeza e nessa tristeza, eu tive amiga que ela me abrigou alguns dias antes de ir embora porque eu acabei saindo da casa do meu companheiro com isso, eu falei não, não vou ficar aqui porque se ele pensa que eu vou me sujeitar a ficar com ele, pelo contrário, eu vou sair com uma mão pele frente outra por trás. Até que saí com uma mão à frente e outra atrás. Eu tava um lixo nessa altura. Eu estava sem apoio.

XXXXX

Mas e aí que vem Monique. Foi como se fosse uma chance da minha vida. xxxxxa
Monique entrou e trouxe todo o sentido que eu precisava, me deu toda a estrutura financeira. Me deu toda a volta por cima. Me deu tudo o que hoje tenho. Vivo sozinha, não tenho apartamento próprio porque ainda estou cuidando disso, mas eu tenho uma vida estruturada, consegui ajudar pessoas no período da pandemia, com a janela solidária. Fiz campanha de mais 3, 4 meses doando toneladas de alimentos da minha janela que pelo qual viralizaram na internet e então eu tive toda uma coisa que. Eu nunca imaginei nesse tempo...

xxxx Eu posso na rua como estou aqui. Não tenho complexo. Não me sinto inferior, não me sinto superior. Eu tenho empatia, muito. Muito empatia e muito sensível. E eu nessa altura quando decidi ficar, a universidade jubilo né? porque eu tinha que ficar lá a 22 de Janeiro que começava as aulas e passei o meu aniversário aqui que era, eu para aqui em Novembro, as férias começaram em Novembro. Vim para aqui em Novembro, passei aqui o meu aniversário aqui, fim de ano.

xxxx

RITA: Isso aí, estamos em que ano?

MONIQUE: Estamos no ano de 2015. xxxxx

No primeiro ano eu tive que fazer a faculdade, tipo um superlativo para alcançar nota para fazer a faculdade, eu estava só com o ensino fundamental faltava o médio. Depois eu já entrei na faculdade, fiquei 2 semestres estudando. Quando das vezes que vim para cá, na última vez que eu vim eu acabei não voltando. Foi de 2015, Novembro, para aí Novembro, Dezembro. Era para ficar até 22 Janeiro de 2016. xxxx por aí, 4 ou 5 anos porque eu lembro que eu tive que decidir se ficava ou se ia. xxxx

RITA: Claro, claro.

XXXXX

RITA: A Monique disse que nasceu na Baía foi?

MONIQUE: Foi na Baía.

RITA: E cresceu também na Baía?

MONIQUE: Isso

RITA: Tem irmãos?

MONIQUE: Tenho 9 irmãos. Perdi um em 2014 e então fiquei com 8.

RITA: Ok, mas tinha 9 irmãos.

MONIQUE: 9 irmãos. Eu sou a penúltima.

RITA: Muitos irmãos. Relativamente à sua infância há algum momento que se recorde que possa partilhar comigo?

MONIQUE: A minha infância foi... Eu aproveitei muito.

XXXX

RITA: Eu vou pesquisar. Mas há assim algum momento que se lembre que tenha, ou com os seus irmãos, ou na Baía, ou assim, alguma história assim de infância?

MONIQUE: A minha infância foi uma infância muito (...) falei. A minha infância... Eu tive uma infância muito feliz. Mas a minha infância ela foi um pouco, como posso dizer, moderada porque desde cedo tive responsabilidades. Nós éramos 9, vamos botar 10, (...) com 10 filhos (...) logo cedo e olha que eu tinha pra 'i 1 ano e meio e já tinha um irmão recém-nascido. Quando meu pai morreu talvez eu estava com 2 anos, não me lembro do meu pai. Nasci (...) limitações com o alimento. Tínhamos uma situação muito precária, família, assim sabe. Era roupa, era uma vez por ano ou 2 vezes por ano. A gente tinha muitas vezes carência de alimento.

Quando eu ia para uma festa de aniversário, eu não comia lá na festa de aniversário. Eu trazia para casa, isso era eu que fazia. (...) não faziam isso, alguns irmãos ou outros faziam, mas dos mais novos para cá nem tanto, mas os mais velhos faziam muito disso. E compartilhar com a gente eu fazia muito isso, às vezes eu ia para uma festa de aniversário, não comia e trazia para casa para minha mamãe poder comer e dividir connosco. Eu para aí, mais ou menos, 12, 13 anos eu já trabalhava. A minha irmã mais velha já estava casada. Tava preparado para pagar a casa dela e então (...) ela fazia pão de queijo, fazia essas coisas para vender e eu vendia.

Uma vez eu estava no melhor da brincadeira, era sempre Sábado e Domingo, que eu vendia. Era Sexta, Sábado e Domingo. Era sempre assim. Sempre aos fins de semana. Então num fim de semana eu tinha uns amigos meus que viviam de fora, que moravam na capital, os pais eram ricos, então moravam na capital e ao fim de semana vinham para o interior e então tinha muito carinho por esses amigos assim, porque (...) era o André. Era um amigo muito querido, então muitas vezes quando estávamos (...) a gente brincava e então tinha que parar de brincar para

poder ir trabalhar. E então largava tudo para ir cuidar dessa responsabilidade e todo o dinheiro que ganhava dava à minha mãe. Eu ficava com nada.

Então, eu sempre desde cedo eu tive essa maturidade, responsabilize, de cuidar do outro. Muitas vezes eu até sou chata porque se vir alguém descalço aqui em casa, eu não quero que (...) use chinelo. Ou até tire o meu... Tem muito essa relação tipo mãe, a cuidar da pessoa. Isso vem desde criança. A minha infância foi marcada com essa responsabilidade. Não tive uma infância do tipo assim onde tive pai, tive uma vida confortável, não precisava de me preocupa com nada. Não. Sempre preocupada com o que vamos comer. Sempre aquela preocupação. Tentava de qualquer forma ajudar a minha mãe com comida. Depois quando comecei a ficar com 17, 18 anos comecei a trabalhar na banda. Foi com 18 anos. Fiquei na banda dos 18 até aos 25xxxx

Então com 18 que comecei a tocar na banda, fiz a primeira viagem. Viagem assim para fora mesmo no estado da Baía. E na banda eu não gastava nada, era só dançar então aquilo era maravilhoso, aquilo dava um prazer imenso. Eu estava fazendo uma coisa que eu gostava. Então aquilo dava para fazer imenso ali na frente de muita gente. Eu adoro fazer essa questão da relação pública, de falar com as pessoas. De me expressar.

Sabe nas escolas eu sempre gostei... as pessoas sempre me convocavam quando ia ter apresentação de fim de ano... representar alguma paródia, alguma coisa. Eu sempre estava ali a querer primeiro fazer, ou incentivar fazer e eu tive essa oportunidade de dançar na banda até aos 25 anos. E pronto, você sabe a minha a história na banda, xxxxx e então nessa altura aí eu já dava outras coisas para a minha mãe. Eu já dava fogão, já dava geladeira, TV, antenas parabólicas. Tudo o que ela precisava eu dava. Todo o meu dinheiro sempre foi para ela. Sempre. Eu agora, mesmo quando estava cá em Portugal, que eu fui para o Brasil em 2002 (...) perdão. Vim para cá em 2002 e 2004 eu voltei. Eu comprei uma casa. A casa no Brasil, a renda ficava para a minha mãe. A minha irmã estava tomando conta e ficava para ela e para a minha mãe a renda porque ela administrava. xxxx

RITA: Porquê é que ficou assim a casa?

xxx

RITA: Muito bem e diga-me uma coisa, neste momento, já sei que gosta de artes cénicas, mas assim um sonho que ficou por concretizar? Ou que ainda espera um dia vir a concretizar?

MONIQUE: O sonho que eu gostaria de realizar era poder — eu acho que você está liberando o meu sonho e... Se o seu projeto vir a dar certo é um sonho que eu estou realizando.

RITA: Ok

MONIQUE: É contracenar. Pelo menos só para experimentar. Eu acho que seria um sonho. Seria mesmo um desejo porque a universidade ela não é um sonho, ela é um facto que eu posso fazer. Ela está aí, eu posso fazer. Eu ainda vou fazer. Só que a pandemia... Eu agora tenho residência. Eu até então não tinha residência. xxxx

RITA: Ok que bom.

MONIQUE: Então quando peguei residência agora eu tenho direito a estudar. Se eu quiser estudar, desde que eu pague eu estudo. Só que eu não posso tirar, sabe porquê. Está tudo fechado, mas eu quero estudar. Eu vou estudar. Eu vou fazer a minha universidade. E então nesse período que eu estiver a estudar (...) isso é um sonho que é fácil eu concretizar. É um facto não é um sonho. Agora contracenar seria um sonho. Os bastidores de um espetáculo. Eu aqui em Portugal já trabalhei em figuração só que figuração aqui é muito *escrota*. Não sei se sabe essa palavra? *Escrota...*

RITA: Sim, sim percebo.

MONIQUE: Pode ser questão de testículos, mas no Brasil *escrota* é uma coisa que pode ser estúpida, ou pode ser uma coisa ordinária...

RITA: Que não valoriza... Aqui é uma coisa que não é valorizado.

MONIQUE: Exato, eu por exemplo fiz muita figuração pra aquela empresa chamada xxxxx

RITA: Ah, Valente, sim, sim.

MONIQUE: Fiz muita figuração para ela, mas a forma de pagar... Era mais pelo prazer de fazer porque o pagamento nunca recebi porque tinha que ter recibo verde, muitas vezes eu não tinha. Tinha que pedir a alguém. E depois eu perdi os recibos. Sabe, aquilo demorava 3 meses tipo para receber. Eles eram bem malandros porque tinha altura que dava muito trabalho para a gente e depois deixava a gente na geladeira e então era muito *escroto*. O último trabalho que eu fiz para eles foi até para a Sic Radical. Foi o aniversário na altura da Sic Radical, não sei se era 10 anos, ou se era, acho que era 10 anos da Sic Radical, ou 15, não sei, uma coisa assim. E eu não recebi esse pagamento, fui o dia todo trabalhar no shopping, a gente gravou no shopping. A gente gravou quando o shopping encerrava. A gente esteve lá a gravar. E foi todo o dia. Foram uns 3, 4 dias gravando nesse shopping para não ter recebido nada.

E então nem era pelo dinheiro, era pelo prazer de estar dentro desse universo. Que eu gosto, mas poucas vezes eu tive cenas de fala. Nunca tive cenas de fala. Era uma cena de fala ou outra. De 20 cenas que eu fiz, uma foi fala e a fala era assim tipo "ah ok", tipo isso. Porque a fala geralmente exige... pronto dá... quando você fala... quando você tem a fala, você acaba, o cache fica um pouco mais alto

RITA: Claro.

MONIQUE: Então muitas vezes eu não tinha fala.

RITA: Ok. Muito bem. Diga-me uma coisa Monique, sobre si diga-me assim alguma, 2 qualidades e 2 defeitos que considere... Que identifique em si?

MONIQUE: O defeito que eu tenho... Eu penso que possa ser um defeito. Essa minha irreverência, sabe? De falar as coisas, tal... Sem "podar" a palavra. Às vezes eu falo coisas... muito crua e pode ferir as pessoas. Então eu vejo isso como um defeito, essa...

RITA: Ser frontal, não é?

MONIQUE: É. Eu posso ver isso como um grande defeito. Se você, por ex, me faz uma pergunta eu não te digo aquilo que você quer ouvir. Eu posso lhe dizer algo que você não vai querer ouvir, tipo se você me dá abertura, se me dá o respeito... Então eu vejo isso muitas vezes como um defeito. De não ter que agradar à pessoa para falar alguma coisa. Eu falo.

RITA: E então uma qualidade? É comunicativa, eu acho que isso é uma qualidade.

MONIQUE: Eu acho que a questão da empatia, sabe. Eu consigo sentir o sentimento do outro, mesmo que esse sentimento do outro é muitas vezes seja contra a minha ideia. Por ex, eu às vezes faço narração de vídeos, eu tenho canal de youtube (...) já vai chegando aos 6 mil seguidores e tenho um canal no instagram com que 32 seguidores. Então (...) 2 mil. Estamos a falar de mil. 6 mil no youtube e 32 mil quase no instagram. E algumas vezes quando uma dessas pessoas sente ofendida com conteúdo que eu publico eu apago. Por mais que toda a gente esteja gostando, mas uma pessoa se sinta ofendida eu apago. Eu tento me colocar no lugar dela. Estou a ver (...) na pessoa não está fácil (...) na conversa eu também (...) como a expressão (...) p. que pariu, *xingo*, também não fico por baixo. mas se tiver uma pessoa com que possa ter um diálogo eu peço desculpa, eu tento trazer a pessoa para mim. Mostrar o meu lado também.

RITA: Como é que se chama... Posso saber o nome do seu canal?

XXXX

RITA: Ok. É para eu depois poder pesquisar. Muito bem. Pronto, agora aqui gostava de falar um bocadinho mais sobre o seu trabalho porque eu não sei se percebi bem o que é que a levou concretamente a trabalhar na indústria do sexo? Foi quando viveu com essa sua amiga e ao facto de estar lá e poder trabalhar, foi... O que é que a levou concretamente a trabalhar na indústria?

MONIQUE: Eu acho o que levou foi a ambição mesmo. Poder não ter essa dificuldade de fazer as coisas, por ex, eu tenho 2 filhos que estão crescendo (...) agora gastei 2 computadores, 2 Iphones, roupa que adolescente não quer qualquer tipo de roupa (...). Então tudo isso fez, a gente não tem como mudar, o sistema do consumismo, já vem emprenhado. Ainda por cima não foi criado 100% à minha volta, então eu não pude mudar isso. Se eu mudasse, em vez de aproximar meus filhos, poderia estar afastando os meus filhos. Então a gente tem que contornar isso da melhor maneira. E tanto quando eu fazia puta mesmo nesta casa, eu ainda trabalhei como geriatria. Eu saía daqui por volta das 15h para chegar às 9h da noite em Estoril. Então por volta das 15h já estava me organizando para sair aqui de casa. O mais tardar que eu tinha que sair da minha casa era 18h. Então chegava às 15h, estava já passando roupa, botando na mala, 15h saía. 21h chegava lá. Ainda por cima saía de (...) fazer uma caminha mais de uma hora andando, que eu não tinha transporte. O *trem* parava na estação e tinha que seguir andando. Era uma caminhada para aí de 1 hora, hora e meia. Ir e vir. Então, era todos os dias eu estava fazendo esse serviço de geriatria. Comecei a cuidar de 17 (...) quando já estava deixei para trás, era 23. Uma casa sem estrutura nenhuma, toda irregular e eu lá dentro na esperança de ter um contracto para me legalizar, porque a prostituição não legaliza. (...) paga às finanças.

Eu nessa altura já tinha a minha empresa fechada porque quando eu comecei (...) lá na frente eu tive que abrir empresa (...) fortuna de impostos atrasados e depois fechei e abri agora pouco tempo para fechar de novo porque não estou trabalhando. Porque (...) se a pessoa quiser recibo de massagista ou serviços gerais, que é para gente (...) para o estado e termos direito porque não tem lá como botar como puta. Aí resultado, nesse decorrer eu (...) nessa casa estava trabalhando com geriatria, fiquei para aí uns 2, 3 meses ainda com geriatria. Até que eu decidi que não vai valer a pena, não. Eu vou ser puta mesmo e acabou. Aí decidi ser puta de uma vez. Pensei assim comigo, ou documento, ou legalização, que eu estava trabalhado como puta para estar legalizada... Eu estava na geriatria para estar legalizada, ganha muito menos, mas tem contacto, tudo mais. Então eu pensei assim, daqui a 6 meses eu já me legalizo. Fiquei 3 e descobri que a casa estava toda irregular. Não dava contracto, tudo mais.

Quando eu saí, 2, 3 meses depois fecharam a casa. Fecharam porque a casa não tinha estrutura, era uma casa de 3 andares (...) sótão. Então tinha (...) até ao teto. E tudo mal estruturado, era horrível. Eu saí de lá deprimida pra caralho. Eu só estava por causa do contracto, mas nunca tive esse contracto, saí de lá com alívio porque era uma tristeza o trabalho porque é um trabalho que existe você ter uma natureza para suportar as vidas que aquelas pessoas estão ali a viver. Então é muito triste ver uma pessoa não ter uma visita de um filho ao fim de semana. Não tem um filho que vai lá buscar, parece que foi ali jogado ao lixo. Parece (...) lixão humano. Parece ser uma escória e isso como eu tenho empatia, isso me deixava muito triste (...) chorava. Eu chorava, chorava, chorava.

xxxxxx

. Eu ia para um lado, ou ia para outro, então meu turno era da noite. Durante o dia tinha 2 colegas, tinha um casal para cuidar. Durante a noite era eu sozinha. Era puxado? Era. Não era tanto, também não porque alguns dormiam, mas tinha outro que não e eu também não podia dormir porque tinha que dar assistência, dar remédio a tantas horas (...) acordavam. Tinham outros que ficavam perturbando e então eu não tinha uma noite de sono. Não ia ali para dormir, eu ia para trabalhar. (...) Eram 23, às vezes 17 (...) tudo à minha custa.

RITA: Muito peso. E na indústria do sexo, a Monique trabalha nalguma área específica ou em diferentes áreas?

MONIQUE: Não, eu faço só o convívio mesmo presencial, sexo mesmo é toma lá dá cá, assim sem negócio de massagem... Antes, eu fazia massagem né?. Eu tinha o intuito de vender massagem, muito mais que sexo.

RITA: Ok. E como descreve o seu trabalho? Como é que pode falar do seu trabalho? Para si é um trabalho normal? Trabalha todos os dias?

MONIQUE: É um trabalho normal. Eu falo isso com os meus filhosxxxx, para toda a minha família sabe. Eu não escondo isto para ninguém. Essa frontalidade minha, isso para mim às vezes pode ser um defeito porque enquanto as pessoas se escondem, eu falo. Olha aí uma prova, eu nem toquei nesse assunto. Pronto, quando eu comprei produto dos meus filhos e depois comprei computador, comprei um aparelho que ele precisava para o computador, precisava de guitarra, precisava de fazer um aparelho para passar música da guitarra para o PC e tudo mais. Isso tudo que ele percebe lá. Tudo isso saiu do meu bolso. xxxxx

RITA: E como é que os clientes chegam até si?

MONIQUE: Eu anuncio em sites né? mas eu trabalho mais fora do que aqui em Portugal. Eu trabalho na Bélgica, na França, na Holanda, na Alemanha, que lá se ganha mais. Aqui é por questão de vida. O custo de vida é menor, então se consegue viver de uma melhor qualidade de vida, por ex, eu desde o ano passado eu estava com mais de xxxx na reserva, agora estou só com xxxxx. Tou esse tempo todo sem trabalhar. Já tem mais de um ano que eu não trabalho. Então dos xxxx já foi quase todo só em renda porque eu não vou ser desonesta contigo. Vou ser muito aberta contigo, eu de 2meses prá cá eu tive que me reinventar dentro do trabalho. xxxx

RITA: Assim consegue trabalhar de uma forma mais segura, claro.

MONIQUE: Sim, segura quanto ao covid porque eu não quero me expor ao covid e o propósito foi esse, foi mais preservar a minha saúde e também consigo tirar algum dinheiro. Desculpa tenho sede.

RITA: ah sim... Eu também tenho aqui o meu copo. Neste momento, Monique, faz o trabalho por não ter outra alternativa ou porque sente que desempenha bem o seu trabalho? Porquê é...

MONIQUE: Não, faço porque eu gosto mesmo. Eu gosto.

RITA: Ok. E relativamente ao trabalho que faz, quais são as maiores dificuldades que sente?

MONIQUE: Nenhuma. Nenhuma. Não há dificuldade para mim, nenhuma. Aparentemente eu não tenho nenhuma dificuldade... Posso ter dificuldade em poder comprar uma casa. xxxxx Então é essa a dificuldade, mas fora isso não... por isso eu faço parte do MTS, porque lá eu enxergo uma forma da gente mudar isso.

RITA: E relativamente ao trabalho tem alguns receios, seja por parte dos clientes, seja por parte da sociedade, enfim, há assim algum receio que faça o seu trabalho, que a Monique sente que existe?

MONIQUE: Não, não tenho nenhum receio não. Eu acho que gosto... está me vendo?

RITA: Não, agora está com a câmara desligada.

MONIQUE: Eu estou tentando voltar para a reunião. Eu... receio não. Não tenho receio nenhum.

Rita: E teve algum episódio de violência alguma vez, isto concretamente por parte de algum cliente?

MONIQUE: Não, não.

RITA: Não.

MONIQUE: Já tive clientes que, violência é... violência física, não. Diretamente não. Tenho outros que tentam ser espertos, mas a gente percebe, comigo pessoalmente, mas não chegam a esse nível. De ter posto a minha integridade em risco, não nunca tive.

RITA: Ok.

MONIQUE: Há o desentendimento, tipo assim: ah! eu quero fazer sem preservativo. Você diz que não. Há sabe, ou do tipo que o cliente não sabe beijar e quer beijar ou às vezes quer beijas de língua, mas está com mau hálito, você não quer beijar, aí existe, então há essa rejeição, essa situação, mas violência de bater e bater nele não.

RITA: Ok. Pronto, então não faz sentido, mas apesar de tudo sente que pelo seu trabalho acha que se numa situação de risco a polícia... olha para a polícia como uma entidade que a pode proteger num caso de ter algum problema, ou não sente?

MONIQUE: Eu não sinto não. Não sinto isso não. O estado pode me proteger se realmente acontecer alguma coisa, como num caso que aconteceu com a Gisberta. Aí talvez o estado dê uma olhada, se houver uma repercussão maior, mas se for sem repercussão eu acho que o estado não vai dar muita importância porque, eu vou-te explicar o que já aconteceu, independente de fazer o sexo, eu no meio da pandemia eu sofri violência mas não foi violência no sexo, para você ver, no sexo eu nunca passei por violência, xxxxx

Ah, não tem testemunha, não tem (...) Sr. guarda, eu só queria que o senhor (...) ciente a minha queixa, porque se um dia eu pego alguém (...) Já está (...) que eu vim cá dar queixa e essa queixa importante para anexar ao processo se caso eu for acusada de violência porque violência já passar eu. Portanto para me defender. Ahh! mas não sei o quê, não sei... Eu até tentei através da polícia pedir que me dessem direito de usar spray pimenta. Eles não me deram direito, xxxxx
Nunca usei, mas se for preciso eu uso. E é uma forma de eu me defender porque eu moro sozinha. Agora parou, mas levou... eu tive que trocar uma vidraça, quebrou a vidraça, o estore. Até a vidraça deu problema. Ele é um estore de alumínio então amassou. Eu não tive dinheiro para trocar o estore, só troquei o vidro, o rapaz desamassou um pouquinho, mas quando eu subo ele engaixa... tive que estar com a vassoura arrumando para entrar dentro da calha.

RITA: E diga-me uma coisa, relativamente ao seu trabalho existe alguma, ou trabalha com alguma espécie de tabela de preços? É um valor que vocês, os trabalhadores, já definem, é mais ou menos sabem quanto é que se costuma cobrar? Ou como é que vocês funcionam?

MONIQUE: Eu trabalho conforme o meu preço. é um preço base que muitas vezes a maioria aqui cobra €50, xxxx (...) há quem cobre mais barato, um pouco mais, mas é o preço médio. Em Portugal, mas a gente sempre tenta puxar mais. Para 100... Sabe, já chegou altura de mandar por 50 mas chega aqui, quero isto, quero aquilo (...) a gente... cada coisa, quer fazer isto, aquilo... então a gente vai e cobra um pouco mais.

RITA: Muito bem, pronto. Já me disse que quem a conhece sabe o que faz, mas por ex, quando tem que preencher algum formulário, ou no médico, ou na segurança social, enfim, nalgum sitio o que é que a Monique diz que faz?

MONIQUE: Puta.

RITA: Ok. Assim sem qualquer problema descreve...

MONIQUE: Sem problema nenhum.

RITA: Ok. E então não sente nenhuma limitação quando precisa falar sobre o seu trabalho?

MONIQUE: Não. Nada. Não me sinto constrangida em nada. A única coisa que me tem deixado constrangida é muitas vezes que nas redes sociais, há um público que diz fechar o olho para isso. Então, eu falar muito isso nas redes sociais, agora eu parei um pouco... questão de respeito. Não que isso é para eu tentar me esconder de nada. Se me perguntam diretamente, eu falo. Agora se me perguntam, numa live por ex, aí eu já dou um contorno, porque antigamente eu falava. Mas eu fui orientada a não falar porque é um universo... universo digital é muito complexo. Você tem que saber se comportar lá dentro. Tem as suas regras, tem as suas diretrizes, tem as suas políticas e então é digital porque é digital...

RITA: Senão eliminam o conteúdo...

MONIQUE: Exato, exato. Então eu não falo disso no digital. A não ser que pergunte diretamente ou mande mensagem, eu falo. Mas se eu tiver a fazer uma live, e lançam a pergunta, eu respondo, eu sou modelo, dou aquela ironia, que antigamente eu falava: - Não sou quenga, e isso é ruim você falar num universo digital. É só isso que me poupo, mas de resto eu falo para todo o mundo.

RITA: Ok. E disse já teve... em termos da segurança social já esteve registada. Neste momento está registada como prestadora de serviços?

MONIQUE: Está aberto ainda (...) ia tentar fechar, mas com esta pandemia...

RITA: Ok. E relativamente à sociedade e aquilo que faz a Monique sente que é discriminada de alguma maneira?

MONIQUE: Não, porque eu não sinto que tenha... possa que haja... mas depende de cada pessoa para ela sentir esse estigma; Eu por exemplo, não sinto. Não sinto porque é assim, a sociedade com que eu vivo sabe daquilo que eu faço. Se for falar a nível de família e amigos. E se for falar de terceiros como o entregador de pizza, ou a um restaurante que eu vá, eles estão me servindo porque eu tenho o meu dinheiro então pouco importa o que eu faço. Eu tenho o meu dinheiro, eu não estou ali de graça então eu estou ali para me servir sendo eu puta ou não. Eles vão-me servir como uma pessoa. Agora, eu não sei se as outras pessoas têm alguma interferência com isso, para mim não faz diferença nenhuma.

RITA: Mas sente que tem espaço para ser ouvida? Ou seja, a Monique como trabalhadora do sexo sente que na sociedade existe espaço para falar?

MONIQUE: Muito pouco. Isso aí não, muito pouco. A nível de trabalhadora do sexo para falar, para ser ouvida é muito pouco. Muito pouco e quando tem é totalmente, é a coitadinha, não tem oportunidade, está nisso porque está sendo explorada. Nada disso, eu estou nisto porque eu quero. Já falei das minhas alternativas de vida. Já te falei há pouco, estou nisto porque eu quero. É a forma de alcançar uma determinada situação financeira em curto prazo, nê? Mas tem de saber dosear porque também estar deixando para trás, por exemplo, uma faculdade que exige tempo então se eu não associo as duas coisas eu posso perder. A universidade ainda não entrou ainda porque eu estava ilegal, agora estou legal vou estudar.

RITA: Bom, relativamente à lei de Portugal que neste momento, assim mais concretamente é o que me interessa, se pudesse mudar alguma coisa face aos trabalhadores do sexo, e à indústria do sexo, o que é que mudava? Monique, o que acha que era preciso mudar?

MONIQUE: É o que eu luto no grupo, que é a discriminar o lenocínio simples. Essa questão é muito importante discutir e trazer logo à tona e aplicar. Que é nos dá condição, por ex, eu não coloco ninguém na minha casa para trabalhar, a não ser amigos. Porque se eu coloco qualquer pessoa, qualquer pessoa pode depois virar contra mim e me querer prejudicar, dizer que eu estou facilitando, explorando e isso me dá cadeia pelo lenocínio, então isso, sabe, então seria interessante que isso não fosse criminalizado. Que houvesse sim, o crime de exploração, de tráfico humano que tudo isso está por trás, mas que não houvesse a criminalização por eu ter a minha casa e alugar a minha o quarto para quem quisesse, entendeu?

RITA: Então agora concretamente para o espetáculo se a Monique pudesse ter voz neste espetáculo; Se eu pudesse pô-la em palco a dizer alguma coisa, que é que acha que era mesmo importante que fosse dito?

MONIQUE: Eu acho que se o tema for prostituição, eu acho que era condensar algo que possa fazer a diferença na vida das pessoas. Eu não digo só a minha história, mas era juntar as histórias de várias pessoas e criar um personagem que pudesse passar uma energia para toda a gente. Porque a minha história pode tocar um, ou pode tocar outro, então era juntar toda uma história, no caso condensar essa história, essas histórias em uma história. Uma história fictícia mesmo, costurada. Baseada nos factos reais mas costurada porque a gente tem que ter noção de tempo no teatro, existe a musica que tem que tocar no momento que seja o ápice da emoção da pessoa aflorar e estão todo esse tempo é importante a gente elaborar como se constrói uma casa, tem que ter uma engenharia por trás, não pode chegar ali e falar tipo um monólogo como eu estou contando para você isto aqui.

Às vezes pode ter emoção como pode não ter emoção. Depende do que está, então tudo isso envolve o teatro e por exemplo, quando eu fiz a escultura, a gente para poder ter uma boa renda, quer dizer, um bom resultado de venda, a gente costumava empurrar bebida para as pessoas, o álcool. O álcool, ela quebra essa timidez, o álcool fora o que a pessoa tem ali de melhor lá no fundo. A bebida (...) veritas, então o álcool é bom para esse tipo de situação.

No palco a gente não pode dar álcool das pessoas, não consegue fazer ali uma fila e encher todo mundo de cachaça e vamos lá na peça, emocionar, chorar ou rir porque efeito do álcool, nós temos que ser muito mais forte (...) essa emoção e então exige a luz, exige uma boa sonoplastia, então acho que para causar nesse palco tem que fazer isso. Penso eu, até posso estar errada.

RITA: Não, não, eu concordo com isso. Claro que sim. Há algum objeto, eu agora, nesta parte final são assim umas perguntas de algumas ideias que eu acho que posso vir a utilizar no espetáculo, que é, há algum objeto relacionado com a sua atividade profissional que me possa dizer?

MONIQUE: Sim, você tem que usar, *trajar*, é muito comum você ter o leque, porque o leque dá... assim uma personagem que você podia se identificar que é uma entidade que nós conhecemos no Brasil chamada pombagira, que é uma entidade totalmente brasileira porque é uma entidade nova, que é tipo o feminismo é uma referência...

RITA: Eu acho que conheço. Estou aqui a...

MONIQUE: Pode pesquisar sobre ela, vai ser muito (...) com o seu trabalho, porque a pombagira está associada com esse público de prostituição, que é o público de rua. Pombagira seria o diabo feminino. Seria (...) feminina e esse diabo ele tem um empoderamento que dá que as mulheres não têm; ela pode se representar assim sem sutiã, ela pode se representar só com uma calcinha, ela, sabe, ela bebe, ela fuma, ela é da rua. Então ela é praticamente um homem em mulher, então esse empoderamento, dessa entidade é muito relacionada à prostituição. Então você trazer esse objeto para o seu espetáculo, em vez de trazer uma santa, trazer a pombagira, um *autague* de vela com a pombagira que é uma boneca nua vermelha, isso vai ficar muito forte n seu trabalho.

O leque, o cigarro. Eu não fumo, mas (...) uma fumante. Eu não fumo. Uma pintadeira, esses elementos todos têm a ver...

RITA: O que é a pintadeira?

MONIQUE: Uma pintadeira é aquele mais antigo onde as mulheres param para...

RITA: Ahh, é um, no fundo, um tocador, não é? É tipo um toucador?

MONIQUE: Isso, se chama pintadeira no Brasil. Então isso ficava muito bem no seu cenário. Talvez um divan, uma poltrona muito bem confortável. O salto alto, a meia arrastão, alguma peça de roupa em vermelho, o preto. Sabe, todos esses elementos ficam muito bem no seu espetáculo. Eu não sei se você vai se caracterizar, então se vai se caracterizar seria ter o cabelo muito solto, muito bem armado. Geralmente, elas costumam botar flores vermelhas na cabeça. Tipo uma Carmen (?) A Carmen (?) é associada a uma pombagira, é uma puta. A Carmen, sabe, a roupa era (...) muito parecida, é praticamente uma espanhola, a pombagira. Então essas características é muito comum, você encontrar em qualquer pessoa que faça prostituição tem essas referência.

RITA: E diga-me uma coisa, para si em termos de registo a Monique usa algum tempo de diário, faz algum registo do seu trabalho, enfim como, para si. Isto só para por curiosidade para eu perceber se...

MONIQUE: Não, eu tenho um blog desse coiso agora tem um blog. Deste espaço aqui tem um blog e quando eu tinha a puta, eu tinha um instagram da puta, que era Monique (...), então ali eu tinha, era forma da gente poder aproximar os clientes (...) porque um blog, porque (...) eu posso aparecer, que eles pensam que eu sou uma mulher. Eles pensam que eu sou a mulher Sis/Cis e não vêm o que estão atrás e vão achando que é mulher Sis/Cis, então eu não posso aparecer, então uso o blog para poder (...) e poder atrair eles, escrever umas paródias, coisas assim lá no blog e quando eu uso a figura Monique eu já uso o instagram, o *elefan*, uso o twitter. Forma de me expressar... trazer a eles e dar uma verificação que sou real. Eu não estou no anúncio sem usar foto falsa, estás a entender? Eu existo, eu sou essa pessoa que é isso, que humaniza o anúncio. Isto é uma carência de uma rede social.

RITA: Diga-me uma coisa, já estamos quase a terminar. Uma música que seja importante para si, que goste, que...?

MONIQUE: Olha, eu gosto muito dos cranberries, mas para nível que me deixa muito mais aguçada seria uma música do Jack Brown, "maíza", ou Edith Piaf, eu gosto muito. <cantar uma música da Piaf> Remete essa tristeza que nós temos, de estarmos sós e suplicar ao amor, de ter essa carência porque por mais que a gente negue, mas a gente sente uma carência. A gente tem uma carência. A gente tem essa relação de sexo e dinheiro e ao mesmo tempo o amor está ali na pontinha esperando pela gente florar, por ex, eu gosto muito de uma música que a Edith Piaf canta que chama L'Accordéoniste. Você conhece essa música?

RITA: Conheço, conheço.

MONIQUE: Que termina "Arrêtez la musique!" que conta uma história de uma prostituta.

RITA: Eu gosto muito da Edith Piaf.

MONIQUE: Essa música L'Accordéoniste conta a história de uma prostituta que se apaixona por um soldado e ele vai à guerra e quando eles pensam em voltar, eles pensam em abrir um puteiro deles. Só que ele nunca mais volta e (...) outro puteiro para se sentir viva que ela está muito triste e lá o acordionista toca a música que eles gostavam de ouvir e aí ela começa a se envolver com a música, se envolver até que "Arrêtez la musique!" Quer dizer ela pede para parar a música. Eu choro de ouvir essa música. É linda! Eu acho que se você me dá permissão acho que deviera utilizar no seu espetáculo, pelo menos só de música de fundo, ou para quando as pessoas se forem sentar nas poltronas ou mesmo quando terminar o espetáculo e fecha a cortina, tocar porque essa música é muito linda.

RITA: Sim, as músicas, ou seja estas coisas que eu peço também para o espetáculo, eu de alguma forma também quero, ainda não sei se vou poder ter os intérpretes mas pelo menos eu quero ter elementos que as pessoas que fizeram parte deste espetáculo com a entrevista, que me ajudaram a construir, que tenha

também um bocadinho de vocês, por isso as músicas eu também pergunto porque eu quero usar e vão com certeza fazer parte do espetáculo.

Uma coisa que eu já disse também à Monique é, a minha ideia, uma das minhas ideias é, se calhar no final, ou no momento construir um rosto gigante com fotografias de partes do rosto de todas as pessoas que vou entrevistar, portanto eu depois vou-lhe enviar um email, Monique, para a Monique escolher da sua cara, ou um olho ou nariz ou a boca, vai tirar uma fotografia de uma parte do seu rosto para me enviar e também depois gostava, se eventualmente a Monique poder, partilhar uma fotografia sua qualquer pode ser agora, pode ser antiga, pode ser de criança, pode ser... Enfim, uma imagem qualquer, nem tem que ser sua, uma fotografia qualquer de uma paisagem, de uma casa, de uma praia, do que quiser porque estes elementos, eu depois, pronto, acho que podem ser úteis na construção do espetáculo e pronto estamos a construir isto tudo juntos e portanto eu quero ter elementos vossos.

Mas isto eu depois vou enviar o email com o consentimento da partilha da informação, a pedir esta fotografia, a lembrar estas coisas e eu conto para semana, portanto eu todos os dias estou a entrevistar pessoas. Conto para a semana terminar entrevistas, depois vou, tenho que escrever tudo, transcrever, não é?! As entrevistas, o áudio e depois vamos mantendo em contacto e eu vou explicando o que está a acontecer. <falhas na internet — confirmação se ligação está ok> <desligar o áudio para não perder vídeo> Vou-lhe enviar uma mensagem. Não sei se consegue me ouvir?

MONIQUE: Eu estou te ouvindo.

RITA: Ahh, ok, ok. Fantástico. Eu desliguei a minha câmara porque a minha internet começou aqui a tremer.

Pronto, a entrevista em si o que eu queria recolher, já recolhi. Estou muito contente por ter partilhado a sua história comigo. Por termos passado aqui este bocadinho. Não acaba aqui, não é? Portanto, agora vamos mantendo em contacto e quando tiver as coisas escritas e vou começando a construir o texto e vamos conversando para vocês também me poderem ajudar, a construir e pronto, mais uma vez quero agradecer a generosidade e por me permitir fazer parte da sua vida. Conhecermo-nos.

MONIQUE: Eu é que agradeço por esse trabalho. Espero que esse trabalho não fique só para questão académica e saia desse campo e vá mesmo para os palcos. Que possa fazer tournée, que quebre as fronteiras, que vá além do mar. Quero que isso cresce e se eu poder contribuir, até pelo trabalho braçal (?) ou mesmo intelectual, eu estou aqui para te ajudar.

RITA: Muito obrigada, Monique. Mesmo, mesmo. Do fundo do coração. E até já porque voltamos a falar brevemente. 'Tá bem?!

MONIQUE: 'Tá bem, obrigada.

RITA: Muito obrigada, muito obrigada.

MONIQUE: Tudo o que poder ajudar, chorona

RITA: não, é também falarmos de nós e da nossa história também é um bocadinho de nós, é emocionante, não é?

MONIQUE: É

RITA: Obrigada, Até já.

MONIQUE: Me ligue. É melhor (...) dá um toque...

RITA: ok, Combinado.

MONIQUE: Obrigada.

RITA: Até já. Tchautchau.

###

Entrevista à Júlia
Duração: 56"07'
Data: 2 de Março de 2021

87 de 259

Rita: vamos gravar a nossa conversa. depois vou-lhe enviar um email também com a autorização por escrito da partilha do material, mas aqui enquanto estou a gravar tenho que lhe pedir autorização para gravar a conversa para ficar registado. Falando sobre o meu projeto, aquilo que comecei por investigar uma que tinha o projeto académico que faz parte do meu mestrado que estou a fazer em interpretação e direção artística na ESMAE no Porto. Estou no 2º ano e estou a terminar e, portanto, desde o 1º ano que tivemos que investigar sobre um tema que nos interessasse e eu comecei a estudar a violência. Portanto, no geral, a violência mais direcionada para o sexo feminino, depois avancei para a violência no geral da mulher e do homem, depois comecei a pensar muito na questão das pessoas que vivem à margem e que são invisíveis e sem dúvida isso para mim começou a ser muito importante e dentro destes grupos de pessoas que vivem à margem eu tinha vários grupos, portanto as pessoas com deficiências. Tinha os trabalhadores do sexo. Tinha a própria questão da religião que muitas vezes as pessoas acabam por viver um bocadinho escondidas. Enfim. Tinha assim vários grupos e depois olhando para a violência para toda a minha pesquisa aquilo que me começou a interessar mais foi tentar perceber como é que os trabalhadores do sexo, não sendo uma profissão reconhecida, sofrendo imenso estigma e etc, como é que as pessoas conseguem viver e terem uma vida plena, segura e merecedora, não é. Toda a gente tem direito a ter uma vida em condições e então comecei a pensar de que forma é que poderia

Júlia: de que forma

Rita: espetáculo de voz que falasse sobre casos reais de trabalhadores do sexo. Pronto e então andei aqui muito tempo a tentar perceber o que me interessava e aquilo que estou a fazer é: eu estou a entrevistar vários trabalhadores do sexo, o

meu objetivo é com estas entrevistas escrever um texto. Portanto, eu ainda não sei se vou ser só eu em palco ou se vou ter mais pessoas, mas o objetivo é contar várias histórias. Portanto, eu não vou dizer que a história é de **A** ou **B** ou **C** mas vou criar um universo de personagens ou de uma personagem que vai contar várias histórias e estas histórias sim são reais de todas as pessoas que eu entrevisto. Pronto, obviamente que isto é tudo confidencial, nunca irei usar nomes de pessoas, etc, etc; mas o meu objetivo é de facto contar aqui histórias de pessoas que trabalham nesta área e que tipo de estigmas é que vivem na sociedade, qual é a relação com a família ou no trabalho. Por exemplo uma das perguntas é: quando tem que preencher um formulário que atividade é que diz que pratica. Enfim, são assim algumas questões que eu acho que me vão ajudar a construir este guião, no entanto a primeira coisa que eu peço é para as pessoas me contarem a sua história e contarem o que quiserem contar. Sobre mim, eu também começo por contar a minha história, portanto eu comecei por estudar teatro no 10º ao 12º, eu sou portuguesa, vivo no Porto desde sempre. Somos 4 irmãos, 2 raparigas e 2 rapazes. Eu nasci, a minha mãe já tinha 46 anos, já foi assim muito fora do *timing*. Sempre gostei muito de fazer desporto, de cantar, de dançar. Desde pequenina que tenho esta ligação às artes e fui estudar do 10º ao 12º teatro, mas depois a certa altura ainda tive um ano na faculdade de teatro, mas senti que podia ser um caminho difícil e decidi ir para outro rumo, trabalhar noutra coisa. Estive uns anos longe das artes e depois em 2013 vi que de facto não era feliz a não trabalhar com a criatividade, a imaginação etc e etc e então voltei a tentar trabalhar nesta área, dou aulas de teatro a crianças e a jovens e nos últimos anos acho que tenho percebido que quero usar o meu trabalho para fazer alguma diferença, para contribuir para que na sociedade nós pensemos nos assuntos sérios. Eu acho que a cultura, a arte, o teatro, a música, a dança tem um papel muito importante e por vezes nós só olhamos, não é toda a gente, mas muitas vezes não vemos o potencial e o valor daquilo. Claro que há muitos artistas interventivos e com carácter de tentar contribuir para as mudanças na sociedade mas de facto eu sinto que se calhar Portugal é muito pequenino isso não acontece tanto e eu gostava que o meu trabalho tivesse um impacto nesse sentido, pronto também sou ativista e tento sempre contribuir para causas que defendo, desde pessoas, animais, natureza, enfim, várias e portanto espero que este espetáculo não fique só pelo âmbito académico, portanto eu depois de terminar o projeto e apresentá-lo no âmbito da faculdade quero, e espero, poder leva-lo a outros sítios, a outros palco, enfim. Tentar divulgar ao máximo esta temática e quem sabe daqui a uns tempos, não será já já, mas vemos algumas mudanças na legislação e etc da forma como a sociedade olha para o trabalho na indústria do sexo, que a meu ver é um trabalho como outro qualquer.

A primeira coisa que gostava que fizesse é que me contasse a sua história que contasse o que quiser contar sobre si.

JÚLIA: pronto Rita, é assim. A minha história, eu tenho 32 anos. Você não deve saber, mas está sabendo agora. Eu cheguei em Portugal com 18 anos, mas antes de chegar com 18 anos eu já faz vida lá no Brasil. Eu passei por muitas situações difíceis neste ramo onde as pessoas não nos respeitavam, não tinham nem um amor ao próximo porque a gente está nesta vida uma passa por cima da outra. Eu posso dizer que eu nunca fui de passar por cima de ninguém, mas já passaram muito por cima de mim. Mas pronto resumindo, a minha vida em Portugal quando aqui cheguei, eu vim xxxxxx.

RITA: claro, claro.

JÚLIA: E então o que eu te posso contar é isso. Há coisas boas nessa vida, como há coisas ruins onde você não pode andar de cabeça erguida por onde você queira, que alguém te vai reconhecer quando alguém já ficou contigo vai te apontar o dedo — olha ali vai uma prostituta. Entende? E pronto é essa situação que a gente vive nessa vida que a gente leva, não é? A gente trabalha nisso, mas não obrigamos ninguém. Eles vão porque querem.

RITA: claro, claro, claro. Pronto... Tenho algumas perguntas que lhe vou fazer. A Júlia nasceu onde? Posso lhe perguntar?

JÚLIA: Sim, nasci em Recife.

RITA: e viveu lá até vir para Portugal?

JÚLIA: Sim. Eu vivi lá até aos meus 18 anos.

RITA: ok. Não sei se lhe posso fazer esta pergunta, mas estudou, portanto, em termos dos estudos, estudou até algum...

JÚLIA: Eu completei até ao meu 7º ano.

RITA: ok — muito bem, muito bem. E é filha única, tem irmãos?

JÚLIA: Não. Tenho 2 irmãos. Por parte de mãe e uma irmã por parte de pai.

RITA: e relativamente à sua infância tem assim algum momento que se recorde, que me possa contar?

JÚLIA: A minha infância foi muito fraca, não é? Porque a gente passou por muitas dificuldades. Fui criada com avó. A minha mãe quando me teve ela era muito nova, não pode ficar comigo. xxxx

RITA: Não teve coragem. É isso?

xxxx

RITA: Ok. Há assim algum sonho que gostasse de concretizar?

JÚLIA: Um sonho. Um sonho que eu gostava de concretizar era ver o meu filho grande, ver os meus netos. Acho que é o sonho de toda a mãe, não é? Eu acho que... e ter saúde, o meu sonho é sempre saúde para correr atrás de seja do que for. Eu que ainda não tenho a minha casa própria, mas pretendo ter um dia.

RITA: E agora pensando um bocadinho em si, olhando para si e pensando nas suas qualidades e defeitos diga-me assim alguma qualidade, fala-me um bocadinho da sua maneira de ser, como é que a Julia se descreve?

JÚLIA: Ai como é que eu me descrevo? Eu vou-te dizer Rita, eu sou uma pessoa muito, tem medo em tudo. Eu sou muito medrosa. Isso não é uma qualidade é um defeito. Eu sou muito medrosa. Eu tenho medo de tudo. O meu marido quando eu

tirei a carta ele não acreditava porque ele dizia que como você é medrosa você não vai conseguir e eu tirei. A minha mãe também dizia assim tu tem medo até de andar de bicicleta para não te arranhar mas tu vais tirar carta. Tirei, provei para eles que eu fui capaz de tirar a carta. Eu quando tinha 9, 10 lá para os 15 anos eu fui modelo lá no Brasil. Eu quando fico nervosa a minha voz não sai. Eu tou falando para você e você não está me ouvindo. Entende? E então era o que eu mais gostava de ser modelo como eu era lá no Brasil. Agora já não, já tou burra, tou velha, já não dá. Não é?

RITA: Não, então, 32 anos não tá velha. Ainda tem muito...

JÚLIA: Ai não isso era quando (...) era um desejo de criança. Agora já não é grande esse desejo. O desejo ficou para trás. O desejo agora é arranjar um emprego que eu me adaptar que eu venha conseguir fazer e honrar a minha vida. Não é, ter uma vida normal. Eu não pretendo ter essa minha vida até os meus 50 anos, como vejo muitas amigas minhas. Não pretendo. Não pretendo o que é passa do momento que você passa 35, os seus 40 você tem que fazer muitas coisas que não é com fome, com fome deve ser, entende? Como quem diz você perde completamente o valor a partir do momento você fica velha e eu não quero passar por isso

RITA: E então falou do medo que não, que não é, que não parece que seja um defeito mas é uma característica sua e assim uma qualidade sua?

JÚLIA: Uma qualidade, menina não sei não acho que é tantas.

RITA: Então diga-me...

JÚLIA: Deixa ver uma qualidade. O meu marido diz que melhor qualidade que eu tenho é dormir. Eu adoro dormir. Não sei uma qualidade, eu sou uma pessoa que não me descobrir completamente, então eu sou uma pessoa muito insegura de mim própria. Eu acho que eu vou estar sempre errando. O pai do meu filho está sempre (...) tu não vai conseguir, então é uma maneira de me travar. As pessoas não me coloca para cima, me dizendo tu vais conseguir. Não vou conseguir se tu não me ajudares. Não é? É isso que eu preciso, alguém que esteja ali, que tenha que me destino. Que diga tu és capaz, tu vais conseguir. Entende? Agora se estás com uma pessoa que te diz não vais conseguir porque é que tu vais fazer isso? Entendeu?

RITA: Entendo. Concretamente o que é que a levou concretamente a trabalhar na indústria do sexo?

JÚLIA: O que me levou a trabalhar foi para dar uma vida melhor para a minha família, não é? Dar vida melhor na vida digna uma vida que eu gostaria de ter que até hoje ainda não tive não é? Porque é assim a gente que trabalha nessa viram ele era mar suado dinheiro que você vai entrar e não vê sair, voa. Então por mais que você ganhe muito dinheiro você não vai ver o que você vai fazer com aquele dinheiro, que ele não vai te deixar. (Não percebi) uma pessoa que trabalha só largada compra uma casa, compra um carro melhor, compra qualquer coisa até mesmo sair de férias, até uma pessoa que trabalha como nós que sabemos, que não dizem. Ela não me disse que esse trabalho era fácil, mas não, é difícil porque tem se lidar com um bêbado, drogado, uns doidos, conta com

todo o tipo de gente então não é um trabalho fácil. Quem disser que é fácil que venha ficar no lugar e o que mais... É então não tem abençoado Deus não está ali naquele negócio, entende? Então, portanto, a partir do momento que você consegue sair dessa vida você nunca mais olhe para trás porque se você olhar para trás você volta a cair na mesma. É dizer eu saí e não quero mais não quero nenhum (não percebi) dizer, é trabalhar com homens prostituição não.

É isso que eu pretendo daqui a uns 5, 6 anos. Até aos 40 anos não estar mais nisso: Procurar fazer alguma coisa para mim tipo (não percebo) e tenho de voltar a estudar poder escrever com mais segurança aquilo que está escrevendo porque eu hoje escrevo mas não sei se está certo, por vezes eu peço ao filho vem cá vem corrigir isso aqui para mim. O meu filho vai e sim mãe está certo. Por vezes ele até brinca e -oh mãe tu fizeste o 7º ano, eu tou no 7º ano e tu não sabe. Eu digo não sei filho, desculpa. Não sei porque eu não ia para a escola para estudar, eu ia mesmo só para passear os livros e pronto. E é como lhe digo eu vim e entrei nessa vida com a ilusão que eu ia dar uma vida melhor e não consegui dar uma vida melhor. É certo que muitas mulheres há cerca de 20, 30 anos atrás conseguiram fazer muito dinheiro em Portugal e noutros países, sim. Mas era uma vida diferente era completamente diferente até mesmo o sexo era diferente. Hoje em dia há várias maneiras de você fazer sexo e isso é que não me agrada. E a partir do momento que você vai ficando velha você vai ter que se ir adaptando aos novos casos e eu não estou afim disso.

RITA: E se lhe posso perguntar em que área do da indústria do sexo é que trabalha em apartamento, é rua? Hoje em dia o que é...

JÚLIA: Rua.

RITA: Rua. E como é que ele descreve o seu trabalho? É uma coisa quando tem que ir trabalhar é uma coisa difícil? É uma coisa que já faz automaticamente? É uma coisa que faz todos os dias...

JÚLIA: Não, eu cheguei em tempos de crise. Quando eu chegava lá eu chorava muito porque eu dizer assim, o que é que eu estou aqui a. Porquê eu tou passando por isso? Eu não mereço isso entende. Entende? E pronto e parar por alguns dias e deixa eu respirar a minha cabeça, parar um bocadinho para mim. Entrei mim porquê nesse caso na rua eles não te respeitam, eles chegam e olha vamos. E você olha para eles e não estou a fim, sinto cansada. Ele não, vamos que te espero.
XXXX

RITA: Pois, e, portanto, neste momento trabalha na indústria de sexo porque sente que não tem outra alternativa?

JÚLIA: Sim, como lhe disse hoje liguei para uma indústria de meia e lá dizia com experiência ou sem experiência. Quando liguei-lhe. Retornou a chamada e ele perguntou tem experiência? Eu disse não. Ah então não posso. Eu disse para quê que você colocou com ou sem experiência. Eu disse eu não tenho experiência, mas eu sou nova, eu posso aprender porque a gente só sabe se você não dar uma oportunidade eu nunca vou ter experiência e falei para ele, sim menina então faz assim liga na sexta-feira que a gente conversa. Quer dizer eu vou ligar na sexta-feira para dar outra desculpa.

Isso é muito chato a gente nunca vai poder ter uma vida normal se a pessoa não te der uma oportunidade. Entende? Eu aqui em Portugal tentei fazer limpezas de apartamento, tudo para sair dessa vida quando o filho pequeno, as pessoas que eu fiz limpeza só me enrolaram.

Eu fui trabalhar para um restaurante onde ele queria abrir o restaurante em tempo recorde, colocou cinco pessoas a trabalhar, diziam que nos pagar €150 quando chego no dia do pagamento pagou €50 e disse agora fica assim. Quer dizer, isso me deixou muito transtornada, como é que você coloca uma pessoa só para trabalhar e de repente a pessoa está contando com aquele dinheiro e você não ganha nem metade, não é?

Foi que fez o eu continuar na vida entende porque ali nós temos dinheiro e sabemos que vamos pagar as nossas contas. Agora a gente tem um trabalho e não e não tem certeza que ainda com a conta ao final do mês já está pago não dá.

RITA: E o que é que então... Já me falou um bocadinho das dificuldades, mas o que é que sente... assim a maior dificuldade relativamente ao seu trabalho aquilo que faz?

JÚLIA: A maior dificuldade?

RITA: Sim.

JÚLIA: Em que termo? A maior dificuldade é quando eu chego e não estou disposta e tenho lá aquele velho que diz que você tem que fazer. O velho que tem idade para ser teu avô, bisa. Isso para mim é a maior dificuldade. Você diz assim para ele: -nossa como é que eu vou conseguir fazer uma coisa se tu não tens mais idade. E ele está ali insistindo, como muitos deles já chegou a morrer em cima de amigas minhas. O meu maior medo é que isso aconteça comigo. Entende?

RITA: Sim. E relativamente a isso é aquilo que sente é mais difícil, mas relativamente tem alguns receios, alguns medos relativamente ao trabalho?

JÚLIA: O meu receio é quando a gente não dá ao cliente, a gente não sabe para que direção ele quer nos levar. Qual é mal que está na cabeça para nos fazer. À pouco tempo atrás fez um ano agora em Janeiro dia 8, foi horrível, eu tive com um imigrante da suíça, ele me levou para o *mundo*, queria fazer sexo sem camisa eu disse a ele que não fazia (...) comecei a fazer tudo direitinho e ele de repente não conseguia porque ele estava muito bêbado e drogado e nisso quando ele viu que não conseguia arrancou o preservativo (...) e veio para cima de mim (...) eu fui obrigada a dizer para ele que tinha doença para que ele não gostasse. Dei-lhe uma pesada. Ele saiu tombando, mas não chegou a cair e disse para ele: me leve embora agora (...) Vou-te levar. Só que ele não me levou embora para um lugar (...) me levou para um descampado para me fazer mal. Tentou me tirar a bolsa várias vezes, me deu vários murros nos braços. Eu com meu telefone dentro da bolsa liguei para o pai do meu filho a dizer pra ele que eu estava muito mal, que eu ia morrer. Foi foi minha pior das piores situações que eu tive, que via a morte nos olhos dele e ele ia me fazer mal. E então o pai do meu filho faltou rapidamente comigo disse: já tou a ir para a polícia e pronto é que ele largou, não é? Dentro do mato. Hoje (...) nomeadamente eu saí sei quando desci eu mijei, eu vomitei, o medo, angústia, tudo que ele foi na minha cabeça eu fiquei completamente sem saber porque estava passando por aquilo, Entende?

RITA: E diga uma coisa, depois desse episódio fez queixa? Sente que podia ter(...)

JÚLIA: Não fiz queixa pelo simples facto de não ter a matrícula do carro dele, então não tinha como fazer queixa de uma coisa que eu não sabia quem era. Entende? E (...) mais alguns dias aconteceu novamente, um homem foi lá, escolheu-me a mim, levou-me o queria fazer o mesmo. Entende?

RITA: e diga-me uma coisa Júlia, mas sente que nesse caso tivesse ficado com a matrícula ia fazer queixa sendo que pode ser protegida pelas autoridades?

JÚLIA: Eu sinto que não seria protegida pela polícia pelo simples facto de ele achar que nosso trabalho aqui não é digno, não é? Apesar que no sítio onde eu costumo trabalhar eles já me conhecem há bastante anos e sempre que eu chamo para algum problema eles vão lá. Inclusive uma altura um cliente não quis pagar eu chamei eles e não termine de falar já estou indo aí porque eu ia falar o que se tava passando e ele era obrigado a autuar a mim porque crime não é crime e ele disse para mim: -oh, Júlia você não poderia ter feito isso, não é, ter ligado para a gente porque aí ele não pagou ele está no direito dele. Tu não tens que, tu não podes cobrar pelo sexo. Entendeu? Mas ele falou para mim, e foi um homem que disse: -vai, paga a moça porquê não se pode obter o serviço dela sem pagar. Fez o trabalho de polícia e pronto. Mas primeiro, chegou para mim deu um tipo *escovão* não é, como quem diz olha na próxima vez a gente não vai vir cá só se o caso mesmo de muito problema e pronto. E o homem pegou foi-se embora e nunca mais apareceu e eu fiquei no prejuízo.

RITA: Ele não chegou a pagar?

JÚLIA: Não, porque ele não tinha levado nenhum tipo de dinheiro com ele. Ele já foi com a intenção de fazer e não pagar.

RITA: Pois, porque normalmente recebem depois do trabalho, não recebem antes?

JÚLIA: Não, não nós temos que receber antes. Tanto que eu falei para ele: me paga antes, ele disse não, eu venho aqui e pago sempre ao fim. Eu não pago antes a ninguém. Eu já estou habituado a pagar ao fim, só que (...) habituado a fazer mal, habituado a não pagar e pronto. Eu como não sabia, eu estava chegando lá aquele trabalho tinha o que tinha dois anos ainda não tinha porque ele faz as coisas passa um bom tempo depois volta para a gente esquecer, não é? Só tem que ir pronto é ele me pegou e fez e eu peguei só não saio daqui, tu vais ter que me levar para tua casa, eu não (...) do carro, ele empurrava, ele era maior do que eu, sai fora sai fora, digo não tu vais ter que me levar daqui. Quer dizer por tão pouco dinheiro para poder levar porrada, murro, não é, mas chamei a polícia. Ele viu que a policia veio, eu só saí do carro quando a polícia chegou e ficou aquela confusão toda e a policia tentou fazer com que ele entendesse que tinha que pagar mas no entanto ele foi embora sem pagar e eu ficou no prejuízo porque ele não vai voltar e nós nem podemos autuar ele nem nada, nem enviar uma carta para casa dele.

RITA: Vocês, para o vosso trabalho, não existe uma tabela porque isto não é um trabalho legal em Portugal, mas vocês tem uma média de valores que costumam já sabem que determinado serviço custa isto ou cada uma faz um bocadinho seu o seu preço?

JÚLIA: Não, o trabalho tem um preço já fixo, a gente não pode ultrapassar, quem quiser pagar mais tudo bem agora o valor é aquele, nós não podemos diminuir.

RITA: E sente que é um valor justo?

JÚLIA: Não, não é justo porque é muito pouco, mas pela crise que estamos a passar espero eu quando a gente voltar a trabalhar que eles não peçam mais barato porque isso vai acontecer de certeza, Entende?

RITA: E pensa estando no seu trabalho, eu considero para mim é uma atividade com outra qualquer que seja a pessoa goste ou não desempenhar e as dificuldades que tenham ou não, mas sente que desempenha bem o seu trabalho, sendo que faz bem o que faz?

JÚLIA: Eu sinto que já fiz bem agora já não. Agora só faço mesmo pelo facto de precisar não é, porque eu quero ir, não. É por precisar. Porque se não precisasse eu não voltaria lá, Entendeu?

RITA: E quem a conhece à sua volta, sua família, amigos, e pessoas com quem com quem convive, sabem o trabalho que a Júlia faz?

JÚLIA: Sim, nunca escondi de ninguém.

RITA: E quando tem, se eventualmente tiver que preencher um formulário numa, Segurança Social, no médico, etc. o que é que escreve que faz?

JÚLIA: EU coloco que sou esteticista, que sou do lar, eu não vou colocar que sou prostituta, nunca.

RITA: E se não sei se isto já aconteceu mas há algum momento já aconteceu algum alguma situação (problemas de ligação / confirmação se está a ouvir) — Estava a dizer, numa situação já lhe aconteceu ter que falar sobre o seu trabalho, ou seja sente, se tiver que falar sobre o seu trabalho, sente-se limitada, tenta fugir e não falar sobre o trabalho. Como é que lida quando tem que falar sobre o seu trabalho?

JÚLIA: Quando eu tenho que falar do meu trabalho vou ter que inventar um trabalho, aquele que eu não faço, o que é do meu trabalho vai ser falado. Aceitei falar consigo como você falou que ia ser uma palestra que você ia dar direitinho sem nos colocar a nossa vida mesmo, não é?

RITA: Claro.

JÚLIA: Sem colocar o nosso nome, por isso que você em colaborar consigo porque senão eu não aceitaria e como eu sei também que eu falar isso para você vai expor para pessoas para não passarem o mesmo que eu passei. Eu posso dizer que quando eu vim para cá eu era muito inocente. Hoje eu já não sou. Hoje quando alguém me pede para vir para cá, para vir para essa vida, eu digo logo que isso não é vida para ninguém, Entende?

RITA: Sim, percebo. Diga-me uma coisa, a Júlia que já está em Portugal há alguns anos tem alguma, ou seja, está inscrita na segurança social, finanças alguma ou seja em termos está legal é esse género de coisas e aí responde-me se quiser.

JÚLIA: Eu estou legal, já tenho BI, meu filho nunca recebeu nada da social nunca. Eu fui me inscrever no centro de emprego a pedir emprego só que no momento não tinha comigo a minha habilitação escolar e eles disseram para mim que eu tinha que levar as habilitações escolares e depois entretanto eu fui ao Brasil busquei tudo, fiz a minha habilitação escolar aqui em Portugal, meu ano letivo é o sétimo ano equivalente aqui. Depois de repente deu a pandemia e eu não consegui voltar a me escrever tudo direitinho, entende? Que eu pretendo pelo menos, vamos supor, tenho um trabalho de condições financeiras para um dia mais tarde poder pedir um empréstimo bancário onde eu vou poder comprar minha casa própria e auxiliar o trabalho do sexo para poder manter minhas outras coisas porque é um trabalho que você vai ganhar €600, não é um trabalho onde você vai conseguir manter uma casa de 450, entende? Eu preferia trabalhar 3 tiros até de madrugada, e pronto e é isso.

RITA: Compreendo perfeitamente e a Júlia sente que é discriminada, ou seja, faça aquilo que faz sente que é discriminada?

JÚLIA: Sim, eu sinto porque a gente, eu no meu caso, é brasileira quando eu ando na rua as pessoas me olham um olho de discriminação, os homens com um olho de desejo e as mulheres discriminação, independente que esteja bem vestida ou mal vestida, elas sempre olham mal.

RITA: Ou seja, sente-se com espaço para ser ouvida, para falar sobre os seus problemas, sobre a sua situação ou sente que é de alguma forma invisível para a sociedade?

JÚLIA: Eu sinto que eu não tenho espaço para falar o que eu quero e sinto que por vez não me sinto invisível no facto de eu quero expor as minhas ideias como agora estou a falar consigo e as pessoas não querem dar atenção porque acham que é lorota entende e pronto.

RITA: E, já estamos a terminar, relativamente a a lei face ao trabalho da indústria do sexo se pudesse mudar alguma coisa, Júlia, o que é que mudava?

JÚLIA: Eu mudava o facto das pessoas serem, vamos como posso dizer Rita, tem muitas meninas que mesmo trabalhando na rua elas são exploradas, tem muitas meninas mesmo trabalhando em apartamento elas são exploradas. Em que facto onde todo mundo poderia trabalhar, onde todo mundo poderia responder por si e todo mundo poderia, vamos supor, pagar o que tiver que pagar mas não que seja explorada tipo ai eu `tou trabalhando num apartamento a €20, eu fico com 10 tu fica com 10, se isso é exploração porque quem está a dar o corpo ao manifesto não és tu é assim aquela pessoa. Tu queres cobrar pelo qual ela está te usar OK cobra pelo quarto, mas não cobra por cada um que ela faz, isso para mim é exploração, entende? E é isso que deveria mudar. Não deveria haver ninguém por trás do nosso dinheiro, nada a ver e a gente. Poderia sim fazer descontos como um trabalho comum, a gente poderia ter Segurança Social, fazer tudo com o trabalho. Porque não se dizem que essa profissão a profissão mais antiga do mundo porque não regularizar isso.

RITA: Sim, sim, sim, sem dúvida. Então, pensando que algumas destas frases, palavras que contou eu vou conseguir fazer chegar ao público, mas assim alguma frase ou algumas palavras, se neste momento estivéssemos no espetáculo e a sua voz ou a sua escrita, aquilo que me está a dizer pudesse ser ouvido, o que é que a Júlia gostava realmente que fosse dito neste espetáculo?

JÚLIA: Você me fez a pergunta que eu realmente não vou saber te responder Rita, pelo facto de eu só falar aquilo que vem na minha cabeça no momento. Eu não queria histórias entende? É o que tiver na minha cabeça então o que é que eu vou te dizer se eu tivesse não tenho de todo mundo e se alguém me perguntasse se tu pudesse voltar atrás tu voltaria? Com certeza. Isso não tenha dúvida. Eu voltaria atrás e fazer tudo diferente, eu nunca na vida eu não me arrependo de ter vindo para Portugal, me arrependo da vida que tenho levado em Portugal, entende? Onde eu ando pela rua, eu não ando com cabeça erguida. Eu não ando. Vamos supor, não ando de cabeça erguida. Eu ando muito cabisbaixo pelas pessoas me discriminarem. Eu sou de cor ainda por cima. Se fosse brasileira e clarinha se calhar não seria tão discriminada.

Eu tenho uma passagem de um dia numa boate, eu sentei ao lado de um rapaz branco onde ele saiu de perto de mim a correr, assim como se eu tivesse qualquer doença, bicho daquele tivesse vindo que desse algum problema para ele só por me sentar à beira dele. Aquilo me deixou tão triste. Eu chorei tanto aquela noite toda. Parecia que me estavam a tirar um pedaço de mim. A discriminação racial é horrível e dói, entende?

E então é como eu digo, se eu pudesse voltar atrás, se tivesse 1000 meninas na minha frente (elegível) eu dizia não volte atrás.

xxx

RITA: Claro.

JÚLIA:

xxxx

É como eu lhe digo Rita, se eu tivesse agora a frente de muitas moças, eu faria com que elas entendessem que esta vida que a gente leva não é uma vida digna. Então se a pessoa pensa que entrar numa vida dessa que esqueça porque não é vida.

RITA: Diga-me uma coisa, tem algum objeto... Isto agora, estas 2 ou 3 perguntas que faltam é só só porque eu quero ter algum material por acaso usar no espetáculo.

Algum objeto que a Júlia associe ao seu trabalho ou quando pensa no seu trabalho pensa num objeto ou até um objeto que seja importante para si?

JÚLIA: Um objeto que seja importante para mim. Eu não tenho objeto nenhum. Eu simplesmente quando vou ao trabalho eu me arrumo muito bem, maquiagem, eu vou como se fosse para um escritório. Eu não me arrumo como uma puta. O que acho que eu já sou uma puta e vestir-me como ela já é demais, entende? Então eu me visto, aqui onde eu moro ninguém sabe da minha real situação e então eu

tento permanecer sem eles saber. Assim continuo a receber o bom dia e o boa tarde sem ter que ninguém me olha com olho torto quando vem a saber aquilo que eu faço. Entende? Tento manter o meu respeito onde eu moro, porque eu acho que aqui onde eu moro não há nada disso.

RITA: No seu trabalho há assim algum amuleto, algum objeto que tenha significado para si? Sem relação com a com o seu trabalho?

JÚLIA: Algum amuleto?! Não não tem amuleto. Eu todo o dia quando saio para o trabalhar eu oro a Deus. Peço para que ele me proteja. Esse é o meu maior amuleto, é a oração. Eu não tenho nem um, como é, olho turco, eu não tenho nada dessas coisas. Uma cruz, é alhos, sal, nada disso. Eu tenho é Deus no meu coração e peço para que ele me leve e traga todos os dias.

RITA: Diga-me uma música que goste?

JÚLIA: Música evangélica. Eu sou, como quem diz, uma puta crente.

RITA: Cada um tem as suas crenças, os seus valores e não interessa o que a o que faz, não é?

JÚLIA: Sim, sim, a música que eu gosto é aquela que diz assim “a minha vitória hoje tem sabor de merda”, é um dia que eu sair dessa vida eu vou cantar essa música, porque a minha vitória...

RITA: A minha vitória...

JÚLIA: “a minha vitória hoje tem sabor de merda”

RITA: ok, é para depois eu procurar; porque estas músicas eu gostava de usar músicas que as pessoas que eu estou a entrevistar, que me estou, pronto, a falar sobre elas. Por isso é que eu estou a recolher isto.

Eu depois quando enviar o email com o documento para autorizar. Isto é só para eu ter o registo disto porque na faculdade depois pedem-me. Vou-lhe também pedir-lhe... Vou-lhe explicar que eu imagino — uma das coisas que eu me lembrei recentemente é construir um rosto muito grande partes do rosto de todas as fotografias das pessoas que eu vou entrevistar. Então o que eu depois lhe vou pedir no email (...)

JÚLIA: Está cortando

RITA: Então estava eu a dizer que uma das coisas que eu quero se calhar construir no espetáculo é um rosto gigante, ou seja, uma imagem de um rosto com o conjunto, com bocadinhos de todos os rostos de todas as pessoas que eu vou entrevistar. Por isso eu depois vou-lhe pedir, Júlia, para olhar para a sua cara para tirar uma fotografia ou à orelha, ao nariz, ou à boca, ou uma parte do seu rosto que depois me possa enviar que é para eu no final conseguir construir este grande rosto de todas estas pessoas, `tá bem?

JÚLIA: Ok, sem problema.

RITA: Quero lhe agradecer a sua disponibilidade, da sua generosidade ao falar comigo. Isto foi, pronto, estou muito contente por também ser bem recebida, não é? Porque todas as pessoas com quem eu tenho conversado, têm-me recebido bem e tenho partilhado a sua história, a sua vida, que é muito importante pra mim, significa muito. Pronto, qualquer coisa se eu precisar de mais informação eu também falo consigo, tenho seu contacto. Não se preocupe que isto é tudo sigiloso, portanto ninguém vai saber que foi a Júlia que falou comigo e pronto. Espero que os seus sonhos e que as suas vontades sejam ouvidas e com certeza vão, agora ou mais tarde. E pronto vamos conversando quando eu tiver também mais coisas sobre espetáculo, mais ideias, eu também vou partilhando convosco `tá bem Júlia?

JÚLIA: Com certeza, Rita.

RITA: Olhe, muito muito obrigada.

JÚLIA: Obrigada eu por me ter ouvido porque é muito bem a gente... eu como não lhe conheço é mais fácil contar a minha história do que contar a minha história para uma outra pessoa que eu conheço, que vai me criticar, vai dizer que tu poderia ter feito diferente. E pronto, assim você me deu aquele ar de alívio, sai um peso.

RITA: Todos nós na vida podemos ter feito e sido e experimentar muitas outras coisas, não é? Mas nós não podemos só olhar para o passado e pensar, aí se eu tivesse ido por aquele caminho, se eu tivesse feito isto. Não, nós temos que olhar para o presente e tentar lutar por um futuro melhor, não é? Acho que é esse... o passado não está nas nossas mãos, o futuro é que está, por isso...

JÚLIA: Com certeza vamos fazer um futuro diferente.

RITA: Sim claro Júlia, olhe muito obrigada, um bom dia para si e estamos em contacto `tá bem?!

JÚLIA: Obrigada, Rita. Continuação. Adeus.

RITA: Muito obrigada.

###

Entrevista a Cláudia
Duração: 01:08:00
Data: 3 de Março de 2021

102 de 259

RITA: A Cláudia ouviu um bocadinho sobre, aquilo que eu estou a fazer mas, se calhar posso-lhe explicar novamente, assim resumidamente, portanto a minha ideia, eu comecei a investigar a violência no geral, estava interessada trabalhar a partir da violência, depois de investigar bastante, passei pela violência da mulher, depois passei para a violência social e a certa altura eu senti que, como eu

pessoalmente sinto que, luto sempre por diferentes causas, as pessoas menosprezadas, seja por que motivo for, são sempre aquelas que me tocam e que eu quero tentar dar voz e esta coisa de dar voz a quem não tem voz, era algo que eu sentia e a certa altura eu tinha alguns grupos, dentro destas pessoas que viviam um bocadinho à margem, que não tinham voz, que não têm direitos, dos quais faziam parte os deficientes, pessoas com problemas psicológicos, com doenças mentais, os trabalhadores do sexo e eu a certa altura comecei a tender mais para o lado dos trabalhadores do sexo, porque de facto eu pensei, é uma profissão como outra qualquer, as pessoas trabalham, como as outras pessoas que fazem outras profissões, mas no entanto a sociedade, faz de tudo para esconder...

CLÁUDIA: excluir...

RITA: excluir, não dá direitos, não dá voz e portanto, senti muita vontade em trabalhar sobre isto e portanto aquilo que eu quero fazer é entrevistar trabalhadores, reunir diferentes histórias e depois construir um texto, que ainda não sei se será apenas para uma pessoa, portanto, se serei só eu, que vou estar em palco, ou se vou ter mais atores, mais interpretes em palco, a contar estas diferentes histórias, portanto, eu algumas destas histórias vou contar como se fossem minhas, não é minhas Rita, é, eu vou dar voz a estas histórias, que as pessoas vão partilhar. Isto é o meu projeto de final do mestrado, no entanto eu espero, depois poder levar este espetáculo a outros sítios, portanto, eu estou a construir uma coisa, não é só para fazer uma apresentação e uma defesa para a faculdade, mas sim para depois poder levar estas vozes e estas histórias a mais sítios, vamos ver, espero que seja possível.

CLÁUDIA: Seria bom.

RITA: A primeira coisa que eu peço às pessoas é no fundo que me contem, eu tenho algumas perguntas que eu quero fazer, mas é que me contem a sua história, o que me quiser contar, da sua vida, do seu passado, do seu presente, enfim, do que quiser partilhar comigo

CLÁUDIA: Como a Rita sabe, o meu nome é Cláudia, é o meu nome verdadeiro, mas o meu nome de alguns anos atrás, de trabalho, era Cláudia, comecei a trabalhar com 20 anos, foi após o meu segundo filho, vim de um relacionamento, que achei que tinha terminado e entretanto eu recebi uma proposta para trabalhar, foi uma pessoa conhecida e disse para mim: -Olha agora você está com duas crianças. E a minha... o Brasil é muito quente, o Brasil, voltando um bocadinho atrás... e então, a cultura é, eu vou dizer que seja uma cultura, a mulher, começa a vida sexual mais cedo, como também agora tem acontecido aqui em Portugal, o Brasil é um país onde as pessoas começam a relação sexual muito cedo e quando eu digo muito cedo, muito cedo mesmo, às vezes crianças de 11 anos, que hoje para mim isso, como uma mulher já mais adulta eu não quero isso para mulher nenhuma, xxxx entretanto recebi essa proposta, de uma pessoa conhecida, para mim na altura, eu nem pensei duas vezes, porque era mais do que é... a proposta dele, a palavra dele para mim, eu acho que bateu certinho no momento que eu estava passando e do que eu via à minha volta, que ele disse para mim, em vez de você sentar na mesa de um bar e sair no fim da noite por uma cerveja, você vai ganhar dinheiro com isso e sustentar os seus filhos, é... eu não vi aquilo, nem bem nem mal, porque até então, nessa altura ainda não tinha preciso vender o meu corpo por dinheiro, mas como mulher eu já me sentia muito discriminada,

no Brasil e quando eu vim para cá, também vi que as mulheres e principalmente as brasileiras, são muito discriminadas, mas no Brasil, só por nascer mulher, já é inferior, a mulher não tem muita voz não... Então eu comecei trabalhar aos meus 20 anos numa boíte e nesse boíte é diferente o... no Brasil não é ilegal a prostituição, é legalizada, tanto que lá, de três em três meses, a saúde e higiene, vai às casas, para ver se as mulheres têm exame em dia, se está tudo organizado à casa, a prostituição infantil é que não é legalizada, mas pronto... comecei a trabalhar aí e comecei a pegar força como mulher, porque a minha independência, começou a surgir e eu comecei a me empoderar, foi aí que eu comecei a me empoderar, porque se até então eu me sentia inferior como mulher, onde eu trabalhava recebia menos, porque o homem recebia sempre mais, porque tem mais força física, tem mais disponibilidade, porque não carrega atras um filho, porque uma mãe, se tem um filho, o filho está doente, tem de ficar em casa e essas coisas todas que um homem, mesmo que seja pai de trezentos filhos, não tem preocupação nenhuma... e então nisso, minha parte como mãe, já foi deixada à parte, a minha mãe, pegou os meus filhos e eu fiz o papel do homem, comecei a mandar dinheiro e minha casa sim... não na... o meu trabalho não foi na minha cidade, foi bem distante da minha cidade e todas as vezes que eu chegava na minha cidade, se as pessoas... eu nunca me apercebi... hoje, se eu parar para pensar atrás, eu me senti muito mais, discriminada como mulher, do que pelo trabalho que eu fiz... pronto... o que é que eu assim... posso-te contar mais... vi muitas coisas dentro do meu trabalho, vi muitas coisas, também não deixei o meu lado feminino, o meu lado romântico, como muitas vezes, eu também me apaixonei dentro do meu trabalho, só que logo passado um tempo, a gente cai na real... porque a maioria das pessoas que a gente acaba por ter mais afeto, são pessoas comprometidas, porque talvez essas pessoas saibam lidar mais com as mulheres da rua, do que com as próprias mulheres de casa, a gente acaba esquecendo um pouco isso... Durante os meus 10 primeiros anos trabalhando com o sexo, foi como uma brincadeira, aquilo era para mim, era um passar de tempo, ganhava assim dinheiro, ganha hoje, gastava amanhã e se ganhava bem... depois a disposição era outra, a gente vivia quase 24 horas, porque saindo dessa casa, da minha primeira casa, que fui parar numa das onde era uma boate de... que lá no Brasil, chama-se boate, era... trabalhava-se com emigrantes, com os marinheiros, pegava, um navio hoje passava, 24 horas, 12 horas, 8 horas e depois ia embora... foi através dessa casa que eu comecei a ter intenção de sair do Brasil, mas o sair do Brasil, era pensando em juntar dinheiro, em fazer algo maior que eu e ali achava que eu não conseguia... mas quando eu saí do Brasil, com 24 anos, não, com 24 anos, sim... com 24, é, eu vim para cá, tem 20 anos que eu estou aqui... 23, 24 anos eu saí do Brasil, vim para Portugal... cheguei aqui, a história foi a mesma, só mudou de ambiente, mudou de País e de pessoas, quando cheguei aqui o primeiro ano foi um dos piores, porque veio junto a saudade da família, se eu sentia o preconceito naquilo que eu trabalhava, até então aí eu não, não senti, mas sim senti preconceito da imigração, porque eu tenho a pele branca, se eu não abri a boca, ninguém sabe que eu sou brasileira, mas se eu abrir a boca e falar, até hoje, já tenho 20 anos de Portugal, se eu abrir a boca para falar, as pessoas, olha que se eu fosse um E.T., faz aquela cara tipo, mas você é brasileira... e até então eu não entendia, o porquê dessa pergunta e as pessoas mudar radicalmente a maneira como falar comigo, ou numa loja como me atender, as pessoas já deixaram de querer me atender, porque quando ouviram a minha voz, olharam para mim e disseram que não tinham o meu número de roupa, ou de fingir que eu não estava ali na loja e atender uma outra pessoa que tinha chegado posterior a mim e aquilo machuca a gente, a gente vai sentindo aquilo e o preconceito que eu

sentia de mulher, eu comecei a sentir o preconceito de ser emigrante, com o passar do tempo, é que eu fui entender que não era o preconceito de eu ser só emigrante, mas sim por ser brasileira, porque a partir daí, o que era simplesmente o deixar de me atender, um virar as costas quando eu falava, o fingir que não me ouvia, o me ignorar, passou a ter palavras, começaram as mulheres, os homens, olhar o desejar, isso também é uma agressão, dependendo da maneira que o homem olha e aquelas boquinhas que se dão, isso também é uma agressão e o falar essas brasileiras, essas putas brasileiras vêm para aqui, para roubar os maridos dos outros, começou a ter essas boquinhas. Teve um episódio que, eu no hospital, fui fazer uma cirurgia de vesícula, uma técnica da limpeza virou para mim, na altura já, eu casei aqui em Portugal, alguns anos depois, mas para ter a legalização, mas a gente se tornou amigos e aproveitamos, tivemos até, tivemos juntos 10 anos, mas quando eu fiz a minha cirurgia, essa técnica de limpeza, técnica de enfermagem, qualquer coisa assim, deve ser... virou para mim e disse assim: -ah ainda bem que você é casada.

Eu disse assim: -Mas casada!!?? não estou entendendo o porquê, do ainda bem que eu sou casada.

Ela falou: -Não, porque as brasileiras vêm cá para roubar marido dos outros. Mas assim, na lata...

eu olhei assim e falei: -Mas porquê alguma brasileira já foi na sua porta e roubou o seu marido?

-Não, não mas, o marido de uma amiga minha, saiu de casa para morar com uma brasileira.

Mas eu falei: -Mas ela foi lá na porta roubou-lhe?

Não, não...

Eu falei: -Ah, então ele saiu de casa porque quis... assim.

O debater com a ignorância das pessoas, isso é que mais, aqui, me afetou, que até então, o preconceito da mulher e de eu ter ultrapassado, eu de repente, me empoderei, para mim isso, eu chegava, pagava, não dava ouvido e isso para mim não me machucou tanto, quanto eu chegar aqui e ter esse preconceito de, rouba, rouba mesmo as mulheres, mas ultrapassei essa parte também, porque a gente com o tempo a gente vai pagando a maneira das pessoas e aprendendo a se defender também com isso, ignorando esse tipo de conversa.

xxxx eu sempre mantive o meu trabalho, como um trabalho qualquer, que é um trabalho qualquer, diferente na visão das pessoas, mas um trabalho qualquer. Eu fazia do local onde eu trabalhava, que aí eu já não trabalhava mais numa boate, trabalhava em apartamento, fazia daquilo o meu escritório, à hora que eu saia dali, ali ficava o assunto, ali ficava o telefone de atendimento, ali ficava tudo, quando eu chegava na minha casa, mesmo quando os meus filhos não estavam aqui, a minha vida, a minha rotina era outra, nunca tive o hábito de sair para jantar com um cliente, nem por trabalho, não, porque era ali, era daquele jeito que eu gostava de trabalhar, porque aprendi que, independentemente do que eu faça, o que me faz é o meu carácter e eu sempre gostei de olhar para as pessoas por igual, as pessoas podiam ter a opinião que elas tivessem de mim, isso para mim não me interessava, desde que eu conseguisse olhar para ela, nos olhos dela e defender a minha causa, porque a gente vai vivendo e vendo tantas coisas, que eu tenho de aprender a amar-me, em primeiro lugar, independentemente se eu sou uma mãe, se eu sou um homem, ou se eu sou um trans, eu tenho que aprender a me amar, se eu me amar, eu consigo respeitar, também, a parte das outras pessoas... então, o trabalho ficava lá e eu chegava na minha casa, jantava, tinha as pessoas conhecidas, às vezes era algumas pessoas do trabalho, outras não, dependente daquilo que encaixava comigo, porque eu gostava de sentar e

conversar com uma pessoa, como eu converso normalmente, sobre um teatro, sobre um livro, sobre um filme, não sobre aquilo que eu já tinha passado todo o dia e há pessoas que às vezes não sabem, mesmo independente desse trabalho, há pessoas de qualquer... você abriu a boca, você não consegue ter um pingão de conversa com essa pessoa. xxxxx Quando eu parei de trabalhar, coisa de 5 anos atrás, muitos deles ainda eram meus clientes, sabiam que quando eu estava na rua, se me cumprimentassem, mas também não passava daí, uma bom dia boa tarde, porque o meu trabalho ficou lá, cá fora é outra coisa, é outra vida, eu não tive problema nisso. xxx...

RITA: Sim, sim... ia-lhe perguntar, a Cláudia nasceu onde?

CLÁUDIA: no Brasil, no Espírito Santo, Interior, interior.

RITA: Estudou, portanto, no Brasil, posso-lhe perguntar, estudou até que ano?

CLÁUDIA: 12º

RITA: É filha única, ou tem irmãos?

CLÁUDIA: Tenho irmãos, sou a mais velha.

RITA: São quantos?

CLÁUDIA: Somos 6, somos duas mulheres e quatro homens.

RITA: Sobre a sua infância, tem assim algum momento, alguma história que me possa contar?

CLÁUDIA: A minha infância foi muito protegida, porque a minha mãe, também foi mãe solteira, então dentro de uma casa com três mulheres, foi uma das, assim... muito, fui mesmo criança.

RITA: e há assim, por acaso, alguma história que se lembre, de alguma situação, assim engraçada, enfim alguma memória que possa, desses momentos, que me pudesse contar? se, se lembrar...

CLÁUDIA: Sim, lembro-me, lembro-me... onde a gente morava, na nossa casa, ainda era muito, ainda tinha, existia muitos matos, muitas árvores, tinha muito campo ainda... e a minha tia, tinha várias galinhas, então essas galinhas, faziam os ninhos delas no meio dessas, desses campos, até hoje somos amigas ainda, então, éramos três amigas e a gente ficava brincando ali pelo meio daquilo, gostávamos de tomar os ovos crus, furávamos assim bem fininhos mesmo, com coisinhas de palhetinha, a gente fazia questão de sair carregando os palhinhos de dentes, furava fininho e voltava a colocar lá as cascas de ovo vazias e eu tinha os cabelos compridos, mas compridão mesmo. Um dia eu estou lá bem tomando os ovos, eu e as minhas amigas, de repente a gente só ouve o barulho assim, o grito da minha tia, achei o Gambá, porque Gambá é um bicho, que tem também a pontinha fininha que fura os ovos e toma os ovos e fica lá a casca, achei os Gambá, só que esses Gambá têm duas pernas... as crianças saem a correr... essas peripécias assim de criança, de subir em árvore e cair e quebrar braço, era... lembro também que com 10 anos, eu já me interessava por política, fazíamos

política mesmo, a gente acreditava num político lá e íamos para casa das pessoas mais necessitadas, falava daquele político, 11 anos... falava daquele político sem ele saber, até que um dia agente tinha uma lista de pedidos, que as pessoas carentes pediam, a gente ia ver as necessidades dessas pessoas, muitas a gente via, não tinham condições nenhuma, faltava roupa de cama, roupa, comida até dentro de casa e a gente fez uma lista de todo o tamanho, chegou na casa do político com essa lista, obrigamos a ele a visitar e ele é engraçado, que hoje ainda vou ao Brasil, ele já é uma pessoa, acho que ele tem 60 anos, ainda é novão, mas ele ainda recorda disso, toda a vez que ele me vê, fala, olha minha fiel candidata, não, minha fiel eleitora tá aqui olha, desde os 11 anos, ele ainda é político, até hoje.

RITA: Que interessante... diga-me uma coisa Cláudia, tem assim algum sonho, que gostasse de concretizar?

CLÁUDIA: Eu acho que o meu sonho, eu concretizei, há cinco anos atrás, que quando eu tive os meus dois filhos, eu não fui mãe né... eu acabei por pelos, a minha mãe acabou por criá-los. Então, quando os meus filhos vieram, para a minha companhia aqui, mesmo antes eu estava no Brasil, mas eu não estava na minha cidade, vivi boemiamente e quando meus filhos vieram para aqui, eles já tinham 11 e 13 anos, já tinham uma personalidade formada e eu acompanhemos até então, mas não fui mãe, não fui mãe daquela de acordar de madrugada, então esse era o meu sonho, agora um sonho assim de estudo, ou... não...

RITA: Não? não há assim nada que gostasse de ver de fazer, de concretizar para si ou para...

CLÁUDIA: Não, eu fui fazendo, fui fazendo durante a minha vivência, eu fui fazendo, também nunca fui muito de sonhar muito não, mas assim... viajar, fui fazendo, tenho aqui algum... minha filha fala um dia vou encher uma gaveta de cursos, vou fazendo... gosto muito de ler, já escrevi, já tive tempo assim, de colocar algumas coisas em papel... fui fazendo a minha vida, fui fazendo.

RITA: Pronto... então, pensando em si como pessoa, assim, diga-me algumas qualidades e alguns defeitos que sente que tem.

CLÁUDIA: A minha qualidade, é o meu maior defeito, crítica, sou muito crítica e no ser crítica é... eu exijo muito das pessoas, eu exijo de mim também e exijo das pessoas, isso também a minha filha já me disse, a senhora exige muito de si e também das outras pessoas e as pessoas não é a senhora, ela diz assim... porque, fraqueza, as pessoas fracas para mim, eu acho que está aí o meu preconceito, a fraqueza, não consigo entender a fraqueza das pessoas, as vezes quando são recorrentes, minha parte crítica é essa, o meu defeito e a minha qualidade.

RITA: Ok... e sente que é uma pessoa comunicativa?

CLÁUDIA: Sou

RITA: E positiva parece-me, eu estou a perguntar.

CLÁUDIA: Ah, sim, sim, sim... para mim, se não deu hoje, dá amanhã, mas, especificamente tem de dar hoje.

RITA: Sim, parece-me uma pessoa positiva... pronto, agora e vou falar, vou-lhe perguntar um bocadinho sobre o trabalho... o que é que a levou a trabalhar na indústria do sexo?

CLÁUDIA: O preconceito de ser mulher e... porque nesse trabalho, me dá o poder de mandar e comandar...

RITA: Mas, na altura disse-me que foi quando...

CLÁUDIA: Tive os meus filhos...

RITA: E teve o convite para ir trabalhar...

CLÁUDIA: De uma pessoa conhecida...

RITA: Mas podia ter optado por outra coisa, sentiu...

CLÁUDIA: Ou outra coisa, sim, poderia... poderia...

RITA: Mas aqui viu que conseguia mais facilmente cuidar dos seus filhos

CLÁUDIA: Sim.. é... o financeiro, era mais rápido e maior.

RITA: Eu ainda não percebi muito bem, falou há cinco anos portanto a Cláudia já não trabalha?

CLÁUDIA: Há cinco anos...

RITA: Há cinco anos, muito bem e trabalhava em que área, não sei se... às vezes há pessoas que trabalham em diferentes áreas não é? mas tinha alguma...

CLÁUDIA: sim, já trabalhei em diferentes áreas, trabalhei em casa noturnas, já trabalhei em apartamentos e também já trabalhei na rua.

RITA: E na altura quando trabalhava, como é que... ser pudesse falar um bocadinho do seu trabalho, era um trabalho, lá está, chegou-me a dizer que tinha um horário, quando trabalhava no apartamento e depois saía... mas era algo que fazia todos os dias, tentava organizar a sua vida para fazer aquilo com bastante frequência, enfim...

CLÁUDIA: Sim, era todos os dias, de segunda a sábado, durante a semana, era até às oito horas, das nove horas da manhã até às oito, parava ali para almoçar, entre o meio dia e meio até às duas mais ou menos e no sábado, era até às cinco horas da tarde...

RITA: E dessas áreas todas diferentes em que trabalhou, no fundo, com qual é que se identificou mais?

CLÁUDIA: Cada um tem uma maneira diferente, à noite, ela muito divertida porque, música, não é? para quem gosta de beber há bebidas, música dança, é como se você quiser distrair um pouco, é só pensar que está numa discoteca, um

apartamento é uma coisa mais fechada, entre aspas, porque você está dentro de uma casa, durante o dia você, não vê muitas pessoas, só as pessoas que vão chegando, você atende as pessoas pelo telefone, mas é mais... em relação à violência, também é mais perigoso, porque se você não tem ninguém para te acompanhar ali, você vai estar sozinha, se tiver alguém para fazer algum mal, aí está a parte negativa e na rua, na rua também é bem perigoso, mas você vê muitas pessoas, conversa com muitas pessoas, mas está mais visível, essa também é perigoso, mas o que eu me identifiquei mais, foi com o apartamento.

RITA: Ao todo, trabalhou quantos anos na indústria?

CLÁUDIA: Dos 20 aos 36 mais ou menosxxxx

RITA: Enquanto trabalhou, trabalhou no Brasil e depois veio para Portugal e continuou a trabalhar, não é? Sentia que fazia esse trabalho por não ter outra alternativa?

CLÁUDIA: Nos primeiros 10 anos não, eu fazia porque aprendi a gostar, porque era um dinheiro que entrava fácil, não sentia dificuldade, a partir dos 10 anos, é que comecei a parar para pensar, em querer juntar dinheiro, em querer juntar algo para a vida, então nessa altura, eu já comecei a pensar, em querer mudar de ramo, só que pelos meus objetivos, não tinha outro lugar onde eu pudesse ganhar o que eu ganhava ali, sim, então eu vou colocar que sim, mas financeiramente não por falta de oportunidade.

RITA: Não sente que encontrar trabalhos encontrava, mas não que lhe desse a remuneração, que lhe interessava claro. Quais foram as maiores dificuldades que sentia, relativamente ao trabalho que desempenhava?

CLÁUDIA: A minha maior dificuldade foi mesmo, os meus primeiros 30 dias, porque depois aquilo para mim era tão natural, que as dificuldades, a não ser a arrogância das pessoas, eu não vou dizer para você que todos os homens que chegavam lá, eram pessoas delicadas, não... mas até com isso eu aprendi a lidar, que até com uma pessoa arrogante, a gente tem como fazer ele ser menos arrogante, os meus primeiros 30 dias foram os mais complicados para mim, porque de resto não tive assim grandes problemas.

RITA: Enquanto trabalhou, apesar da remuneração, aqui encontrava uma remuneração que noutros trabalhos não, trabalhava por escolha, ou por opção? Estava na indústria por opção, não é?

CLÁUDIA: É... era minha opção, opção não, era a minha escolha.

RITA: Apesar de não sentir grandes dificuldades, se calhar houve momentos em que sentiu alguns receios relativamente ao seu trabalho...

CLÁUDIA: Sim, na segurança, que se sentia quando se ouvia alguma colega dizer, o apartamento em tal lugar, foi assaltado, está tendo uma onda de assaltos, esse era o receio e de pôr a gente mais atenta.

RITA: Teve algum episódio de violência enquanto trabalhou na indústria?

CLÁUDIA: A violência psicológica, isso daí é todos os dias, porque há homens que gostam de falar coisas, que se a gente não for forte o suficiente, a gente acredita naquilo e então no trabalho que a gente empenha, pior é, porque é exatamente aí é que eles gostam, então quando eu fui trabalhar para a rua, é que realmente as coisas... eu fui trabalhar para a rua, não foi por não conseguir trabalhar em apartamento, mas sim, porque em como qualquer outro trabalho, aquilo começou a cair, por mais ofertas, ofertas mais baratas e isso foi denegrindo, caindo um bocado o trabalho de apartamento. Hoje se eu te falar, que quando eu cheguei aqui, há coisa de 20 anos atrás, a gente começou a trabalhar com vinte minutos a €50 e hoje é €15 euros, você fica quase uma hora num apartamento, então você vai pagar um anuncio, que hoje está mais barato, mas na altura, você pagava €45 por dia, para por um anuncio e se o apartamento fosse seu, que você morasse nele, já era dois em um, mas se não fosse, você teria de pagar um apartamento à parte, ou pagar um quarto, para ajudar alguém, o ajudar alguém, mesmo que fosse o mais barato, seria €150/€200 por mês, mais a renda da sua casa, mais o anuncio todos os dias, isso saía caro e hoje continua igual, hoje as coisas aumentaram, hoje você não acha mais apartamento nenhum de €300, eu cheguei a morar em apartamento T3, a €250, hoje isso já não existe mais, a não ser que você ainda pagasse esse valor, mas se for alugar hoje, já não existe. Os anúncios de jornal baixaram o valor, mas mesmo assim, acho que está a €10/€15 por dia e eu vejo muitas colegas hoje, a dizer, que pagou um anuncio e ainda não pagou o anuncio, é que está muito complicado, então foi mais quando eu saí, ainda não estava tão assim, mas já estava caindo e eu fui para a rua, onde uma colega já estava trabalhar lá e se consegui na altura ainda tirar €400/€300 diários, sem pagar a renda e o anuncio, então isso era o dinheiro... porque eu queria trazer a minha irmã e queria trocar o meu carro, foi essa a opção de ir para a rua e quando eu fui para a rua, não quis mais voltar para apartamento, quando eu consegui, o que eu conseguia, não quis mais voltar para apartamento, porquê? Ali é uma coisa, é 10 minutos, os homens não têm muita opção de ficar tocando no seu corpo, então a profissão ali era a melhor possível, a higiene, quem faz é cada uma das pessoas, independentemente do local que está, mas é onde você ouve mais bocas, de mulheres de homens, vice está ali muito exposta, tá na rua, passam, falam, as mulheres então adoram... foi aí a minha maior dificuldade, apesar de financeiramente estar bem, essa parte era a mais complicada.

RITA: Relativamente à necessidade de procurar ajuda, no caso de violência, ou de estar numa dificuldade, em termos de segurança pública no fundo, a Cláudia alguma vez sentiu necessidade de procurar ajuda numa situação?

CLÁUDIA: Sim...

RITA: E sentia que podia ir, por exemplo à polícia, ou a uma entidade superior pedir ajuda?

CLÁUDIA: Eu? sim porque eu estava legal, estava legalizada no país, mas muitas colegas minhas que não vão e mesmo nós legalizadas e tudo, quando pedimos ajuda, não é bem exatamente na hora que vão, então até que aparecem lá, as coisas já aconteceram. Uma vez estávamos em três... tanto em apartamento, em qualquer lugar que eu estivesse a trabalhar, eu nunca fui muito de me desviar do meu objetivo, porque em qualquer lado que a gente está, ou qualquer coisa que a gente esteja fazendo, qualquer coisa pode acontecer e então eu sempre aprendi a ter muito tento nos ouvidos, os passos, a maneira como as pessoas agiam, a

maneira como as pessoas mexiam o corpo... a gente estava num local e subiu um carro, esse carro parou perto da gente e fez uma pergunta, hoje eu não me lembro exatamente o que é que perguntou, mas me chamou alguma atenção aquele carro, estava muito rebaixado traseira do carro, qualquer coisa assim... a gente continuou conversando, eu sempre tive hábito de tira fotocopia, assina-la, levar no cartório para reconhecer, mas deixar os meus documentos em casa, na altura ainda não tinha B.I. só tinha residência e aonde eu estava tinha uma vala, onde eu estava sentada em cima e eu tinha colocado a minha bolsa de trabalho, dentro dessa vala e estava ali a conversar e tinha uma outra amiga minha, com a bolsa dela na mão, a outra tinha deixado dentro do carro, ela era a única que tinha carro, eu não tinha carro na altura, ou se tinha também não sei se... não, não tinha.. aí eu de repente olho para cima, vi, no calor, no calor porque a gente estava quase pelada de tanto calor que a gente estava sentindo... eu olhei para cima e vinha um homem, dizia um homem, mas não dava para ver o que é que era, todo encapuçado, com blusa de frio de capucho e a mão dentro da coisa de calça tudo e eu olhei para as meninas e falei, meninas vira, não ficam de costas porque está vindo ali uma pessoa, de capucho com esse calor e tal, muito estranho e as meninas continuaram a conversar de costas e eu falei, vira porque ele está atravessando a rua, vocês ponham-se em posição, nisso eu levantei e me pus de frente para a pessoa que vinha e elas continuaram a conversar, tanto que quando ele chegou perto de nós, ele tirou uma arma colocou na cinta de uma das minhas amigas e disse, isso é um assalto.. eu tentava olhar para ele, para ver alguns traços, alguma coisa, se era o tal do homem do carro, porque na hora me veio na cabeça o tal do homem do carro, mas não podia ser o homem do carro, porque ele subiu deu a volta e voltou novamente... mas eu não quero chocar mais vozes, só quero a bolsa, só tinha essa minha colega que estava com a bolsa, porque a minha bolsa estava dentro lá da vala, a minha outra colega tinha deixado a bolsa dela dentro do carro e ele agarrou a bolsa dessa minha colega e essa minha colega gritava, solta a minha bolsa e segurava e ele tirou a arma da cintura e pôs na cabeça dela e eu dizendo assim, mulher solta esse raio dessa bolsa, solta a porcaria da bolsa mulher, solta a bolsa e ela segurava, todo o meu dinheiro está aí dentro dessa bolsa, olha ela dava ainda mais gana, para ele segurar na bolsa, ele começou a chorar e dizendo a minha renda, o dinheiro da minha renda está aí dentro dessa bolsa e segurando a bolsa gente, eu desesperada com medo de ele fazer alguma coisa peguei, ele não ía levar a minha bolsa, eu peguei a minha bolsa de dentro da vala e joguei nele assim, sabe... e joguei nele, naquilo que eu joguei nele, ele tentou pegar a minha bolsa e deixou a bolsa dela cair, ela nem quis saber da arma, saiu catando a bolsa dela e nisso ele saiu correndo. A gente ligou para a polícia, a polícia foi lá sim, mas passado algum tempo, porque a polícia foi, teve que chamar a polícia judiciária, onde a gente ligou para a GNR, a GNR disse assim, vamos avisar a polícia judiciária, porque quando tem arma de fogo, nem é a nossa parte, já é... até que avise a polícia judiciária, que aparece lá, o homem já tinha e se tivesse matado, já estava quase enterrada.

RITA: Relativamente ao trabalho que a Cláudia fazia, sentia que fazia bem o seu trabalho, que era uma boa profissional, naquilo que fazia?

CLÁUDIA: Sim.

RITA: Relativamente agora aqui um bocadinho à sociedade, quem conhece a Cláudia, sabe deste seu passado, ou seja...melhor, quando trabalhava na indústria, as pessoas à sua volta sabiam aquilo que a Cláudia fazia?

CLÁUDIA: Sim, sabiam...julgavam, não sabia não é? julgavam, mas conviviam comigo, nunca fizeram assim perguntas sobre, a minha vida, no que eu trabalhava, se eu trabalhava, assim ou assado, uma vez uma vizinha minha me perguntou... contou a vida dela e depois eu sabia que ela ia chegar, na minha parte de me perguntar e quando me perguntou, eu sorrindo e muito educadamente disse, eu vou-te responder com uma pergunta, se o meu patrão no fim do mês não me pagar, você vai sustentar a minha casa? não eu não quis te ofender, desculpa lá, pois então ficamos por aqui. Mas a minha resposta, ou a minha pergunta para ela, deu para ela a resposta que ela queria... em relação à sociedade, somos julgadas, mas eu fui muito mais julgada, como até te disse, como mulher, como emigrante, do que como trabalhadora do sexo. Nós aqui, independentemente se somos ou não, porque há muitos brasileiros que trabalham noutras profissões, mas são julgados na mesma, só por ser brasileira.

RITA: Pois... mas por exemplo, quando tinha de preencher.. ou se ia ao medico, ou tinha de fazer alguma coisa e lhe perguntavam, o que é que faz, na altura que a Cláudia trabalhava na indústria, o que é que a Cláudia dizia que fazia?

CLÁUDIA: Como eu sempre fiz descontos, eu colocava sempre trabalhadora independente e se realmente pedisse alguma coisa, para me fazer, eu trabalhava com decorações infantis de festa, mas eu também já cheguei a trabalhar algum tempo nisso e então era assim, agora mesmo assumir mesmo, dizer, não.

RITA: Portanto, no fundo acabava por não falar abertamente sobre o seu trabalho...Tem espaço para ser ouvida, tem espaço para ser ouvida?

CLÁUDIA: Como prostituta não, toda a mulher que trabalha com sexo, toda a mulher não, toda a pessoa que trabalha com sexo, tem a ver com preconceito, são burras, são pessoas que não têm educação, não têm estudos, são uma pobres coitadas, são sujas, são porcas que não têm higiene, são más, não são boas mães, é por aí...

RITA: Portanto, concretamente, quando trabalhava, sentia-se visível ou invisível para a sociedade.

CLÁUDIA: Invisível, porque é aquilo que a gente acabou de dizer agora, são pessoas, ninguém quer ver a prostituição como uma profissão, mas sim como um vírus, como uma coisa que todo o mundo tem de fugir, como se aquilo fosse a pior coisa que existe, a pessoa que faz se transforma, num verme, para se dizer assim, mais especificamente, porque não tem um nome... as vezes por pequenas coisas dentro do trabalho, você vai vendo como as pessoas olhavam assim tipo, por um acidente um vizinho ficou sabendo que eu trabalhava, ele a falar para a outra pessoa com quem ele estava, quando me viu, primeira reação foi tentar se esconder, com medo que eu fosse falar e depois a reação dele foi assim, como? não essa senhora é vizinha lá, essa senhora não pode, mas como essa senhora é? porquê, a pessoa que trabalhava nisso, como é que tinha de ser? depois era aquelas pequenas... mas nossa você cheira bem, você anda tão bem arrumada, nossa seu cabelo é macio... porquê, o meu cabelo não poderia ser macio? eu não posso usar um bom champô? não posso ir a um salão? não posso comprar uma boa roupa? essas pequenas coisas... para mim aquilo fazia graça, mas não é graça, porque você vê bem que aquilo é um pedaço de preconceito.

RITA: Também tem a ver com a lei, eu pergunto-lhe, se a Cláudia pudesse... o que é que acha que na lei deveria mudar, relativamente à atividade profissional da indústria do sexo?

CLÁUDIA: Tínhamos que ter direitos, a fazer desconto, desconto a gente tem direito a fazer, mas a gente tem de fazer desconto, sobre aquilo que a gente trabalha, aí também vai de cada pessoa, nós mulheres lutamos muitos anos pelos nossos direitos e há muitas mulheres não sabem ainda, como agir dentro dos direitos que a gente tem, muitas mulheres e nós ainda reclamamos muito, quisemos nossa liberdade, quisemos ser autónomas, então agimos como tal, então vai depender muito se todos os trabalhadores do sexo estão preparados para isso, porque lutar para ter direitos é uma coisa, o dar a cara depois com esses direitos, já vai ser outra coisa.

RITA: Sim a questão é que se de facto, a lei e a sociedade olhasse para o trabalho de outra forma, os próprios trabalhadores, também iriam poder sentir-se mais à vontade para lutar, imagino eu, pelos seus direitos, se eu trabalho numa área e existe um sindicato, por exemplo, eu de alguma forma estou um bocadinho protegida e se tiver um problema posso tentar que o meu sindicato me ajude.

CLÁUDIA: Isso daí é mexer muito com a cabeça das pessoas, todas as pessoas à volta vai ter que também... porque se a gente for, à parte religiosa, a gente vai ver que essa é a profissão mais antiga do mundo, uma das... é que a gente pensa, cada um faz o que quer do corpo, trabalha naquilo que quer, temos de tentar ser o melhor dentro da nossa área e é o que eu tentei ser, dentro da minha área, porque nessa área quem procura, também não é só pelo sexo, nós ali também temos que aprender a ouvir bastante, porque as pessoas às vezes quer falar e foi aí que eu vi o meu melhor, saber ouvir as pessoas. Quando eu trabalhei, eu tinha uma cartela de clientes até ter de parar, muitos anos, por essa parte que eu dediquei-me, a gente já tratava dentro lá do meu trabalho por nome, já sabia quem era fulano, sicrano, o trabalho dele, porque ele tinha-me dito, ele já chegava e já falava, então você já conseguiu resolver o seu problema lá, a sua empregada, ou o seu patrão e isso da outra parte, se sentia tocada e era onde eu entrava com a minha profissão.

RITA: Se pudesse ter voz neste espetáculo, ou seja se agora estivesse, ou eu, ou os atores, pudéssemos dizer uma frase, que viesse mesmo da Cláudia, o que é que sente mesmo, que gostava que fosse dito neste espetáculo?

CLÁUDIA: sou gente, como toda a gente... amei... quis ser amada... vivi... sofri, ri chorei... sou carne e osso e coração.

RITA: Há algum objeto que a Cláudia associe ao seu trabalho?

CLÁUDIA: Preservativo

RITA: Alguma vez fez alguma espécie de registo, um diário, um caderninho, enfim, onde apontasse...

CLÁUDIA: Uma lista, tinha uma lista telefónica, com nomes, o telefone.

RITA: Diga-me uma música que goste.

CLÁUDIA: Scorpions, gosto da maioria deles, Angel é a que me toca mais

RITA: Se puder enviar alguma coisa que se lembre...

CLÁUDIA: Um livro, dentro da minha profissão que eu li, 11 minutos, fala sobre uma moça que foi para a prostituição também, através de um companheiro dela que pôs ela lá.

RITA: Cláudia, muito obrigada, da minha parte já fiz as perguntas que queria. Fiquei aqui a conhecer um bocadinho mais sobre si. Muito obrigada por ter partilhado a sua história e ter-se aberto e ter passado este momento comigo. Pronto depois, há medida que eu for tendo, agora ainda estou a entrevistar, quando tiver as coisas mais avançadas também vou pondo em contacto, porque como eu disse na reunião, eu também gostava de vos mostrar, a quem puder, a quem tiver interesse, o texto, o que eu estou a construir, para vocês também poderem ajudar-me nesta construção porque melhor do que eu, vocês também conseguem ler e se o objetivo é tocar em quem vai ver o espetáculo, eu quero que a mensagem chegue ao outro lado.

CLÁUDIA: Ok. Obrigada a você também.

RITA: Oh, obrigada. Estamos em contacto. Obrigada, com licença.

###

Entrevista: Leandro

125 de 259

Duração: 56:56

Data: 5 de Março

RITA: Então agora que já estamos a gravar autoriza por gravação seja feita, correto?

LEANDRO: Sim.

RITA: Muito bem. Pronto, o Leandro ouviu a minha explicação sobre o projeto, quer que eu volte a explicar o que é que eu estou a fazer resumidamente para ficar mais situado?

LEANDRO: Pelo que eu percebi, quer fazer o uma peça de criar com várias personagens a nível da prostituição.

RITA: Exato. Portanto o meu objetivo é: eu estou entrevistar vários trabalhadores de diferentes áreas, então a primeira coisa que eu peço para me contarem a sua história; Eu depois tenho algumas perguntas lhe vou fazer concretamente e se alguma coisa não se sentir confortável não responde

O objetivo é depois eu ter estas histórias e poder construir o guião, que o que eu disse na altura é que ainda não sei se serei só eu a entrar na passa ou se vou ter

vários intérpretes, por ex, a Monique que se mostrou interessada. Não sei se o Leandro atualmente teria interesse. Enfim, as pessoas, não sei se vou trabalhar com outros atores profissionais ou não, ou se serei só eu mas o objetivo é eu ruir várias histórias e eu vou contar essas várias histórias. Eu ou os intervenientes do espetáculo, portanto o objetivo é nós falarmos, darmos vós a aqui aos trabalhadores do sexo e tentar mostrar a realidade, o trabalho, ou situações que passam. Enfim, no fundo mostrar que são pessoas como outras quaisquer, que fazem um trabalho com outro qualquer.

E o objetivo é, isto é, no âmbito académico, que é o meu projeto final do mestrado, no entanto o meu objetivo é que depois o espetáculo possa estar, bem montado e eu poder levá-lo a outros sítios. Não quero que ele termine, que morra aqui na faculdade.

Portanto, assim concretamente é isto. Os documentos que lhe vou enviar é um documento para autorizar, portanto, a dizer que partilha, que está a colaborar comigo neste estudo. E o outro é a pedir-lhe autorização, no case de eu querer utilizar alguma frase, ou alguma coisa que está a ser dito nesta gravação. Eu posso alterar a voz, portanto colocar um efeito no caso de o Leandro não querer que seja a sua voz.

E depois também, eu normalmente peço isto no final, mas explico-lhe agora, eu depois vou-lhe pedir uma fotografia de uma parte do seu rosto, ou da boca, do nariz, do olho, da orelha. Enfim, de uma parte do seu rosto porque a minha ideia é construir um rosto, portanto, gigante com todas as fotografias de todos os rostos que me vão enviar. Portanto estes 2 documentos também pedem autorização para isto, mas depois vê e alguma dúvida também fala comigo. Portanto, para não me esquecer isto aqui é o que queria explicar.

Pronto, normalmente eu começo por pedir às pessoas para me contar a sua história, portanto, partilhar aqui que quiser partilhar sobre si, sobre a sua vida e depois a certa altura poderei fazer aqui então as tais perguntas que eu quero. (...) pode (...) a vozeara me contar o quiser me contar sobre si.

LEANDRO: Então, ainda estou assim um bocado baralhado mas...

RITA: Pode-me contar o seu passado, o que fez quando era mais novo. Como chegou aqui. DE onde é? Enfim, no fundo contar um bocadinho como se estivéssemos aqui numa conversa e se estivesse a apresentar.

LEANDRO: Eu nasci no xxx. Sou do xxx e entrei na prostituição através de uma amiga minha, isto é, que ela trabalhava (...) e, entretanto, conhecia-a e depois ela ensinou-me e começou-me a, comecei a trabalhar nisto. Entretanto vivi com ela 8 anos, não é. Trabalhávamos os 2, e trabalho de um lado, pessoa do outro. Foi assim que entrei na prostituição. Vim a ter trabalhos pelo meio, saí, entrei e continuo.

RITA: E, portanto, é do xxx e, peço desculpa, estudou, viveu sempre no xxx? Já viveu noutros sítios?

LEANDRO: Vivi sempre no xxx.

RITA: E, posso-lhe perguntar se estudou até... tem algum estudo... 7º ano?

LEANDRO: Estudei até ao 12º.

RITA: Ok. É filho único? Tem irmãos?

LEANDRO: Eu tenho meio irmão.

RITA: E sobre a sua infância, há assim alguma história, algum momento que me possa, que se recorde que me possa contar?

LEANDRO: A minha infância foi normal, mas. Foi uma infância normal como às outras sem quaisquer efeitos psicológicos, não é? Fui à escola, da escola, do infantário à escola, foi casa. Sempre foi assim.

RITA: Fazia alguma atividade extracurricular? Fora da escola fazia alguma...

LEANDRO: Em relação a escola, casa, brincar...

RITA: Nunca fez nenhum desporto?

LEANDRO: Sim, sim, sim. Eu aos 15 anos comecei a praticar xxxx até aos 30.

RITA: Até aos... peço desculpa que não percebi?

LEANDRO: Até aos 30 anos.

RITA: Ah, então praticou 15 anos?

LEANDRO: Pratiquei 15 anos.

RITA: E fazia só por lazer? Ou chegou a...

LEANDRO: Sim, entrei em campeonatos em Lisboa e Espanha e depois por razões de saúde tive que sair. Não abandonei, mas tive que sair das competições.

RITA: Ok. E então, por ex, isso era uma coisa era uma coisa importante para si, não é? Se praticou 15 anos, imagino...

LEANDRO: Sim, eu ainda pratico só que não posso, por ex, contactar com o adversário, entende? Não posso entrar em competições por causa do estômago, e então... alterar alguma coisa e então eu prefiro só treinar.

RITA: Claro, claro. E então, por ex, quando lhe estava a pedir um momento da infância, se calhar um momento que tenha sido especial ou que o marcou, por ex, relacionado com xxxxx. Há assim algum momento que se recorde que me possa contar?

LEANDRO: Eu, é raro me recordar de momentos. Tive bons momentos, tive maus. Mas tive sempre bons momentos. Eu sempre fui uma pessoa com cabeça, sempre com cabeça no sítio, nunca andei assim em aventuras loucas. Não, sempre fui não

muito certinho, também era traquina, mas nada de grave, nada de... Más recordações não tenho quase nenhuma.

RITA: E, por ex, há, da sua, uma vitória que tenha tido, assim um sítio onde foi competir que não conhecia e que foi especial. Não há assim nenhum que se lembre?

LEANDRO: Eu o momento que mais gostei foi quando fui a Lisboa e tinha um adversário, que era maior que eu, e pronto, foi a vitória mais rápida que eu tive, que foi com um K. Foi... chegou (...) e como as pessoas estavam a dizer "hey, não consegues, ele é grande e não sei quê..." e então eu fui pela minha fé e não durou mais de 5, 10 segundos e eu comecei-me a rir depois para eles.

RITA: Claro, a arte marcial... Posso lhe perguntar que tipo de xxxx é que faz?

LEANDRO: xxxxx.

RITA: Ok. Portanto, nasceu xxx, centro, periferia?

LEANDRO: Nasci xxxx

RITA: E há assim algum sonho que o Leandro tenha assim, que gostasse de vir a concretizar?

LEANDRO: É assim, o sonho... Eu nunca sonhei ser rico. Nunca... Muita gente diz "ah quero ser rico", eu não, nunca sonhei ser rico, mas o meu sonho, sei lá, era tirar assim um mezinho no Hawaii, na praia. Não quero muito dinheiro, não quero, mas estar bem, levar a família fora da prostituição. Relaxar a nossa cabeça, sabe? Mas pronto, mas tudo é possível, também se não for pode ser em qualquer lugar.

RITA: Claro. O Leandro tem filhos, por acaso?

LEANDRO: Tenho 1.

RITA: É rapaz? Rapariga?

LEANDRO: xxx.

RITA: Posso lhe perguntar quantos anos tem?

LEANDRO: Neste momento ele tem xxx.

RITA: Muito bem, muito bem. Se calhar, se me pudesse falar um bocadinho sobre si. Como é que se descreve como pessoa? Se é uma pessoa comunicativa, se é uma pessoa... Enfim, falar um pouco sobre si para eu o conhecer um bocadinho mais.

LEANDRO: Eu sou uma pessoa tranquila. Sou uma pessoa que sempre tive cabeça. Nunca andei em drogas. Sempre fui atinado. Sou meigo, não sou violento. Sou simpático e tento sempre ajudar as pessoas.

RITA: E tem assim um defeito, ou 2? Nós temos sempre...

LEANDRO: Sim, o meu defeito, eu sou muito orgulhoso. E então, também detesto que me mintam e vou até às últimas consequências quando (...) confusão, aliás eu sou capricórnio e é esses os 2 meus defeitos. Sou muito orgulhoso.

RITA: Mas sente que o orgulho às vezes o atrapalha? É isso.

LEANDRO: É assim, já me atrapalhou, mas eu já controlo. Eu controlo o orgulho. Mas já me atrapalhou muito por causa do orgulho. Vamos indo e a gente vai aprendendo, não é?

RITA: Ok... Claro, claro que sim. Relativamente à indústria do sexo, o que o levou a trabalhar na indústria?

LEANDRO: É assim. Eu quando entrei para o sexo, para ir trabalhar nisso, como já falei, e então interessei-me. Porquê? Eu gostava de ver esse mundo, entendeu? Já era uma curiosidade minha. (...) muito novo que já tinha essa curiosidade e então eu entrei e entrei nesse mundo... é curioso, é um mundo diferente. É muito desgastante. Cria muita ansiedade enorme. Por vezes também perigoso. A gente nunca sabe quem abre a porta. E pronto, cá ando e gosto do que faço. Isto é, eu não estou só por dinheiro, que eu também gosto, entendeu? Porque também junto-me a associações, também sou de associações (...) também ajudo a lutar contra os direitos do trabalhadores sexual (?).

RITA: Portanto, o que o levou no fundo à indústria foi mais a sua curiosidade e a vontade de estar dentro do mundo e depois quando teve essa sua amiga que o introduziu portanto, a partir do momento em que entrou manteve-se, apesar de, disse-me que teve outros trabalhos pelo meio ou seja... Diga, diga.

LEANDRO: Depois saí. Trabalhei em restaurantes e depois entrei outra vez. Depois temos aquele atrapalhamento da vida pessoal, ou escolhia a vida pessoal ou escolhia isto. Entretanto, escolhi a vida pessoal, mas como não correu bem com a namorada voltei outra vez. (...)

RITA: Ok. Portanto no fundo ainda não conseguiu compatibilizar o seu trabalho na indústria do sexo com a vida familiar, é isso?

LEANDRO: Exato.

RITA: O relacionamento neste caso.

LEANDRO: Que é assim, o relacionamento, ninguém sabe o que eu faço na minha família. Então não temos aquele barramento. Como eu (...) já não tenho tanto barramento, entendeu? Isto é, tinha um barramento quando a pessoa que estava comigo não sabia.

RITA: Claro.

LEANDRO: Tinha que fazer uma dupla vida. Não é fácil.

RITA: Pois, imagino, mas, portanto, foi... O Leandro é que optou por fazê-lo dessa forma porque percebeu que não era possível ser, portanto, transparente e explicar aquilo que fazia? Nem sequer tentou? Falhou noutros relacionamentos e por isso

é que desta vez não quis partilhar? Só para perceber um bocadinho, ou se o Leandro nunca quis contar.

LEANDRO: Como eu lhe disse. É assim, como eu já entrei muito novo, na prostituição, eu quando arranjo uma namorada, ela não pode saber o que eu faço porque se souber vai-me julgar e então, a gente quando não conta, como se diz, a verdade... a mentira vem sempre ao de cima, não é? Então nem páginas de internet encontra-me sou logo julgado e terminou tudo. Está a entender?

RITA: E, portanto, optou sempre por viver de forma com uma vida dupla, que acaba depois de ser...

LEANDRO: Eu acabei sempre por viver independente. Sem dar justificações a ninguém...

RITA: Disse-me que começou a trabalhar muito cedo. Posso saber com quantos anos é que começou?

LEANDRO: Eu tinha 20 anos quando comecei.

RITA: Entretanto esta pergunta já fiz, ah, queria-lhe perguntar concretamente, ou se trabalha em mais do que uma, há, em que área da indústria é que trabalha? Se em apartamento, se faz webcam...?

LEANDRO: Eu trabalho em apartamento.

RITA: Portanto, e sempre trabalhou em apartamento? Já passou por outras áreas?

LEANDRO: Sempre trabalhei em apartamento e também trabalhei num bar swing.

RITA: Muito bem. Eu faço esta pergunta e depois as pessoas respondem-me de formas muito diferentes, mas como é que descreve o seu trabalho? É algo que faz todos os dias? É algo que dedica só alguns dias e ainda para mais como tem que gerir com a sua vida familiar para não partilhar com as pessoas, como é que o Leandro gere aqui o seu trabalho? Como é que descreve, como faz o seu trabalho. Fale-me um bocadinho disso.

LEANDRO: Eu estou independente, o meu trabalho somos nós que mandamos. É assim, eu à semana dedico-me ao trabalho, prostituição, e ao fim de semana passo com a minha família. E então faço disto um trabalho de Segunda à Sexta e ao fim de semana passo com a família.

E pronto, é assim que eu vou gerindo.

RITA: E define um horário de trabalho consoante os contactos que vai tendo? Vai organizando a sua agenda?

LEANDRO: Eu à semana, como (...) em apartamento, eu fico a semana inteira de Segunda a Sexta. Posso trabalhar (...) hora. ao fim de semana eu só faço com marcação.

RITA: Ok. E como é que as pessoas entram em contacto consigo? Portanto, tem algum site? Já tem uma carteira de clientes?

LEANDRO: Eu tenho um site que é [XXXX](#) e tenho vários sites, vários anúncios em vários sites.

RITA: E já tem alguma, portanto, já tem clientes que o contactam, que já são habituais?

LEANDRO: Sim, tenho muitos clientes habituais e tenho outros que me contactam através de sites, do meu site, não é? Preenche o formulário e (...) através de um número de telefone.

RITA: E concretamente, eu já percebi que gosta do que faz, mas sente que faz este trabalho por não ter outra alternativa, ou não?

LEANDRO: É assim, normalmente eu faço este trabalho para completar financeiramente aquilo que eu preciso, mas com isto da pandemia como já não há trabalho, então, isto não é uma fuga, mas é uma maneira da gente sobreviver. Em ter dinheiro mais rápido. Podemos estar à procura do fim do mês, com ansiedade e como não há trabalho, pronto e assim...

RITA: É que apesar da pandemia conseguiu de alguma forma ir gerindo e ter algo trabalho?

LEANDRO: Sim, sim. Gasto menos, tento gastar menos e controlar mais.

RITA: Porque mesmo em termos dos anúncios, tem despesa, não é? Com os anúncios...

LEANDRO: Tenho despesas dos anúncios, tenho despesa do apartamento, e tudo isso é despesa.

RITA: Relativamente ao trabalho que desempenha quais são as maiores dificuldades que sente?

LEANDRO: As minhas maiores dificuldades, é assim quando a gente trabalha em apartamento, as nossas maiores dificuldades é saber lidar com a ansiedade. Com o estar preso entre aspas, à espera que (...) naquela ansiedade e essas coisas. É mais isso, não é? Como a gente está em apartamento, estamos trancados e pronto trancados, não é presos...

RITA: Não está aprisionado, mas está no fundo fechado a aguardar. Está sempre na espera.

LEANDRO: Sim, exato. Isso cria-nos uma ansiedade. Então temos que saber controlar isso.

RITA: E já agora, como é que vai lidando com isso? Como é que vai controlando?

LEANDRO: Não, eu já controlo. No início eu não controlava muito, mas eu agora já controlo, porque no princípio até tive um esgotamento, mas consegui dar a volta

por cima até hoje já não tomo pastilhas, não tomo mais. Já consigo conseguido gerir.

RITA: E falou que também ajuda associações ou movimentos, não é? Portanto, no fundo tenta ajudar outros profissionais que também estão nessa situação ou que passam por essa situação, é isso?

LEANDRO: Sim, sim e também pelo nível que eu já passei também acompanho novos que entram eu vou aconselhando e como estou em associações (...) partilho a vida, vou ajudando quem precisa. Temos médicos, temos preservativos, temos essas coisas todas que as associações nos disponibilizam. Sem muitas burocracias. De uma forma anónima.

RITA: Claro, e disse-me que já fez outros trabalhos e às vezes saía. Quando, só para perceber, quando fez os outros trabalhos era quando tinha um relacionamento e tentava ter uma vida, portanto fora da indústria do sexo ou não tem nada a ver?

LEANDRO: Não, não tem nada a ver com os relacionamentos.

RITA: Ah ok.

LEANDRO: Eu trabalhava porque as despesas são grandes, não é? Quando a gente tem uma casa própria e as despesas são grandes, e então intercalava o trabalho com a prostituição.

Nunca deixei assim a prostituição de vez, não, mas sempre quando tenho trabalho, fora dos horários eu faço prostituição.

RITA: Ok e neste momento sente que está na indústria por escolha ou porque não tem outra opção?

LEANDRO: É assim, eu próprio estou por escolha porque... mas não quer dizer que eu arranje outro trabalho, não é? Mas para já é por escolha porque eu tenho um projeto que é tentar legalizar o trabalho sexual, tentar ajudar os mais desfavorecidos do trabalho sexual (...) em apartamentos, nas ruas. Trabalhadores do sexo em geral. E eu vou continuar com esse projeto até ao fim.

RITA: Sim, sim, e é muito importante e ainda bem. Há trabalhadores envolvidos nesta causa, não é? SE não forem os próprios trabalhadores a lutar por esta causa mais ninguém...

LEANDRO: Sim (...) não ser só o termos membros das associações, como técnicas...

RITA: Quais são os maiores receios relativamente ao trabalho que faz? Que é que sente, as maiores inseguranças, para além da ansiedade que já falou.

LEANDRO: Eu nunca tive medo, mas tenho receio. Por ex, a gente não sabe a que abre a porta. Tenho receio de algum cliente nos fazer mal. E os maiores receios são esses. Agora de resto não tenho receios.

RITA: No fundo tem mais a ver com o facto de não conhecer o cliente e o que ele pode...

Leandro: O que a gente nunca sabe a quem abre a porta, entendeu? E nós temos que ter muito cuidado nisso.

RITA: Claro. Posso lhe perguntar se teve alguma situação assim mais desagradável, mais violenta? Tanto em termos psicológicos ou... não tem que ser físico.

LEANDRO: Não, eu nunca tive situações violentas porque eu sei falar, ser calmo e tento levar as coisas para o bem, mas conheço muitas pessoas que já, principalmente mulheres...

RITA: Apesar de não ter tido pessoalmente, se tivesse o Leandro procurava ajuda, por ex, na polícia? Sente que pode procurar ajuda nas forças de segurança?

LEANDRO: Nós temos um link de denúncias e temos também as forças policiais. O trabalho sexual não é proibido.

RITA: Sim, sim.

LEANDRO: E isso não tenho medo deles (?)

RITA: Mas esse link está relacionado com o site? É do movimento? Como é que esse link...

LEANDRO: Nós temos uns links do movimento que é interligado e depois aquilo vai para a polícia.

RITA: Ok. Não conhecia. Ainda ninguém me tinha falado desse link.

LEANDRO: É, temos os links de ajudas, como temos links que pode pedir ajuda. Tem uma técnica a apoiar psicologicamente. No nosso projeto estamos a fazer isso tudo que seja rápido e eficaz.

RITA: Mas é o movimento dos trabalhadores do sexo? ou não? Ou é outro?

LEANDRO: Nós temos, mas o link não é nosso.

RITA: Ok. Muito bem. Que bom. Diga-me uma coisa, o trabalho que faz habitualmente, o Leandro tem uma tabela de preço, vocês dentro da indústria já definiram, apesar de não existir nenhuma tabela. Definiram preços médios. Como é que funciona?

LEANDRO: Nós não temos tabelas de preços. Cada um faz o repto que quer. Os meus são sempre os mesmos. Tem no meu site (...) preço, nem baixo, nem aumento, nem nada. Sempre foram fixos, mas claro não existe tabela de preço. Cada um faz o que quer.

RITA: Mas sente que é um valor justo? Portanto, sente que é bem remunerado pelo trabalho que desempenha?

LEANDRO: É assim, o meu é um valor justo. Não é um valor... É assim, é um valor justo para mim. Eu falo por mim. Para mim é um valor justo porque a gente não está aqui para enganar ninguém, mas eu acho que é um valor justo para mim. E claro cada coisa fora daquilo (...) e essas coisas claro, falo o peço mais caro.

RITA: E avaliando o trabalho que faz, o Leandro acha que desempenha bem a sua atividade? É um bom profissional naquilo que faz?

LEANDRO: (...) naquilo que faço e então eu quando (...) uma coisa eu vou sempre com profissionalismo até ao fim...

RITA: Disse-me que quem o conhece não sabe da sua profissão, ou seja, a sua família não sabe...

LEANDRO: Só a família direta não sabe, o resto sabe tudo.

RITA: Peço desculpa, só familiares?

LEANDRO: Só familiares que não sabe, mas o resto sabe tudo... (ilegível)

RITA: Mas e como é que conseguiu sempre gerir de forma a que sua família não saiba?

LEANDRO: Gerir não é fácil, mas a gente gere porque... é assim, eu sempre fui independente. Com 16 anos já vivia sozinho. Então era raro dar, para saberem da minha vida (...) a minha família. Eu vivo mais, como se diz, reservado. Nem eles se metem na minha vida, nem eu me meto na vida deles.

RITA: Mas por ex, neste momento eu não sei se anime tem mãe, mas no caso da sua mãe ou d seu pai perguntarem, "ah então olha agora com a pandemia tens trabalho", ou como é que o Leandro gere...?

LEANDRO: Sim, ela pergunta. Então eu digo que vou fazendo uns biscates. Como ela sabe, toda a gente sabe biscates é trabalho dia sim, dia não, então digo "olha já fiz um biscate ou outro", pronto... e depois tento enrolar a conversa para outro lado e...

RITA: Ok e foi sempre conseguindo gerir. E então concretamente, se tiver que preencher um formulário, médico, numa entrevista, na segurança social. Enfim, qualquer coisa, qual é o trabalho que o Leandro diz que faz? Ou põe desempregado?

LEANDRO: Eu nesses formulários, por ex, se fosse mercadora ou (...) preencher o formulário, claro que não metia sexo. Seria os trabalhos que tive anteriormente. Porque se eu meter sexo sou logo discriminado. Então a gente reserva-se nisto.

RITA: E claro que à sua volta os seus amigos sabem o que faz, se calhar não tem problema, mas sente alguma limitação quando tem que falar sobre o seu trabalho?

LEANDRO: Eu quando saio do apartamento eu nunca falo do trabalho. Nem os outros falam comigo, nem eu falo com eles. É uma vida à parte e é assim que eu giro... orientação porque lá fora, na rua, isso não falo do trabalho.

RITA: E sua rede de contactos, de amigos, de pessoas com quem habitualmente está são mais ligado à indústria ou não?

LEANDRO: Tenho mais amigos ligado à indústria, mas tenho outros que não são.

RITA: E mesmo com os que são...

LEANDRO: Mesmo com os da indústria não falo de sexo fora do meu trabalho.

RITA: Curioso.

LEANDRO: A não ser que marque na associação ou isso e falo em reuniões, mas de resto não falo.

RITA: Relativamente à segurança social e finanças, está registado em alguma dessas, portanto, segurança social ou finanças? Ou não?

LEANDRO: Estou sim. Faço descontos na segurança social e estou coletado em nome individual (...) viver.

RITA: Tem consciência dos seus direitos como cidadão?

LEANDRO: Tenho porque eu estou registado como massagista porque existe essa categoria. E então, eu desconto para futuramente para alguma reforma. Para resguardar.

RITA: Para ter direitos e deveres e assim está assegurado. Sente que é discriminado pela sociedade?

LEANDRO: Nós trabalhadores do sexo somos discriminados pela sociedade. Agora atualmente, isto é, já não somos tanto discriminados, mas ainda somos.

RITA: Pode-me explicar em que sentido?

LEANDRO: Por ex, podem reconhecer-me na rua se houver dês... começam a dizer palavrões e... mas claro quando uma pessoa (...) na rua não vão dizer que aquele é isto, não porque não me conhecem mas quando me conhece a gente é logo discriminado....

RITA: E sente que tem espaço... claro que também faz aqui um trabalho junto da associação, mas sente que tem espaço como trabalhador do sexo para ser ouvido?

LEANDRO: Sim, tenho sim.

RITA: Mas sente que se pensasse aqui, relativamente à profissão que tem, sente que é visível ou invisível para a sociedade?

LEANDRO: É assim, eu sempre tento ser visível para a sociedade como ser trabalhador do sexo. Aliás já tive em várias revistas, já tive em jornais. Agora vou sair no Público. Já tive na revista Cristina. Eu sempre dou a cara, que eu não tenho vergonha de ser trabalhador do sexo.... E não eu estou nem aí porque as pessoas pensam...

RITA: Mas apesar de estar à vontade com o trabalho que faz, esconde da sua família porque é mais por eles? É porque sente...

LEANDRO: Sim, é mais... não é por mim, é mais por eles, entendeu? Mas de resto não tenho problema nenhum.

RITA: Ou seja, sente que o facto de eles saberem podiam depois outras pessoas discriminá-los a eles? Eles sentirem-se mal com a situação?

LEANDRO: Sim, podem outras pessoas também saberem ou contarem e cria-se ali um conflito que não é bom.

RITA: E quando dá a cara, neste caso que disse em revistas, jornais, o Leandro tenta proteger sempre a sua identidade?

LEANDRO: Sim, eu desfoco a cara, mas o resto é tudo real.

RITA: Ok muito bem. Concretamente sobre a lei que nós temos em Portugal, o que acha que devia mudar concretamente na lei face aos trabalhadores do sexo?

LEANDRO: A nossa lei, a nossa luta realmente é reconhecer o trabalho sexual como um trabalho e como somos discriminados (...) indemnização, para não sermos vítimas de burla, de assaltos. Só saber que vai ser um trabalho já nos protege mais ainda porque podemos ir à segurança social, podemos ir ter os apoios que são dos direitos humanos, mas como registo de um trabalhador do trabalho sexual.

RITA: Neste caso estão a desenvolver algum, enfim por ex, eu pelo que tenho pesquisado e do que eu acompanho, a única coisa que eu vi foi da Ana Loureiro ter feito aquela petição para a legalização da prostituição, fora isso não sei, não conheço outro tipo de luta que os movimentos estão a fazer.

Eu não sei vocês têm algo descrito com aquilo que vocês gostariam. Enfim, você já têm as coisas assim organizadas no sentido de, aquilo que vocês sabem que querem pedir?

LEANDRO: Sim, temos e tanto temos que fomos ao Parlamento.

RITA: Ai também foram ao Parlamento?

LEANDRO: Fomos ao Parlamento, sim.

RITA: Eu não sabia. Sabe em que dia é foi? Normalmente as coisas do Parlamento depois estão disponíveis, ou para consulta, ou até mesmo pequenos vídeos.

LEANDRO: Eu digo-lhe já...

RITA: Porque não sabia. E interessa-me saber. Apesar de não...

LEANDRO: É assim...

RITA: Diga, diga...

LEANDRO: O dia mesmo já não me lembro... Deixe-me procurar aqui... Tenho aqui... até a internet está em pandemia... Está...

RITA: Está muito...

LEANDRO: eu não sei se você conhece o site, o "Afirmativo", que é são informações para adultos... jornalístico.

RITA: Não, "Afirmativo"?

LEANDRO: Ponto net.

RITA: Ponto net, não.

LEANDRO: Pronto, lá tem tudo sobre a prostituição atualizada.

RITA: Ah, vou ver. Obrigada. Porque de facto eu já estou à muitos meses a pesquisar e à procura de informação e já encontrei muita coisa mas falha sempre... Ainda no outro dia a Maria me falou no jornal que vos acompanha. Já tinha lido algumas coisas que acompanha o trabalho do movimento. Já tinha lido algumas coisas, mas... pronto, há sempre imensa informação que não nos chega. Vou ver.

LEANDRO: Estamos a falar do ano 2020

RITA: 2020, portanto foi com o movimento?

LEANDRO: Foi o movimento, sim. Representa pela Margarida... foi no dia 6 de Junho do ano passado.

RITA: Ah, ok. Vou encontrar isto.

LEANDRO: Se for a afirmativo.net tem lá tudo.

RITA: Ok eu entretanto depois vou pesquisar. Então aqui onde é que eu estava. Agora vamos aqui, já estamos a terminar.

LEANDRO: O presidente foi ouvido numa Terça-feira, dia 12 na Assembleia da República.

RITA: Ah, ok. Já agora isso já deu em alguma coisa? Ainda não deu em nada?

LEANDRO: Estamos à espera, mas a nossa luta continua.

RITA: Ok. Pois, imagino. Vou tomar nota para depois pesquisar. Isto são coisas que demoram demasiado tempo, a meu ver. Eu não sei se o Leandro conhece, eu jia tinha falado à Maria, o livro que uma ativista, que também trabalhou na indústria do sexo, escreveu, A Ana Lopes que se chama "Trabalhadores do Sexo Unidos", não sei se conhece esse livro? Já foi escrito em 2006, mas no fundo ela estudou e investigou em Inglaterra, criou na altura em 2006 o primeiro sindicato,

e eu tive o prazer de a contactar e ela mostrou-se disponível para falar comigo. Portanto reunimo-nos via Zoom.

LEANDRO: O Zoom tem este problema...

RITA: Vai abaixo.

LEANDRO: Com algum tempo ele vai abaixo.

RITA: Pronto, mas não há problema.

LEANDRO: (...) mudar para outro para não utilizar Zoom.

RITA: Ah, mas normalmente com 2 pessoas não vai abaixo, mas foi.

LEANDRO: Passado 1 hora vai abaixo.

RITA: Estava a falar sozinha e nem me apercebi.

LEANDRO: Eu também...

RITA: Estava-lhe a dizer que as coisas demoram muito tempo, o efeito. Portanto, vocês foram ao Parlamento, estão a aguardar a resposta e eu estava a falar de um livro que a Ana Lopes. não sei se conhece, foi um livro que ela escreveu em 2006 que se chama "Trabalhadores do Sexo Unidos"... consigo lhe mostrar...

LEANDRO: Ana Lopes?

RITA: Sim. Eu vou-lhe mostrar, tenho aqui a capa do livro. Infelizmente eu não consigo comprar em lado nenhum. Fui à biblioteca do Porto e requisitei e basicamente este livro é muito interessante. Ela fez um estudo. Ela viveu em Inglaterra e vive atualmente. Eu por causa deste projeto consegui contactá-la e tivemos uma reunião por Zoom e ela explicou-me, portanto, ela estava muito ligada ao ativismo. Foi trabalhadora da indústria. Atualmente está só com o ensino, mas o que ela me disse foi, portanto, ela criou este livro, escreveu em 2006. Investiu nele durante vários anos e criou o primeiro sindicato lá. Ainda hoje a profissão não foi legalizada. O objetivo dela e do sindicato e associações com quem se foram juntando era tentar dar melhores condições para os trabalhadores.

LEANDRO: Sim, já sei quem é a Ana Lopes.

RITA: Passado tento tempo...

LEANDRO: Foi ao debate sobre a indústria do sexo.

RITA: Ah foi, pronto é... foi uma pessoa importante na luta.

LEANDRO: 2006

RITA: E faz parte também da minha...

LEANDRO: Feministas do séc 21...

RITA: Vamos ver...

LEANDRO: Ela também defende a descriminalização da prostituição... da exploração também porque a atividade deixaria de ser tão atrativa porque os elementos criminais para os traficantes.

RITA: Com certeza, até o próprio tráfico humano. Por ex, eu dou aulas de teatro...

LEANDRO: Ela teve também com o primeiro sindicato de trabalhadores do sexo, que é...

RITA: Em Inglaterra.

LEANDRO: Que é o SW, que é o internacional (...) de sex work que, como é que diz, os direitos laborais de cidadãos, tal como acontece nos países como a Holanda, A Alemanha, a Nova Zelândia, a Áustria, a Austrália. Pronto e a nossa luta continua.

RITA: Claro, claro que sim e é muito interessante. Agora relativamente aqui, e estamos a terminar, mas assim mais direcionado para o espetculo em si, se o Leandro pudesse ter voz neste espetáculo o que gostaria mesmo que fosse dito?

LEANDRO: O que é que lhe diga... deu-me agora assim, eu não sei...

RITA: Assim alguma frase, alguma palavra? Alguma coisa que vocês no movimento dizem e lutam? Enfim... Alguma coisa que sente que é mesmo importante, que chegue ao outro lado?

LEANDRO: Eu pedia às pessoas que não nos vissem como marginais, aliás nós não somos marginais. Para muitas pessoas nós somos marginais, somos tudo o que há pior na sociedade. Nós não somos assim, somos pessoas normais, humanas como toda a gente. Eu acho que isso é o mais importante e as pessoas tentarem nos respeitar. Nós também respeitamos o próximo.

RITA: Claro. Tem algum objeto... Lá está, isto são algumas coisas que eu estou a pedir a todas as pessoas que estou a entrevistar, eu não tenho a certeza se vou utilizar isto ou não, mas é para eu ter o material para o caso de eu depois me interessar utilizar.

Há algum objeto que associe à sua atividade profissional que me possa dizer?

LEANDRO: Objeto como?

RITA: Um objeto, numa coisa que pode utilizar ou não? Quando pensa no trabalho que faz ocorrem-lhe vários objetos? Enfim, há...

LEANDRO: Nós temos sempre vibrador. Agora depende como eu atendo o homem. Às vezes eles gostam também de vibrador.

RITA: Ok.

LEANDRO: Como eles às vezes gostam como as mulheres façam. Com aquilo da cinta...

RITA: Por acaso faz algum registo, tem alguma espécie de lista de clientes? Diário de acontecimentos? Faz assim algum tipo de registo?

LEANDRO: Não. Eu só memorizo o número de telefone, aliás eu não ligo para cliente nenhum, ele é que me liga, porque eles podem estar com família e se a gente mandar mensagem é muito chato e então os meus clientes já sabem que eu não ligo e quando eles precisam eles ligam. Mas de resto não fica mais nada.

RITA: Ok

LEANDRO: Aliás, no nosso trabalho temos de ter a máxima descrição.

RITA: Claro, sim... Pode-me dizer uma música que goste?

LEANDRO: Posso sim.

RITA: Sim, às vezes nós não sabemos o nome das músicas, mas... tem tempo. Dizer isto porque eu no espetáculo irei usar músicas e gostava de poder usar músicas que vocês também partilharam comigo.

LEANDRO: Ai...

RITA: Pode pensar à vontade. Estou aqui a tomar nota.

LEANDRO: Sim, eu gosto de uma música. Eu estava a ver aqui se encontrava, que é... aquelas "as as". Sabe?

RITA: Não, mas é uma música que está na moda? Ou não?

LEANDRO: É.

RITA: Não sabe o nome do artista?

LEANDRO: Agora bloqueou.

RITA: Se conseguir ver no youtube.

LEANDRO: Eu tinha essa música. Eu fiz um vídeo com essa música. Eu fiz um slide das minhas fotos com essa música e estou aqui a achara música, mas estou bloqueado, mas...

RITA: Se for ao vídeo não consegue...

LEANDRO: É isso que eu estou a tentar... Eu não sei... Estou a tentar escrever...

RITA: Mas diga-me. Eu tento escrever aqui e procuro.

LEANDRO: Acho que é "as...

RITA: Das Pussycat Dolls?

LEANDRO: Isso mesmo, estava aqui a ver o nome...

RITA: Espere aí que vou por aqui o nome, não sei, só para confirmar se é...

LEANDRO: Ah, está aqui... Já achei...

RITA: É "as as" das Pussycat Dolls.

LEANDRO: É. Pussycat Dolls.

RITA: Exato. Já escrevi aqui. Então, pronto, já lhe expliquei da fotografia depois da parte do rosto que eu vou pedir.

LEANDRO: Sim. Eu não sei se as minhas fotos dão. Eu tenho fotos reais (?)

RITA: Ok. Eu depois vou ver o seu site.

LEANDRO: Sim, olhe no meu site tem. em lá as minhas fotos todas.

RITA: Ok. Pronto, em termos assim do material que eu precisava já perguntei. Há assim mais alguma coisa que o Leandro se lembre, que queira dizer?

LEANDRO: É assim... É só isto que eu uso....

RITA: Há algum episódio, alguma história relacionada com o seu trabalho que tenha sido curiosa, interessante, misteriosa? Enfim, que se recorde por acaso que me queria contar?

LEANDRO: É assim, como lhe tinha dito. Como a gente (...) para isto, até as próprias, como eu já entrei numa época que havia pouca gente e pronto, já sou um dos mais avançados, e então eu nunca tive aquela reserva. Sempre me abri com as trabalhadoras do sexo, como ela comigo. Por isso não há assim grandes...

RITA: Por acaso aproveito para lhe perguntar, dentro da indústria os trabalhadores são mais do sexo feminino do que do sexo masculino? Não é bem assim?

LEANDRO: É. Há mais mulheres do que homens. Como há mais mulheres do que trans, mas há mais trans do que homens. Homens profissionais somos poucos, somos meia dúzia. Muitos do que você vê é (...) metem por meter, mas profissionais que vivem disso são para aí 10 no máximo.

RITA: E vocês no fundo, estão em contacto uns com os outros?

LEANDRO: Alguns sim, outros não. Porque também outros têm outras vidas. Eles são acompanhantes e também trabalham em bares, ou são strippers. E nós conhecíamos-nos da forma, por ex, se formos a bar stripper eles conhecem, nós falamos, mas assim só gente amigos, só. Agora, claro se eles resistem de ajuda, eu isso claro, contactado uns aos outros e aí vai.

RITA: Ok. Eu vou-lhe só enviar um email de teste — Leandro — só para — o meu email é hotmail. Enviei-lhe agora um email de teste, confirma? Consegue confirmar se por acaso recebeu? Só para eu perceber o que poderá estar a acontecer.

LEANDRO: Ah, agora recebi.

RITA: Ah, recebeu. Pronto. Perfeito, então eu ainda hoje lhe envio os tais documentos e lembro... Eu vou por a da fotografia...

LEANDRO: É o que diz teste?

RITA: É, exatamente esse que diz teste. Pronto, assim pelo menos está a receber as minhas coisas. Pronto o que eu disse sempre às outras pessoas, é, como eu disse na reunião do movimento, eu agora vou continuar a entrevistar. Depois de entrevistar vou ter que transcrever tudo aquilo que foi dito. Vou começar a fazer esta escrito do guião do espetáculo e depois também vou vos mantendo em contacto, para vocês saberem como é que estão as coisas. Vou explicando e mostrando para vocês também poderem dar a bossa opinião e colaborar se tiverem disponibilidade. Está bem Leandro?

Quero agradecer a sua colaboração mais uma vez e a generosidade de me contar aqui a sua história, está bem?

LEANDRO: Está bom.

RITA: Mantemo-nos em contacto. Obrigada mais uma vez. Uma boa tarde. Com licença.

LEANDRO: Obrigado. Boa tarde.

###

Entrevista a Flor
Duração: 00:51:27
Data: 11 de Março de 2021

142 de 259

RITA: Já está a gravar, portanto (...) para gravarmos. Eu, entretanto, no final da entrevista... é só porque está algum barulho e eu não consigo... no final da entrevista envio-lhe 1 email com 2 documentos.

FLOR: Está bem, perfeito. Está ótimo.

RITA: Pronto, então a Flor estava naquela reunião no movimento, não é?

FLOR: Sim.

RITA: Só para lhe explicar, portanto, aquilo que eu estou a fazer é, vou fazer espero eu, construir uma peça de teatro a partir dos testemunhos dos profissionais, portanto, estou a entrevistar várias pessoas. As pessoas (...) gravar a sua entrevista (...) fazer um conjunto de (...) e tentar construir um texto que ainda não sei se serei apenas eu em palco ou se terei mais intérpretes.

O meu objetivo é dar voz aos trabalhadores porque a certa altura percebi-me que (...)

FLOR: Eu ouço um pouquinho corte. está um pouquinho mau. Acho que é a senhora. A senhora quando está a falar eu não ouço.

RITA: Não, é porque eu às vezes paro por causa do barulho... não consigo continuar. Peço desculpa.

FLOR: Ah ok. Não, não faz mal.

RITA: A primeira coisa que eu gostava de lhe pedir é que a Flor me falasse sobre si, me contasse sobre si o que quiser partilhar comigo. Onde é que nasceu? Enfim (...) falar um bocadinho do seu percurso?

FLOR: Sim, eu morei, eu sou brasileira. Morei no Brasil até os meus 32 anos. Entretanto vim para a Europa à procura de uma vida melhor e cheguei e tive uma vida melhor, mas, entretanto, tudo muda. Muda muitas coisas na nossa vida e então vim para cá com o intuito de, como é que diz, ter as minhas coisas todas no meu país, consegui mas foi tudo para baixo porque confiei na minha família. A minha família, como é que se diz, não soube administrar, gastou tudo e foi complicado.

Então, eu casei. Ainda fiquei casada 12 anos, trabalhava normal e separei faz 4 anos e foi que fui trabalhar no movimento como TS.

RITA: Como? Não percebi.

FLOR: 4 anos eu me separei e fui trabalhar como TS.

RITA: Ok

FLOR: E daí para cá correu bem os 3 primeiros anos, só que como aconteceu a pandemia isso mudou muito. Não foi só para mim, eu penso que para todo o mundo. Nós não temos privacidade para nada. Nós não podemos sair de casa. Nós temos que estar preso a tudo isso. Graças a Deus nem eu, nem o meu filho pegamos o covid, isso também é muito porque eu me resguardo muito e eu procuro estar muito em casa para não contrair o vírus e estou parada nesse momento desde Janeiro que começou o confinamento eu fiquei parada em casa. Estou em casa e não está sendo fácil porque a pessoa quando está habituada à sua rotina matinal é outra coisa. Estou em casa, mas à espera de que isso volte não sabemos quando.

RITA: Pois, de facto não. Mas e relativamente, portanto viveu até aos 32 anos em, no Brasil. De que estado é que...?

FLOR: Sou do Pará. Belém do Pará.

RITA: E disse-me que trabalhava noutra área; em que área...?

FLOR: Sim, sim

RITA: Em que área?

FLOR: Trabalhei nas limpezas, cuidar de idosos, em restaurantes, também já trabalhei... tudo isso. Só que eu me separei e não estava dando mais a despesa com o ordenado que eu estava a tirar. A renda está cara. Temos água, temos luz, temos a internet, temos de vestir, que comer. Tudo isso, então não dá.

RITA: Mas veio para Portugal portanto, à 4 anos. Disse-me há 4 anos, não foi?

FLOR: Não, eu estou na Europa já há 15 anos.

RITA: Ah ok.

FLOR: Há 4 anos que estou separada.

RITA: Ah, sim, sim. Portanto há 15 anos que veio para a Europa. Veio porque tinha alguém conhecido?

FLOR: Umas amigas da minha cidade que vieram para cá e me convidaram e eu peguei e vim. Vim através delas.

RITA: Veio logo para Portugal, ou para outro sítio?

FLOR: Não, primeiro eu fui para Espanha. Passei na Espanha 5 anos ou 6, por aí. Mais ou menos. E depois de Espanha é que eu conheci um português e vim para cá, para Portugal. E daqui já não saio mais.

RITA: E, portanto, é do Pará. Pode-me falar um bocadinho da sua família. É filha única, tem irmãos?

FLOR: Tenho uma irmã que mora na Espanha, nas ilhas. E tenho um irmão que mora na Suíça e só eu aqui. O meu pai, quando a minha mãe estava grávida de mim o meu pai faleceu, não cheguei a conhecer o meu pai, então ela, como é que se diz...

RITA: Ficou a sua mãe com os 3 filhos.

FLOR: Sim, à medida que foi crescendo cada um, eu fui a única que ainda ficou mais tempo com ela. Os outros foram logo embora porque queriam uma vida melhor e nós morávamos numa cidade assim um pouquinho pequena e naquela altura, há 15 anos tudo era mais difícil, não tinha coisas que nós temos hoje. Não é só aqui, acho que é em todo o mundo. Evoluiu muita coisa, cresceu tudo. Hoje você pode ser um pequeno ou um grande empresário, você pode ser dono do seu próprio negócio. Então, a gente veio com esse intuito. A gente pensa também nisso. Que é o melhor para a gente.

Aí os meus irmãos foram embora para o Rio de Janeiro primeiro. Depois do Rio de Janeiro, o meu irmão foi para a Suíça, aí a minha irmã ficou no Rio de Janeiro, aí peguei e trouxe a minha irmã para cá.

Entretanto, a gente nunca foi criada junto. A gente é irmã, mas nunca convivemos, então chegou aqui e a gente, ela não gostou. Eu morei na Espanha e foi embora para lá para as ilhas e acho melhor porque ela gosta de praia e tudo isso. Ela, nós, como é que se diz?

RITA: Separaram-se.

FLOR: Sim, nós nos separamos, mas o contacto continua mesmo, falamos.

RITA: Que bom. E na sua cidade, portanto, posso lhe perguntar estudou até que idade?

FLOR: Me formei até para professora. Me formei para “*magisteiro*”. Posso cuidar de crianças também de zero a, até a 4a classe. Posso trabalhar.

RITA: E trabalhou alguma vez nessa área?

FLOR: Não, eu fiz estágios. Só fiz estágios. Estágios que era para a preparação. Só que se eu quisesse trabalhar eu tinha de fazer uma faculdade. Eu não tive mais cabeça para isso e, entretanto, não fiz. Fiquei por aí.

RITA: Muito bem, mas é uma área que gosta ou já não lhe diz...

FLOR: Sim, gosto. Gosto e trouxe o meu diploma para cá para Portugal. Já fui no centro de emprego. Fiz curso para aperfeiçoar mais na minha profissão, como professora e, como é que te diz, e fiz várias formações. O meu diploma aqui em Portugal é equivalência de 9o ano, deveria ter dado mais, não é? mas foi o que deram, mas está bem, pelo menos eu tenho aqui uma equivalência do 9o ano. Posso estudar mais, se eu quiser. Posso terminar o 12o também se eu quiser, mas para já não. Para já não tenho paciência porque são 2 anos e a gente tem que...

RITA: Sim, e relativamente à sua infância tem assim algum momento que se recorde que me possa contar?

FLOR: Não, não lembro muito. Só lembra assim que eu era muito danadinha. Eu era, sempre fui uma menina boa, meiga. Eu sempre me dei com todas as pessoas. Eu tinha muito amigos. Todo mundo gostava muito de mim, mas, entretanto, eu era, assim muito agitada.

Eu tenho essa lembrança que até mesmo na escola eu era um pouquinho danada, como vocês dizem aqui também.

RITA: Mas não se lembra assim ou com os seus irmãos, ou assim algum momento...?

FLOR: Não, porque eu era muito criança quando nós nos separamos. O meu irmão tem 50 e poucos anos, a minha irmã também, então foi muito pouco tempo de convívio. Eu não tenho assim boas recordações.

RITA: E da sua cidade? Há assim alguma coisa só para eu também ter aqui um bocadinho da sua história, do passado. Assim algumas coisas que se recorde? Se não for (...) quando veio do Brasil para Espanha? Como é que foi? Como é que...

FLOR: Ah, quando eu vim do Brasil foi uma experiência muito difícil porque primeiro eu nunca tinha andado de avião, foi uma experiência. Experiência para mim andar de avião até chegar, enfrentar, não sei se foi 14 horas, por aí ou mais, não lembro bem ao certo das horas.

E então, eu cheguei na Espanha, eu comecei a ver aquele povo falar espanhol, nunca tinha visto nada da minha vida. É um pouco confuso na cabeça da gente, não é? A gente, se bem que eu sei muito bem falar espanhol, bem não, eu me defendo porque eu não tenho acento, mas se foi uma experiência muito boa porque eu gostei muito fiquei, sabe que a gente com o imigrante a gente tem direito a certo tempo de visto no país, não é? E quando eu vi a polícia eu nunca me esqueço que quando eu estava na rua, as minhas amigas, a gente ia passear, para a festa, ia beber um copo e a gente quando via a polícia todas nós corríamos com medo da polícia, porquê, porque a polícia na Espanha não é como a portuguesa. A portuguesa, a gente ainda pode andar tranquilamente na rua que a polícia não tem pára, só se for suspeita grande ou se for, como se diz, uma suspeita, ou se for uma denúncia também e eles pegam e te chamam e pede identificação; lá não. Lá na rua se eles te marcam a cara da gente eles, como te dizer, eles chamam mesmo e pedem a documentação e então eu lembro porque eu tinha muito receio quando eu via gente trocava de rua, se escondia sempre e era muito difícil mas eu gostei muito da Espanha, muito mesmo. Espanha é um país muito bom de se viver.

Depois da Espanha fui trabalhar, trabalhei lá. Gostei muito, tive muita sorte e foi muito bom, entretanto eu conheci o pai do meu filho e eu tive de sair da Espanha para vir para cá.

RITA: E como foi a experiência quando chegou a Portugal?

FLOR: Amei, amei Portugal. Portugal é lindo de mais. Tudo é bom, as pessoas, a comida... tudo. Tudo em Portugal é bom. Só tem uma coisa que eu acho muito difícil para nós, e até para vocês que são portugueses, o ordenado mínimo. É só isso que é muito triste, mas tirando isso tudo é lindo (...) que estão muito caras, as rendas estão muito caras, mas tirando isso também está tudo bem graças a Deus.

RITA: Mas quando a Flor veio para Portugal, portanto veio com o pai do seu filho, mas imaginava fazer alguma coisa específica, veio à aventura? Como é que foi?

FLOR: Não, nós viemos para casar, fazer vida em conjunto.

RITA: E trabalhava em que área quando veio para cá?

FLOR: Eu já trabalhei em restauração, já trabalhei na limpeza, já trabalhei a cuidar de idosos.

RITA: Tanto em Espanha como cá?

FLOR: Sim, sempre.

RITA: E há assim algum sonho que gostasse de concretizar?

FLOR: Um sonho, tenho. A minha própria casa e estou lutando. Vou conseguir.

RITA: Claro que sim. Disse-me, falou em filhos, tem um filho?

FLOR: Tenho. Tenho xxx. Está com vergonha... O meu sonho é uma casa, mas eu vou conseguir se Deus quiser, falta pouco.

RITA: Que bom, ainda bem. Agora gostava que me falasse um bocadinho de si porque eu não a conheço e gostava de a conhecer assim um bocadinho mais. Pode-me falar das suas qualidades, dos seus defeitos, o que é que gosta de fazer nos tempos livres, enfim...?

FLOR: Eu gosto muito de passear, de viajar, de conhecer pessoas. Sou muito comunicativa. Sou amiga do amigo. Tenho o coração muito bom, tenho muita pena das pessoas. Se eu poder ajudar eu ajudo. Faço o que eu posso pelas pessoas, mas também não gosto de ver maldade, não gosto de falsidade, não gosto de traição. Essas coisas. Eu acho que a pior coisa que a pessoa tem é ser má de espírito.

RITA: Com certeza, e assim a sua maior qualidade, então é comunicativa e ter um bom coração? Diria que são boas qualidades suas?

FLOR: Sim, ajudar o próximo, que eu tenho muita pena das pessoas, eu, sei lá, se vir uma pessoa na rua pedindo ou passando dificuldade eu ajudo. Só não dou dinheiro porque às vezes as pessoas pegam para a droga, então ah eu tenho fome, está com fome eu vou ali compro alguma coisa, dou para comer e ah mas eu não queria, então se você não queria eu não dou. Porque geralmente quando as pessoas não querem a comida é porque querem para comprar bebida ou droga. E isso eu não admito, eu não faço.

RITA: Claro e faz bem. E então assim um defeito. Que defeito é que vê em si?

FLOR: Defeito que eu vejo em mim é, sou muito desconfiada. Eu desconfio muito assim se a pessoa está a me olhar. Eu pego assim as coisas no ar. Eu sou uma pessoa muito observadora. Eu observo muito as coisas. Eu, como é que se diz, sou muito observadora e vejo no ar quando as coisas estão bem e quando as coisas também não estão. Eu sei quando eu sou bem-vinda e quando eu não sou. É muito importante ser uma pessoa que a gente perceba das coisas até em que certo ponto a gente pode pisar. Tipo assim, quando você está subindo um degrau que você sabe, por ex, naquele andar tem tantos degraus, você vê, eu estou subindo 5, será que está bem? Ou se a sua intuição diz que não está bem você tem de descer. Eu acho que isso é certo. A gente se tocar porque é muito importante se tocar nas coisas porque tem pessoas que fazem as coisas com a maior naturalidade, com a maior, mas isso é só um tipo de pessoas que já são assim. Tem pessoas que fazem as coisas sem perceber, sem maldade mas não é (...) é maldade e a mim me mete impressão de eu não ser como elas, 'tá-me a entender?

Às vezes até eu digo para as pessoas, não eu não pode falar assim, você não pode ser assim, mas eu sou. Então eles têm de respeitar a pessoa.

RITA: Muito bem. Agora falando aqui um bocadinho mais da área do seu trabalho neste momento, portanto explicou-me que foi o facto de se ter separado do seu marido, mas concretamente o que é que a levou a trabalhar na indústria?

Portanto, foi falta...

FLOR: Foi a falta do ordenado mínimo, que eu trabalhava nessa altura e com renda sozinha, com uma renda alta, com água, luz, internet, comida, roupa, sapatos, essas coisas todas e €500, não dá. Agora se for 2 pessoas dá tranquilamente para vier bem, 2 pessoas, mas 1 pessoa sozinha não dá. Não dá porque está tudo caro, ainda mais agora que nós estamos com este confinamento, todas as vezes que nós entramos no confinamento eu vejo que aumenta as coisas. Antes você ia e notava não o preço tão caro como está hoje e acaba isso e baixa tudo. Então eu resolvi mesmo a trabalhar desse modo e gosto, sinto bem. E tenho tudo o que eu quero, graças a Deus, sempre tenho a minha economia. Não posso dizer que eu sou uma pessoa, como se diz, que passo dificuldades que eu não passo. Se trabalhasse sim, mas como eu não trabalho eu vivo bem graças a Deus.

RITA: Não trabalha como trabalhava antes, mas trabalha, não é? Porque aquilo que faz...

FLOR: Sim

RITA: ... é trabalho.

FLOR: Sim, claro. É verdade. Mas também eu tenho o meu desconto da segurança social, eu pago a minha segurança social. Todos os meses pago mais para a frente para a gente ter uma digna reforma.

RITA: Muito bem e já agora como é que está coletada na, qual é o CAE?

FLOR: Eu neste momento estou parada, mas eu tenho ajuda da segurança social que é muito pouco mas é melhor que nada.

RITA: Mas, portanto, está registada na segurança social, como é que está registada? Como desempregada? Como massagista? Enfim, qual é a, como é que está?

FLOR: Não, eu trabalho em limpezas que é a minha área.

RITA: Ahh, com limpezas, ok.

FLOR: Sim, trabalho com isso.

RITA: E concretamente dentro da indústria qual é a área que a Flor trabalha? É apartamento? É rua? Enfim, só para perceber.

FLOR: Como? Não entendi.

RITA: Dentro da indústria que trabalha, neste momento trabalha em que área? É apartamento? Faz rua? Faz várias coisas dentro da indústria do sexo? Só para perceber.

FLOR: Sim, várias coisas.

RITA: Tanto apartamento como, agora perdia-a. Não sei se... Ah boqueou aqui. O que é que faz mais? É apartamento?

FLOR: Um pouquinho de tudo.

RITA: E como é que descreve o seu trabalho dentro da indústria?

FLOR: É bom. Me dou bem com o grupo. Nós todas somos unidas, trabalhamos em conjunto. Bem, não tenho de me queixar.

RITA: É um trabalho que desenvolve todos os dias? Tem um horário? Depende. Como é que organiza o seu trabalho?

FLOR: Como assim?

RITA: Portanto, a Flor dentro da indústria trabalha todos os dias, trabalha só manhã, trabalha fim de semana? Enfim...

FLOR: O meu horário quem faz sou eu. Eu chego a hora que eu quero. Eu saio à hora que eu quero. Eu não sou escrava do meu trabalho. Não sou escrava nem tenho patrão. Eu mesma me governo.

RITA: Organiza o seu trabalho.

FLOR: Sim.

RITA: Portanto, disse-me que gosta e que assim tem a sua independência, não é? No fundo financeiramente, mas faz este trabalho porque não tem outra alternativa?

FLOR: Digamos que entre aspas. Eu gosto mesmo é de trabalhar, mas eu não tenho escolha então neste momento eu tenho e fazer isto. Mais para a frente quem sabe eu volto a exercer as minhas funções.

RITA: Na área da limpeza que é aquilo que...

FLOR: Sim, que gosto de trabalhar escritórios e apartamentos que limpo. Os prédios também. Também trabalho com prédios, limpar escritórios.

RITA: E quais são as maiores dificuldades que sente em relação a este trabalho que desenvolve neste momento?

FLOR: Como assim?

RITA: Há alguma dificuldade que a Flor reconheça, seja ou porque não pode partilhar com as outras pessoas, seja porque se sente insegura, seja porque não é reconhecido como um trabalho. Enfim, há assim alguma dificuldade que reconheça?

FLOR: Reconhecido nunca foi. A discriminação sim, mas reconhecido, ninguém reconhece. Só sabem discriminar, mas enquanto isso eu não ligo porque eu sou uma pessoa que trabalho como "tese" (?) mas eu não sou aquela pessoa que me exponho muito, entende? Sou uma pessoa muito discreta, procuro, como é que te diz, é respeitar a minha imagem perante na rua, todos os lugares. Sou uma pessoa muito reservada também. Saio, chego em todo o canto, tenho respeito por todas as pessoas porque eu também sei em dar respeito. Onde eu chego, bom dia a senhora quer alguma coisa? A senhora precisa disso... Muito obrigada senhora. Sempre me tratam por senhora porque eu sou uma pessoa discreta.

O meu trabalho é o meu trabalho. A rua é diferente do que eu faço e principalmente quando eu saio com o meu filho mais respeito eu procuro ter. Nunca saí na rua que alguém, algum cliente me chamasse e se metesse comigo ou faltasse o respeito. Nunca, graças a Deus.

Sempre tive respeito, sempre entrei nos lugares, saí com a cabeça erguida, sempre. Até hoje, não é? Nunca fui desrespeitada na rua, em nenhum lugar. No trabalho, sim porque às vezes as pessoas têm aquela falta de respeito contigo no trabalho, mas fora daí nunca.

Há pessoas que sim, há pessoas que são discriminadas, não têm respeito onde chega. Como é que diz, em tudo isso.

RITA: Diga, diga. Desculpe.

FLOR: Eu falo por mim. Eu sou uma pessoa bem conseguida. Graças a Deus.

RITA: Muito bem. Então, face aquilo que encontra, à remuneração e etc na indústria, sente que trabalha por escolha na indústria do sexo ou porque não tem outra opção?

FLOR: Neste momento eu não tenho opção. Neste momento, mas eu pretendo sair disso. Se Deus quiser. Não sei quando, mas sim.

RITA: Pretende sair. Tem algum objetivo, é conseguir alcançar a sua casa? Ou seja, quando diz que quer sair, imagino que isso possa acontecer de alguma forma? Porque está à procura de emprego? Porque está, enfim...?

FLOR: Sim, eu estou só à espera de resolver a minha situação e depois que resolver isso eu buscaria uma outra coisa porque também até lá isto vai melhorar, se Deus quiser.

RITA: Sim, esperemos que sim. E relativamente à indústria, quais são os maiores receios que sente quando trabalhar, ou seja, quando vai trabalhar? Neste momento dentro do TS?

FLOR: É que as pessoas nos vejam e (...) no público, no público. Eu acho assim um pouquinho, porque eu gosto de, não gosto de me expor então às vezes a gente se expõe muito. Então não é bom para a gente, para a nossa imagem também.

RITA: E relativamente há algum episódio violento, seja psicologicamente, seja fisicamente. Já teve alguma experiência mais negativa?

FLOR: É problemas assim tipo assim, a pessoa paga a gente, a gente vai fazer a visita com a pessoa, chega na hora não acontece 100%, aí eu quero o meu dinheiro porque eu paguei. Não sei se é essa resposta que você quer?

RITA: Não, não. Eu estou a ouvi-la. Eu quero que me conte...

FLOR: Mas de me pegarem, me baterem nunca isso aconteceu, mas tipo, aí agora vai ter que devolver o meu dinheiro porque não funcionou, não deu certo. Ei a culpa não é minha, a culpa é tua se tu tem teus problemas, não é? Eu estou aqui, eu fiz o meu trabalho e porque eu vou chamar a polícia porque tu estás aqui ilegal e aí eu pego o meu documento e mostro. Eu tenho essa legalidade, fui casa então através do casamento eu tenho o cartão de cidadão. Então chamas a polícia, está aqui o meu documento, mas também foi 1 vez ou 2 que eu me lembre, não me lembro mais, que isso, mas também ficou por ali. Eu tentei retornar a situação, contornar a situação e acabou por ficar tudo bem. Mas é um bocadinho (...) porque tem pessoas que te massacra muito no quarto. Eles chegam com a gente no quarto, ah porque eu paguei, você tem que fazer isto, tem que fazer aquilo. Não é bem assim. Eu sou dona de mim, você pagou para mim fazer um serviço, não foi para ser minha dona. Então vamos ver se nos entendemos que é melhor. Aí, uns a gente consegue retornar a situação, outros a gente não consegue e eles acabam por ir embora, e outros acabam por ficar para esperar mais um pouco.

Mas aquilo ali é muito constrangedor porque a gente já perde aquela vontade de trabalhar. Devido aos insultos. Devido, tudo isso, não é? As palavras que eles dizem, que eles falam também.

RITA: Pois, deve ser complicado.

Portanto, felizmente nenhuma dessas situações teve um mau resultado, não é? Portanto, não chegaram a...

FLOR: Não, teve pessoas que acontece muita maldade, eles batem nelas. Matam, não é?

RITA: Sim, infelizmente, infelizmente.

Mas diga-me uma coisa, a Flor sente que numa situação, por ex, se alguma dessas situações que teve, se tivesse evoluído para algo mais grave, sente que podia procurar ajuda, por ex, na polícia? Enfim, sente que existe alguma forma de proteção?

FLOR: Sim, mas eu acho que se a gente tentar resolver a situação não precisa ir para a polícia. Não precisa problemas maiores e graves também, por isso que por coisas mínimas que a pessoa tentou se alterar, então, eu tentei contornar... eu tentei dar a volta e acabou por ali. Foi tudo resolvido a bem. Não aconteceu nada, mas tem pessoas que não acontece. Isso varia de pessoa para pessoa.

Ainda mais quando a pessoa chega bêbado, tem pessoas que vai procurar a gente bêbado, drogado. São estes tipos de pessoas que a gente tem de evitar. Evitar atendimento com este tipo de pessoas porque é problemas na certa. Nunca corre bem. Nunca.

RITA: Ou seja, e é fácil contornar, portanto, se é abordada por um cliente nesse estado. Consegue, portanto, dispensar o cliente? É uma coisa que se faz...

FLOR: Com jeitinho você consegue e depois o cliente vem a mim e, olha querida eu não posso porque eu estou esperando um cliente agora, já é um cliente habitual e se você vir depois eu pego vou com você. Está entendendo? Olha, mas tem as meninas aí, você escolha uma delas e, entretanto, eles acabam por escolher, ficam bem, vão embora. E fica por ali.

RITA: Ok.

FLOR: Tem outros que insultam.

RITA: Pois.

FLOR: Ah, porque não quer comigo porque eu estou assim, estou assado. Não, não é isso querido. Tem problema não, eu ia assim com você se não estivesse ocupada, se não fosse o meu (...) claro que ia com você. Aí a gente contorna a situação.

RITA: Diga-me uma coisa, existe alguma tabela, portanto, vocês trabalham, praticam todas os mesmos preços face ao tipo de serviço que fazem? Como trabalham para vocês próprias cada uma é que decide? Como é que funciona?

FLOR: Sim, cada uma trabalha para si. Cada um tem o seu preço. Cada um faz o seu serviço, como entende fazer. Umas com camisinha, outras sem. Umas fazem completo, outras não fazem e assim vai.

RITA: E sente que face ao trabalho que faz é bem remunerada? O trabalho que faz?

FLOR: Sim, sou.

RITA: Ok e sente que desempenha bem o seu trabalho?

FLOR: Sim, eu me considero uma pessoa profissional no meu trabalho.

RITA: Muito bem. E então há bocado já me falou um bocadinho que espera depois poder vir a ter a sua casa e ter outro trabalho. Se lhe perguntasse quais são os seus planos para o futuro, assim aquilo que imagina no futuro, são esses planos? É ter a sua casa e mudar de trabalho? Ou tem mais coisas que...?

FLOR: Não, eu penso em ter o meu próprio negócio. Abrir um próprio negócio para mim, ou vender roupas ou... Vender roupas, é... Abrir alguma coisa.

RITA: Gostava de ter um negócio próprio.

FLOR: Sim, sim. Não sei como é que isso vai ser, mas a gente pensa, não é?

RITA: Claro que sim, faz bem. Agora gostava de lhe perguntar quem a conhece sabe o trabalho que a Flor desempenha neste momento? Ou a Flor esconde isso das pessoas à sua volta?

FLOR: Eu escondo porque a minha vida é privada. Ninguém tem o direito de invadir a minha privacidade. As minhas amigas mais íntimas, sim sabem. Mas por ex, outras pessoas não. Eu não digo nada.

RITA: E a sua família sabe o que é que faz?

FLOR: Não.

RITA: E quando tem que preencher, portanto, um formulário aquilo que preenche é que trabalha na área das limpezas? É isso?

FLOR: Sim, eu tenho como comprovar. Eu tenho como comprovar porque não é mentira nenhuma e qualquer coisa eu pego no meu contracto que eu tenho no início da atividade e posso apresentar. É tudo legal, tudo certo.

RITA: Muito bem, muito bem. Que bom.

Sente, portanto, uma vez que só partilha com as pessoas mais íntimas, quando tem que falar sobre esta sua atividade, sente alguma limitação em falar dela? Evita falar, de escrever muito, falar muito? Ou como é que lida com...?

FLOR: Eu nunca fiz isso. A primeira vez que estou fazendo é essa. Eu nunca tinha falado a ninguém sobre isso. Estou falando consigo porque é a través da internet, se não eu não costumo fazer isso não.

RITA: ok. Pronto, já me disse que está registada. Tem consciência dos seus direitos como cidadã?

FLOR: Sim.

RITA: E sente de alguma forma que é discriminada? Seja por esta atividade, por outra coisa qualquer? A Flor sente que é discriminada pela sociedade ou...?

FLOR: Sim. Sou discriminada pela sociedade por ser brasileira, mais nada. Só por isso. Por outras coisas não porque na minha testa não está escrito o que eu faço.

RITA: Claro, claro.

FLOR: Não é? Eu não tenho letreiro. Mas a discriminação é de ser brasileira. Muitos portugueses, portuguesas dizem assim, é quando insultam a gente, vai para o teu país. Aqui não é o teu país. Vai-te embora. Graças a Deus eu nunca tive esse problema porque eu sou uma pessoa que eu ei entrar. Eu sei entrar e sair em todo o lugar.

Então eu procuro não ter problemas com ninguém, entende? Então isso para mim não...

RITA: Não é um problema.

FLOR: Não, não é um problema. Eu já vi muitas pessoas passaram por essa situação, atenção. Eu já vi. Muitas brasileiras, angolanas, de toda a nacionalidade, mas (...) entre ser estrangeiro, não é? E a gente passa por essa coisa, mas eu graças a Deus nunca passei porque eu sou uma pessoa calma, sou uma pessoa educada. Tenho educação. Tenho postura. Sei entrar, sei sair em qualquer lugar e isso conta muito também para a gente. Só não contam mais por ser brasileira, mas o resto a gente vai bem.

RITA: E sente que tem espaço para ser ouvida?

FLOR: Como assim? Ah sim, sim. Muito, em todo o lugar sou bem ouvida e respeitada. Sou bem, como é que diz, tenho respeito. Isso é muito importante, graças a Deus.

RITA: Mas relativamente ao seu trabalho, portanto, há aqui uma pergunta que eu costumo fazer, que penso que relativamente ao trabalho que faz, sente que é uma pessoa visível ou invisível para a sociedade? Relativamente ao trabalho que desempenha neste momento.

FLOR: Visível, não é?

RITA: Acha que é visível para a sociedade? Acha que a sociedade vê os trabalhadores da indústria do sexo?

FLOR: Vê com maldade, não é? A sociedade vê isso com maldade, mas tirando isso muita gente não liga. Muita gente não dá importância, é isso. Mas muitas pessoas sim.

RITA: Sente que não dão importância, como assim?

FLOR: Com a nossa profissão.

RITA: acha que há pessoas não ligam? Ignoram?

FLOR: Não, não. Sim, sim, há pessoas que sim porque eu já vi muitas pessoas, muitas brasileiras casarem com pessoas e a família gostar igual, também não sabem e também muitas das famílias não sabem de onde veio, o que fez e o que deixou de fazer e não discrimina, mais a pessoa e diz que discrimina também.

Tudo depende de pessoas para pessoas. Da mentalidade de cada pessoa.

RITA: Claro, mas da sua experiência, portanto, sente que é tratada pela sociedade de forma discriminatória apenas por ser brasileira, é isso?

FLOR: No meu caso sim. Cada pessoa tem a sua maneira de pensar. Eu penso por mim e é só de brasileira, mais nada.

RITA: E então se pudesse mudar alguma coisa na lei portuguesa relativamente ao trabalho que faz neste momento, o que é que fazia? O que é que acha que devia ser feito?

FLOR: Reconhecido eu não... no meu ponto de vista reconhecer a nossa profissão não achava bem.

RITA: Não? Porquê é que não acha?

FLOR: Porque eu não acho, porque por ex, você vai num centro de saúde, você fica fechada, nas finanças você fica fechado e isso não é uma boa imagem para nós.

RITA: Claro, mas se calhar se fosse reconhecido pela sociedade, não é, se fosse visto pelo...

FLOR: Até que as pessoas... sim, mas há pessoas que não têm problema disso, entende? Eu tenho, estou a falar por mim.

RITA: Claro.

FLOR: Eu estou a falar por mim, mas tem pessoas que querem. Tem pessoas que querem isso. Eu não.

RITA: E o que é que a Flor acha, fora o ser reconhecido, acha que algum direito, a alguma coisa que devia ser alterado na lei para poderem trabalhar ou acha que como está, está bem?

FLOR: Isso nunca vai mudar. Isso nunca vai mudar, nem fulana, nem ciclano (...) está aqui querendo mudar isso, que está querendo fazer as coisas de outra maneira. Está indo a parlamento. Está buscando isto, buscando aquilo. Não é ela, nem ninguém, que vai mudar isso porquê, porque eu não sei se a senhora já tem conhecimento do tempo, desde quando seus avós já eram nascidos isto já existia. Isso nunca vai acabar. Isso nunca vai acabar. O TS nunca vai acabar, então é para quê uma reforma, me diga para quê? Uma reforma com esse tipo de trabalho? Você não acha ridículo? A senhora não acha ridículo?

RITA: Eu não posso, ou melhor, o meu objetivo não é aqui partilhar o que eu concordo ou não concordo, mas eu pessoalmente vejo isto como um trabalho, não consigo ver...

FLOR: Eu não vejo. Eu não vejo. Eu não vejo isso porque eu não acho que isso é um trabalho. Eu, eu. Eu não me vejo como uma trabalhadora. Trabalho na minha área. A minha área é que é um trabalho porque é um trabalho como se fosse, com dignidade.

Isso sim, mas o TS não, não acho. É o que eu acho.

RITA: Mas também se esforça para fazer esse trabalho, não é? Também...

FLOR: Me esforço bastante, que dou o meu melhor também. Trabalho, dou o meu melhor, me esforço porque eu não quero um cliente só para um dia nem por um momento. Eu quero um cliente para muito tempo porque é através dos clientes que a gente ganha, não é?

RITA: mas então sente que é melhor fazer este trabalho de forma mais silenciosa, portanto, mais discreta. Acha que para si é o melhor?

FLOR: Para mim, eu vejo por mim. Por mim sim.

RITA: Sim, sim.

FLOR: eu acho para mim.

RITA: Cada um...

FLOR: eu acho para mim, mas o movimento TS está sendo um movimento muito bonito. Está a ajudar muito a gente em que vê muitas coisas, está sendo, como é que diz, uma coisa muito interessante e a gente também vai aprendendo muita coisa com esse movimento, não é?

RITA: Claro.

FLOR: Mas eu falo por mim.

RITA: Sim e as pessoas não têm todas que pensar da mesma forma, não é?

FLOR: Claro. Cada um pensa da sua maneira e pensa o que acha melhor para si, não é?

RITA: Claro, claro. Claro que sim. Se a Flor pudesse, agora aqui mais concretamente para o espetáculo, se eu pudesse dizer uma frase assim que diga da sua história, assim mesmo uma frase, o que é que gostava que fosse dito?

FLOR: Neste momento eu não sei nem o que dizer. Sinceramente. Não tenho resposta.

RITA: Não?

FLOR: Não.

RITA: Ou relativamente ao tipo de trabalho ou à forma como a vêm, até na sociedade pelo facto de ser brasileira, enfim, alguma coisa que sente importante...?

FLOR: Ahh, a sociedade discrimina muito as raças, as nacionalidades também. Isso é um direito que ninguém pode fazer. Nós temos o nosso direito e ninguém pode fazer isso.

RITA: Claro.

FLOR: É um direito nosso da gente ser o que a gente é, de onde é que a gente veio. O que a gente faz. Ninguém pode discriminar. Mas há muita. Muita discriminação.

RITA: Portanto, seria mais nós somos todos iguais, não é? Não sei se foi isso que disse?

FLOR: Sim, sim.

RITA: Muito bem, relativamente ao trabalho que faz, há algum objeto que quando pensa no trabalho que está a fazer neste momento, há algum objeto que lhe vem logo à cabeça?

FLOR: Objeto como assim?

RITA: Ou um objeto que use no seu trabalho, isto, ou seja, estas últimas perguntas, estamos a terminar, são as últimas perguntas que eu estou a fazer no sentido se eu quiser utilizar, por ex, uma das perguntas que lhe vou fazer é uma música que gosta, alguns objetos que eu não sei ainda do que eu vou utilizar no espetáculo.

Estou a recolher algumas informações, por ex, já me disseram batom, lingerie, enfim, há assim algum objeto relacionado com o seu trabalho...?

FLOR: Um fetiche, qualquer desejo?

RITA: Pode ser um fetiche ou algum objeto, mas sim pode ser relacionado com um fetiche, sim claro.

FLOR: Sim, tem pessoas de meia calça, aquelas meias que (...) com o vestido, (...) meias. Tem pessoas que gosta de um batom vermelho, uma boa lingerie.

RITA: a Flor o que é que gosta? Gosta da meia, gosta do...? Há assim algum objeto que goste?

FLOR: Não, por acaso eu tenho as minhas lingeries, mas não tenho nenhum cliente que exige isso. Não tenho, graças a Deus.

RITA: Não se sente confortável?

FLOR: não, não é que seja confortável. Eu não tenho clientes que exigem esse tipo de coisas.

RITA: Ok, muito bem.

FLOR: Tem clientes que exigem sim. Uma boa calça, sapato alto. Tacões. Lingerie. É vibrador. Essas coisas todas. Eles exigem.

RITA: Muito bem. Mas se tivesse que eleger assim, para si Flor, se tivesse que escolher um objeto desses todos que falou, qual é que me dizia?

FLOR: Olha, como é o meu dia-a-dia a lingerie.

RITA: A lingerie. Muito bem. Relativamente ao trabalho que faz, tem alguma agenda, alguma lista telefónica onde toma nota dos contactos dos clientes, ou só usa o seu telefone?

FLOR: Eu não dou o meu telefone assim para ninguém.

RITA: Ahh.

FLOR: Não tenho outro telefone. Tenho só o meu telefone e só dou para 1 ou 2 pessoas que eu já conheço há anos e se que não vão me perturbar e sei que não vão me criar problemas, mas, então eu não costumo dar isso não.

RITA: Mas e como é que divulga o seu trabalho? É no jornal? É site? Como é que divulga?

FLOR: Não, às vezes até na rua. Às vezes eu saio, até na rua. Eu saio, 1 pessoa me vê e para e começa a conversar, eu converso e vou logo direta ao assunto, quer quer, não quer tudo bem e também trabalho nos apartamentos, onde eu trabalho também, ou na rua. Onde seja, as pessoas já sabem também.

RITA: Muito bem. Posso lhe perguntar uma música que goste? Sabe assim alguma música que me possa dizer?

FLOR: Neste momento, gosto muito das músicas portuguesas também.

RITA: Gosta. Há assim algum artista português que goste especialmente?

FLOR: Tony Carreira. Gosto muito.

RITA: Ok. Muito bem — Tony Carreira — E então aqui, ah, vou-lhe explicar. Nós já terminamos. Vou-lhe explicar, portanto, o email que lhe vou enviar é com um documento a consentir a utilização daquilo que me está a contar, sempre confidencial e os papeis...

FLOR: A conversa não está mais gravando, não?

RITA: Como?

FLOR: Está gravando ainda?

RITA: Sim. Ainda estamos a gravar. Sim. Sim.

FLOR: Quando a senhora parar falamos um pouquinho sem gravação.

RITA: Sim e depois uma das coisas que eu lhe vou pedir nesse email é, depois que me tire uma fotografia de uma parte do seu rosto, de um olho, do nariz, ou de uma orelha porque a minha ideia é com as fotografias de todas as pessoas que eu estou a entrevistar fazer uma cara grande. Portanto, isto é uma coisa que imagino que quero construir no espetáculo, tenho um amigo artista que trabalha com vídeo e etc. Então a minha ideia é depois fazer estas montagens desta fotografia, portanto depois pedia-lhe para olhar para o seu rosto e ver que parte do seu rosto é que gostava de poder tirar uma fotografia.

FLOR: Está bem, mas tem que ser hoje ou posso...?

RITA: Não, não. Pode ser, eu vou enviar-lhe o email e depois a Flor há de responder quando lhe der jeito. Está bem?

FLOR: Pelo email?

RITA: Pelo email, exatamente.

FLOR: Ok.

RITA: Pronto, antes de terminar aqui a gravação quero lhe agradecer a sua colaboração. Ter partilhado comigo a sua história. A sua generosidade e ainda mais disse-me que foi a primeira vez, olhe é um prazer ter aqui a sua história.

FLOR: De nada. Obrigada eu também.

RITA: Então vou parar aqui a gravação.

###

Entrevista a Susana

159 de 259

Duração: 1:42:38

Data: 15 de Março de 2021

RITA: Agora que já está a gravar vou-lhe pedir autorização para gravar para que isto fique também gravado que autoriza a gravação. Eu não sei se a Maria lhe explicou um bocadinho o que é que eu pretendo, mas eu depois também lhe expliquei mais ou menos, mas assim concretamente o objetivo é eu entrevistar os trabalhadores, com os testemunhos com aquilo que vão partilhar comigo tentar escrever aqui o texto, que eu ainda não sei se vou escrever para uma só personagem que serei eu, se serão várias pessoas a contar estas várias histórias, enfim, o processo criativo só depois de eu ter as entrevistas todas concluídas e os textos todos é que eu vou perceber o andamento, mas também como disse vou pôr sempre toda a gente em contacto, vou explicando como é que está o processo e gostava também de poder mais para a frente contar com a vossa colaboração e posso partilhar convosco como é que estão as coisas para vocês darem a vossa opinião.

SUSANA: Sim claro com certeza, inclusive eu quero ver a peça.

RITA: Sim, sim, claro, claro que sim, claro que sim, esperemos que as coisas agora continuem a melhorar para que isto possa acontecer.

SUSANA: Esperemos que lá para Agosto, Setembro as coisas voltem à normalidade, então...dedos cruzados.

RITA: Esperemos que sim, precisamos todos da nossa vida não é?

SUSANA: Precisamos todos de uma folga disso tudo né?

RITA: É verdade....então assim para lhe falar um pouco sobre mim porque a Susana vai falar um bocadinho sobre si, eu sou Portuguesa nasci no Porto, somos 4 irmãos, eu sou a filha mais nova, portanto são 4, 2 rapazes, 2 raparigas, eu vim assim...fora do tempo. Desde muito pequenina que eu sonhava com o palco, com ser atriz e cantora e etc etc, e quando entrei para o 10º ano, com 15 anos fui estudar teatro do 10º ao 12º, depois percebi que a área não era assim tão fácil e

sobreviver não ia ser assim tão simples a viver da cultura e da arte e etc, e então tentei outro caminho, estudei outra coisa, estudei marketing, trabalhei noutra área mas não me sentia realizada e em 2013 voltei à área artística, eu também sou procelosa, portanto para além de atriz e também trabalho na área da música como cantora, eu dou aulas de expressão dramática, a crianças, jovens, a parte do ensino é aqui uma parte importante da minha vida e se calhar também pelo ensino comecei a preocupar-me muito por questões humanitárias, o meu sentido ativista começou a, eu sempre fui muito preocupada com as pessoas, mas se calhar por dar aulas e os temas de igualdade de género, da violência doméstica, enfim assim alguns temas começaram a fazer muito sentido e eu quando senti vontade de voltar a estudar, portanto, eu estou no último ano do mestrado de Interpretação, nós desde o início tivemos que começar a desenvolver uma ideia e eu comecei logo pela violência, a questão da violência estava muito à minha volta, depois passei da violência, a violência da mulher, depois para a violência social, e a certa altura eu tinha vários pontos, que era, eu tinha um grande ponto que era as pessoas marginalizadas pela sociedade, eu tinha os trabalhadores do sexo, eu tinha os condenados, eu tinha as doenças mentais....enfim, eu tinha assim alguns pontos, não podia ir a todos e a certa altura, talvez pelo caso da Gisberta, que eu acho que a Susana, não sei se tem conhecimento do caso da Gisberta que foi uma transexual, trabalhadora do sexo morta aqui no Porto em 2006.

SUSANA: Não, não tenho conhecimento nenhum, nem estava cá ainda.

RITA: Pois claro claro, mas foi assim uma coisa muito absurda, foram jovens, e ainda para mais que a mataram de uma forma muito drástica, e isto ficou durante muito tempo na minha cabeça....e então nesta altura tudo se cruzou e eu disse, é isto que eu quero....eu quero dar voz a estas pessoas, eu quero saber quem são estas pessoas, como é que elas são tratadas principalmente pela sociedade, porque aqui o que me interessava não era a violência por parte de clientes, como é que estas pessoas vivem...como é que se sentem inseridas numa sociedade que não as aceita, que não vê este trabalho como trabalho....enfim, estas questões foram assim aqui me acompanhando, e no findo aquilo que eu quero tentar perceber é isto....como é que os trabalhadores vivem, como é que se sentem inseridos na sociedade, enfim....é um bocadinho por aqui.

A primeira coisa que lhe gostava de perguntar era precisamente para me falar um bocadinho de si, da sua vida, do seu percurso, enfim daquilo que me quisesse contar.

SUSANA: Aí você pode também me ir perguntando também o que....

RITA: Sim eu também lhe vou perguntando algumas coisas, mas para já queria só que contasse o que me quisesse contar.

SUSANA: Bom, em relação né à vida fora da webcam e fora do trabalho, eu tenho 37 anos, completados na sexta feira.

RITA: Ahhhh muitos parabéns então.

SUSANA: Não parece, 37, com esta carinha não parece que eu já estou com 37, mas pronto.

RITA: Está muito bem conservada.

SUSANA: Verdade já com 37, eu falo que deveria considerar 36 né porque 2020 não vale.

RITA: Exato.

SUSANA: Eu sou nascida em S. Paulo, no Brasil, sou filha única, por parte de mãe, por parte de pai tenho um meio irmão, xxxx Também sou da parte de artes....eu sou professora, bailarina e coreógrafa de dança XXX. Dou aulas, comecei a dançar em 2006, comecei a dar aulas em 2010, e comecei precisamente numa casa de cultura que foi onde eu comecei a aprender a dançar e foi por indicação da minha professora de lá também nessa altura, e me falou...olha eu acho que vocês pode começar a dar aulas e tal, que foi uma coisa que aconteceu meio que ao acaso, precisei de substituir ela de última hora numa aula em que ela, enfim...bateu com o carro e não ia conseguir chegar, e as alunas já todas lá e ai ela perguntou se eu podia substituir, eu acabei por substituir e foi a partir dai que ela plantou essa sementinha na minha cabeça para começar a dar aulas. E ai também fui me aperfeiçoando, busquei outras professoras, busquei outras escolas para poder passar mais conteúdo para as alunas e também para aprender uma maior didática, porque lidar com o corpo do outro não é fácil, e então você sabe lidar com o seu mas o outro tem uma outra vivência, tem outras dificuldades, também uma coisa que me atraiu muito foi estudar tanto que eu estudo também até hoje. Faço aulas com uma professora daqui, nessa casa de cultura tive vivências com vários tipos de alunas, então, alunas que viviam mais em bairros de periferia, né bairros mais periféricos, também tive alunas que moravam em bairros próximo dali e que já eram mais de uma classe média-alta. Tive também contacto com alunas que inclusive já tinham tido contacto com relacionamentos abusivos, uma até chegou uma vez na aula com o olho roxo, então, é a partir dessas vivências eu também já pensei, inclusive, a querer fazer um trabalho com mulheres vitimas de violência doméstica, porque a dança ela existe um resgate na auto-estima também que é muito grande, é muito bom, realmente transformador, e eu falo isso também....porque eu passei por um relacionamento assim, há anos atrás e a data foi uma das coisas que justamente me manteve firme, porque naquela altura eu já dançava, mas era o que me fa...era a minha válvula de escape, então foi uma das coisas que me manteve sempre firme. Também cantei, cantei quase 10 anos em coral, era um coral de canto erudito, então cantei também em coral, fiz aulas de canto lírico, por acaso sou casada também com um músico, xxxx, a minha mãe é desenhista, tenho um primo que é violinista, então assim....a arte também é outro lado também a minha família. Uma das minhas professoras, lá do Brasil era formada em arte cénicas, então também é atriz...então é algo que eu gosto. Por acaso quando eu estava ali na altura dos 15 anos eu cheguei a começar a fazer teatro, mas não foi uma coisa que eu levei muito à frente, a minha cena sempre foi mais a música e a dança.

E vim para aqui para Portugal em 2017, no meio de 2017, foi Julho, só que desde então o começo foi bem difícil, né? Meu marido e eu trouxemos boas reservas, a gente quando chegou aqui ele sempre teve bastante trabalho como músico xxxx. Só que eu aqui em nível de dança não consegui ter o mesmo sucesso, o mercado aqui da dança XXX é bem pequenino e enfim, tem currículos que mandei para várias escolas que até hoje nunca nenhuma me respondeu, mas já cheguei a dar workshops para uma casa do Brasil, que por acaso já apareceram alguns alunos para aulas individuais, uma vez ou outra aparece alguma, tenho também ainda algumas alunas que faziam aulas comigo no Brasil que eu continuo dando

seguimento às aulas em modo on-line, não desde quando eu voltei, né? Porque eu não tinha pensado nessa alternativa antes, mas também é tanta coisa quando a gente chega aqui que você mal pensa, você se acaba preocupando mesmo com as coisas mais urgentes né? Documentação, arranjar trabalho e tudo o mais. E bom...não foi fácil realmente.

Então agora até começar a contar como comecei esse percurso né como cam girl foi quando, acho que tinha uns 4 meses que eu estava aqui já, já tinha mandado o currículo para todo canto, escola de dança, rececionista, para empregada de mesa, para auxiliar de cozinha, para copeira e ninguém me chamava. Várias, várias portas na cara e já estava para acabar as nossas reservas, como já tinha entrado o inverno os trabalhos do meu marido já tinham diminuído um bocadinho, e aí chegou num ponto...a gente estava numa semana em que a gente só tinha €20 para passar aquela semana. E aí o mês seguinte já próximo de chegar e aí já tinha acabado o adiantamento que a gente tinha dado de renda para a minha senhoria, que a gente já tinha dado 4 meses adiantado e mais 2 meses de caução e aí você fica: -como a gente vai pagar o aluguer do mês que vem? E continuava sempre à procura de trabalho, até que eu vi um anúncio no OLX que falava sobre entretenimento masculino pelo telefone e internet e lá eles prometiam ganhos de em torno de €1500 a €2000 por mês. Tinha uma base fixa de €600 e mais as comissões que a gente fizesse né? E aí, ok, eu li o anúncio comentei com o meu marido demos risada até e tal né? E aí, dali a pouco, meio que os dois em conjunto, parou, pensou e volta ali e aí eu peguei e fui olhar de novo, aí eu falei para ela. Aí e mais, a ideia não é má, não tem contacto físico, e única questão seria mesmo a questão do meu rosto, né? Porque por ser bailarina a gente sabe que como artista a gente acaba por ser uma figura pública.... Enata tem realmente essa preocupação com imagem e aí ele falou assim mais €2000 por mês é uma quantia considerável. Ok e aí a gente pensou mais um pouquinho, vai responder...vê o que dá né? Aí eu respondi...me responderam logo de volta, pedindo para marcar uma entrevista comigo, eu fui até o local, em princípio quem encontrou comigo foi uma senhora, chamada Inês, que foi, que nós nos encontramos ali no, na frente da...aí é numa escola de línguas, conhecido fugiu agora, esqueci o nome. Nós encontramos ali e aí dali nós fomos para um café que tinha logo à frente, e ela conversou um pouco comigo, me explicou, perguntou se eu tinha entendido bem o anúncio e eu falei que sim e aí marcamos um outro dia para ter uma entrevista com o chefe dela né? O chefe dela era dono de uma casa de convívio que tinha ali nas imediações. E pronto marcamos a segunda reunião, ela confirmou as coisas que estava lá no anúncio, na segunda reunião ele também me confirmou o mesmo, me explicou mais uma vez, me perguntou se eu tinha a certeza, se eu tinha entendido tudo certo, e me levou para o espaço, ela até já me tinha pedido para eu levar uma lingerie, um sapato de salto para eu poder tirar, para eles poderem tirar as fotos para poder colocar anúncio né? E aí me levaram para lá e me deixaram um tempinho numa sala com uma menina que também fazia web com lá, mas assim a gente quase não teve tempo para responder a menina também era muito quieta, é, né? Não tivemos tempo de conversar nem nada. Então assim eu só vi no máximo ela respondendo a algumas mensagens no skype, e foi só, aí me chamaram para tirar umas fotos, eu tirei as fotos e aí saí e aí me marcaram de me mandar a morada de onde eu ia atender. E aí, nem era lá, em princípio ia ser em xxxx mas depois passaram a avisar que ia ser em xxxx. Aí fui né? Na segunda feira fui, eles já tinham colocado todos os anúncios, eles forneciam telemóvel, um computador portátil, e aí basicamente a sala era como se fosse, ficava num prédio que era como se fosse um prédio de escritórios, meio um pouco de fachada...então no R/C

tinha algumas salas, tinha uma receção e tinha também uma cave que tinha mais duas salas também lá em baixo, então inclusive tinha um escritório nesse R/C que ficava bem ao fundo. Um escritório, escritório mesmo, era um escritório de Design, era do tipo, e nós ficávamos lá em baixo na cave. E aí ficava a rececionista que era contratada da dona da casa de convívio, que ficava ali para dar algum suporte para a gente, para ver se a gente estava trabalhando e para saber se estava tudo bem. A gente também tinha que passar os relatórios para ela do que tinha sido feito no dia e do que tinha sido feito na semana. Então nós tínhamos ali um caderno para anotar o que tinha sido feito, a menina confirmava os pagamentos comigo e depois ela tinha ainda de ligar para as meninas responsáveis pelos pagamentos para olharem no banco, porque ela não tinha acesso a nada. Enfim, esse processo ficava demorando e a gente tinha até que ficar enrolando o cliente ali para ele ter um pouco de paciência e para eles não acharem que nos estávamos tentando ali enganar, ou qualquer outra coisa do tipo.

Fiquei 2 semanas, porém, o que aconteceu foi que eles prometeram pagar €150 semanais e mais a percentagem de 40% do que a gente tivesse feito naquela semana. Acontece que passei uma semana, cheguei a sexta feira recebi uma percentagem menor do que eu tinha feito na semana e nem nada dos €150. Achei aquilo estranho. Na semana seguinte quando ele veio lá para ver como é que a gente estava, eu questionei isso e ele: -Ahhh porque a gente conta 7 dias e então esses €150 vai fechar agora nessa terça feira. Achei estranho, mas OK né? Aí chegou na sexta feira e eu contando com mais aqueles €150 e comissão do que tivesse feito não veio de novo. Eu achei aquilo meio estranho.

...já estava meio com TPM, já ali, né? E eu voltei para casa meio que indignada, cheguei falei com o meu marido...era perto ali do feriado...acho que tinha o feriado 1º de Dezembro e aí eu falei com o meu marido, olha a gente não vai trabalhar, entendeu? A gente não vai trabalhar, acho que o feriado ia cair na sexta feira uma coisa assim...então ia ser mais prolongado e aí eu falei para o meu marido...olha eu vou pensar mas eu acho que não vou voltar lá na segunda...eu vou ligar, vou dizer que eu arranjei um outro trabalho e que eu não vou mais porque eu não estou recebendo o que é certo...e aí o que é que me safou....se você deve estar pensando aí nossa não estava com a renda para pagar? Já no dia 8 e vai largar o pouco que tinha...eu tinha uma amiga no Brasil que ela já tinha feito web com e quando eu comentei para ela que eu estava fazendo nesse espaço e ela falou para mim....mas você pode fazer em casa... tem vários sites, que eu posso te passar que você pode trabalhar e vê com o teu marido se ele não consegue descobrir os sites que...é...eles colocaram os anúncios. E aí eu pus o meu marido para pesquisar...pus o meu marido para pesquisar, ele achou, no fim de semana mesmo a gente fez as fotos, eu avisei na segunda feira que eu não ia mais voltar e assim que eles retiraram os meus anúncios no ar...eu fui e coloquei. E aí comecei a trabalhar a partir de casa mesmo.

xxxx

eu encaro também unicamente como trabalho. Não tenho nenhum....não crio nenhum vínculo com o cliente, para não dizer que eu não tenho vínculo....eu tenho clientes que eu tenho um pouco mais de intimidade...que a gente conversa também sobre outras coisas....mas são poucos...são bem poucos...mas por exemplo...eu não sou o tipo de menina que cria falsas expectativas...então...há meninas que realmente criam falsas expectativas para segurar cliente...eu não faço isso....eu prefiro perder um cliente do que ter que ficar ali dando voltas, a ter que ficar a

contar um monte de mentiras para nunca encontrar com ele. Então eu prefiro sempre logo dizer....olha não vai acontecer...eu sou casada...contato comigo é só pela web, tento claro por vezes dar uma contornada nessa insistência...como... vou encarar isto como um elogio....mas...não é a minha cena...então...não crio essas expectativas eu prefiro manter assim...fora também a questão da exposição né? Eu também quando era mais nova eu já morei em pensão onde tinham meninas que faziam convívio no Brasil...então eram minhas vizinhas...é...a lavanderia, a cozinha era partilhada, dai muitas vezes eu acabava por conversar com elas nessas zonas, então eu sei muito das experiências delas, já aconteceu de eu acompanhar uma num hospital porque ela tinha sido agredida por um cliente...então eu sabia um pouquinho da vida de cada uma. Tinham meninas que tinham sido modelos, que tinham vindo de outros estados para São Paulo, para poder, pela agência né? E faziam o tal de book rosa, não sei se vocês têm esse mesmo nome aqui...

RITA: Não...mas não sei o nome que dão ca...mas sim infelizmente sei que lhes vendem uma ideia que vão fazer um trabalho e depois é isso...

SUSANA: Não...na verdade, elas sabem, elas sabiam...elas vinham realmente para modelo, elas trabalhavam como modelo mas elas também eram acompanhantes e geralmente acompanhantes de alto nível mesmo...tinham meninas que eram prostitutas de rua....então...eu convivi muito com elas...então eu via pelas coisas que elas me contavam, pelo dia a dia delas, pelas histórias de cada uma para saber o suficientemente para que não...essa vida não é para mim...não quero essa exposição...não quero correr o risco de ser assaltada...de ser agredida e principalmente de estar com uma pessoa que eu não quero. Porque...as vezes a gente nas nossas vidas de solteira, as vezes a gente estava ali com um rapaz....e ali no meio....ahhhh não não não....não gostei...não quero continuar....e....quando a gente é mais nova a gente acaba por ceder e fazer coisas que as vezes a gente não quer fazer né? Para não desagradar e agora imagina você fazer isso com uma pessoa que você não conhece, que as vezes não bateu ali a energia, não tem química nenhuma...então...enfim essa não é mesmo a minha cena. E então aí...eu comecei a trabalhar...voltando ao assunto anterior....comecei a fazer web mesmo em casa, graças a deus consegui o dinheiro para a renda em 2 semanas, mas trabalhei muito...muito...que eu trabalhava das 2 da tarde às vezes até 4/5 da manhã, essa foi a minha falha inclusive no começo...depois com o tempo eu fui reduzindo realmente o meu horário de atendimento porque eu estava mesmo muito cansada....mas a nível de urgência...quando você tem urgência a gente realmente corre atrás, com mais....com mais gana. E aí depois com o tempo fui diminuindo o meu horário de atendimento, ajustando aos horários que eu via que tinha maior movimento porque também vem muito disso....da observação. Então....a gente, eu atendo realmente num horário que eu tenho mais....tenho mais clientes, que já costumam me chamar mais, que é das 3 da tarde até as 8 da noite, nos dias que eu tenho aula....eu encerro um pouco mais cedo, e...e pronto....também me sobra um tempo para ficar com o meu marido, também para poder descansar...tenho também tempo na parte da manhã para poder fazer as minhas atividades em casa, para fazer meus exercícios né?...quando o ginásio tá aberto, para ir ao ginásio...eu tenho aqui a minha rotinazinha fora da web que é bem normal, bem comum.

RITA: Muito bem, e então já está a fazer esse trabalho há quanto tempo?

SUSANA: Tem 3 anos e acho que uns 4 meses, foi no final de Novembro começo de Dezembro.

RITA: Sim sim...e portanto de 2018?

SUSANA: 2017.

RITA: Ahhh 2017, pois claro....é que com este tempo a pessoa fica assim meio embaralhada...e estou assim curiosa com a questão da exposição do seu rosto...era algo que a deixava desconfortável como é que resolveu....portanto a partir do momento que assumiu fazer o trabalho, mostra o seu rosto ou não?

SUSANA: Não...eu uso uma mascara, não mostro o meu rosto...Eu uso uma mascara, daquelas normais, tipo que cobre só aqui, e entretanto eu tenho por exemplo uma exceção...por exemplo, quando...se o cliente faz questão de ver o meu rosto, eu não tiro a máscara depois ou durante um show por menos de €100, e isso tem que ser pago antecipadamente...se ele me pedir a meio...ahhhh eu te pago no final do show....nem pensar. Então se quiser isso tem que ser antecipado e é €100 só para eu tirar a máscara. Nenhum até hoje se atreveu.

RITA: Pronto, disse-me que nasceu em São Paulo e, portanto, viveu a sua vida até vir para Portugal em 2017...viveu sempre em São Paulo?

SUSANA: Não...eu tive muitas mudanças. É assim....a maior parte foi realmente dentro do estado de São Paulo, não cheguei a morar fora desse estado...pelo menos eu nunca morei fora do estado de São Paulo...teve apenas um pequeno período, que eu deveria ter aí uns 3/4 anos que xxx que a minha mãe acabou indo para o estado de Minas Gerais, ela foi para a casa da minha avó. Mas foi um período bem curto...eu tenho vaga lembrança disso também que eu era muito pequena. Mas a maior parte foi no São Paulo, Capital e no interior de São Paulo.

RITA: Sim sim...e disse-me que estudou...pronto também está ligada á dança, canto e etc e estudou...posso lhe perguntar até que ano estudou?

SUSANA: Eu cheguei a começar a fazer...letras, tradução, quando eu estava ali com 18 anos...mas por questões do horário do curso que era de tarde, e aquela altura eu morava só com a minha mãe, e então os meus pais já se tinham separado há muito tempo, e eu precisava de ajudar em casa...e então...eu acabei por parar com a faculdade naquela altura. Tive que parar com o curso...não cheguei a voltar, mas...é assim uma coisa que gosto, eu gosto de escrever, eu gosto bastante de literatura...eu sou apaixonada por literatura, gosto muito de ler inclusive autores clássicos, adoro livros antigos...gosto também de idiomas. Aqui eu ainda não consegui fazer...mas eu quero voltar a fazer inglês...até para poder melhorar o meu inglês, eu já falo...mas como a prática é pouca acabei regredindo bastante...então antes que eu tinha um inglês intermédio agora para conversar tá no básico...mas consigo me safar, quero melhorar e aprender também outros idiomas então tenho vontade também de aprender alemão, tenho vontade de aprender italiano, porque eu também tenho descendência italiana. Tenho vontade também de aprender francês, que até tive um pouco na faculdade...é...mas já não me lembro quase de nada...então, também tenho esse gosto.

RITA: Diga-me uma coisa para o seu trabalho, precisa, fala só português ou precisava esta questão das línguas dava-lhe jeito, ou só usa o português?

SUSANA: Olha...eu tenho clientes que por exemplo são italianos, tenho um cliente que é italiano, eu tenho um cliente que....de vez em quando aparece algum de Inglaterra, alguns dos estados unidos mas é muito raro, a maioria é basicamente daqui da Europa, mas é uma minoria, então vez outra também aparece um ou outro indiano que vive aqui, ou algum árabe então falar para eles em inglês acaba por ajudar...mas assim... é uma parcela muito pequena.

RITA: Relativamente á sua infância...tem assim algum momento que me possa contar?

SUSANA: Da minha infância?

RITA: Infância, juventude...assim algum momento mais antigo que possa partilhar...

SUSANA: De cabeça assim...

RITA: Uma situação engraçada...uma situação menos boa...enfim menos boa ou boa...tanto faz é a mesma coisa alguma que se recorde.

SUSANA: Olhe...menos boas...é mais fácil de lembrar né? Isso que é complicado...xxxxx...lembranças boas...me remete assim para muita coisa, assim da época da infância, minha avó principalmente...minha avó paterna que eu sempre tive uma ligação com ela muito forte, então...ela eu acho que ela é neta ou bisneta de português, não tenho a certeza...eu tenho aqui que eu trouxe o livro de receitas dela. Então tem assim várias receitas...várias receitas portuguesas, inclusive tem receita de bacalhau, tem receitas de arroz, tem várias receitas aqui...então tem essa ligação assim com ela. Assim, tenho uma memória bem agradável da minha avó da época de infância, da adolescência que também morei com ela, sei que também não foi fácil ter uma adolescente de 15 anos metida dentro de casa quando ela já estava ali com uns 70 né? Mas é isso...acho que assim de infância essas memórias afetiva vem assim da minha avó, não que eu não tenha uma ligação com a minha mãe...eu tenho uma relação assim bem forte com a minha mãe...hoje em dia por estar longe, tenho mais ainda, porque o facto de não conviver mais junto acho que exige uma ligação maior quando se está distante.

RITA: É também sentirmos, termos mais tempo para pensar na ausência e na falta que nos faz num é? Por isso também valorizamos.

SUSANA: Sim sim, e lembranças assim de infância...infância, bom... como eu sempre mudei muito né? xxxxx A minha infância foi assim de muitas mudanças assim ...mudanças físicas mesmo. Tantas adaptações as escolas, eu acho que sou bem flexível, sou muito maleável a mudanças...então...é...e também eu já mudei tanto que hoje em dia acho que se eu tiver que encara mais uma mudança talvez não seja tão difícil.

RITA: Que sonhos é que sente que gostava de concretizar?

SUSANA: Olha...eu acho que o sonho...o sonho...de qualquer pessoa né?...é se enxergar bem o sucedido na carreira que escolheu, então... ter alguns reconhecimento, eu acho que essas coisas...apesar que essa questão de ser bem sucedido é muito relativo vai de pessoa para pessoa, eu acho que ser bem sucedida na carreira que escolhi dentro da dança, e... ter uma vida tranquila, trazer a minha mãe...a minha mãe para cá também porque ela já não é tão nova...tá com 60 e...64 anos, então eu quero que...eu quero trazê-la para cá para que ela possa ter uma velhice com uma melhor qualidade de vida né? Em comparação com o Brasil...é muito diferente. Ter uma qualidade de vida bem melhor e também dar um espaço para ela poder ter o atelier dela, para ela poder fazer as coisinhas dela, inclusive um atelier que tenha uma parte com uma vitrine para ela poder expor as coisas que ela faz para vender porque a minha mãe não para...ela está com 63...mas ela não para... 63???? Não gente...67...67...então eu quero estar perto dela ainda né? Então a gente não sabe quanto tempo eles têm aqui, e infelizmente a gente tem que lidar com o facto de os nossos pais envelhecerem e que a gente não sabe quanto tempo eles ainda vão ter...então...faz com que se a gente poder aproveitar esse tempo melhor, que de facto o resto da vida...o resto do tempo a gente não aproveitou tanto. A gente faz para valorizar quando vemos que o tempo que eles têm já não é tão grande, não tem mais tanto tempo né?

RITA: Susana tem filhos?

SUSANA: Não...não tenho.

RITA: Relativamente a si...assim á sua personalidade, como é que...se me pudesse falar de si, assim da sua personalidade, alguma qualidade, algum defeito como é que se descreve?

SUSANA: Eu sou uma pessoa muito empática, de uma empatia muito grande pelas pessoas. Tenho uma empatia muito grande, principalmente por animais. Me considero uma boa amiga...então...eu sou o tipo de pessoa que quando eu gosto de alguém eu fico do lado dessa pessoa em tudo...Eu sou o tipo de amiga também...que se eu achar que a minha amiga está errada eu vou dizer que ela está errada, eu não passo a minha mão na cabeça. E eu costumo ser aquele tipo de amiga que sempre sabe quando vai acontecer alguma coisa ruim e depois eu falo...eu avisei. Ok... eu sei que isso deixa qualquer pessoa pé da vida...mas eu avisei. Eu também sou muito dedicada às coisas que eu faço, sou muito dedicada mesmo...eu quando coloco a cabeça para fazer alguma coisa, quando eu me proponho a fazer alguma coisa eu vou até o fim...e... me dedico aquilo, enquanto eu acreditar naquilo, enquanto eu acreditar que aquilo pode dar certo, aí sim eu meto as caras e eu realmente vou mesmo ao fundo. Então eu fiz isso muito tempo com a música só que parei mesmo com a música porque eu já estava ali há muitos anos tentando entrar para uma escola de música pública e eu não conseguia passar, e aí na última vez que eu prestei inclusive eu cheguei a arrancar um bravo da banca avaliadora e eu nem fiquei nem para suplente e eu fiquei sem entender nada e eu tinha falado que aquele era o último ano que eu ia tentar, porque eu já estava cansada. Então...mas até esse momento eu sempre fui muito obstinada e em questão da dança também...também...então sou uma pessoa dedicada... Como defeito eu posso dizer que eu sou sistemática e às vezes eu sou tão sistemática que eu chego a criar organizações na minha cabeça e as coisas têm que ser daquele jeito. xxxx Às vezes eu sou um pouco perfeccionista, eu acho que já fui mais, agora eu sou menos...eu acho isso...essa questão de ser perfeccionista

tem muita gente que encara como uma qualidade, mas na verdade eu acho que acaba sendo um defeito. Porque a perfeição não existe ponto, a gente sempre vai estar em buscar de alguma coisa que não existe, então eu acho que a partir do momento que a gente toma consciência disso a gente passa a se cobrar bem menos, é um pouco mais amável consigo mesmo, e isso não quer dizer que você vai deixar de fazer um bom trabalho...porque né? Mas pelo menos aos seus olhos tem que estar bom. Eu também sou bastante profissional em absolutamente tudo que eu faço, como cam girl ou como pessoa dentro do meu trabalho eu sou extremamente profissional, dentro da dança...eu acho que é isso. Também sou um pouco teimosa...como defeito sou um pouco teimosa e...às vezes sou um pouco explosiva....as vezes eu sou um pouco explosiva, mas isso sempre foi...isso sempre foi assim, geralmente os meus momentos de explosão eles acontecem quando a minha paciência realmente já esgotou no limite, porque eu também a tendência para ficar suportando as coisas por muito tempo, até que uma hora realmente não chega...não dá mais e eu explodo e ai quando eu explodo as pessoas ficam tipo...nossa explodiu do nada...não...não foi do nada.

RITA: Já me disse um bocadinho do que gosta de fazer nos tempos livres, mas, é à volta da dança, neste momento como é que ocupa mais o seu tempo livre?

SUSANA: Olha...tempo livre...ai é que tá...geralmente o tempo livre que eu tenho é esse tempinho que eu paro, quando eu termino de trabalhar e vou ficar um pouco com o meu marido, então...a gente geralmente assiste a algum filme, ou a gente vê alguma série juntos. No fim de semana, quando eu não tou a dar aula, nem a preparar aula, nem a prepara material para as alunas, eu geralmente acabo por ver alguma serie, alguma coisa vez ou outra ainda pego nalgum livro para ler. Hoje em dia eu já não leio tanto...mas...vez ou outra eu pego alguma coisa para ler...vejo a internet como qualquer pessoa, pego o telemóvel na mão e fico ali enrolando o feed do Facebook ou do Instagram....quando...não sou muito de sair, eu saio muito pouco...mas às vezes quando me apetece marco às vezes de tomar um copo com alguma amiga, numa esplanada ou até mesmo quando tem um quiosque em alguma praceta. Às vezes quando apetece nós vamos no cinema o meu marido e eu, vez ou outra recebo uma amiga mais chegada aqui em casa...é basicamente isso, uma vidinha bem comum....bem pacata.

RITA: Relativamente ao seu trabalho, como é que descreve o seu trabalho? já me disse que tem um horário, tem um sítio onde trabalha sempre? tem adereços, tem coisas que precisa, fale-me um bocadinho do seu trabalho.

SUSANA: Eu geralmente trabalho no meu quarto, é onde há mais privacidade, tem um televisão aqui que é smart tv, então tenho acesso ao spotify, geralmente tem uma playlist, que eu já deixo para eu utilizar durante os shows com músicas mais sensuais, acessórios geralmente eu uso vibradores,xxxx

Aqui basicamente, eu uso um portátil, para skype e geralmente para poder falar com os clientes, que eu fico com o WhatsApp também aberto no computador, tem um telemóvel que eu só uso para trabalho, que eu não consigo ter trabalho e vida pessoal juntas, tenho dois telemóveis, há quem tenha um telemóvel com capacidade para dois cartões e mantém tudo num só, mas para mim não convém. Aqui para ajudar na iluminação, eu tenho uma luminária, que tem um corpo flexível, então acaba por fazer aquela função de um anel de luz, este computador já é outro, o computador que eu comecei trabalhar já era velho e a câmara era vga e então se eu não tivesse uma iluminação a mais, ninguém me via e também

tenho uma iluminação boa de teto, o quarto sempre bem iluminado e é isso, no geral eu uso saltos para trabalhar, sempre com sapato de salto, é uma característica minha,xxxxxxx

RITA: E os clientes, contactam-na sempre através do site?

SUSANA: É, eu tenho o meu site, eu tenho redes sociais e também tenho os meus anúncios, no geral eu anuncio, nos classificados x, eu tenho até anúncios nos outros site, mas a visibilidade é muito pequena, os classificados x, é o que tem maior visibilidade. Mas eu também tenho as minhas redes sociais. tenho Instagram, tenho tweeter, tenho snapchat, sem pre ali a fazer uma publicação para divulgar alguma coisa, claro que algumas redes como é o caso do instagram, tenho de fazer de forma subtil, porque alguém pode denunciar e aí eu perco a conta, então tenho de tomar um certo cuidado, mas é basicamente isso, mas a maioria me contacta pelos classificados x, nas redes sociais é muito raro.

RITA: Neste momento, olhando para o seu percurso desde que chegou a Portugal e começou a trabalhar, faz este trabalho por não ter outra alternativa?

SUSANA: De momento sim, eu cheguei até numa certa altura, acho que no ano atrasado, eu cheguei a enviar currículos para algumas empresas, tenho uma amiga minha que também chegou a fazer algumas pontes, mas não resultou em nada, o mais próximo que eu chaguei, foi uma amiga dela que é advogada e que estava precisando de uma assistente, em alguns dias da semana, para poder ajudar a organizar as coisas, mas como ela não mora tão próximo, não ía muito compensar a deslocação, pelo que ela me ía pagar, então por hora esse projeto está congelado. Mas sim eu pretendo fazer outra coisa fora web, por enquanto eu estou mantendo, porque é o que está funcionando, é o que está pagando as contas da casa, é o que está mantendo, embora com a pandemia, eu tenho tido uma quebra grande, mas por enquanto é o que está funcionando, é o que está segurando, então... não convém largar o osso agora.

RITA: Quais são as maiores dificuldades que sente, em relação ao trabalho que desenvolve neste momento? se é que sente dificuldades, mas...

SUSANA: Olha, eu acho que nesse momento nenhuma, fora a pandemia, nenhuma, realmente essa questão da pandemia teve uma quebra nos meus rendimentos, caiu bastante, pelo menos uns 40, quase 50%, não está fácil... algumas coisas que eu quero para melhorar o meu trabalho, por exemplo, comprar uma outra câmara, apesar dessa câmara ser muito boa, ser muito clara e ainda com a iluminaria aqui atras, dá uma ótima imagem, alguns querem uma câmara como uma resolução melhor, então quero comprar uma outra câmara, comprar alguns outros brinquedos, mas dificuldades no geral eu não tenho, acho que me viro até bem com os recursos que eu tenho, já me virava bem com menos recursos ainda, então... aos pouquinhos, há melhoras.

RITA: Esta pergunta é um bocadinho repetida, mas, trabalha na indústria por escolha, ou porque não tem opção neste momento?

SUSANA: Eu acho que um pouco dos dois, porque como eu disse, eu já tentei mandar currículo noutras alturas, mas não tive resposta e ainda não saiu o meu visto de residência, todo esse tempo eu tenho trabalhado, a passar recibos, para

poder ter os rendimentos e tudo, passo como consumidor final, para ter a comprovação para poder mandar para o SEF, que eu mandei no começo do ano passado e só este ano é que eles me foram responder, dizer que tinha sido aprovado a manifestação de interesse e agora eu estou a esperar abrir a agenda para poder fazer a marcação, mas eu também vou com a advogada, porque como na ano passado eu tive a quebra de rendimentos e precisei de pedir apoio, porque senão não ia ter como pagar as contas da casa, eu não sei como é que o SEF vai encarar isso, então vou com a advogada para resolver isso. Então depois que sair o meu visto de residência, eu talvez procure outra coisa assim, depende muito como estiver a situação aqui dentro de casa e também do trabalho que eu conseguir arranjar, porque num mês mais fraco, fora a pandemia, eu consigo uns €800 por mês, o que acaba às vezes por ser muito mais do que muitos outros trabalhos que se consegue com, tendo um visto de residência e trabalhando seis dias da semana e oito horas por dia e hoje eu trabalho de quatro a cinco horas por dia. Por isso é que dizem, quando se entra no mercado do sexo é difícil sair, porque realmente você acaba ganhando muito mais do que em trabalhos tradicionais, acho que no fim das contas, talvez eu só saia, quando a questão da dança, já estiver rodando para mim a 100%, quando eu tiver com alunas o suficiente, quando tiver a minha escola, ah esse é um sonho, eu quero abrir o meu espaço, mas eu quero abrir o meu espaço que não seja simplesmente um espaço de dança, eu quero abrir uma escola de artes em geral, eu quero que tenha dança, eu quero que tenha aulas de música, eu quero que tenha aulas de arte cénica, quero que tenha aulas de artes plásticas, então mais do que uma escola, eu quero fazer um centro cultural, eu tenho essa ideia, esse sonho... tinha até me esquecido disso.

RITA: Pois as vezes esquecemos os nossos sonhos...

SUSANA: Então, tentar rodando assim a parte da minha profissão primaria mesmo como bailarina, como professora a 100%, até estar rodando tudo e ver que já consigo ter uma renda, ou seja viver só da dança, aí ok, aí eu paro.

RITA: É mais das danças XXX, não é?

SUSANA: Sim e eu quero fazer inclusive um curso de dança mesmo, formação... também quero fazer o curso técnico de personal trainer. São coisas que eu tenho como projeto, provavelmente vou fazer o curso técnico primeiro, porque aí já posso dar aulas em ginásios e tal, eu também gosto muito de educação física, eu gosto de musculação, eu acho que o que eu vou aprender no curso técnico, pode ser muito bem atrelado e vai agregar muito para o ensino da dança.

RITA: Quais são os seus maiores receios relativamente à atividade profissional que desenvolve neste momento, se é que existe algum receio...

SUSANA: Existe, o meu maior receio de facto é, por exemplo alguma foto minha, ou algum vídeo acabar por vazar e me reconhecerem, tenho que admitir que é um receio constante, eu tenho tatuagens na barriga e eu danço com a barriga descoberta, então todas as vezes que eu ia dançar em bar, eu sempre ficava com aquele receio se tinha por acaso algum cliente meu ali, nunca aconteceu de me abordarem, mas já aconteceu com uma amiga minha ter sido abordada uma vez na praia. Mas é o que eu falei para o meu marido, das duas uma, ou eu vou fazer de louca, para me confundir com outra pessoa, ou vou simplesmente falar, tá sim sou eu e aí, então o que é que você quer? Então eu não tenho como prever como

seria a minha reação nesse sentido, mas sim há um receio porque, a dança XXX, ela já é um pouquinho estigmatizada, por ela ser sensual e tudo mais e principalmente no Brasil existe um movimento de censura muito grande, então existem bailarinas que fazem muito body shaming, quando a bailarina coloca um top que deixa mais um pouco os seios à mostra, ou então uma roupa um pouco mais transparente, fica, ah porque está escandaloso, porque não sei o quê, porque vai manchar a dança, então existe realmente esse receio, de ligarem uma coisa à outra e acaba por prejudicar a minha carreira como bailarina.

RITA: Teve algum episódio de violência, ao desempenhar o seu trabalho?

SUSANA: Sim, às vezes acontece, teve uma altura que tentaram me chantagear, um rapaz entrou em contacto comigo pelo skype e perguntou se eu queria comprar um vídeo e eu falei, não para quê que eu vou comprar um vídeo? é que o vídeo é seu. Como assim o vídeo é meu? é porque eu tenho um vídeo seu e se você não pagar eu vou soltar na internet... e aí eu olhei para a cara dele e falei assim, ok solta aí, eu não vou pagar para você, não cedi à chantagem, outro coisa que às vezes acontece, são os homens de masculinidade frágil, então quando às vezes eles querem alguma coisa, por um preço que eu não vou fazer, muitos batem o pé e me ofendem no final, é mais violência verbal, assim durante um show, nunca me aconteceu nada, mas também no primeiro sinal de agressividade por parte do cliente, mesmo que eu estiver no começo do show, ao primeiro sinal de agressividade, eu encerro a chamada e bloqueio e ele que fale o que quiser, eu não sigo à frente, uma coisa que eu não admito é desrespeito, ponho isso de forma ferrenha.

RITA: Quando se sente numa situação desprotegida, pode não ser relacionada com o seu trabalho, mas no geral, de que forma é que procura ajuda?

SUSANA: Depende da situação, o que pode ser uma situação desprotegida va, um cliente que às vezes fala que fez o pagamento e ele não pagou e tem alguns que insistem que fizeram o pagamento, mas como não tem entrada na conta, eles insistem que fizeram e aí começam a fazer ameaças, nesses casos eu geralmente procuro sempre manter a calma e falo para o cliente, já aconteceu, é raro mas já aconteceu levar 48 horas para cair, então é assim, eu não vou-te bloquear e eu vou aguardar, se entrar o valor eu faço, enquanto não entrar, eu não vou fazer absolutamente nada... ah mas eu não vou esperar, porque você está me querendo enganar, querido se eu quisesse te enganar, eu te teria bloqueado assim que você me falou que tinha pagado, então é assim, se eu estou me dando ao trabalho se falar com você e eu não vou-te bloquear, é porque eu não vou-te enganar, mas a maioria das vezes eles não pagam e aí nesses casos o que é que eu faço? Eu tenho um grupo com algumas amigas, a gente reporta esses caras que fazem esse tipo de coisa, a gente reporta e aí já fica ali o número deles salvo, porque se a gente ficar com desconfiança de algum cliente, a gente joga lá na pesquisa do WhatsApp e já vê se alguém reportou.

RITA: Relativamente à sua vida na cidade, sente que numa situação de perigo, pode procurar apoio na polícia, nas forças de segurança publica, enfim... confia na polícia?

SUSANA: Olha eu nunca precisei da polícia, mas, por acaso eu tenho um cliente que ele é investigador da policia, então eu acho que se acontecesse alguma coisa

muito grave, eu acho que eu conversaria primeiro com ele, pedia uma orientação, para saber se valeria a pena procurar a policia, porque, eu sei que como mulher e mesmo quando não é numa situação no caso do meu trabalho, apesar de saber que eu tenho direitos, então por exemplo, se compartilharem uma foto minha, compartilharem um vídeo meu, isso é violação de direitos de imagem e eu posso recorrer, então eu tenho o direito de ir à polícia fazer uma queixa, de acionar um advogado e processar quem fez isso, eu sei que tenho esse direito, porem eu acho que tem toda a questão da dor de cabeça e acho que tem também a questão do julgamento, porque se no caso de uma violação, quando uma mulher chegar lá as perguntas são sempre as mesmas, onde você estava, com que roupa você estava, você estava sozinha ou estava acompanhada, quem estava com você, o que você estava fazendo, são perguntas que mais parecem que estão querendo culpar a vítima, do que de facto ajudar, então eu acho que a policia nesse sentido, não deve mudar muito daqui para o Brasil, você sabe que a policia na sua maioria é composta mais por homens.

RITA: Para o trabalho que faz, existe alguma tabela de valores e de serviços ou a comunidade depois é que vai estabelecendo, ou cada uma faz o seu preço, não conversam, como é que funciona?

SUSANA: Cada uma faz o seu preço, eu tenho uma amiga que inclusive ela diz que não tem preço fixo, ela cobra de acordo com a cara do cliente... eu acho graça, enfim eu não consigo dessa forma, eu tenho a minha tabela, eu tenho os meus preços, existe até mais ou menos um preço medio, mas nessa altura teve uma queda inclusive nesses preços médios, como a procura anda mais baixa, teve muita menina a baixar preços também, o que eu sinceramente acho que nessa altura, é mais prejudicial baixar preço do que subir preço, porque para mim é uma questão matemática e a gente trabalha com o corpo, então ainda que não tenha o contacto físico, é cansativo também. Por exemplo se uma menina vai cobrar €7 como já ouvi acontecer, €7.50 por um show e ela tem uma meta diária de €75 para bater, ela vai ter de fazer 10 shows nesse valor, então vai ter de contar que apareçam 10 clientes... e se não aparecerem esses 10 clientes? mesmo que apareçam esses 10 clientes, fazer 10 shows é cansativo, é muito cansativo. No início, naquela ocasião que eu comentei contigo, que eu trabalhei das duas da tarde, até às 4/5 da manhã, naquele dia específico, eu cheguei a fazer 15 shows, no dia seguinte eu não consegui trabalhar porque estava toda a arder, então não tem como, não tem condição física. Acho que existe uma falta de valorização de si própria, na hora de colocar os preços. Acho que em tempos de pandemia, se você tem menos procura de clientes, baixar preço, para atrair mais clientes, pode não ser bom negócio, às vezes é melhor subir o preço, porque aí precisa de menos clientes para conseguir atingir a sua meta e não sacrifica tanto o próprio corpo.

RITA: Qual é a media de duração de show?

SUSANA: Eu acho que depende do perfil do cliente, geralmente os clientes mais novos, entre os 18 ate aos 25, no máximo até aos 30 anos, eles costumam ser mais rápidos, até 10 minutos ou ate 15 minutos no máximo, geralmente os mais velhos, acima ali dos 30 eles já costumam demorar um pouco mais, mas também não é uma regra, eu tenho um cliente que tem quase a mesma idade que eu e se vem em 5 minutos, mas geralmente acima de 40 anos, costumam ter uma preferência por shows mais longos e também tem a ver com o perfil financeiro de cada cliente, que eu já percebi isso. Por exemplo os clientes que têm mais dinheiro

eles costumam optar por shows mais completos, com maior duração de tempo, porque eles também querem ver mais, também exigem mais, então aí mesmo que eles se venham rápido, eles não ficam o tempo todo se tocando, dão uma enrolada, ficam um bom tempo ainda a assistir, a conversar e aí quando eles acham que está já na hora, eles começam a se tocar.

RITA: E sente que é bem remunerada face ao trabalho que faz?

SUSANA: Olha, eu acho que a minha falha no início, foi justamente ter colocado um preço um pouco abaixo da tabela, porque quando eu comecei, a media era €20, por até 20 minutos, mas por tantos clientes a insistirem, ah não pode fazer 10 a 10, 10 a 10, 10 a 10, eu comecei a começar a ceder e coloquei essa opção, aí chega no ponto, em que eles começam a optar sempre pelo mais barato, é a lógica, quem não gosta de pagar mais barato? Então da mesma forma que a gente adora ir ao centro comercial e encontrar uns bons saldos... eu acho que essa na verdade foi a minha falha, eu acho que desde o início eu já deveria ter mantido o preço e deixado um preço único, independente do tempo que eles ficassem ali. Tem meninas que trabalham por exemplo por €20 sem limite de tempo, para mim, não funciona, eu fico a pensar, o cliente pagou €20 3 ficou ali 40 minutos, aí eu acho que não vale a pena, então eu prefiro estipular realmente o tempo... mas hoje em dia, eu já cobro mais caro do que eu cobrava, mas por exemplo o meu show mais barato, eu já diminui o tempo, mantive o preço, mas diminui o tempo, se eles quiserem 10 minutos, vão ter de pagar €15, se quiserem pagar €10, vai ser até 7 minutos, ou seja, se você é rápido... e eu sempre pergunto, o tempo é suficiente? eu sempre pergunto, quando eles optam por essa opção. ah, mas não pode ficar mais? não, se eu coloco até um certo tempo, é porque o tempo é esse

RITA: O cliente tem de pagar antes e tem algum cronometro, como é que é esta questão do tempo?

SUSANA: Olho no relógio... principalmente no whatsapp, pelo menos no meu telemóvel ele não mostra o tempo de chamada, o telemóvel já é antigo, preciso de trocar, mas no skype mostra, então pelo menos no skype, eu fico o tempo todo de olho no relógio, no WhatsApp geralmente eu calculo pelo tempo em que iniciei a chamada, então se eu comecei às 21:17, liga a câmara ele atendeu... às 21.24 eu vou encerrar. Mas obviamente, eu não sou do tipo de ficar apressando, eu tenho o meu jeitinho de apressar, que é estimular, mas não sou do tipo de ficar, anda vai, anda... eu acho chato.

RITA: Diria que desempenha bem a sua atividade profissional?

SUSANA: Sim, até hoje nunca houve reclamações e se reclamaram, não foi na minha cara, então eu acho que sim, tenho alguns clientes frequentes, alguns bem frequentes, são até fãs, então eu acho que não tenho o que reclamar nesse sentido

RITA: Diga-me uma coisa, quem a conhece sabe o que a Susana faz? Sabem da sua profissão como trabalhadora de webcam?

SUSANA: Pouquíssimos amigos, minha família não, ninguém da minha família, de amigos eu tenho quem sabe, a minha terapeuta, mas ainda assim eu levei um certo tempo para contar, é uma pessoa que eu já conheço há mais de 10 anos e eu só comecei a fazer terapia com ela agora, então eu levei um certo tempo para

contar. Tem também a minha amiga que fazia webcam, que me falou que eu podia fazer em casa, ela é a única pessoa... foi a primeira a saber, tem uma amiga minha daqui, minto, tem duas amigas minhas daqui, que sabem, uma delas é da dança, mas eu também não entrei muito nos detalhes, quando eu comentei assim, ela só começou, oh pah, eu já pensei em fazer isso, foi o máximo de comentário que ela fez, mas não entrei em detalhes e tenho mais uma amiga minha aqui, que é brasileira, que inclusive eu contei para ela, porque havia uma altura, que ela estava passando por um momento de dificuldade financeira, ela tinha pedido demissão de uma empresa que trabalhava para os CTT, porque ela tinha conseguido emprego num escritório e nesse escritório, ela foi assediada no primeiro dia e aí ela não consegui voltar mais e ela já estava sem trabalhar fazia um tempo e ela mora com a avó e precisava trabalhar. Eu cheguei pra ela e falei: -Então, vem aqui em casa vamos conversar... aí eu contei para ela, mostrei, falei, olha é aqui que eu coloco os meus anúncios, é assim assim assado... e aí ela começou também a fazer, a partir daí. Porque eu realmente não via mais por onde a menina podia fazer alguma coisa... é o que tem, então... falei, olha foi o que me safou naquela época, então pode-te ajudar agora. É até difícil para ela trabalhar em casa, porque ela mora com a avó, então nem sempre ela consegue atender, às vezes tem de trabalhar de madrugada quando a avó está dormindo, a avó tem sono leve... então não é fácil. Mas é pouquíssima gente que sabe mesmo... e meu marido claro...

RITA: Há bocado disse-me que passa recibos, quando preenche um formulário, portanto nalgum sítio, nas finanças enfim, onde precisa preencher, qual é a profissão que escreve que faz?

SUSANA: Eu tenho atividade aberta como bailarina. Então todos os recibos que eu passo, eu passo como aula de dança.

RITA: Sente alguma limitação, portanto uma vez que também não partilha com todas as pessoas, alguma limitação quando tem de falar sobre o seu trabalho?

SUSANA: Sim, mas eu já tenho o script pronto. Eu sempre digo que eu tenho uma colega que tem um site, eu até comento, ah é um site de anúncio adulto, sabe, tipo esses pop ups, que aparecem tipo, no porn-hub? Então, tem um site de anúncios adultos e eu ajudo a administrar o site e eu vendo os anúncios. Pronto, é isso... porque quando eu falo que é um site, de conteúdo adulto, verdadeiramente ninguém fala assim, mas por exemplo, eu não chego a falar para homens... então para homens eu não entro em detalhes, para eles eu simplesmente falo que faço gestão de redes sociais e ponto.

RITA: A determinada altura disse-me que tem consciência dos seus direitos como cidadã, mas queria voltar só aqui... portanto tem consciência que numa situação, que precisasse de procurar ajuda na policia, podia procurar, enfim... tem consciência que independentemente do trabalho que faz, tem direitos como cidadã, certo?

SUSANA: Sim... é que no momento realmente, eu nunca precisei, então... mas eu sei que eu posso.

RITA: Existe alguma... sente que é discriminada de alguma forma?

SUSANA: Olha, já aconteceu de cliente me discriminar, mas foi aquilo que eu te disse, de... eu me recusar a fazer alguma coisa e ele passar a me ofender, claro... sempre vem por discriminação e já me aconteceu, dois casos de xenofobia. Um caso foi com uma rapariga, que ela... teoricamente deveria fazer câmara, mas é conhecida por fazer muitas burlas na verdade, ela cria muitos perfis falsos... numa altura que nos estávamos no mesmo grupo, ela começou a me ofender gratuitamente e soltou no meio da conversa um volta para a tua terra... e teve uma outra ocasião que eu trabalhei num site de webcam, é raro eu entrar em sites, não tenho muita paciência para sites de webcam, porque tenho de estar o tempo todo, ali a sorrir, a fazer gracinha, a responder a perguntas imbecis... e eu não tenho a menor paciência... e aí uma vez eu não estava a falar porque era de manhã, foi um dia de manhã, acho que isso foi até no primeiro confinamento... foi de manhã que o meu marido estava a dormir, porque ele tem os horários diferentes dos meus, ele estava a dormir ainda e então eu não estava a falar, porque eu estava na sala... e aí... eu estava conversando mesmo por chat e aí teve um cliente que me perguntou se eu era brasileira, ou se eu era portuguesa... porque como eu tenho também descendência portuguesa, às vezes eu de boca fechada passo por portuguesa... já me aconteceu de me perguntarem se eu era... e olhe que eu estava falando... e aí esse cliente por acaso, ele perguntou. Falou assim, você é brasileira, ou portuguesa, eu falei eu sou brasileira e ele falou assim, ah então não me interessa, não dou meu dinheiro para brasileiras. Eu peguei e falei assim, ok, é um direito seu, da mesma forma que também é um direito seu não estar na minha sala, então com licença sim e desliguei... e claro que também depois de uma resposta dessas, mesmo que ele me pagasse bem, eu não ia aceitar. Inclusive eu cheguei a excluir um seguidor do tweeter, porque eu vi que ele era apoiador do ventura... eu bloqueei o rapaz.

RITA: Muito bem, então... concretamente sente que tem espaço para ser ouvida na sociedade?

SUSANA: Olha... eu não sei. Sinceramente eu não sei, eu acho... apesar de já ter concedido uma entrevista para o... agora está um pouco mais em voga, por causa da pandemia. Eu cheguei a dar uma entrevista para o xxxx, é um site jornalístico voltado para o conteúdo adulto, então cheguei a dar uma entrevista para ele. Inclusive, o profissionalismo do xxxx é excepcional... cheguei a dar uma entrevista, que acho que ainda não saiu, não tenho a menor ideia de quando vai para o ar, que foi para o jornal público, foi eu e o xxxx que demos essa entrevista. Então assim... depois que realmente eu entrei para o MTS que foi meio um pouquinho de para quedas, eu percebi que está tendo um pouco mais de visibilidade, um pouco mais de voz... já uma amiga minha, chegou a dar uma entrevista para a CMTV, no ano passado. Mas de toda a forma eu tento sempre colocar a minha voz, então seja pelos textos que eu escrevo no próprio blogue do meu site, seja pelos textos que eu escrevo também pro blogue do xxxx... então às vezes os textos que eu coloco no xxxxx, não necessariamente são texto muito carinhosos... às vezes eu coloco, às vezes o que eu sinto que preciso de dizer, quando alguma coisa me incomoda em relação a cliente, ou em relação ao comportamento de algumas pessoas, de algumas colegas, eu falo mesmo... eu acho que precisa ser dito.

RITA: E assim concretamente, se eu lhe perguntar se se sente visível, ou invisível para a sociedade, o que é que me responde?

SUSANA: Invisível... invisível, com certeza, invisível... eu acredito que se o trabalho sexual, ele fosse menos estigmatizado e não tivesse tanto tabu envolvido nisso, eu acho que as pessoas que trabalham com o sexo, elas não seriam tão invisíveis... porque uma coisa é verdade, boa parte dos homens, em algum momento da vida, a grande maioria deles, em algum momento da vida, já foi a alguma boate, já foi em alguma casa de convívio, já estive com alguma menina que faça convívio... os homens procuram por sexo, mas eles não falam sobre isso com toda a gente... então no máximo eles vão falar com alguns amigos... mas por exemplo, não vão chegar e falar ao pai, falar ao tio, a menos que seja um tio muito próximo... mas eles não vão comentar sobre isso... e ainda assim é a profissional que está ali para satisfazer aquele momento, ele não vai pensar nela depois... por isso que eu digo, são pouquíssimos os clientes, com quem tenho uma certa intimidade, que eu consigo conversar sobre outros assuntos e tudo mais ... mas eu também não dou detalhes sobre a minha vida pessoal... tenho de ter essa preservação. Mas eu acredito que a maioria dos profissionais do sexo, eles são invisibilizados, exceto aqueles que chegaram às grandes Mídias, como é o caso da Ana Loureiro.

RITA: Como é que se sente, portanto, invisível ok, mas como é que se sente concretamente tratada pela sociedade, independentemente pensando no que faz ou o que deixa de fazer, como é que se sente que é tratada pela sociedade?

SUSANA: Olha... eu acho que... por questão de, principalmente do webcam e essa questão de a gente utilizar muito mais a nossa imagem, do que as meninas que fazem convívio, eu acho que... tem essa questão de quase parecer como se fossemos públicas. Sabe, tipo, ah: -Ela vende os conteúdos dela, ela não tem problema em se mostrar, então dane-se se eu vou sair compartilhando o que ela, vendeu, ou o que ela comprou, ou o que ela publicou, para toda a gente. Eu acho que acaba por não ser tão diferente, quanto por exemplo, uma influencer digital, elas têm essa liberdade de.. se sentem na liberdade de partilhar as nossas coisas, porque a gente usa a nossa imagem para trabalhar.

RITA: Se pudesse mudar alguma coisa na lei, relativamente ao trabalho da indústria do sexo, o que é que sente que era preciso?

SUSANA: Olha, eu acho que facilitaria muito, por exemplo se tivesse... principalmente na questão das finanças, algumas categorias específicas, tanto para o trabalho sexual das meninas que fazem convívio, apesar de eu saber que pode ser um pouco vexatório, ir às finanças para abrir essa atividade, mas se eu não me engano, dá para abrir também de forma online, que eu fiz a al..... não, não dá... a primeira atividade não, só dá para alterar de forma online, então ter que ir às finanças, eu acho uma coisa, um tanto ou quanto vexatória chegar ao balcão, olha, eu sou trabalhadora do sexo eu quero abrir a minha atividade.

RITA: Sim, não é reconhecido como...

SUSANA: Pois, é constrangedor, eu acho que poderiam facilitar isso, sabe? de... abertura de atividade pelas finanças, pelo menos nessas categorias, fazer de forma online, para que a pessoa não se exponha ali... e ter ali direitos também, independente, até porque nós fazemos descontos né? eu acho que... quer dizer nem todas fazem, poucas fazem, esse é que é o facto. Eu acho que quando, no caso por exemplo... no meu caso, como eu tenho a minha atividade como bailarina, é um pouco mais fácil, eu consigo emitir os meus recibos, dentro da minha

atividade, mas para as outras meninas, também é possível, se elas forem fazer como gestão de redes... elas podem abrir atividade nesse sentido e para as meninas que fazem convívio, abrir como massagista. Porque simplesmente, chega no balcão das finanças, sou massagista, não exigem curso, não exigem nenhuma certificação, então... pronto... mas eu acho que falta alguma informação nesse sentido. Mas, eu acredito que em termos de legislação, eu sou a favor de legalizar muita coisa... muita coisa... porque eu acredito que criminalizar, proibir algumas coisas, que não tem como solucionar, não vai acabar com aquilo, só vai tornar crime, só vai tornar quem pratique, criminoso e aí vai penalizar uma pessoa porquê? Porque está tentando sobreviver? Por isso eu acho que tem de legalizar muita coisa, é como por exemplo a legalização das drogas, que é um tema bastante tabu, principalmente no Brasil, ah porque tem de legalizar, porque não tem de legalizar, porque se legalizar, vai ter muita gente a usar e não sei o quê... mas aí a escolha é da pessoa... agora, eu falo a partir do momento, que não se legaliza alguma coisa, eu acho que acaba favorecendo coisas ruins, como por exemplo o tráfico... e o mesmo vale para o tráfico de pessoas. Tudo bem que quando se trata do tráfico de pessoas, aí a ferida é muito mais complexa, é uma ferida muito mais profunda, porque existem organizações que fazem isso, as pessoas se organizam para traficar pessoas, isso é uma coisa muito triste... mas eu acredito que sim, deveriam legalizar o trabalho sexual. Pelo que eu tenho acompanhado pela MTS, compreendido algumas coisas... legalizar... criminalizar algumas partes do lenocínio... porque qualquer coisa hoje que se faça para ajudar alguém que trabalha com sexo, já é considerado lenocínio, então é complicado e eu fico pensando por exemplo, que o meu marido, por ele ser meu marido e ele saber do que eu faço e querendo ou não usufruir do dinheiro que eu ganho, porque é o que paga as contas da casa, que compra comida para casa... ele ser condenado...

RITA: Mas não poderia, não poderia... julgo eu não é, não tenho conhecimentos assim de direito, mas julgo que... ele não está a... no fundo a Susana não está a trabalhar para ele, nem está a alugar a casa dele para... enfim acho que isso não ocorre nesse risco.

SUSANA: Ocorre, como facilitação... então digamos assim, a partir do momento em que ele permite que eu trabalhe com sexo, entendem ele como um facilitador, do trabalho sexual... então é como se colocassem ele, assim na posição, assim tipo: -Ah você tem a obrigação de suprir as necessidades, se a sua esposa está necessitando se prostituir isso é responsabilidade sua também... É mais ou menos como se diz assim isso... então também acabam responsabilizando os parceiros... então há esse risco, é que em relação à webcam, não tem regulamentação nenhuma, é um trabalho sexual... há gente em todo o canto, em todo o mundo a fazer? Sim. Tem, se entrar em qualquer site de webcam, você vai ver ali não sei quantos mil pessoas a fazer webcam, num site só... mas não existe uma regulamentação e eu acho que ainda existe alguma romantização em cima da webcam, porque encaram como um trabalho fácil não é fácil... não é fácil. É o que eu digo, a gente trabalha muito, existe um trabalho invisível dos outros, que a gente faz, que é gestão de anúncios, gestão de redes sociais, ter que administrar tudo isso e para quem transmite em site, tem que estar o tempo todo ali a sorrir e às vezes num dia em que você não está a fim, então... não é um trabalho fácil... nem de perto... nem de longe.

RITA: Já estamos quase terminar, queria-lhe perguntar, se, concretamente, se neste momento pudesse estar em palco a dizer alguma coisa, o que é que acha que tinha mesmo de ser dito?

SUSANA: é uma pergunta difícil... nós existimos.

RITA: Já me falou de alguns objetos, há algum objeto que destaque relacionado com o seu trabalho? Qual é que escolheria?

SUSANA: Teriam dois objetos principalmente um seria uma câmara e o outro possivelmente um vibrador.

RITA: Faz algum registo, dentro da sua atividade, tem alguma lista de clientes, tem algum caderno onde escreve as suas experiências?

SUSANA: Tenho uma tabela do excel... todo o ano, eu faço uma tabela do excel com todas as... com todos os meses, de registar todas as entradas, registar os clientes, quem são eles, porque eu salvo o nome e o contacto, porque caso eu perca o telemóvel, eu preciso de um outro... comprar outro aparelho, outro cartão, pelo menos eu tenho ali os contactos dos clientes frequentes, tenho uma tabela com a lista de clientes frequentes, tenho ali contabilizado quantos shows eles fizeram comigo, quanto é que ele gastaram até ao momento e tenho inclusive um programa de recompensas. Então a partir de 5 serviços eles ganham, um pack de fotos ou dois vídeos curtinhos como oferta, a partir de 10 eles já ganham uma outra prenda, a partir de 15 ele já ganham outra prenda... então eu tenho esse programa de recompensas, que eu acho que é uma forma de dizer, olha eu valorizo também que você sempre me procura, é uma forma também de eu te agradecer, está aqui uma prendinha. Então é um miminho, uma fidelização ali.

RITA: Diga-me uma música que goste.

SUSANA: Nossa... eu vou falar um cantor que eu gosto, na verdade uma banda que eu gosto desde a época da adolescência que é Bon Jovi. Tem uma música em específico que eu gosto até hoje, eu lembro até hoje, foi a primeira música que eu ouvi dele, que se chama Lie To Me.

RITA: Que nome é que gostava que fosse utilizado para a sua história, no caso de eu depois a poder indicar no texto.

SUSANA: Pode colocar Susana mesmo...

RITA: Da minha parte é tudo, vou sempre avisando do ponto em que estou, o que é que estou a fazer. Quando tiver o texto mais ou menos, partilho. E a Susana também sintá-se à vontade para se quiser em algum momento como estão as coisas pode-me contactar.

SUSANA: Sim, claro. Eu também quero agradecer a oportunidade de poder contar a minha história, também te poder conhecer, prazer imenso. Desejo todo o sucesso do mundo na tua carreira como atriz, como diretora, como roteirista. Quero assistir à peça quando estiver pronta. Tenho todo o gosto de ir assistir. Quero estar ali na plateia e espero que vocês possam rodar. Se não conseguirem rodar por agora, eu dou meu jeitinho e dou um pulo no Porto. Não conheço o Porto

então vai ser também uma boa oportunidade para ir. E é isso. O que precisar também, tiver alguma dúvida, quiser perguntar alguma coisa mais, precisa acrescentar alguma coisa mais, tou aberta, você pode vir falar comigo. A única coisa que eu gostaria de pedir no seu roteiro, é para não relacionar nada a dança. É a única coisa que eu quero deixar separada. Se for o caso, você pode mencionar que eu sou bailarina, mas só não menciona que é de dança XXX. O mercado é muito pequenino. É realmente um ovo aqui em Portugal e eu praticamente conheço, pelos menos aqui de xxxx, vários bailarinos.

RITA: Mais uma vez obrigada, uma boa noite, até breve. Estamos em contacto. Estou-lhe mesmo muito agradecida.

SUSANA: Obrigada, beijinho tchautchau.

##

Entrevista a Adriana

179 de 259

Duração: 1:18:42

Data: 30 de Março de 2021

RITA: Antes de mais queria-lhe explicar assim um bocadinho, apesar de já lhe ter explicado concretamente o objetivo, é eu desenvolver uma peça de teatro, portanto eu estou a entrevistar várias pessoas que trabalham na indústria do sexo em diferentes áreas e a cada uma delas faço várias perguntas e o meu objetivo depois é, com estas entrevistas todas que eu estou a recolher, construir um texto. Portanto, eu não vou usar um texto que já existe, não vou pegar numa peça que já existe, eu vou com estes testemunhos tentar escrever uma história que ainda não sei se será apenas de uma pessoa, portanto eu não sei se eu vou estar em palco a contar apenas como se fosse uma história com várias histórias misturadas ou se vou ter mais atores em palco e todos nós iremos contar diferentes histórias. Portanto o objetivo não é... eu não vou fazer da pessoa x ou y, o meu objetivo é mesmo construir uma peça em que as pessoas percebam que nós estamos a contar histórias de pessoas reais, as pessoas são anónimas, não interessa quem são, mas no fundo, dar aqui voz a um coletivo de pessoas que trabalham na indústria e não têm um espaço, que não têm direitos, que não têm... enfim...e que têm aqui uma data de coisas.

Assim concretamente, porque a primeira coisa que lhe vou pedir quando lhe passar a vez, é para me contar a sua história, eu assim resumidamente, posso-lhe explicar, nós somos quatro irmãos, porque conhece a minha irmã, vivi toda a vida, quer dizer nasci no Porto, vivi no Porto durante muitos anos, estive um ano a estudar fora em Barcelona, de resto sempre vivi aqui. Desde pequenina que gosto de teatro e de cantar e dessa área ligada à artes. Houve uma altura em que me afastei, também segui outros caminhos, porque achava que era um caminho difícil e incerto e fui para outra área, mas pronto a paixão aqui falou mais alto e à uns anos voltei... voltei a integrar a área artística, e pronto, agora estou a fazer, portanto, estou a terminar o mestrado nesta área porque quero cada vez mais desenvolver os meus projectos, eu nunca criei nenhum meu. Eu tenho trabalhado como atriz, mas para outras pessoas, tanto em teatro como algumas participações

que já fiz em cinema, enfim, de outras coisas, mas agora a minha vontade é cada vez mais criar os meus projetos e neste quando penso na criação dos meus projetos, tenho sempre muita vontade em fazê-lo com temas da nossa sociedade, ou seja, à volta das pessoas, à volta daquilo que nos faz mover e que me dizem alguma coisa, portanto para mim as pessoas devem ser tratadas todas de igual forma, acho que todos temos de ter os mesmos direitos e deveres e portanto... aqui à uns anos em Portugal, eu não sei se a ADRIANA ouviu falar, houve uma trabalhadora, uma prostituta de rua, neste caso uma trabalhadora de rua, eu não gosto nada da palavra prostituta, acho muito feia... mas a Gisberta, foi assassinada em 2006 aqui no Porto

ADRIANA: É uma brasileira?

RITA: Sim exatamente, é uma brasileira.

ADRIANA: Eu acho que não estamos falando da mesma pessoa, essa que ficou muito conhecida, ela morreu de sida...

RITA: Ah, não, não. A Gisberta foi... portanto ela morava na rua e foi assassinada por jovens, portanto foi assi uma história muito triste, a Gisberta inclusive, deu... foi aqui a mentora, por causa da sua morte, do projeto LGBT em Portugal, portanto, das pessoas que começaram no fundo, todos os anos, a celebrar essa data como uma luta, como um dia de luta pelos direitos das pessoas e portanto, desde essa altura este caso ficou-me aqui muito na cabeça. Eu não percebia... eu era mais nova e não percebia muito bem como se podia fazer uma coisa destas e depois nós seguíamos a nossa vida, não é?, normalmente. E então quando comecei a investigação, dentro de várias áreas, comecei a investigar a violência, depois fui para a violência da mulher, depois passei... saí da violência da mulher e comecei a perceber que tipo de grupos é que sofriam mais violência da sociedade, que eram mais menosprezados pela sociedade, que não tinham espaço, que não tinham voz. E havia vários, as pessoas que vivem nas prisões, as doenças mentais, eu tinha assim vários grupos que me interessavam, mas a certa altura, também pela Gisberta, achei que os trabalhadores do sexo eram de facto a área que me interessava investigar e falar sobre, pronto e aqui estou eu, contactei várias pessoas, associações, entidades.

ADRIANA: E porque... desculpa eu te interromper, e porque você optou por focar nessa área, da indústria do sexo?

RITA: Porque eu acho que á algo que existe, é algo que... existe diariamente, nós somos seres humanos, toda agente precisa de sexo não é, ou grande parte das pessoas imagino eu, precisam de sexo, fazem sexo, é algo natural, mas que a sociedade fez com que não fosse, não é?... e, portanto, fez com que nós todos olhássemos para o sexo como uma coisa estranha, como uma coisa que tem de ser escondida, como uma coisa que é quase proibida, enfim... não só por isto, mas também porque para mim não faz sentido ser algo que é praticado por pessoas que não têm direitos, não é, que estão completamente sujeitas a tudo e mais alguma coisa sem qualquer proteção. E eu estou a falar aqui em Portugal, porque obviamente há países que já mudou um bocadinho esta situação e têm alguns direitos, têm alguma voz, mas aqui em Portugal não, de todo. Curiosamente eu quando comecei a investigar, comecei a perceber que aqui em Portugal já existem alguns movimentos que começam de facto a lutar para que os direitos dos

trabalhadores sejam reconhecidos, existe... tive a sorte de quando partilhei... eu partilhei um post no meu Face Book a pedir... portanto a explicar que estava a desenvolver uma investigação e que procurava profissionais do sexo para entrevistar e fui contactada pelo movimento dos trabalhadores do sexo aqui em Portugal, que no fundo é um coletivo de pessoas que tem três anos, não chega a ter quatro anos porque era outro grupo que entretanto se fundiu um bocadinho e entretanto se tornou um movimento e no fundo tem aqui um trabalho... são todos trabalhadores da industria e tentam se apoiar uns aos outros, tentam lutar pelos seus direitos, foram o ano passado ao parlamento, curiosamente, a minha investigação prende-se aqui com uma altura que as pessoas da industria que trabalham estão a tentar fazer alguma coisa. Eu quando comecei a investigar, eu achava que estávamos ainda mais atrás, desse lado, portanto fiquei muito contente que alguma coisa já estivesse a ser feita. Mas em todo o caso perceber... peço desculpa que vou deligar aqui o som dos meus e-mails...que as pessoas que trabalham não são dignas, não são vistas como pessoas dignas que desenvolvem uma atividade como outra qualquer porque... por mais difícil que seja para algumas pessoas compreender, nós não temos de compreender tudo, não é? Nós temos é de respeitar as pessoas e como se facto isso não acontece, eu achei que era um momento de tentar dar aqui um bocadinho de espaço e de voz aos trabalhadores, era a minha vontade.

E então assim, a primeira coisa que eu gostava de lhe perguntar era para a ADRIANA me contar da sua história, no fundo o que me quiser contar, aqui que faz sentido para si, se quiser falar do seu passado, da sua infância, enfim, eu depois vou fazer algumas perguntas, mas assim para começarmos, gostava que me contasse aquilo que me quiser contar sobre si.

ADRIANA: Então...eu gostaria que você fosse-me perguntando e nisso eu vou-me lembrando da situação, das coisas e vou-te respondendo em cima das perguntas, entendeu? Porquê? É muito longa e tem várias situações, então eu acho melhor, não sei, se você pensar o contrário pode-me dizer.

RITA: Ok, Não, não, claro que eu vou-lhe perguntando e vai-se recordando aqui de várias coisas e vai desenvolvendo.

ADRIANA: Exatamente!!!

RITA: Então a primeira coisa que eu lhe pedia era para me dizer onde é que nasceu? Onde é que cresceu? E onde é que viveu assim... grande parte da sua vida?

ADRIANA: Tá! Então, eu nasci no Brasil, né! Numa pequena cidade que se chama Brumadinho, que é Minas Gerais e... eu cresci lá, né, minha vida toda. Sempre morei nessa cidadezinha do interior e vim numa família de classe média, média e... e estudei Administração de Empresa, que mais... e só tem um... nós somos uma família de nove irmãos... e pronto! Vai perguntando!!!

RITA: E portanto, e viveu sempre na cidade onde nasceu???

ADRIANA: Isso, isso, e estudava na cidade... na capital, em Belo Horizonte, eu ia e voltava e trabalhava.. eu tinha uma fábrica de xxx.

RITA: UH UH!!! E...portanto disse-me... tem quantos irmãos?

ADRIANA: Éramos nove, morreu um, ahhh..., somos oito!

RITA: OK! Então assim relativamente à sua infância... assim o que é que me pode contar, de momentos que partilhou com os seus irmãos, coisas que faziam na sua cidade..., enfim, contar-me aqui um bocadinho sobre a sua infância.

ADRIANA: Então... a minha infância ahhh... foi... eu comecei a trabalhar muito cedo com o meu pai, entendeu? O meu pai tinha uma fazenda em "Piedade dos Gerais" (???) e levava todos os irmãos para ajudar na planta de milho, de feijão e então eu comecei a trabalhar muito cedo. Ia para a escola e assim que a gente chegasse da escola, a gente tinha que ir para a "rossa???", para trabalhar, para ajudar meu pai, né???! Mas eu não tive uma infância assim de brincar..., de aproveitar como criança entendeu? Mais isso!!!

RITA: ah, a ADRIANA, é, portanto, dentro dos irmãos todos... em que lugar... é das mais novas? É do meio? É das mais velhas? Em que lugar é que fica?

ADRIANA: Eu sou uma das mais velhas, hoje eu tenho 48 anos e tenho a minha irmã mais nova que tem 34 e o meu irmão mais velho tem 60. O mais velho!

RITA: UH UH, muito bem! E, portanto, mantém a relação com os seus irmãos até hoje? Estão muito distantes? Só fala com alguns? Só para perceber assim um bocadinho como é o contacto...

ADRIANA: Sim, eu falo com todos, sim falo com todos. Mas não tem aquela ligação bem próxima, a minha ligação bem próxima é só com duas irmãs e com a minha mãe!

RITA: e... e então quando é que saiu da sua cidade e... a primeira vez que saiu da sua cidade, foi em que altura e por que motivo?

ADRIANA: Então, para te falar a verdade, eu nunca saí da minha cidade, porquê? Eu come... aí eu estudava e trabalhava numa fábrica de tecelagem. E... e fiquei trabalhando nessa fábrica, aproximadamente uns 5 anos, depois disso, eu abri a minha própria fábrica, por isso é que eu estou-te falando e fiquei com essa fábrica mais ou menos uns 8 anos xxxxx (mas depois aconteceu uma desgraça) Na época eu conhecia um português pela internet, num bate papo, eu fiquei conversando com esse português, muito tempo..., aí ele começou a me dar força para vir para Portugal, que ele ia arranjar trabalho para mim, e tal... e eu acreditei nele, era um senhor, assim mais velho e tal. Só que, o que é que aconteceu??? Eu saí da minha cidade e vim para Portugal em 2007, eu cheguei em Portugal e não era nada daquilo que eu pensava, eu cheguei e ele era casado com uma brasileira, aí é que começou a minha história!! Haha, Mas, você pode-me perguntando tá, que aí eu vou-te...

RITA: sim, sim, quando eu sentir necessidade eu interrompo, não se preocupe.

ADRIANA: Isso, às vezes eu tou pulando etapas porque eu tou resumindo para você, entendeu? Tou falando o que aconteceu até eu chegar, porque muitas pessoas vêm, como você veio para aqui??

RITA: E, e, desde 2007 veio para Portugal e manteve-se em Portugal até quando?

ADRIANA: Então, eu cheguei... até quando que eu fiquei em Portugal? Eu fiquei de Portugal de 2007... ahh... deixa eu ver???... tem mais ou menos 5 anos que eu tô aqui, faz as conta que eu não tô bem de...

RITA: Estamos em 2021... foi para xxxx em 2015? 2016?

ADRIANA: Exatamente, no início de 2016, exatamente, isso!

RITA: Muito bem!

ADRIANA: Exatamente!

RITA: E, portanto, antes de ir para xxxx, em Portugal... foi nessa altura, ... teve em alguma cidade específica? Andou por vários sítios?

ADRIANA: Andei por vários sítios, eu fiquei a maior parte do meu tempo em xxxx, , aí eu trabalhava no xxx... Mas antes disso, de eu chegar a... a trabalhar como profissional do sexo né, ou não sei como você chama???

RITA: Sim, sim, sim, profissional do sexo, ou trabalhadora do sexo, sim, sim.

ADRIANA: Mas antes disso, é... eu tentei vender roupas, mas não deu certo, devido à burocracia, né?? Entendeu? Aí eu conheci uma brasileira, aí é que ela me deu a ideia de trabalhar na noite que... como que você chama aí? No bar alterno né? Bar alterno.

RITA: Nos clubes?

ADRIANA: é...? Bares alternos?

RITA: Ah, bar de alterne, sim, sim, sim!!! Sim sim, não tinha percebido. Bar de alterne.

ADRIANA: Isso!!! Exatamente. Como eu... na época...como eu não bebo até hoje... eu não consumo álcool, droga, essas coisas não. Como... e eu também não... não gosto de... não sou da noite, entendeu? Eu nunca fui da noite, eu não gosto assim de passar madrugada na noite, não. Desde a minha adolescência, eu nunca fui assim. E como precisava de beber, de usar droga... não obrigatoriamente, pra ganhar...eu tou dizendo para ganhar dinheiro, entendeu? Porque no bar alterne não... às vezes... rolava só o convívio, né, só o sexo se a pessoa quisesse, se a mulher quisesse, aí ía para um quarto e vá lá, e... e... aí o cliente pagava à parte, aí no meu caso eu tentei ganhar nos copo, aí, falo dos copo, mas eu não fazia nada, porque? Porque eu não bebia!

RITA: Claro!

ADRIANA: Aí eu conheci essa, essa brasileira, que me fez a proposta de alugar um apartamento e atender os clientes é... em casa, aí eu parei de trabalhar nos bares... no bar alterno. Eu fiquei pouco tempo, não fiquei nem dois meses para te falar a verdade, aí foi aí que começou.

RITA: uh uh, OK, muito bem! E... e então diga-me uma coisa, tem filhos ADRIANA?

ADRIANA: Não.

RITA: Não! Uh uh! Que sonhos é que sente que gostava de concretizar?

ADRIANA: Ehhh... Eu não percebi, desculpa!

RITA: Que sonhos, que sonhos? Se tem assim algum sonho que gostava de concretizar? De vir a concretizar

ADRIANA: Tá! O meu sonho é... é abrir o meu salão de estética aqui na xxxx!

RITA: uh uh!

ADRIANA: é o meu sonho. Trabalhar independente, mas só que aí, tem váááários fatores, é... documento, enfim..., entendeu? Mas você perguntou pelos meus sonhos... esse é um dos meus sonhos! É abrir um espaço.

RITA: É esse, é esse! Uh, uh. É um dos, é um dos...!

ADRIANA: Exatamente!

RITA: Então, e tem mais algum assim que me possa contar?

ADRIANA: Claro!!! E gostaria de voltar a estudar! É porque eu tranquei a minha faculdade lá... eu fiz a... só a metade do curso, Administração e gostaria de voltar a estudar aqui, se Deus quiser.

RITA: Uh, uh! Que é depois também para poder usar esses conhecimentos na gestão do seu... do seu salão, não é?

ADRIANA: Exatamente!!! Ahahaha, Exatamente!!!

RITA: Muito bem! E assim, sobre si ah... como é que se descreve? Pode-me falar um bocadinho sobre si? Algumas qualidades, alguns defeitos!!! Só para eu a conhecer um bocadinho melhor.

ADRIANA: A minha qualidade... eu tenho um coração muito bom, sou uma pessoa muito humana... e o meu defeito que eu acho que é um defeito, é... é acreditar em todo o mundo e confiar, estou me policiando. Entendeu? Então é... isso me prejudicou de mais aqui na Europa, porque eu sempre fui assim, sempre acreditei demais nas pessoas, sempre queria ajudar todo o mundo e... e não é todo o mundo que é amigo não, entendeu? É isso! Eu acho que é um dos meus maiores defeitos, é esse! Ehhh... Sê acreditar de mais nas pessoas. Eu acho que é um dos meus defeitos. E qualidade é....

RITA: Uh uh... aí, deixei... perdia-a agora, deixei de a ouvir.

ADRIANA: ... coração muito bom, hehehehe...

RITA: Ah, ah, ah ok, muito bem. Ahmmm, o que é que... o que é que gosta de fazer nos tempos livres?

ADRIANA: Ler... eh, eu adoro ler, ler livro de auto-ajuda, adoro ver filme, eh, cinema, gosto de teatro e gosto muito de filme verídico, aquele que realmente...

RITA: comentários...

ADRIANA: Comentários, exatamente, isso!

RITA: uh, uh, então, pronto, falando agora assim um bocadinho mais sobre o seu trabalho, o que é que a levou concretamente a trabalhar na indústria?

ADRIANA: Então... como eu te falei lá atrás, eu tinha a fábrica, eu perdi... eu perdi tudo, então eu fiquei devendo demais na minha cidade, fiquei com uma dívida enorme e a única opção que eu tinha, né... quando eu cheguei em Portugal, os meus planos eram outros planos, não tinha nada a ver com esse negócio de industria... nem conhecia, eu não sabia de nada, então sim... foi muito complicado, foi muito difícil... mas eu não tinha outra opção porque eu precisava de dinheiro rápido, mas não é um dinheiro fácil... como muitas pessoas pensam. Muita gente fala, ah é dinheiro fácil, não! É um dinheiro rápido, mas não é fácil...

RITA: Claro!

ADRIANA: ... dependendo da mulher, ela fica a vida toda com cicatrizes, entendeu? Psicologicamente falando, entra no mundo das drogas, do álcool... então não é fácil, ao contrário do que muitas pessoas pensam infelizmente. Quem está de fora, é fácil, né... é julgar, falar, mas quem está vivendo a situação é totalmente diferente.

RITA: E, portanto, quando é que começou a trabalhar? Como é que foi esse início? Portanto, foi para o bar de alterne, depois não funcionou porque não gostava de trabalhar à noite, como é que foi depois então o...

ADRIANA: Então, depois eu fui prá... eu conheci essa brasileira né, que ela... que ela já trabalhava no... num apartamento e eu comecei a trabalhar com ela no apartamento, em xxxx, depois eu viajava, mas no decorrer do tempo foi muito complicado, porque estava a lugar o apartamento e as pessoas exploravam e aproveitavam entendeu? Por exemplo, um aluguer que custa 600,00€, 400,00€, eles alugavam para a gente 300,00€ por semana, 350,00€, porquê? Porque eles sabiam o que a gente fazia e se a gente não aceitasse eles não alugavam...

RITA: Claro!

ADRIANA: Então tem várias... várias dificuldades no caminho!

RITA: E, portanto, trabalhou sempre em apartamento? Continua a trabalhar em apartamento ou já fez diferentes tipos de trabalhos dentro da indústria?

ADRIANA: Uhmmm, não eu trabalhava em apartamento, fazia deslocações, ia em hotéis, viajava com clientes...

RITA: E, portanto, ainda conti... é esse o tipo de trabalho que continua a desenvolver...

ADRIANA: Hoje em dia??

RITA: Uh Uhm!

ADRIANA: Não, hoje em dia eu trabalho com micro pigmentação, eu sou designer de sobrancelha.

RITA: Ahhhhhh. Portanto já não está... atualmente já não trabalha na indústria?

ADRIANA: Não! Não, eu trabalho só com a sobrancelha, design de sobrancelha. Eu fiz um curso em Portugal, fiz um curso no Brasil e trabalho com design de sobrancelha.

RITA: Muito bem! Muito bem!

ADRIANA: Até há pouco tempo, há pouco tempo sim, que eu estou dizendo. À uns dois... desculpa eu te interromper...

RITA: Não, não, não, ... diga...

ADRIANA: Às uns dois anos, até há uns dois anos atrás, Aí depois, eu vim para xxxx, conheci o meu marido e eu conheci..., eu fiz um curso de massagens tântrica... eu não sei se você já ouviu falar?

RITA: Sim, sim, já.

ADRIANA: E esse curso eu fiz no Brasil e... comecei a trabalhar aqui, nessa, nessa..., com a massagem! Só que essa massagem, as pessoas confundem muito, a massagem com sexo, entendeu?

RITA: uh uh!

ADRIANA: Mesmo assim, eu trabalhei uns dois anos, depois eu conheci o meu marido e parei porque ele não aceitava. Mas não tinha nada a ver com sexo, nada a ver! Aí eu parei de trabalhar nas massagens e fiz o curso de design de sobrancelha. A minha irmã já trabalha com design de sobrancelha há muito tempo e eu adoro trabalhar com estética e essas coisas. Aí eu fiz o curso e estou trabalhando com isso, aqui, agora. Mas de sexo eu já parei tem bastante tempo, depois eu comecei a fazer massagem e fiz o curso de sobrancelha, de design de sobrancelha e estou trabalhando com isso aqui, agora, na xxxx.

RITA: Mas quando foi para xxxx ainda trabalhava na indústria, ou, ou...?

ADRIANA: Ah, sim, sim, sim, trabalhava, trabalhava.

RITA: E foi para xxx porque,... porque... por algum motivo, ou seja, poderia ter ido para outro país qualquer, ou ter, hehehe

ADRIANA: Não, eu no..., eu vim para a xxxx, para te falar a verdade, para fugir do... dum relacionamento toxico. Eu conheci um rapaz, não é? Um português, aí em Portugal, a gente começou a namorar, então ele não aceitava de jeito nenhum eu trabalhar como garota de programa, mas ele também não me ajudava, apesar que ele tinha situação financeira boa, entendeu? Mas ele não me ajudava! Eu não podia abrir mão do meu trabalho devido a ele, entendeu?

RITA: Claro!

ADRIANA: Então eu optei por vir para cá, xxxx. Aí eu vim para cá, xxx através duma amiga minha que já trabalhava aqui. Mas eu trabalhava numa casa e dividia, entendeu? Eu dividia com... com o dono da casa. O que eu ganhava era 50% da dona do apartamento e 50% meu. Porque eu também não falava a língua, né! Então, enfim! Foi... foi isso, por isso é que eu vim para cá.

RITA: E na altura, enquanto trabalhava na indústria como é que descre... como é que descreve o seu trabalho? Portanto, era algo que fazia todos os dias? Dependia se tinha que viajar? Tinha algum site onde divulgava os seus serviços? Enfim! Só para eu perceber aqui um bocadinho...

ADRIANA: Tinha... Não eu tinha um site, eu pagava o site... cê está falando daqui ou daí?

RITA: No fundo, na altura em que trabalhava na indústria, não é?

ADRIANA: Ah sim! Não, a gente trabalhava com site. E tinha vários sites que a gente colocava anúncio, né? Pagava para anunciar, os clientes viam o anúncio, ligava e você falava o que você fazia, né? E pronto, xxx marcava o encontro.

RITA: E portanto..., tanto em Portugal, como em xxx, o esquema de trabalho era mais ou menos o mesmo ou houve mudanças quando foi para aí?

ADRIANA: Cê fala em que sentido? Em sentido financeiro?

RITA: Não, não, portanto continuou..., cá também usava os sites, aí também usava...! O sistema de trabalho era mais ou menos semelhante!

ADRIANA: Sim a mesma coisa, só que aqui..., aqui em sentido..., está-me ouvindo?

RITA: Tou, tou, tou, tou, tou a ouvi-la! Está-me a ouvir? Está-me a ouvir ADRIANA?

ADRIANA: Porque falou... ah aqui... essa era a única diferente... Tá-me ouvindo?

RITA: Tou, tou, tou a ouvi-la!

ADRIANA: Ah, tá! Então o..., aqui eles pagavam mais né? Aqui xxx. A diferença é essa. E a... ah... como é que eu vou explicar??? E os clientes era... era... eram mais ahh... eram diferentes, entendeu? O xxx com o português.

RITA: Em que sentido?

ADRIANA: É assim o..., o português, ele... eles... assim... os xxx respeitam mais, entendeu? Os portugueses não, por exemplo. Aí, eles ligavam, eu faço oral, vaginal, massagem, pronto. Aí quando chegava no apartamento, eles insistiam para fazer algo mais... Anal por exemplo, oral sem preservativo..., que eu não fazia... tem meninas que fazia... cada um é cada um, eu não julgo... né? Cada um tem a sua vida... e como diz o popular brasileiro, "sabe onde é que a pedra... onde é que o sapato aperta", né? Enfim! E na xxxx não, na xxx eles eram mais respeitosos, entendeu? Nesse sentido! Eh, falava e chegava e pronto, era só isso. É nesse sentido que eu tô falando.

RITA: Muito bem!

ADRIANA: O trabalho aqui era mais fácil assim, né? Não desfazendo também dos portugueses, de jeito nenhum, eu tô só falando de como é que era o trabalho...

RITA: Claro, claro, a sua experiência diz que..., diz que era assim, não é? E, portanto, na altura em que trabalhava na indústria fazia-o porque sentia que não tinha outra alternativa?

ADRIANA: Olha... eu tinha outra alternativa, assim, eu podia trabalhar, né? Normal, mas não pelo que eu precisava de ganhar, entendeu? Porque eu devia de mais no Brasil, então eu fui para Portugal no intuito... o meu objetivo era pagar as minhas contas e se eu fosse trabalhar num trabalho normal, como muitas pessoas trabalham, eu não ia atingir o meu objetivo eh... financeiramente falando. Então eu optei por isso.

RITA: uh, uh. Muito bem! E enquanto trabalhou na indústria, o que é que sentia?... Quais eram as dificuldades do trabalho que desenvolvia? Para si!

ADRIANA: Como assim que cê fala?

RITA: Sentia dificuldade no desempenho..., por exemplo já me falou na questão dos homens aqui, às vezes não cumprirem com aquilo que, que era acordado, não é? mas, ah... ao desenvolver o trabalho sentia dificuldade em, em... comunicar com outras pessoas, tinha que viver só dentro da comunidade dos trabalhadores? Tinha alguns receios? Enfim! No fundo, se sentia? Se sentia algumas dificuldades no desempenho da sua atividade?

ADRIANA: Não... eu não tinha amizade com pessoas fora da área. Porquê? Era... era muito..., como eu vou dizer? Era muita pergunta, o que é que você faz? Eu não, eu não relacionava com ninguém, não arranjava namorado, igual ao que eu te falei, o primeiro relacionamento que eu tive. Eu tive problema devido ao meu trabalho, aí eu optei para não fazer amizade com ninguém a não ser assim só as pessoas do círculo lá de... que trabalhavam o mesmo que eu. Mas não tinha muita coisa a aprender, entendeu? Porque o assunto era só aquilo. E isso é que era chato do trabalho, entendeu? Porque não..., era só aquilo! Pronto!

RITA: Portanto, era uma vida um bocadinho fechada, é isso que me está a dizer, é só dentro da...

ADRIANA: Exatamente! Uma vida assim sem nexos, sem sentido nenhum. É... e só problemas... as meninas... cada uma tinha um problema maior do que a outra, e...

muitos tinham problema com cliente também às vezes, entendeu? Então, era isso, não tinha muito a aprender não, nada!

RITA: Hum, hum, E a certa altura, sentia que estava a conseguir cumprir com o seu objetivo? Portanto estava a trabalhar para cumprir com um objetivo e estava a conseguir fazê-lo?

ADRIANA: Sim, sim... Não, nessa questão eu não..., eu não tinha nada a reclamar não. Mas tinha de focar muito porque... porque também não era fácil né? Você ficava psicologicamente... às vezes parava para pensar, o que é que eu tou fazendo aqui? Eu tou abrindo a porta para um homem que eu nunca vi... Então eu deixava isso de lado porque... para não ficar doida entendeu? Às vezes eu caía nessas ciladas de ficar pensando, meu Deus eu tou abrindo as pernas para uma pessoa que eu nunca vi na vida, para um homem que eu nunca vi, é bizarro! Você desculpa de eu falar assim né, com esse palavreado, mas era exatamente isso que eu pensava

RITA: Não, não, não, não. Claro! Portanto, isto era uma das dificuldades, no fundo, que enfrentava, de vez em quando pensava no que estava a fazer e sentir que alguma coisa para si não estava certa, não é?

ADRIANA: Exatamente! Exatamente! Essa quando você perguntou a dificuldade, essa é a grande dificuldade. A maior!

RITA: Pois... Mas no fundo, a certa altura, como tinha um objetivo estava a trabalhar na indústria por escolha, não é? Não era por não ter outras opções de trabalho como me disse.

ADRIANA: Não, por escolha.

RITA: Hum, hum. Enquanto trabalhou na indústria tinha assim alguns receios? Ou de cliente, ou de saberem o que é que fazia? Enfim, sentia que vivia assim com algum receio de alguma coisa?

ADRIANA: Hum... Como por exemplo? Desculpa!

RITA: Ah, por exemplo, disse que abria a porta a pessoas que não conhecia. Portanto a questão ou do medo ou... ou de não querer que soubessem aquilo que fazia, portanto, em termos de... se tinha assim algum receio? Algum medo de alguma coisa enquanto trabalhou.

ADRIANA: Não, não.

RITA: Não?

ADRIANA: Não, porque eu sempre fui seletiva com os meus clientes, sempre fui! Entendeu? Eu não atendia qualquer um. Pela voz, pela maneira de conversar no telefone... eu já sabia. Nesse sentido não, não tinha nenhum receio não. Eu sempre tive, desde nova, eu sempre tive uma cabeça muito aberta em relação a isso, entendeu? Ser tipo, ah eu sou dona da minha vida, ninguém tem nada a ver com isso... porque muitas meninas, elas sempre preocupam de mais, ou com namorado, família, entendeu? Lógico que a minha mãe... a minha família nunca soube o que

eu fiz aí, né? E o que eu fiz aqui também. Porque não é bonito para ninguém né? Ainda mais para a família. Mãe eu... minha família, isso é, minha mãe e... que é a minha melhor amiga e a minha irmã. Enfim, eu só preocupava com as duas que são mais as minhas amigas, entendeu? Agora o resto não, eu não preocupava, eu não preocupava não, para te falar a verdade

RITA: E alguma vez teve algum episódio de violência... ou física ou psicológica, enquanto trabalhou na indústria?

ADRIANA: Ahm... deixa eu ver um episódio...? Um episódio que eu tive psicológico, que foi aqui, para te falar a verdade... eu fui fazer uma deslocação e... aí chegando lá no cliente eu falei com ele que só fazia massagem e ele estava bêbado e drogado e... e eu não sabia. Pela voz eu pensei, que era um senhor e tal... eu cheguei lá era... não que os, que os mais velhos não façam né! Mas sempre eu tive esse cuidado de atender mais senhores, mas enfim! Na época eu também não falava muito bem e... aí eu chegando lá, ele me atendeu, me pagou, aí ele queria fazer sexo comigo, e eu falei assim, olha eu não faço sexo, é só mesmo a massagem e no final eu posso fazer a masturbação, aí ele começou a alterar. "Ah mais não foi isso que combinou" e não sei o quê! Eu fui e peguei o elevador e desci e desci o dinheiro que ele me pagou em cima da mesa, só que ele pensou que eu tinha roubado, que eu tinha saído com o dinheiro dele e isso é que me deixou muito traumatizada, foi à conta de eu chegar no meu carro e sair e ele estava com uma barra de ferro e jogou no meu carro, tanto é que quebrou o vidro de trás, mas foi à continha. Assim, acho que foi Deus mesmo, que estava me protegendo naquele dia. Isso foi muito traumatizante, muito traumatizante sim, eu olhando para o retrovisor e ele correndo atrás de mim, atrás do carro entendeu? Foi um dos traumas.

RITA: E nesse caso procurou alguma ajuda? Ou preferiu esquecer o assunto?

ADRIANA: Não. Não procurei nenhuma ajuda não. Não, porque não tinha documento aqui e ia só piorar a minha situação. Enfim, apesar que depois mais tarde eu vim a saber, eu conheci um cliente que é advogado, ele falou assim comigo que não tem nada a ver. Leis são leis, estão aqui para serem perfeitas e pelo facto de não ter papel não deixa de me dar o direito de me defender, entendeu? Mas na época não sabia, deixei para lá. Eu deixava tantas coisas para lá.

RITA: Portanto, numa situação quando se sentia numa situação de desprotegida, em que não tinha proteção, ou porque algum cliente foi mais agressivo ou porque teve alguma situação, não procurava ajuda, é isso? Mantinha-se em silêncio.

ADRIANA: Não. É um erro, mas não, eu não procurava não.

RITA: E sentia que podia confiar na polícia? Ou não?

ADRIANA: Não. Não porque eu já tive casos aí em Portugal xxxx Eu chamei a polícia. A polícia não fez absolutamente nada, só falou assim "isso é briga de casal", aí a polícia perguntou que estava acontecendo, ele falou assim, esta mulher é louca meu senhor. xxxx. Aí os policiais foram embora. Me deixou lá, eu tive que

chamar o reboque e ele ainda ficou rindo da minha cara. Então, eu fui começando assim, a pensar que eu tinha que ser a minha melhor amiga, eu mesma me cuidar porque eu não podia acreditar na confiança dos policiais, essas coisas, não. E mesmo porque eu não tinha documentos na época. E isso também em Portugal, tanto aí como aqui, eles são muito preconceituosos com brasileira, sem papel e na época a gente brigava, ele falava assim, vai embora para o seu país e sem papel. Entendeu? Então psicologicamente eu sofri muito nesse sentido.

RITA: Pois, essa situação conseguiu-se livrar. Depois, agora uma curiosidade, costuma vir a Portugal ou não?

ADRIANA: Direto eu vou aí. Muito.

RITA: Tem cá família, amigos?

ADRIANA: Tenho amigos aí em Portugal. Sempre vou aí.

RITA: Muito bem. Quando trabalhava na indústria como é que fazia, relativamente à remuneração, tinha alguma tabela de preço? Tinha consoante o serviço era um preço? Mudava? Só para perceber aqui um bocadinho como é que funcionava aqui o seu trabalho?

ADRIANA: Sim, tinha, por ex, meia hora era X, 1 hora era Y. E se você fazer algo mais era outro valor, só que não fazia. Por ex, se fizesse a anal, se fizesse oral natural era outro valor. Tinha tabela sim.

RITA: Ok e há bocado disse que aí pagavam mais, mas relativamente ao mercado português e onde est+a agora é muita a diferença dos valores?

ADRIANA: Muita, por ex, posso falar dos valores?

RITA: Sim, sim claro.

ADRIANA: Por ex, em Portugal meia hora, €50. Eu estou falando quando pagavam bem. Por ex, eu estava numa zona de pessoas, financeiramente falando, bem que é xxxx, não é? Mas por ex, se eu estava em xxxx, cai um pouco. Era €30, meia hora. E aqui meia hora €100, independente da zona. A diferença é grande.

RITA: Sem dúvida.

ADRIANA: Mas eu acho que também por causa do salário, eu acho que o salário aqui é maior.

RITA: Pois.

ADRIANA: Pois.

RITA: Aí o ordenado mínimo é bastante superior.

ADRIANA: É aqui parece que é mil e...

RITA: É, eu não tenho a certeza agora em quanto é que está, mas até era mais do que Espanha e Espanha era 1200 agora deve ter aumentado um bocadinho. Aqui ainda estamos em metade, portanto. É uma diferença e o custo de vida não é assim tão diferente.

Sentia que era bem remunerada face ao trabalho que fazia, Adriana?

ADRIANA: Não percebi, desculpe?

RITA: Sentia que era bem remunerada, portanto, era bem paga para aquilo que fazia? Para o seu trabalho?

ADRIANA: Se era bem remunerada?

RITA: Ou acha que os valores não eram justos para o seu trabalho? Deviam ganhar mais? Enfim...

ADRIANA: Em Portugal, para te falar a verdade Portugal não achava os valores bons, não, mas pela minha situação não podia ficar pior, entendeu? Pela minha situação que eu estou falando, mas aqui é bem melhor a remuneração. Mas não, não tinha muita reclamação não. Para te falar a verdade, assim os valores eram menores, mas, porém, os alugueres também eram menores do que aqui. Aqui na época eu pagava, por ex, 350/400/500 à semana; em Portugal pagava 100/150

RITA: Sim, é bastante diferente. E concretamente ao seu trabalho sentia que desempenhava bem o seu trabalho?

ADRIANA: Péssimo. Não. Não desempenhava. Para te falar a verdade.

RITA: E porquê? Posso-lhe perguntar?

ADRIANA: Como é que é?

RITA: Porquê é que sentia que não desempenhava bem o seu trabalho?

ADRIANA: Porque eu não gostava, detestava. Eu não gostava, entendeu? Então tudo se faz bem, com amor com vontade se desempenha bem, independente da profissão. Mas eu odiava. Eu não gostava. Eu fazia mesmo pelo dinheiro.

RITA: Nunca sentiu, portanto, sentiu sempre esse aperto, não é, no fundo?

ADRIANA: Exatamente, mas eu era muito simpática com os clientes. Entendeu? E muitos também não são todos que vão inclusivamente para fazer sexo. Muitos iam para conversar. A gente falava que acabava sendo uma psicóloga, que eles iam, desabafam. Falar dos problemas, falar da família. É claro, não é, a maioria é para sexo. A maioria, mas muitos iam também não com essa finalidade. Eles pagavam, conversavam, e iam embora.

RITA: Pois.

ADRIANA: Mas eu não desempenhava bem o meu trabalho.

RITA: Compreendo, então agora, concretamente, pronto que já mudou um bocadinho a sua vida. Eu tenho aqui uma pergunta, apesar de tudo, que é, quais são os seus planos para o futuro? Já me falou que quer abrir um salão, mas...

ADRIANA: É isso, estudar.

RITA: Tem assim mais algum plano, por ex, quer ficar. Pretende ficar em onde está, não é?

ADRIANA: Pretendo xxx. Exatamente. E tem mais tempo assim de poder visitar o meu país, ter tempo de poder ajudar outras pessoas mais necessitadas. É isso que, é os meus planos porque a gente está aqui, para falar a verdade, de passagem e a gente não pensa na morte, ninguém pensa na morte então no passar dos anos eu mudei bastante. Então é isso, praticamente isso.

RITA: E disse-me, portanto, quem a conhecia, tanto cá como aí, nunca souberam daquilo que fazia? Do seu trabalho?

ADRIANA: Não. Ninguém.

RITA: E, portanto, se às vezes tivesse que preencher algum documento, isto tanto em Portugal como aqui, se fosse a uma segurança social, se fosse a, enfim, algum, ao médico, algum sítio que tivesse que preencher uma, perguntava-lhe o que fazia, o que é escrevia? O que é que respondia?

ADRIANA: Eu respondia que era faxineira.

RITA: Ok e, portanto, não falava sobre o seu trabalho.

ADRIANA: Não.

RITA: Em Portugal estava, tinha alguma atividade aberta como empregada de limpeza, ou, enfim, estava registada na segurança social e nas finanças? Ou isso no início demorou bastante tempo?

ADRIANA: Não. Demorou bastante tempo. Eu tive um trabalho aí também, eu trabalhava no sindicato dos bancários. Eu conheci um cliente, que ele era presidente de um banco aí e ele me colocou no banco para vender seguros. Então eu trabalhei quase 1 ano.

Assim pelo salário de Portugal, era um bom salário, mas só que não ia resolver o meu problema financeiro aí eu resolvi sair. às vezes eu arrependo-me hoje de não ter ficado, entendeu? Porque era um bom trabalho. Eu podia ter crescido mais dentro da empresa.

RITA: Pois, e na altura em que trabalhava na indústria, se calhar agora é um bocadinho diferente, mas tinha consciência dos seus direitos? Porque teve aquela situação da violência e achou que não tinha direito a proteção, não é? Tinha consciência dos seus direitos como cidadã? Ou sentia que por trabalhar na indústria não tinha direitos?

ADRIANA: Não. Eu não tinha consciência dos meus direitos. Nunca tive. Hoje não. Hoje é diferente, mas na época não. Eu tinha medo também de me mandarem embora. Para me mandarem para o meu país, então eu tomava muito cuidado. Eu calava a boca para não me prejudicar, ficava com medo, não é?

RITA: Claro, pois.

ADRIANA: Mas é um erro. Enfim.

RITA: Sim, e sentia que era discriminada por causa do trabalho que fazia? As pessoas não sabiam aquilo que fazia, mas sentia que era discriminada de alguma forma? Independentemente do seu trabalho?

ADRIANA: Não.

RITA: Não. Nem por ser brasileira não sentia que havia discriminação?

ADRIANA: Não.

RITA: ok. Sentia que havia espaço para ser ouvida? A Adriana sentia que podia falar sobre o que queria, tanto cá como aí?

ADRIANA: Não, não.

RITA: Não sentia que era possível falar?

ADRIANA: Não, não sentia. Eu não me sentia segura também para falar, entendeu?

RITA: Ficou mais confiante, ganhou um bocadinho mais esse espaço depois de ter papeis?

ADRIANA: Muito mais. Sem dúvida. Muito mais, isso aí sim.

RITA: E concretamente se lhe perguntasse, sente que... na altura em que trabalhava, não agora, mas sentia que era uma pessoa visível ou invisível para a sociedade?

ADRIANA: Nossa, essa pergunta é muito difícil de responder. Com sinceridade eu não vou saber responder a essa pergunta sua. Desculpe.

RITA: Porque acha que não consegue encontrar uma resposta? Não sabe se era visível ou invisível.

ADRIANA: Não, vou-te ser sincera, tudo que estou te falando é o que eu sinto, é o que estou falando de verdade, mas essa pergunta aí realmente eu não sei te responder.

RITA: Claro, claro, mas...

ADRIANA: Porque, desculpe te interromper, porque eu não reparava nas pessoas, tipo assim, ahh você está me olhando de forma diferente. Eu nunca reparei,

entendeu? Igual muitas meninas chegaram para mim a falar, ahh aqui em Portugal é muito preconceito com as brasileiras, que não sei o quê. Elas sim, elas reparavam, mas é uma coisa que não reparava. Não observava, talvez se eu tivesse prestado mais atenção eu poderia te responder a isso.

RITA: Sim, mas no fundo se não sentia essa, se calhar não sentia assim essa discriminação ao ponto de ter de reparar, não é?

ADRIANA: Exatamente isso. Verdade.

RITA: Se pudesse mudar alguma coisa na lei relativamente ao trabalho na indústria do sexo, o que acha que faria?

ADRIANA: Eu acho que eles deveriam colocar as profissionais de sexo como um trabalho normal porque é um trabalho e não é assim... As profissionais do sexo não têm tanto direito, aliás não tem direito nenhum em relação aos outros trabalhos normais que eles falam, não é? Trabalho normal como se a indústria do sexo não fosse normal e tivesse mais respeito, principalmente.

RITA: Ou seja, apesar de não se sentir discriminada, apesar de não se ter apercebido, quando foi para xxx houve alguma que mudou na forma como estava inserida na sociedade em termos do trabalho que desenvolvia? Ou manteve-se em silêncio na mesma? Escondida na mesma? Com os mesmos receios na mesma? Portanto, houve aqui...

ADRIANA: Não porque... estranho você me fez a pergunta agora que eu lembrei de uma situação. Aí em Portugal não me sentia discriminada, para te falar a verdade não. Aqui sim, assim na maneira da gente falar aqui, por ex, eu sou muito simpática com todo o mundo, entendeu? Eu rio muito. Falo um pouco alto e aqui não. Aí um dia a minha colega estava falando, ahh que você fala bom para todo o mundo e teve um comentário lá com um rapaz, comentou com o amigo dela perguntando se eu fazia programa, pelo simples facto que eu sou muito alegre. Entendeu, então isso aí é o quê? Discriminação, não é?

RITA: Claro. Sim, sim

ADRIANA: Exatamente. Então aqui eu sou bem diferente que eu sou no Brasil, mas no Brasil posso rir, cumprimentar as pessoas normal. Aqui não. xxx Aqui eu não posso ser o que eu sou, entendeu? eu me sinto assim um pouco, sei lá, eu não me sinto à vontade pelo simples facto dessa situação que estou te falando. Aah se você rir muito eles já levam para outro caminho, entendeu? Enfim, deu para você perceber?

RITA: Ainda hoje sente isso apesar de já não estar na área? Ou agora já não pensa dessa forma?

ADRIANA: Sinto. Sinto, apesar que não estou na área porque se estivesse na área ainda estava, sei lá, um motivo, não é? Mas eu sinto isso realmente. Eu acho meio estranho, não sei explicar. É meio estranho.

RITA: Muito bem. Aqui, concretamente, em material para o espetáculo, se a Adriana, imaginemos que podia estar em cima do palco para dizer alguma coisa

às pessoas que a estavam a ouvir o que é que gostava de dizer? Relativamente pensando como trabalhadora, como ex trabalhadora da indústria do sexo. Sim

ADRIANA: Do sexo? O que gostaria de falar que para não entrar nessa vida porque é muito triste, é muito preconceito. Eu tive até sorte, entendeu? Eu não senti tanto igual a muitas colegas minhas sentiram e é perigoso então não entrar nessa vida.

RITA: Mas quando diz que é perigoso, porque é que diz que é perigoso?

ADRIANA: É porque muitas meninas, por ex, muitas meninas entram às vezes nem consome droga, não bebem e começa a beber, começa a se drogar e por outro caminho devido ao psicológico, entendeu? Quer esquecer a situação, aí piora mais ainda. Aí entra no mundo das drogas como muitas e muitas conheci nem usava droga nem nada, começou a usar depois que entrou no mundo, como que fala, esqueci. Perdão.

RITA: Nas drogas, pronto do álcool, portanto uma vida...

ADRIANA: Exatamente porque começa a ficar triste, depressiva, entendeu? Aí é isso.

RITA: Quando pensa no trabalho que desenvolveu há algum, se lhe perguntar algum objeto relacionado com o trabalho que fazia ocorre-lhe assim alguma coisa? Isto são coisas que posso vir a querer usar, não é? Objetos no espetáculo e assim pergunto a cada pessoa algumas referências, ou um objeto que usasse durante o seu trabalho ou algum que relacionasse com o seu trabalho?

ADRIANA: Como assim, que objeto, não entendi?

RITA: Portanto, ao pensar na sua atividade se eu lhe perguntar, se lhe pedir para me dizer um objeto que se relacione com o trabalho que fazia, pensa em alguma coisa? Ou algum adereço que usava? Ou algum objeto que tinha sempre consigo? Tanto para desempenhar o seu trabalho, imagens que dizia, olhe andava sempre com spray pimenta.

ADRIANA: Teve um amigo meu que foi muito engraçado. Ele me ofereceu um spray pimenta (...) mas eu devolvi para ele porque eu acredito muito assim no pensamento, sabe? Sei lá, eu acho que puxa, eu estou com o spray pimenta aqui, vou encontrar um louco. E eu devolvi para ele, por acaso. Não, não. Tirando isso não.

RITA: Não, ok.

ADRIANA: Foi só uma vez, mas eu fiquei com esse spray pimenta 3 dias e devolvi para ele. Disse, Ricardo toma esse spray pimenta. Dá impressão que eu estou puxando coisas negativas porque eu sou muito assim. Você pensa positivo, puxa coisas boas. Se pensa coisas boas você... Entendeu?

Aí eu achava que me incomodava, para te falar a verdade. Aí não.

RITA: Durante o tempo que trabalhou na indústria não havia assim nenhum objeto que, ou alguma coisa que andasse sempre consigo, ou às vezes utilizasse no seu trabalho?

ADRIANA: Como por ex, objeto?

RITA: Um batom, uma lingerie. Algum adereço que usasse ao seu trabalho? Luvas...

ADRIANA: Não. É porque eu só fazia o papai e mamãe como diz o popular. xxxx

RITA: Sim, sim. Claro, claro. Ainda bem. Durante o tempo que trabalhou fazia algum registo de clientes? Anotava os números nalgum livrinho? Enfim, tinha assim algum registo ou não? Entravam em contacto consigo?

ADRIANA: Ahh, sim, sim. Por ex, esse é difícil de colar, demora muito, dá muito trabalho, é chato. Tinha todos. Anotava todos.

RITA: Porque alguns deles eram recorrentes e assim já sabia...

ADRIANA: Exatamente. Já não atendia. Tinha tudo anotado.

RITA: Muito bem e por curiosidade, esses registos ainda os guarda, ou desfez-se deles?

ADRIANA: Me desfiz.

RITA: Não quis guardar nada?

ADRIANA: Não, nada.

RITA: Poderia me dizer uma música que goste?

ADRIANA: Uma música? Ahh, nossa... Meu Deus...

RITA: Isto porque depois eu no espetáculo, imagine, depois poderei querer utilizar algumas músicas em alguns momentos e pronto, também gostava de poder ter aqui alguns temas que as pessoas colaboraram me disseram.

ADRIANA: Eu gosto da música que que a Lady Gaga fez, mas eu não sei o nome dela. Ela fez com aquele filme, aí como chama...

RITA: Ahh, o "Nasce uma Estrela" ou qualquer coisa do género, não é?

ADRIANA: Exatamente. "Nasce uma Estrela"! É tema daquele filme.

RITA: Era a música principal do filme?

ADRIANA: Exatamente. Que até ela canta no piano. Acho que no piano com ele. Mas eu não sei o nome. Me falha a memória. Desculpe.

RITA: Não tem mal. Eu depois vou ver. Vou procurar a música. Uma coisa que entretanto, tinha-lhe dito, se calhar mando-lhe aqui pela WhatsApp. Eu depois vou-lhe pedir... Vou-lhe enviar um documento para autorizar. Eu depois, ou seja, eu estou aqui a entrevistá-la e depois vou escrever tudo aquilo que me está a dizer. E este documento diz: pede a sua autorização na partilha desta informação, obviamente que é confidencial.

Uma coisa que já lhe posso perguntar é que nome é que a Adriana gostava que, no caso de eu utilizar a sua história, que nome, como é que gostava de ser referida?

ADRIANA: Adriana. Eu sempre trabalhei com esse nome. Adriana.

RITA: Ok. Muito bem. Pronto, outra coisa que também eu depois lhe vou pedir quando lhe enviar é uma fotografia de uma parte do seu rosto. Ou do nariz, ou de um olho, ou da testa, ou da orelha porque a minha ideia é construir um rosto enorme, não é? Grande, com todas as partes dos rostos das pessoas que eu entrevistei e, portanto, eu estou a pedir às pessoas...

ADRIANA: Olhe que interessante.

RITA: Eu estou a pedir às pessoas para partilharem comigo. Até se tiver, imagine que enviou uma da orelha, da testa, enfim, mais do que uma está à vontade. Eu estou a pedir uma porque...

ADRIANA: Ahh sim, eu vou-te enviar dos meus olhos, que eu adoro.

RITA: Ok, fantástico.

ADRIANA: Pode ser?

RITA: Pode. Claro que sim. Eu acho que não tenho o seu email. A Adriana não chegou... Usa email ou não?

ADRIANA: Uso Eu te mando pelo whatsapp.

RITA: É, depois envie-me por whatsapp que assim eu envio-lhe as coisas por email. Já estamos assim quase a terminar. Entretanto, não sei se no decorrer da entrevista se lembrou assim de algum episódio? Ou de algum cliente que teve durante mais tempo? Com quem criou alguma ligação? Enfim, tem algum...

ADRIANA: Ahh sim... Ahh tem um que é o meu melhor amigo. É português. Ele já foi para o Brasil comigo. É o meu melhor amigo. É tipo assim, eu considero-o como irmão. A gente já namorou, mas não deu certo e a gente ficou amigo. Falo com ele todas semanas.

RITA: Que bom. Portanto faz parte da sua vida há muito tempo?

ADRIANA: Faz. Esse que sobrou, mas, só esse mesmo que sobrou como amigo.

RITA: Uma coisa que não sei se percebi bem, quando veio para Portugal depois as coisas não correram bem porque veio, contactou com aquele senhor, não é?

Que conheceu e depois as coisas não correram bem, depois como é que foi o início? A Adriana ficou completamente sozinha? Tinha aqui... Conheceu alguém? Como é que foi?

ADRIANA: Não. Aí eu conheci... Aí o que aconteceu, eu fiquei amiga da esposa desse senhor, brasileira e a brasileira me apresentou a uma amiga dela que se drogava a noite toda, nossa, sofreu demais. Meu Deus. E eu fiquei lá por falta de opção porque eu não tinha dinheiro, entendeu? Eu fiquei lá umas 4 semanas até eu conseguir algum dinheirinho. É isso.

RITA: E depois a partir daí começou a trabalhar e a conseguir o seu espaço?

ADRIANA: Exatamente. Não eu depois fui trabalhar em casas de meninas. Era uma parte para a dona da casa, uma parte para mim. Por ex, o convívio era €20, - 10 meu e 10 da casa. Foi aí que começou. Isso foi em xxxx.

RITA: Muito bem.

ADRIANA: Pois é.

RITA: Pronto, não sei se tem mais alguma história, mais algum momento. Mais alguma coisa que se lembre assim de me contar?

ADRIANA: Então, eu já dei uma entrevista na época. Não tem o jornal DN? Existe ainda?

RITA: Sim, sim o DN, sim.

ADRIANA: Eu trabalhava como Adriana. xxxxx

RITA: Lembra-se do nome livro, não?

ADRIANA: Ai, meu Deus. O nome não lembro, mas eu posso olhar. Eu tenho o livro dela...

RITA: Pronto, depois se me quer ver o nome do livro e dizer-me para eu poder pesquisar.

ADRIANA: Sim, eu vou-te enviar o nome. Eu vou procurar aqui e vou-te enviar. Mas eu acho que se escrever no google xxxx você vai encontrar. É porque a gente trabalhava só com empresários. Homens que tinham dinheiro, não é?

RITA: Claro.

ADRIANA: Aí e foi através dela que eu comecei a ganhar bastante dinheiro também. Que ela me foi ensinando os passos lá e pronto enfim. E através do livro dela o jornal contactou ela e a gente deu essa entrevista, mas ela era muito famosa e agora foi para o Brasil, montou empresa lá e enfim.

RITA: Ahh, já não está em Portugal, ok.

ADRIANA: Não. Não está em Portugal não. Penso eu. Eu perdi o contacto.

RITA: Muito bem. E trabalhava, portanto, ensinou-lhe coisas e trabalhou com a xxxx durante algum tempo? É isso?

ADRIANA: Trabalhei. Eu tinha um apartamento em xxxx e ela vinha de tempo em tempo trabalhar comigo e foi através dela que ela me ajudou muito nesse sentido para ganhar dinheiro porque eu trabalhava em outras zonas. Eu trabalhava em casa e ganhava metade. Então comecei a trabalhar para mim mesmo. Ela foi-me dando toques.

RITA: Pronto, eu vou ver aqui as coisas então dela.

ADRIANA: Ela é muito inteligentíssima. Gosta de ler, de estudar. Fala 4 idiomas. Ela foi das poucas pessoas assim que eu podia conversar, que. É uma pessoa que, assim, aproveitadora, entendeu? Tu podia prender. Não desfazendo as outras, mas as outras o assunto era só homem, tamanho do órgão genital do homem, não tinha muita coisa. Enfim, nada.

RITA: Não era interessante.

ADRIANA: Não era interessante a conversa. Exatamente.

RITA: Só para ver se eu, também, percebi. Quando o seu marido não gostasse que trabalhasse, portanto, o seu marido — o seu atual marido sabia na altura que trabalhava na indústria e depois deixou, não é? Ele sabe desse seu passado?

ADRIANA: Eu conheci ele na indústria. Eu conheci a trabalhar.

RITA: Ok. Portanto é um final feliz, final no sentido que foi aconteceu uma coisa boa, não é? No meio da...

ADRIANA: Ahh, exatamente. Exatamente. Ele me respeita demais, a família dele toda, enfim.

RITA: Muito bem. Pronto Adriana da minha parte eu não tenho assim mais perguntas. Quero-lhe agradecer a sua disponibilidade. Quero-lhe garantir obviamente todo o sigilo. Toda a minha pode estar confiante de que isto é tudo material sigiloso.

ADRIANA: Sim, claro.

RITA: Pronto e mais uma vez...

ADRIANA: Eu espero ter-te ajudado um pouquinho.

RITA: Sim, sim claro que sim. Eu entretanto, portanto eu explico às pessoas, eu agora termino, hoje é a última entrevista como lhe tinha dito. Eu amanhã de manhã vou estar a transcrever porque isto, portanto demora ainda bastante tempo passar para o papel, não é? Tudo aquilo que foi dito.

ADRIANA: Claro.

RITA: E depois à tarde vou estar com a minha orientadora porque já tenho muitas entrevistas escritas em que já consegui fazer isso e vamos começar a tentar a selecionar aqui partes da história. Agora no fundo é montar um puzzle.

ADRIANA: É porque você pega um pouquinho de cada uma e monta... não é isso? Pelo que eu estou...

RITA: É. A minha ideia...

ADRIANA: Ai que interessante.

RITA: A minha ideia é essa. Curiosamente à pouco tempo descobri um documento — eu tenho descoberto muitas coisas interessantes — descobri um documentário que foi feito também muito parecido com isto, entrevistaram pessoas mas em vez de fazerem montagens com as histórias, reproduziram, portanto foram atores a representar cada uma das histórias e eles estava ma contar. Era uma espécie de um documentário. Eu no início até julguei que era o mesmo, as próprias pessoas, os trabalhadores, mas afinal eram atores a representar essas histórias.

Pronto, há assim alguns espetáculos e mesmo cinema de coisas que têm sido feitas, mas a partir de testemunhos. Já se começa a criar, nesta área nem tanto, não propriamente, mas em diferentes áreas em que entrevistam as pessoas e depois a partir de histórias constroem o universo, pronto.

ADRIANA: Nossa, que interessante. Muito interessante. Você já ouviu falar do Paulo Coelho, o escritor?

RITA: Sim, eu li quando era mais nova eu lia muitos livros dele.

ADRIANA: Ele fez "11 minutos" e fala também...

RITA: Exatamente. Sim, "11 minutos"

ADRIANA: Muito... e ele fez assim parecido com o que você está dizendo. São personagens (...) no livro dele. Muito interessante e tudo assim 80% que está no livro é o que acontece no mundo do sexo. É aquilo ali mesmo. Não tem muito segredo. 80% do que está no livro dele é verídico.

RITA: Pois é. Eu tenho lido muita coisa e tenho, pronto tenho anotado muitos outros livros de pessoas que me foram falando, que eu fui descobrindo e foram-me dizendo, olha este livro, ou este filme, ou este artista. Enfim, ou por ex, o "Bruno, surfistinha" foi um filme que eu já vi há alguns anos.

ADRIANA: Ahh sim.

RITA: E pronto, também tenho como referência...

ADRIANA: Aquela (...) fez o filme com ela? Qual é?

RITA: Sim, é esse mesmo.

ADRIANA: eu também já vi o filme. Interessante. Mas se você quiser dá uma olhada na entrevista da Paula Li. Acho que você vai aproveitar alguma coisa. Eu vou-te enviar o nome do livro depois se você tiver tempo, disponibilidade. Dá uma olhadinha lá.

RITA: Agradeço.

ADRIANA: Faz parte do seu trabalho.

RITA: Sim, agradeço. Pronto Adriana, depois também eu vou-lhe dando. Vou-lhe mandando umas mensagens ou uns emails com, olhe neste momento estou, já tenho o texto pronto, já tenho isto pronto. Enfim, vou pondo-a a par também no meu processo para ir acompanhando, não é? Porque também faz parte dele.

ADRIANA: Claro. Claro. Eu te desejo muita boa sorte. Muito sucesso. 'Tá e fico feliz por poder participar.

RITA: eu também, eu também.

ADRIANA: Nem que seja 1%

RITA: Ahh não. Vai... Obrigada Adriana. Um beijinho e até breve então.

ADRIANA: Beijinho. Obrigada. Tchau.

###

ANEXO 8: DIÁRIO DO PROCESSO**19 de Fevereiro de 2020**

Apresentei ao Open Gab, a minha ideia de um espetáculo a partir da violência. A ideia foi solidificada numa das tarefas de pesquisa artística I. Fiquei com a ideia a marinar uns meses.

Violência sobre as mulheres, apenas violência, até que cheguei à violência social. A minha preocupação com o outro, o meu sentido ativista acabou por falar mais alto. E o título que trazia de trás das pesquisas e experiências, Qual o rosto da violência? mantive-o comigo.

Depois quando iniciamos o 2 ano do mestrado em Outubro de 2020, comecei a pesquisar precisamente nesta questão da sociedade. Quem é vítima e quem é opressor? Qual o nosso papel perante a violência? Interessava-me questionar e perceber a violência estrutural.

Mas era demasiado vago. Mas tinha algumas coisas em mente:

A frase que tinha trazido do Pecha Kucha "How can I make theater that leads the audience to take an action";

O Milo Rau e o seu belíssimo trabalho;

O teatro documental;

O lugar do espectador, que passou a como questionar/provocar o observador inerte;

Identificar estes rostos de vítimas e opressores.

A partir daqui, comecei a conseguir afunilar. Comecei a questionar quem está escondido, quem não tem espaço, quem não tem voz, quem vive à margem. E este foi o momento decisivo porque me encontrava com três grandes grupos:

Violência estrutural - os que vivem à margem

Violência simbólica - grupos específicos como profissionais do sexo, doenças mentais, reclusos)

Violência e opressão exercida pela religião.

Felizmente, a 30 de Outubro quando reuni com a minha orientadora, a questão dos que vivem à margem sobressaiu perante tudo o resto, e o grupo dos profissionais do sexo também. Os profissionais do sexo são marginalizados pela sociedade, vivem à margem, são invisíveis e não têm voz e talvez influenciada pela história da Gisberta morta em 2006, senti que era o momento de dar voz aos trabalhadorxs do sexo.

Só nesta altura decidi trabalhar sobre o universo dos trabalhadorxs do sexo e decidi avançar com a violência face os que vivem à margem - trabalhadorxs do sexo invisíveis.

Dia 17 Novembro assisti ao documentário MEU CORPO É POLÍTICO, de Alice Riff no espaço Circolando.

<https://www.youtube.com/watch?v=WsLnENBVt9k>

aborda o quotidiano de quatro militantes LGBT que vivem na periferia de São Paulo. Após a exibição, realizou-se uma conversa com a pesquisadora brasileira, transfeminista, Helena Vieira com a qual pude trocar algumas ideias sobre o corpo, violência simbólica de Bourdieu e outros conceitos.

Fiz muita pesquisa, reuni com Ana Lopes, Antropóloga e autora do livro Trabalhadorxs do sexo Uni-vos!, defendi o projeto em Dezembro de 2020 que foi considerado ambicioso mas gostaram da ideia.

Ao longo destes meses de pesquisa descobri um mundo que desconhecia. Descobri associações espelhadas pelo mundo, ativistas, livros e filmes que falam sobre o assunto e que tentam mostrar como o trabalho sexual é trabalho. Fotógrafos, artistas de outras áreas, investigações e muito material que me ajudou a entender mais sobre o mundo dos trabalhadorxs do sexo.

2021

Em finais de Janeiro, para dar resposta ao meu propósito e face à dificuldade de ir aos locais diretamente à procura de trabalhadorxs, acabei por fazer contactos por email e colocar posts nas redes sociais. O resultado

foi positivo porque encontrei movimentos em Portugal e pessoas com vontade em colaborar comigo.

6 de Fevereiro

Vi o Filme português A outra margem.

Falei pela primeira vez com o realizador António Silva. Fonte que não se pretende identificar. Disse que achava que não sofria violência estrutural, mas no desenrolar da conversa acabou por dizer que por opção não dizia à família quem era, pela sua avó a quem já tinha sido difícil entender que é homossexual. Para além disso diz que criou uma personagem e que opta pelo anonimato até por estratégia de marketing. Refere que é do Norte, mas atualmente está no Sul. Que faz outras coisas para além de realizar e da parte técnica da montagem e edição dos filmes, mas não disse o que. Diz que ele tem outra visão. Ou seja, não vê a indústria do sexo pelo lado da violência, mas se calhar não entendeu bem o que é.

Falou no site onlyfans.com. Diz que estão os profissionais dos filmes estão a trabalhar cada vez mais a trabalhar sozinhos sem necessitar de estúdios. O mercado digital está a crescer.

Deu a ideia de encerrar o espetáculo a falar do mercado digital estar a evoluir.

8 Fevereiro

Reunião Cláudia zoom.

A propósito do que o realizador que entrevistei disse, se crias personagens, segues o caminho da invisibilidade, e só por isso já está a sofrer de violência estrutural. Se não assumem que é violência estrutural tudo bem, talvez não entendam, mas ao criar a personagem vivem a margem sem o perceber

Quem define a violência estrutural? é o contexto e não o próprio. E quando ele diz que não sofre está errado.

<https://www.youtube.com/watch?v=OZO3XNIakN0>

1-TAREFAS

SPSS LIGADAS A PROSTITUIÇÃO

*2 - DEFINIR AMOSTRA - ARTIGOS E DOCUMENTARIOS QUE JÁ VI
TB CONTAM*

ex 3 pessoas porno

3 pessoas rua

3 luxo

striptease

procurar informação sobre esta amostra

*3-GUIÃO DE ENTREVISTA - será que faz sentido explicar
concretamente o que é a violência estrutural antes de
começar?*

O Universo sexual

*indústria artística do sexo - striptease por exemplo,
tipo bordel*

*prostituição de luxo que tem vários níveis do corpo ao
não corpo, do envolvimento sexual ou não - questão da
visibilidade. A pessoa quer aparecer*

*prostituição - venda do corpo enquanto serviço que pode
ser num meio urbano, rural*

PESQUISAR SITES E FAZER PERFIL

9 Fevereiro

*Lancei post nas minhas redes sociais à procura de
profissionais do sexo dispostos a colaborar comigo.*

10 Fevereiro

*Comecei a leitura do King Kong teoria da Virgínie
Despentes. Estou muito entusiasmada. Trata-se de uma
escritora, romancista e cineasta francesa. É conhecida
pelo seu trabalho sobre género, sexualidade e pessoas
que vivem à margem da sociedade por isso faz todo o
sentido para mim. Este livro fala da sua experiência
como TS e de ser mulher.*

13 Fevereiro

Falei com MTS ao telefone e expliquei projeto. Disse que queria saber se não seria mais uma vez uma forma de colocar os profissionais do sexo como coitadinhos. Percebeu que não e aceitou. Marcamos uma reunião para apresentar o projeto ao Movimento e angariar pessoas para entrevistar.

17 Fevereiro

Reunião via meet com o Movimento dxs Trabalhadorxs do sexo. Estive reunida com 9 pessoas e todas se mostraram disponíveis em contar as suas histórias. Expliquei a minha ideia, dei referências de espetáculos que usam testemunhos. Pelo menos uma disse que poderia entrar como intérprete. Deram o meu contacto a uma jornalista do publico com quem trabalham. Mostraram-se contentes com a minha ideia e querem ajudar a criar um objeto artístico que lhes dê voz e não as faça de coitadinhas.

21 Fevereiro

Concluí o guião definitivo da entrevista a ser usado.

26 Fevereiro

As entrevistas começaram a 26 de Fevereiro com a Rafaela.

Terminei de ler o livro Luís António Gabriela de Nelson Baskerville. O livro é uma peça de teatro que se baseia no pedido de desculpas do autor ao seu irmão mais velho Luís António, homossexual de 1953 que viveu com a família conservadora até os 30 anos, e depois, deixou a casa dos pais e desapareceu por algumas décadas. "Eu não soube nascer, mãe?" é uma frase tocante.

7 de Março

Assisti a uma roda feminista online acerca da Prostituição projeto exit-abolicionista. Mas acabei por sair sem terminar porque não concordo com a visão e

faz-me confusão que mulheres que se denominam feministas, se julguem no direito de julgar quem trabalha com sexo e de tentar erradicar o trabalho sexual.

9 de Março

Descobri o filme Normal - Real Stories from the Sex Industry, de Nicola Mai. <https://www.cultureunplugged.com/documentary/watch-online/play/52080/Normal---Real-Stories-from-the-Sex-Industry> que de alguma forma se assemelha ao que pretendo fazer. É um documentário, no qual entrevistam vários trabalhadorxs do sexo de vários países e eles contam as suas histórias. Infelizmente percebi no final que são atores a representar os casos reais, mas é muito interessante a perspetiva e a realidade que o realizador pretende mostrar.

16 de Março

Reuni com a PortoG no sentido de colaborarem comigo. Vão partilhar o anúncio e perceber se têm pessoas interessadas em colaborar comigo.

Descobri, entretanto, mais estudos, livros e a minha lista de pesquisa está cada vez maior. Também descobri a curta <https://vimeo.com/210177296> sobre a Gisberta e a música escrita por Maria Bethânia "Balada de Gisberta"

Continuo a leitura do livro da Ana Lopes, Trabalhadorxs do sexo Uni-vos.

Tem sido um processo bastante solitário, não tenho o tempo que gostaria de dedicar a ele, mas tem sido fascinante.

30 de Março

Já realizei as entrevistas previstas.

1 de Março Monique; 2 de Março Júlia, 3 de Março a Cláudia, 5 de Março Leandro; 11 de Março Flor; 15 de Março Susana e 30 de Março Adriana que foi adiada várias

vezes mas felizmente já a realizei. Estou emocionada e sinto-me afortunada por ter tido esta oportunidade. Foram momentos de partilha sinceros, onde rimos, onde me emocionei, falamos de histórias de vida difíceis, onde pude conhecer estas 8 pessoas com tanto para partilhar, mas que de alguma forma são castradas na sua maioria por não terem voz.

Fiquei especialmente tocada quando a Monique me disse que de alguma forma eu estava a contribuir para a realização do seu sonho de ser atriz e quando a Rafaela me disse que apenas pelo facto de a estar a ouvir já valia muito. Que os TS precisam de mais oportunidades como esta que proporcionei para serem ouvidos. Foi muito gratificante receber estas palavras.

Também já dei início às transcrições.

8 Abril

Terminaram as transcrições.

Descobri que Griselidis Real foi uma figura importante no mundo dos TS.

<https://www.facebook.com/watch/?v=840554865986874>

<https://losojosdehipatia.com.es/cultura/historia/griselidis-real-una-prostituta-revolucionaria/>

14 Abril

Iniciei a análise de todo o material para início da escrita. Comecei por ler a primeira entrevista e sublinhar as coisas que achei mais interessante, fazendo ponte com as minhas notas das entrevistas. Mas é um trabalho demasiado demorado, uma vez que estamos a falar de aproximadamente 150 páginas. Neste sentido resolvi falar com pessoas habituadas à escrita para encontrar outras formas de analisar o material.

Tive uma espécie de tutorial telefónico com Jorge Louraço no sentido de me dar algumas possibilidades de

tratamento do texto e de como iniciar este processo, uma vez que não tenho muito tempo.

LOURAÇO

Conclusões que posso apresentar no espetáculo:

-Mostrar a ideia de que no início da investigação, me custava a acreditar que estivessem na profissão por escolha. Achava que eram obrigadas a trabalhar, pobres, sem educação e conclui que fazem por opção.

-Mostrar a realidade dos TS. E a realidade é que é, estas mulheres estão por vontade própria, é uma decisão de vida, não romantizo nem sou paternalista. Mostro que é uma escolha consciente. De facto, muitas vezes escondem a profissão, porque o estado não as quer ver e apesar de ser uma escolha, optam por não divulgar. É só uma meia escolha, mas não tem reconhecimento oficial que é algo que eles lutam para que aconteça. O público pode ir de um estado de indiferença a ficar com uma noção mais concreta da realidade dos trabalhadorxs.

Conclusão, vou mostrar que o cidadão comum não pensa neste assunto desta forma nem acreditam que as pessoas estão por escolha. Porque na verdade, como os TS ocultam o que fazem, o senso comum, fica a pensar que os TS são obrigados, mas eu vou mostrar que tudo é mais complexo e interessa-me lutar por algum reconhecimento deles.

encontrar uma forma plástica que faça jus ao tema clandestinidade, marginalidade, jogo entre assumir e ocultar (com luzes, sombras, rostos tapados, meio corpo etc)

POSSIBILIDADE ESCRITA:

Ir as entrevistas perceber

-aspecto pessoal de cada historia

-ver como se interligam

-pensar num solo

-colagem de 10 paginas de texto mais interessantes e perceber com isto se posso construir algo com meias verdades e com a experiencia que afinal pensam pela própria cabeça e escolhem por elas próprias

16 Abril

Reunião Cláudia zoom

1-procurar temas chave

2-Procurar fazer a ekfrase 2

3- dos temas que escolhi vou selecionar texto e fazer colagens

ESCRITA - IMPORTANTE - vou partir do depoimento para escrever e não usar tal e qual

Resumo cláudia da nossa conversa

-Violência de ser mulher, o lugar do feminino (mulher está aqui para servir a masculinidade. Apesar da Rafaela ter dito que é como ir a uma massagem, para usufruir de uma experiência prazerosa, o discurso é muito para servir o masculino)

-Lugar da mulher na sexualidade

-Envelhecimento (profissão desgaste rápido e ter que ir p rua) analisar entrevistas com esta ideia

-Invisibilidade da prostituição (Não sou eu TS que a partida me estigmatizo. Eu estou num sector que me obrigada a estar invisível, mas eu não me sinto invisível. Escolho dizer apenas alguns o que faço, mas são questões conscientes)

Ser excluída e invisível já é uma condição de ser TS. Já não é questionada, é algo natural para as pessoas que trabalham na indústria e para todas as outras. Mas é falso porque na realidade isto não devia acontecer. Mas parece-me que não são os trabalhadorxs que se autoexcluem por vontade própria, mas sim por reflexo da sociedade.

-Lugar comum?

-Tudo isto é violência estrutural e é legitimada e é vivida pelas entrevistadas. É legitimada porque a perpetuo (ex servir a masculinidade, lugar da mulher na sexualidade, condição de ser excluída etc). Paradoxalmente temos a Escolha da profissão - escolhi por várias razões, auto estigma por exemplo.

-Tratam-se de pessoas com escolaridade alargada

*Quando se odeia o sexo
Meu querido sexo que tanto te odeio
o sangue por trás do sexo
Procuro sexo invisível*

3-Dos temas que escolhi vou selecionar texto e fazer colagens

-Violência estrutural

.Lugar feminino (mulher para servir o homem)

.Lugar da mulher na sexualidade

.Envelhecimento profissão (profissão desgaste rápido e ida para a rua)

.Estigma e preconceito da sociedade

.Invisibilidade (Área de trabalho que me obrigada a estar invisível, mesmo que não me sinta invisível. Escolho dizer apenas a alguns o que faço, pela sua proteção, pelo próprio preconceito face ao que faço, mas são questões conscientes)

.Violência simbólica. TS sofre de estigma. Estigma da profissão, estigma de ser brasileiro; de ser trans etc. A sociedade não altera o paradigma porque ser TS não é correto. Não reconhece a sua existência, profissão, direitos etc. E por isso o TS não se apresenta ao mundo e vive na clandestinidade. Mas nunca saberemos se a sociedade está disponível para olhar para estes trabalhadorxs de outra forma, porque os próprios trabalhadorxs já se segregaram. Embora alguns lutem por direitos.

-Escolha profissão (ao contrário da ideia de serem forçadas, escravizadas etc)

-Combater o estereotipo do TS

.tem educação

.não tem histórias de vida cheias de problemas e transtornos

.gostam do que fazem

.são bem remuneradas

-Descontam e querem ser legitimados - CONFIRMAR SE TODOS O FAZEM

Do livro King Kong tenho retirado várias citações:

Um capítulo especial é o Dormindo com o inimigo que se inicia na página 47.

Página 48

"Mas a venda de sexo preocupa o mundo todo, e as mulheres "respeitáveis" tem sempre algo a dizer sobre isso. (...) É fácil imaginar que o que essas mulheres respeitáveis não admitem, quando se preocupam com o destino das putas, é que temem a concorrência. (...) Se a prostituta exercer o seu comércio em condições decentes, (...) a posição da mulher casada torna-se bruscamente menos atrativa. Porque se o contrato prostitucional for banalizado, o contrato marital aparecerá como verdadeiramente é: uma troca na qual a mulher se compromete a efetuar um certo número de tarefas ingratas para assegurar o conforto do homem por um preço que desafia qualquer concorrência. Especialmente as tarefas sexuais."

Página 55 "Dizer que teve "um cliente" é colocar-se à margem da sociedade e submeter-se às fantasias sexuais mais divertidas. Nada trivial. Dizer que vai ver putas é diferente. Isso não faz de um homem um marginalizado, nem carimba a sua sexualidade, nem o predefine de maneira alguma. Espera-se que os clientes de prostitutas constituam uma população variada, pelas suas motivações e funcionamentos, as suas categorias sociais, as suas idades, as suas culturas. As mulheres que fazem esse tipo de trabalho são imediatamente estigmatizadas, pertencem a uma categoria única: a das vítimas."

"Na França, a maioria delas recusa-se a falar em público, a mostrar o próprio rosto, porque sabem que isso não se assume. É preciso ficar em silêncio. Sempre a mesma mecânica. Exige-se que elas sejam sujas, maculadas. (...) Não tememos que elas não sobrevivam, muito pelo contrário: temos medo de que elas venham nos

dizer, que o seu trabalho não é tão aterrorizante quanto parece. E não somente porque todo o trabalho é degradante, difícil e exigente. Mas também porque muitos homens nunca são tão amáveis como quando estão com uma puta."

Página 58 "Na nossa cultura, hipocritamente, o limite entre sedução e prostituição é apagado, e no fim das contas todos têm consciência disso"

Página 60 "Aquilo que eu podia vender (...)Esse sexo pertencia só a mim, não perdia o seu valor à medida que era utilizado e podia ser rentável. Novamente encontrava-me numa situação de ultrafeminilidade, mas dessa vez eu tirava um benefício líquido."

Página 62 "Ainda não consigo fazer a distinção entre a prostituição e o trabalho assalariado, entre a prostituição e a sedução feminina, entre o sexo pago e o sexo interessado, entre o que conheci naqueles anos e o que vi nos anos seguintes. O que as mulheres fazem com os seus corpos, a partir do momento em que são cercadas por homens que tem poder ou dinheiro, tudo isso me parece muito próximo no fim das contas. As nuances entre a feminilidade tal como é anunciada pelas revistas e a feminilidade da puta escapam-me sempre. E mesmo que algumas não deixem claro o seu preço, tenho a impressão de ter conhecido muitas putas desde então. Muitas mulheres a quem o sexo não interessa, mas sabem lucrar com ele".

Página 69 "O pacto da prostituição "eu pago-te e tu satisfazes-me" é a base da relação heterossexual. Fingir que esse pacto é estranho à nossa cultura é uma hipocrisia. Muito pelo contrário, a relação entre cliente macho heterossexual e puta é um contrato saudável e claro entre sexos. Por isso torna-se necessário complicá-lo, culpabilizá-lo"

Página 71 "(...) Mas sendo o mundo de hoje, economicamente o que é, isto é, uma guerra cruel e sem piedade, impedir o exercício da prostituição dentro de circunstâncias legais adequadas é especificamente impedir que a classe feminina enriqueça, que tire proveito da sua própria estigmatização."

Página 73 "A figura de puta é um bom exemplo: quando se afirma que a prostituição é uma "violência feita às mulheres" pretende-se que esqueçamos que a verdadeira violência é o casamento, assim como de maneira geral a maioria das coisas que suportamos. (...) A sexualidade masculina não constitui em si uma violência contra as mulheres se elas estiverem de acordo e forem bem remuneradas. A violência vem desse controle que é exercido sobre todos nós, essa faculdade de decidir em nosso lugar o que é digno e o que não é".

Página 116 final e início 117, frase Angela Davis

"Mas as mulheres não foram apenas chicoteadas e mutiladas, elas também foram estupradas". Engravadas a força e abandonadas sozinhas para educar os filhos. E sobreviveram. O que as mulheres atravessaram não foi somente a história dos homens, como os homens, mas também a sua própria violência específica. Uma violência sem precedentes. Daí esta proposição simples: vão todos tomar no cu, com sua condescendência roubada, suas macaquices de força asseguradas pelo coletivo, de proteção ocasional ou as suas manipulações de vítimas, para quem a emancipação feminina será sempre difícil se suportar. O que ainda é difícil é ser uma mulher e aguentar as suas imbecilidades. As vantagens que vocês tiram da nossa opressão são, na verdade, armadilhas. Quando vocês defendem suas prerrogativas de machos, vocês de tornam como que empregados de grandes hotéis que acham que são os proprietários... servos arrogantes, é o que vocês são.

Página 121 último parágrafo

O feminismo é uma revolução, não um reagrupamento de conselhos de marketing, não apenas uma vaga promoção da felação ou dos clubes de swing, não se trata apenas de melhorar os salários. O feminismo é uma aventura para as mulheres, para os homens e para os outros. Uma revolução em marcha. Uma visão do mundo. Uma escolha. Não se trata de opor as pequenas vantagens das mulheres às pequenas conquistas dos homens, mas de dinamitar tudo isso. Dito isso, boa sorte meninas, e boa viagem..."

28 Abril

Já selecionei o material das três entrevistas que escolhi para esta primeira fase. Esta escolha foi essencialmente com base na riqueza do material, com as ideias que pretendia recolher e pelo facto de se tratar de áreas distintas, nomeadamente Rua, Apartamento e Webcam.

11 Maio

Terminei a seleção, edição e tratamento desta primeira versão, pensando em 3 personagens e enviei para a Cláudia rever.

14 Maio

Reunião Cláudia zoom.

Possibilidades de espetáculos discutidas:

atores a fazer as histórias - ficcionado

documental - ter as trabalhadoras em palco

monólogo - eu fazer a história da Rafaela, mas transpô-la para texto dramático. Que será sempre o retrato de uma pessoa portuguesa ao contrário das outras histórias.

Decidimos que esta última será a melhor opção.

Conclusões Cláudia do meu material TextoV1:

A Cláudia disse que sentiu pelas entrevistas que estas três têm uma consciência social muito brechtiano, sem um pingó de ironia. Diferenciou ainda por: violência estrutural Rafaela, transgenidade xxx e susana componente artística, arte.

Disse que não posso ir buscar uma forma que não me foi dado, ex. comicidade. Mas posso usar o tom que me deram e mudar palavras, adaptar.

Posso passar para o tom cénico o que está lá, ex. sarcasmo da susana que pergunta se 7 minutos chegam para o cliente.

Posso ir às outras histórias buscar material para o monólogo. Ex Cláudia "empoderei-me quando entrei na indústria".

Falamos do relatório e este deve ter:

PREOCUPAÇÕES

ANÁLISES ENTREVISTAS

ANÁLISE CONTEÚDO - CATEGORIAS (EX SOCIODEMOGRÁFICO, TRABALHO ETC)

METODOLOGIA SE PUS EM PRÁTICA OU NÃO

CONCLUSÕES O QUE EU QUERIA CONSEGUI? NÃO' EXPLICAR

2 PARTE O QUE QUERIA - FAZER 3 Histórias,

DEPOIS DOCUMENTAL

DEPOIS CHEGO AO MONOLOGO

DEPOIS EXPLICAR COMO CONSTROI MONOLOGO

17 Maio

Comecei a trabalhar no sentido de construir um monólogo.

18 Maio

Entre em questionamentos. Questionei o facto de fazer o monólogo ficcionado da Rafaela.

Levantei a hipótese ser alguém a contar três histórias. Criar uma situação para contar as 3 histórias ou ser a Rafaela ativista que conta a sua história e de mais duas colegas.

23 Maio

Mais dúvidas criativas.

Não sei bem que caminho escolher porque tenho muitas ideias e nenhuma ao mesmo tempo.

Possibilidades:

Estar a preparar uma ação quase que política de intervenção fazendo do público as minhas testemunhas. Quase como se estivesse a ensaiar o que quero dizer...e "ensaiar" os momentos;

Estar à espera de um cliente e falar sozinha;

Estar a preparar-me para um dia de trabalho em que vou falando do processo do trabalho, e usando a entrevista para ir contando a minha história e de colegas.

24 Maio

Confirmação da data no THSC dia 17 montagem e espetáculo dia 18

Falei com Luísa sobre a Luz, mas vai para Lisboa.

Tentei falar com técnico de som amigo.

Pedi a um amigo disponibilidade para filmar o espetáculo.

Pedi Inês Pinto para fazer cartaz.

Pedi Irene para fazer produção e dossier de imprensa.

25 Maio

Enviei primeira versão do texto à Cláudia para rever.

Pedi informações ao Helena de técnica e visita ao espaço.

Falei com Aires do videomapping.

Descobri documentário "Morte de uma puta" de Harmonia Carmona, que saiu após a morte de Griselidis Real <https://www.youtube.com/watch?v=uGT1c2gRYb8> e <https://vimeo.com/35007902> reflete a luta pelos direitos dos TS. "Uma visualização sem precedentes do trabalho sexual que nos apresenta mulheres excepcionais que transgridem todos os preconceitos. Em 31 de maio de 2005, a prostituta mais famosa e mediática da Suíça, Grisélidis Réal, morreu em Genebra. A viagem através de sua biografia levará a conhecer paisagens e mulheres

inusitadas. Prostitutas da Bélgica, Suíça, Itália e Espanha que compartilharam com ela uma forma única de vivenciar o trabalho sexual. São mulheres que narram de forma positiva a sua experiência na prostituição e que por sua vez lideraram os grupos europeus mais ativos na defesa da regularização do trabalho sexual. Falam de prostituição sem ambiguidades. Rosto descoberto. Com eles conheceremos o lado mais desconhecido da prostituição: o mais doméstico e o pessoal. Se até agora os retratos de prostitutas se centraram na descrição da sua atividade profissional, "Muerte de una puta" fala-nos da sua vida fora da prostituição: a sua casa, a sua família, os seus amigos, os seus hobbies ... Todos os aspetos que enriquecem as representações mais convencionais e conhecidas da prostituição.

27 Maio

Enviei a terceira versão do texto para a Cláudia rever.

1 Junho

Terminei alterações da primeira versão e correções do texto enviado.

Falei com Jorge Loureiro, Nuno M. Cardoso e Sónia Cunha para lerem o texto.

Pedi a Isabel Carvalho e João Lourenço para ajudarem com encenação, mas não estão disponíveis.

Está agendada visita e reunião no Teatro dia 16 de Junho.

3 Junho

Reunião Cláudia zoom.

Falamos de detalhes de montagem, produção entre outras coisas. Também falamos de ideias de encenação.

Parte final do ativismo é uma reflexão tipo soliloquio, desabafo faz sentido. Uma reivindicação já não faria tanto sentido - neste momento o vídeo mapping faz sentido. Ou seja, o vídeo mapping pode ser usado nestas

*reflexões de pensamento, numa espécie de alteridade
registo documental, pensar neste imaginário*

*Pensar aliar voz off recurso cinematográfico no jogo
com o vídeo mapping para criar um universo de pensamento
e reflexão*

*Ou seja, o vídeo mapping pode ser usado nestas reflexões
de pensamento, numa espécie de alteridade registo
documental, pensar neste imaginário*

*Pensar aliar voz off recurso cinematográfico no jogo
com o vídeo mapping para criar um universo de pensamento
e reflexão*

Prioridades:

fechar texto

*pensar no que quero para o espetáculo - PENSAR ENCENAÇÃO
- qual a dramaturgia que quero?*

*dramaturga e encenadora - definir com vídeo o que pode
ser feito*

*possibilidade de ter vozes gravadas para aliar ao vídeo
mapping*

voz off funcionar sobre a imagem? uma noção da dobragem?

*Título - pode estar desenquadrado, mas tem que ser
forte, metafórico, simbólico. Procurar nas músicas,
blues por exemplo, e referência olga roriz tem bons
títulos*

*Cartaz - usar imagem feminina e a partir daqui cria
alguma coisa, pensar na sombra, na margem,*

6 Junho

*Cláudia enviou V4 do texto revista e tenho estado a
trabalhar nela. A retirar coisas. A fazer leituras em
voz alta para perceber o que está a mais. Trabalho de
mesa basicamente.*

Reunião zoom com Luísa da luz. Reunião telefónica com Miguel Sonoplastia, Luís figurinos e com Frederico Botelho sobre a música.

8 Junho

Escolha do título Camaleoa e desenho do Cartaz com a minha querida amiga e designer Inês Pinto.

10 Junho

Reunião com João Aires, do vídeo, para partilha de ideias e definição do que pretendemos.

O texto já está na versão 5 e tenho estado a trabalhar nele.

11 Junho

Conversei com a Sónia Passos que me levantou questões pertinentes. A questão do cristianismo, que ela julga ser mais uma questão da religião do que do cristianismo em si. A questão do que é um trabalho ou uma profissão. Que sentiu que quando falo de que posso optar por ser empregada de limpeza, mas que se ganha mal e não quero. Isto deixou-a a pensar e a mim também...

13 Junho

Estive a trabalhar na encenação, no texto e a definir melhor o que pretendo, que imagens quero criar e o papel que o vídeo pode ter.

14 Junho

Primeira leitura com a Cláudia via zoom. Texto está versão 6.

Questões da Sónia e forma que posso argumentar:

Ao conversarmos sobre as opiniões da Sónia, a Cláudia disse-me que eu deveria ter um olhar Brechtiano e devo defender a personagem?. Não sei se percebi...porque Brecht propõe um afastamento da personagem...

"no teatro épico a "distanciação" deve permitir o envolvimento do espectador no julgamento da sociedade. Por isso, o teatro épico implica comprometimento, crítica contra o individualismo, consciencialização perante o sofrimento dos outros e a realidade social. O espectador deve ter um olhar crítico para se aperceber melhor de todas as formas de injustiças e de opressões. Brecht propõe um afastamento entre o ator e a personagem e entre o espectador e a história narrada para que, de uma forma mais real e autêntica, possam fazer juízos de valor sobre o que está a ser representado."

NO RELATORIO DEVO LEVANTAR AS QUESTOES QUE A SONIA APONTA

trabalho - tarefa que desempenhamos em troca de remuneração. Para pagar contas. trabalho não legitimamos socialmente. Ex artistas que começam a dar aulas e não gostam e desempenham mal o seu trabalho.

profissão - identificação do sujeito aquilo que faz. Relaciona-se com identidade. profissão eu revejo-me no que faço, legitimamos socialmente

Trabalho/profissão. quem diz que a empregada de limpeza não considera o seu trabalho uma profissão??

Ex. a susana querer ser bailarina, identifica se com isso e desempenha o trabalho sexual. A Monique gosta e está bem a fazer.

Se não é reconhecido como profissão, que levanta questões éticas, da "venda" do corpo, mas também é complicado comprar coisas feitas por crianças como tecnologia. Não é tido como profissão, no entanto adquire características como profissão.

Falou das empregadas de limpeza que muitas vezes se assemelham ao TS, ou seja, vivem muitas vezes à margem. Não recebem bem, não tem descontos, mas é bem visto.

Ter conversa final espetáculo - boa ideia, mas ao mesmo tempo fico na dúvida da sua eficácia porque pode não

ser produtiva. Ter alguém, jornalista que esta a fazer cobertura do MTS ou alguém que está a fazer estudo na área, e algum trabalhador por exemplo, pode ser mais interessante. Partia da ficção do espetáculo para algo real. Mas aqui alguém ia preparado com perguntas.

Prepararia a conversa, essa pessoa levava questões e poderia ser rico.

Falei com o João Aires acerca do vídeo e projeção.

Enviei áudio à Rafaela e conversamos ao telefone. Tive que alterar a formação do texto por questões de confidencialidade. Mas ela gostou. Disse que é uma visão bastante positiva e que não é sempre assim, mas que gostou de ouvir e que acredita que no final resulte muito bem.

Disse que iria partilhar por vários recursos o cartaz assim que eu dê o ok.

Enviei texto final para Nuno M; para a Luísa da Luz e para o Miguel sonoplastia com mais algumas referências.

15 Junho

Terminei o texto com revisões e correção Português da minha prima Maria João. Estou na versão 7.

Comecei a decorar. Esta coisa de decorar sem estar no espaço, com as coisas, etc. é estranho, mas não vou ter muito tempo e preciso ir para a sala de ensaio já com algum trabalho adiantado. Fiz algum trabalho de mesa, mas passa muito por ir absorvendo as palavras e algumas emoções.

Pedi reserva de salas à ESMAE.

16 Junho

Reunião no Teatro Helena Sá e Costa.

Reunião Valentina sobre fotografia e filmagens para as projeções

Já decorei grande parte do texto

18 Junho

Partilha do cartaz nas redes sociais.

É com muito entusiasmo que partilho o cartaz de um projeto muito querido para mim. Estamxs precisamente a um mês de apresentar o espetáculo Camaleoa no Teatro Helena Sá e Costa. Desde outubro de 2020 que me encontro em pesquisa. Trata-se de uma investigação pelo mundo dos trabalhadorxs do sexo e tem sido uma grande aprendizagem.

Parti com alguns pressupostos e vontades como fazer observação de campo, ter não atorxs comigo em cena, trabalhar mais o registo documental, mas pelo caminho tive de deixar cair algumas coisas, agarrei outras e tive de adaptar à situação em que nos encontrávamos.

Um processo que me deu a oportunidade de conhecer pessoas muito corajosas que de forma muito generosa abriram o seu coração e partilharam a sua experiência, os seus medos, as suas conquistas e os seus sonhos.

Tive o privilégio de entrevistar algumas dessas pessoas, de ouvir muitas histórias, fazer bastantes perguntas, transcrever muitas horas de vidas, conversar com tantas outras. Sinto-me assoberbada e ao mesmo tempo muito orgulhosa.

Escrevi o meu primeiro texto, estou a fazer a minha primeira encenação e pela primeira vez também estarei sozinha em palco. Muitas primeiras vezes. Por isso carrego um friozinho na barriga desde a confirmação da data.

Para além disso, sinto bastante responsabilidade para com o tema, que é bastante controverso na sociedade, e para com todos os que genuinamente embarcaram nesta viagem comigo.

Tem sido um grande desafio!! Aproveito para agradecer a todas as pessoas que me têm acompanhado e em breve encontramo-nos para pensarmxs juntxs.

[#investigaçãoartística](#)

*[#processoscriativos](#) [#teatro](#) [#imaginação](#) [#arte](#) [#palavra](#)
[a](#) [#opoderdapalavra](#) [#opoderdaarte](#) [#criatividade](#) [#criar](#)*

[#pesquisaemteatro](#) [#ritapinheiro](#) [#escritadecenaaparti](#)
[rdetestemunhos](#) [#processodeescrita](#)

[#pesquisaemartes](#) [#pesquisa](#) [#investigaçãodemteatro](#)
[#processocriativo](#)

[#profissionaisdosexo](#) [#projetoartístico](#) [#testemunhos](#) <#>
[escritadecena](#) [#investigacaoartística](#) [#movimentodxstr](#)
[abalhadorxsdosexo](#) [#trabalhadorxsdosexo](#)

20 Junho

Terminei de decorar o texto. Várias emoções e sensações estão lá. Sinto que me apropriei da Camaleoa e quando for para a sala vou ter mais tempo para trabalhar a fisicalidade, a espacialidade, e alicerçar esta vida, vidas, convicções e deixar sair a voz.

24 Junho

Gravações voz off. Juntei alguns colegas e de forma sincera, disponibilizaram-se hoje, feriado, para gravar as frases no estúdio do Alex Navarro. Sinto cada vez mais que há pessoas mesmo boas e com vontade de ajudar sem pedir nada em troca.

25 Junho

Experiências filmagens projeção.

Conversa Nuno M. acerca do texto. Disse que era muito pertinente, que o texto está bem e que a proposta é interessante. Em termos de encenação é um pressuposto simples e só tenho de ter cuidado para o mapping não se tornar um adereço. Por vezes menos é melhor e posso estar a tirar importância ao meu manifesto que é - sexo ser tabu e a falta de condições.

Ele vê o seguinte no texto:

LINHA DRAMATURGICA DO QUE ESTOU A DIZER

LINHA DA CAMÂMARA EM TEMPO REAL QUE ESTÁ A AMPLIFICAR A INTIMIDADE DA EXPOSIÇÃO

FALOU EM MAIS DUAS LINHAS QUE NÃO PERCEBI, mas uma delas era sobre as vozes e o mapping.

AO USAR O MAPPING, quando ESTOU A USAR AS VOZES, POSSO ESTAR A SER OPORTUNISTA POR QUERER SER ARTISTISTICA E usar uma estética, ou seja, ser apenas um adereço.

UNIVOCO - APENAS UM OLHAR. OU SEJA, NÃO APRESENTO O CONTRADITORIO NEM OS MALEFICIOS DO TRABALHO SEXUAL. FUNCIONA COMO ESPETÁCULO, MAS PARA A TESE TENHO QUE EXPLICAR QUE É UM PONTO DE VISTA E QUE POR EXISTIR EM ESTUDOS O OUTRO LADO, eu quis criar um projeto artístico a mostrar este lado.

O meu manifesto é: sexo ser tabu e falta de condições do trabalho. Ao expor estou a contribuir para retirar o tabu.

As vozes pretendem ser uma extensão da minha, ou seja, a minha voz torna-se múltiplas vozes

FINAL VOU TRABALHAR E SAIO C CARTEIRA PROFISSIONAL E FICA RESOLVIDO DRAMATURGICAMENTE. NÃO HÁ CLIENTE NENHUM A CHEGAR.

21 Junho

Reunião com a Cláudia via zoom para fazer leitura da parte do texto que será gravada. Deu bom feedback e a maior correção é não deixar cair na vítima.

Reunião Miguel Silva a propósito sonoplastia e universo musical. Chegamos à conclusão de que, os conceitos de ambiguidade e pouco evidente são palavras chave. Para o momento da dança algo dentro da música eletrónica com dessincronia foi o que sobressaiu. Parece-me que pode funcionar.

24 Junho

Gravação da voz off no estúdio do Alex Navarro.

Texto versão 8.

Na semana de 21 a 27 decidi decorar o texto que inicialmente estava previsto ser voz off. Não sei se vou querer manter essa ideia por isso achei bem ter tudo decorado.

Como o Miguel não consegue criar música, porque não é músico, falei com o João Reis, pianista que toca comigo na Rita Light, para fazer a música para o espetáculo.

A ficha técnica está quase pronta.

As informações da folha de sala e do dossier de imprensa estão a compor-se. A Irene está a agrupar tudo muito bem.

Tratei de alguns figurinos.

A marcação de sala de ensaios estava complicada, mas a Cláudia ajudou e conseguiu resolver. Estarei grande parte do tempo na sala preta. Parece que tudo se foi compondo e fui sempre encontrando soluções.

ANEXO 9: TEXTO**Camaleoa**

(AMBIENTE MUSICAL. Enquanto o público está a entrar, estou em casa, a realizar algumas ações. Possibilidade de arrumar coisas. Fazer tarefas comuns do dia a dia. Vou assumir o quotidiano de uma pessoa com uma vida banal.)

(mudança cénica/luz. **Tocador.** Sentada de costas para o público. **Projeção de mim a maquilhar-me em direto. Momento solilóquio.**)

A minha mãe tinha 46 anos quando nasci. Somos 4 irmãos, 2 raparigas e 2 rapazes.

Apesar de ser a do meio, acabei por ser a responsável pela educação deles a nível escolar.

Sempre tive a ideia de seguir Psicologia, mas, entretanto, a minha mãe faleceu.

Fiquei com dois irmãos menores a meu cargo, a responsabilidade de cuidar de tudo e fui obrigada a trabalhar. Como tirei geriatria no secundário, fui trabalhar para um lar.

Passámos bastantes dificuldades. Foi uma época difícil.

Costumo dizer que a minha mãe pensou que era eterna. Sempre preocupada com a nossa educação e o nosso percurso escolar.

-Estudem, que vocês conseguem. Se estudarem terão um futuro pela frente. *(sorri)*

Foi uma mãe que fez tudo o que pôde pelos quatro filhos. Zelava pela nossa educação, deu-nos amor, atenção...

Quando faleceu, e apesar de todos os seus esforços, percebi que não estávamos preparados para a vida, não é? Para o mercado de trabalho, para as obrigações... tínhamos bons valores, mas éramos demasiado jovens. Só quando ela morreu é que entendi o significado de assumir responsabilidades e ter um trabalho.

Pouco tempo depois, um dos meus irmãos adoeceu e tive de cuidar dele. Ainda tinha outro menor ao meu cuidado.

Depois tínhamos aqui a questão da segurança social, que nunca respondia a tempo. Os serviços diziam:

-Não há verbas, têm de aguardar. *(séria)*

E nós limitávamo-nos aceitar porque pensávamos que era mesmo assim que o sistema funcionava.

Estava a lidar com muita coisa e a tentar fazer o luto ao mesmo tempo. Ou seja, como adolescente encontrava-me com enormes responsabilidades às costas, num sistema que não dava resposta e sem maturidade ou recursos para enfrentar a nova realidade que tinha em mãos.

Só eu e outro irmão é que trabalhávamos. Eu ganhava o ordenado mínimo. 400 e tal euros para pagar as contas da casa, alimentação, transportes etc. Claro que isto gerou grandes dificuldades. Além disso, com a doença do meu irmão, o acesso a medicação, transportes para hospitais... estava sem apoio e com imensas obrigações.

Com a ausência da minha mãe e a doença do meu irmão, encontrava-me num beco sem saída.

Foi, então que ouvi falar num determinado tipo de pessoas com um determinado tipo de trabalho que lhes permitia pagar as contas e muito mais.

*(mudança cénica/luz. **Charriot escolher a roupa.** Mantém-se registo solilóquio)*

Tinha 18 anos, quando conheci uma dessas pessoas. Chamavam-lhe a Professora. Era uma figura incrível. Vestia muito bem, tinha carro. No café, pagava gelados às crianças todas. Tinha poder económico. Era uma personagem invejável.

E comecei a ouvir entre linhas:

-Ah, mas ela é trabalhadora do sexo.

E eu disse:

-Então eu também quero ser trabalhadora do sexo.

Mesmo sem saber o que isso significava, não é? Que é tipo, não, eu também quero ter essas coisas todas e essa vida. Também quero ter dinheiro para pagar as minhas contas, cuidar do meu irmão, da minha família, de mim....

Um dia, estou sozinha no café, dirijo-me a ela e pergunto-lhe:

-Posso ir para o teu trabalho?

Ela fica muito desconcertada.

-Não, nem pensar, és muito nova.

Mas lá fiz o meu papel. Expliquei-lhe que precisava de trabalhar. Falei-lhe da minha situação e que me encontrava entre a espada e a parede. Tanto insisti que a Professora acabou por concordar em levar-me.

Naquela altura, eram aquelas casas de alterne, em que se se estava um bocado, se conversava, e se dançava. São espaços onde as pessoas pagam para ter uma companhia. Há todo o tipo de clientes: Casados, solteiros, pessoas tímidas, com problemas físicos, enfim, clientes que pagam para conversar, para dançar e beber um copo. É como ir a uma discoteca. Só que em vez de seduzirem alguém, pagam por aquela companhia. Pagam para poder estar com uma mulher.

E foi assim que entrei no trabalho sexual.

*(mudança cénica/luz. **Sento-me divã a coser uma peça de roupa**)*

Para mim não foi difícil quando comecei porque adoro conversar, adoro dançar, gosto muito de música e, em pouco tempo, os meus rendimentos aumentaram.

Talvez pelo facto da minha mãe ter uma certa idade, conversámos sempre muito. Como também queria seguir psicologia, ouvir os outros era algo verdadeiramente interessante para mim. E esta prática foi-me muito útil para lidar com os meus irmãos mais novos, com os professores, clientes... Ou seja, associei algo que sempre gostei de fazer como conversar, a lucros elevados. Ainda para mais na altura era jovem. Então, de certa forma, estas ferramentas ajudaram-me logo desde início e durante todo o meu percurso como trabalhadora do sexo. E claro, ganhava bastante dinheiro.

Entretanto, surgiu a oportunidade de ir trabalhar para outra zona. Os clubes diferem muito uns dos outros. Uns são mais simples, mais comuns, outros têm shows de strip com espetáculo ao vivo. Naturalmente nesses há a oportunidade de ganhar mais dinheiro. Ainda mais.

E acabei por ser convidada para um desses clubes, onde existia a música, a dança, e o espetáculo. Trabalhava 15 dias seguidos. Depois a pausa de descanso variava entre uma semana até 15 dias.

Estes clubes são frequentados por pessoas com outro poder económico e aí surgem as ofertas do sexo e tu vais dizendo:

-Não, não, não.

Mas, ao mesmo tempo vais falando com outras pessoas que o fazem, no mesmo espaço em que estás a trabalhar. Até que chegas a um ponto em que a oferta é tão grande que experimentas.

*(mudança luz. Continuo no **Divã** sentada)*

Recordo-me perfeitamente da primeira vez que estive com um cliente.

Curiosamente foi a primeira vez que me senti verdadeiramente empoderada. É incrível, não é? As pessoas não conseguem entender, porque não veem o meu trabalho com os mesmos olhos, mas finalmente estava no controlo. Eu detinha o poder. Exigia e comandava. Estava a ser paga para dominar e usar as minhas capacidades para proporcionar prazer.

E não senti vergonha nenhuma. Foi maravilhoso. A minha autoestima mudou.

A partir desse dia nunca mais fui a mesma. *(levo caixa de costura para o toucador)*

*(mudança cénica/luz. **Tocador**. Sentada de costas para o público. **Projeção de mim a pentear-me em direto. Momento solilóquio.**)*

Quando penso na minha infância, apercebo-me das dificuldades que passámos. Eu não tinha essa perceção na altura. Não sei bem como, mas a minha mãe, costureira, com quatro filhos, sempre nos conseguiu transmitir que éramos os melhores do mundo. E olhando para trás, éramos mesmo. Ela era uma pessoa muito especial.

Lembro-me de um dia ter pedido uns laços à minha mãe. O meu cabelo é ondulado, mas estava curto e eu queria o cabelo comprido e a abanar como o das minhas colegas. Então fomos a uma retrosaria. A minha mãe fez-me dois totós e pôs-me uns laços enormes. Os laços chegavam quase aos joelhos e eu abanava-os como se fossem o cabelo e sentia-me felicíssima. Quando revejo as fotografias sinto uma gratidão imensa e gostava que ela aqui estivesse para lhe agradecer.

(feliz) E no Natal?... Na minha ideia, tínhamos uma árvore de natal. Só mais tarde, enquanto organizava as fotografias, é que percebi que era apenas um ramo de um pinheiro, *(sorri)* apenas um ramo, não tinha árvore nem tronco. E a minha mãe pendurava uns chocalatinhos que comprava na estação de comboios. Não havia muitas prendas. *(pausa)*

Mas lembro-me de estar toda feliz a receber umas bolachas com recheio, um pacote a cada um, e foi a prenda mais...nós lambíamos aquilo tudo e às vezes quando estou com os meus irmãos ainda nos rimos. Foi uma infância feliz.

Ah! E era tão bom quando cantava com a minha mãe. *(Assertiva)* Eu achava que podia ser cantora. Gravámos muitas k7s, que ainda hoje tenho. Ela adorava ouvir-me e dizia:

-Canta pra mim, meu amor.

(divertida) O meu irmão, que fazia coro comigo, não gostava nada, mas eu começava a cantar, a minha mãe gravava e eu sentia-me tão feliz *(começo a cantar)*.

(mudança cénica/luz. Vou circulando pelo centro do espaço, enquanto Canto)

*(mudança cénica/luz. Falo diretamente para o público. Entra o **registo monólogo**)*

Eu acho que o que me levou a trabalhar na indústria do sexo foi a ambição. Queria ganhar mais e queria ter as minhas coisas.

*(mudança cénica/luz. Dirijo-me ao **charriot** e visto algo pela primeira vez)*

Trabalhei em diferentes áreas. Boates, apartamentos, webcam e também fiz trabalho de rua. Isto foi um percurso. Que devido a várias situações, se foi alterando. Mas independentemente da área, sempre exerci o trabalho sexual como qualquer outro trabalho.

(memória) No tempo em que trabalhava no lar, ganhava o ordenado mínimo, davam-me o almoço e trabalhava por turnos. Apanhava dois autocarros para lá e para cá. A meio do dia tinha um intervalo e depois trabalhava até às 10 da noite. Quando chegava a casa já era tarde. Não via os meus irmãos, não jantava, não tinha tempo para mim, absolutamente nada. Quando deixei este trabalho, fui para hotelaria, que é outra coisa que gosto. A questão da comunicação que adoro. Mas mais uma vez, os horários eram repartidos. Então entrava às 9h, tinha um intervalo durante a tarde e saía a meia noite. Ou seja, os turnos eram longos e os horários que apareciam, eram incompatíveis com a minha vida familiar porque ainda tinha os meus irmãos ao meu encargo. E aquilo que gastava em transportes, não compensava. Além disso tinha muitas despesas, necessitava de coisas, queria outras, mas ficava apenas com 100 e tal euros do meu ordenado. Então era tipo:

-Não, eu com 100 e tal euros como é que consigo chegar ao fim do mês? Nós temos de comer.

E depois no trabalho, comecei a aperceber-me das conversas das minhas colegas mais velhas que diziam que ia ser assim para o resto da minha vida.

Eu não crítico. Acho que cada um deve fazer aquilo que a sua consciência manda. Mas como mulher vi que, com a escolaridade que tinha na altura, teria de trabalhar muito, trabalhar muitas horas, teria de abdicar da minha vida, porque trabalhava aos fins de semana, tanto em hotelaria como no lar, e só passados alguns anos é que poderia ter um estatuto que me permitisse folgar aos fins de semana. Então via as ofertas de emprego, ouvia as mulheres mais velhas a falar e pensava:

-A minha vida vai ser sempre isto. Trabalhar, trabalhar, trabalhar, não poder ir a um restaurante, não poder comprar um telefone, não poder fazer umas férias, nada. Ou seja, ter de abdicar de tudo.

E quando surge esta oportunidade, de ganhar mais, não é mais, muitíssimo mais...começas a questionar-te. Depois, olhas à tua volta, vês pessoas com capacidades para fazer isto e aquilo, e pensas:

-Eu não vou ter mais oportunidades por isso tenho de aproveitar.

Ou então:

-Não, não vou fazer isto.

É uma opção.

No meu caso, não foi uma escolha entrar no trabalho sexual, mas foi uma opção ficar.

*(Volto ao **Divã**. Visto roupa que costi. Depois sento-me e dobro roupa)*

Mas atenção que nem todo o trabalho sexual implica contacto físico. Tu podes dançar, ser massagista, fazer webcam, podes ser alternadeira, que isso não exige contacto físico. Não há sexo envolvido. Uma alternadeira faz companhia, que foi como comecei, que no fundo é a mesma coisa de estar num lar. Para mim é semelhante.

Lembro-me de estar no lar a conversar com o Sr. Joaquim. Levava-lhe o jornal às 7h da manhã. Ele adorava ler. Uma outra senhora, da qual já não me recordo o nome, com 80 e tal anos, era escritora. Ah! Adorava ouvi-la. Conversava com ela e ela punha batom. Eu queria ouvir a sua história, mas ela só queria por o batom *(ri)*

-Quer maquilhar-se antes de ir para a sala de convívio? perguntava-lhe. *(risos)*

Então como alternadeira conversas e fazes companhia. Contas a tua vida, do outro lado contam a deles. Por isso, não notei grandes mudanças no início do trabalho sexual porque não havia sexo envolvido.

Com o tempo, foram surgindo algumas ofertas de trabalho, mas não me interessavam. O que me interessou realmente resultou do trabalho sexual. E foi graças a ele que consegui concretizar vários sonhos.

Consegui pagar uma universidade privada. Tirei o curso de Sociologia. Até cheguei a enviar algumas candidaturas para empresas ligadas à reinserção social, mas nunca me chamaram. Optaram sempre por contratar pessoas, que não tivessem sido TS, é uma forma de abreviar.

Tenho uma colega que se formou comigo, que está a trabalhar num posto de gasolina. Ela gosta? não. Sente-se triste com isso? Sim. Está satisfeita? Não. Tem de pagar as contas? Sem dúvida.

Eu poderia limpar casas, que sei limpar perfeitamente bem. Ou tomar conta de idosos, porque já tinha essa experiência. Ou seja, poderia optar por ganhar o ordenado mínimo, não é? Mas fui estudar para ter a possibilidade de ganhar mais qualquer coisa, só que isso não aconteceu. Enviei currículos, fiz formação noutras áreas, tenho vários conhecimentos, mas....

As opções que existem são: trabalhar 8 horas por dia no mínimo e ganhar o ordenado mínimo. Não quero.

Eu decidi usar o meu corpo como uma armadura e deixar de ser uma vítima do sistema. Foi isso que aconteceu.

(AMBIENTE MUSICAL) *mudança cénica/luz. Danço pelo espaço)*

(mudança cénica/luz. Falo para o público como se estivesse a dar-lhes uma aula. Continuo registo monólogo)

(masterclass) O trabalho sexual é bem remunerado em comparação com outro tipo de trabalhos.

Por exemplo, em apartamento trabalhas cerca de meia hora por cliente por um valor médio de 50 euros. Já webcam, um show de 10 minutos, custa à volta de 15 euros. Agora os valores andam mais baixos, mas se só quiserem pagar 10 euros, o máximo são 7 minutos. O trabalho de rua ronda os 15, 20 euros. Estamos a falar de 8 a 10 minutos. 8 a 10 minutos em que não se tira a roupa. Ou seja, entre o primeiro contacto de:

-Quanto é? O que é que fazes? e tal.

Entre este tempo, desde que entras no carro e vais até ao local. Quando lá chegas, colocas os teus artigos de higiene, toalhitas, o álcool, preservativo. Amarras ou não o cabelo. Isto vai da jogada de cada pessoa. Tens o mínimo de contacto possível com o cliente. Este ponto é importante, é mesmo. Repito. Estamos a falar de 8 a 10 minutos.

E se tu fazes 5 clientes por dia, que normalmente fazes muito mais, estou a dizer no mínimo, num dia fraco, são 100 euros por dia!!

É importante dizer que a abordagem e o discurso influenciam muito a negociação. Fazem aumentar ou diminuir o preço. Penso que qualquer bom vendedor concordaria comigo. Felizmente para mim, tenho um bom poder de argumentação.

*(mudança cénica/luz. Vou **charriot** vestir roupa definitiva. Continuo registo monólogo)*

Como trabalhadora do sexo sou eu que organizo a minha agenda, os meus horários, não tenho de dar satisfações a ninguém, tudo depende de mim e da qualidade do meu trabalho. No fundo sou uma empresária em nome individual. E o meu modelo de negócio é vender pacotes de prazer. Tal como uma massagem, uma ida ao spa ou a um restaurante, são procurados pelo prazer e bem-estar associados, também eu sou procurada para proporcionar prazer através de uma experiência sexual.

Virginie Despentes, no seu livro “King Kong Théorie”, faz uma analogia curiosa. Diz que procurar uma trabalhadora do sexo é como ir a um psiquiatra. Há espaço para palavras.

Há quem nos veja como assistentes sociais com esperma adicionado.

Foi o trabalho sexual que me permitiu alcançar a minha independência económica e ter uma vida. Pagar as minhas contas, ajudar a minha família, tirar a carta, até comprar um carro. Mas estamos a falar de uma profissão de desgaste rápido. Por isso tive de aprender a gerir tudo de forma muito cautelosa, para chegar até aqui com alguma estabilidade e de alguma forma assegurar o meu futuro.

(Mudança de luz. Falo diretamente para o público)

As pessoas pensam que não é um trabalho digno. Mas quem é que definiu os parâmetros da dignidade? Com que legitimidade?

Em boa verdade não é só o trabalho sexual que é considerado imoral. A masturbação, a pornografia, estão associadas à leviandade e promiscuidade. Não se fala abertamente destes temas. São tabus.

Mas há que fazer uma reflexão acerca do sexo. Porque é que as pessoas o fazem? Poderia agora perguntar a cada um de vocês.... mas seria constrangedor...

Pela minha experiência, paga-se a um trabalhador do sexo por várias razões:

(Entra mapping e testemunhos gravados)

Não obtenho o que necessito da pessoa que tenho ao meu lado;

Não falo de sexo com o meu parceiro;

Nem sempre digo abertamente do que gosto ou não gosto;

Gosto de quebrar a rotina;

Sou solteira e é uma escolha pagar para ter prazer;

Tenho problemas de comunicação;

Não encontro ninguém compatível;

Pela minha incapacidade tenho dificuldade em encontrar alguém;

Tenho taras maradas e gosto de foder à força.

(*param os testemunhos. Continuo registo monólogo*)

Parece-me ridículo ter de vos explicar.

Vocês precisam de alguma justificação para foder ou podem fazê-lo livremente?

Eu faço disso o meu trabalho e dá-me muito prazer.

(**AMBIENTE MUSICAL** mudança cénica/luz. Sento-me no **Divã** para calçar as meias. Continuo registo monólogo))

(*memória*) Desde a minha adolescência que costumava dizer que um dia seria missionária porque a minha grande causa sempre foi ajudar os outros. E de alguma forma ao longo deste tempo todo tenho sido....

Após alguns anos a trabalhar nesta indústria, tornei-me ativista pelos direitos dos trabalhadores do sexo quando percebi que não era considerada uma boa pessoa aos olhos da sociedade.

Uma das minhas missões é conseguir alterar este estigma.

Como ativista, percebi que por ser trabalhadora do sexo estava ausente de qualquer debate. Isto porque as pessoas são altamente condicionadas pelos valores judaico-cristãos e pela moralidade religiosa que santifica o corpo da mulher. Portanto, fazer sexo com estranhos, ainda para mais com dinheiro envolvido, torna-se condenável para a sociedade.

Eu luto contra isso.

Mesmo se um dia deixar de o ser, ficarei marcada para a sociedade porque a expus e destruí a crença de que só é possível encontrar a felicidade no casamento e no amor. Visão que claramente ignora o facto de que muitas mulheres, não procura um romance, nem têm qualquer interesse por sexo.

Na realidade, todo o trabalho que tenho desenvolvido ensinou-me a ter orgulho no que faço e por isso dou a cara, mas reconheço que o trabalho sexual vive assombrado pelo preconceito.

A forma como as pessoas olham para mim... apenas como "prostituta". Um estigma associado a uma palavra carregada de sujidade.

Mas essa imagem da “prostituta” que existe no imaginário coletivo no fundo é a imagem de uma mulher. Nunca se ouve falar do homem, do transsexual, deste ou daquele. Não. Ouve-se:

-A “prostituta”, aquela porca, aquela gaja que só serve pra chupar.

É uma palavra que nos despersonaliza.

(mudança de luz. Vou-me levantando e começo a falar para o público diretamente)

Quando digo que sou trabalhadora do sexo, sou imediatamente julgada. A sociedade está presa a um estereótipo e a culpa disto acontecer é de todos nós. Desde a comunicação social, que oculta factos, às pessoas em geral que ainda utilizam vocabulário depreciativo nas conversas de café. Há uma desinformação tão grande que leva à nossa segregação. Nós somos invisíveis para a maioria de vocês.

Vivemos sobre o escrutínio da sociedade que julga sem conhecimento e nos desumaniza. Este é o principal obstáculo à atividade e durante muitos anos foi um obstáculo à minha própria aceitação.

O trabalho sexual é uma opção para mim. Poderia fazer outras coisas? Sim. Poderia viver num mundo completamente feliz? Sem fome, guerras, desgraças, políticas destruidoras, num mundo perfeito! *(Irónica)*. Gostava de fazer parte desse mundo, mas a realidade não é assim. Então penso que é sobre esta realidade que é urgente intervir.

A legalização do trabalho sexual, independentemente de se compreender, gostar, aceitar ou não.

Digo isto porque de facto hoje falo abertamente do meu trabalho. Não tenho uma carteira profissional e sou obrigada a fazer os meus descontos por outra profissão, mas pelo menos não vivo às custas do estado, não sou vigarista, nem ando a roubar ou a enganar as pessoas. Tal como também não sou uma coitadinha.

É mesmo uma escolha e sou feliz assim.

*(mudança cénica/luz. Vou ao **toucador** colocar brincos e pulseira. Continuo **registro monólogo**)*

(Assertiva e mais zangada) Mas para trabalhar, precisamos de condições e, em Portugal, a lei é complicada. É permitido exercer, mas por exemplo, não posso alugar um apartamento com outra colega para trabalhar nem levá-la para o trabalho todos os dias. É considerado

crime. Já apanhei uma multa de 2500 euros, porque não sou taxista. Se fosse para outro trabalho qualquer, poderíamos ir juntas, uma vida inteira....curioso ah?

Mas se for o marido a dar boleia à mulher para ela ir trabalhar, não há problema. Ele pode levá-la e trazê-la e viver do dinheiro do seu trabalho. Se a minha colega me der 10 euros para a gasolina, incorro numa pena de 2 a 5 anos.

Isto mostra bem o estado que temos.

Estou a trabalhar. Acabam os preservativos e peço a uma colega. Ela está a incorrer num crime porque me está a entregar material. Crime de lenocínio simples. Ridículo, não é?

Como ativista luto pela despenalização do lenocínio simples, para que estas coisas deixem de acontecer.

Porque a lei conforme está, na prática não é congruente nem nos protege. E é por isso que sinto que é preciso divulgar e informar sobre o trabalho sexual.

(mudança de luz, falo para o público diretamente)

Olhem para mim! Olhem para mim!

O trabalho sexual não vai deixar de existir.

Nos países onde foi parcial ou completamente criminalizado não acabou. E o pior é que contribuiu para um aumento da discriminação e marginalização. Resultado: grupos mais vulneráveis, maior exploração e violência.

É preciso que entendam que as condições que a sociedade me oferece não são aliciantes.

(irónica) Imaginem um trabalho socialmente aceite. Vou trabalhar não sei quantas horas por dia, a ganhar o ordenado mínimo, o que não paga o empréstimo de uma casa. Então vou viver para um quarto, não é? Tudo bem, nem toda a gente tem de ter casa. Portanto, vou viver para um quarto, com uma renda de 250 euros, isto no Norte, porque na capital já não se consegue estes valores. Não posso constituir família porque o dinheiro não chega. Não me posso permitir qualquer tipo de luxo. Não posso comprar livros, ir ao teatro, fazer umas férias e terei de viver a vida toda a contar tostões e a tentar agarrar o máximo de subsídios. Também não poderei comprar alimentos caros ou mais saudáveis, o que me pode trazer problemas de saúde e, como consequência, serei mais uma a sobrecarregar o serviço nacional de saúde. Conclusão, estarei literalmente a sobreviver. Mas tudo bem, porque desta forma estou a seguir os padrões que se definiu serem os corretos. Não interessa se sou infeliz, porque segundo a sociedade patriarcal, serei uma cidadã exemplar. *(acenar tipo militar)*

Não faz qualquer sentido abdicar do que conquistei e voltar ao cenário do qual fugi apenas porque a sociedade diz que é errado. Porque esta sociedade não consegue dar condições a todos aqueles que vivem da indústria do sexo.

Então porra! não venham mexer connosco.

(Entra mapping e testemunhos gravados)

Eu não posso falar abertamente sobre aquilo que faço por alma de quem?

Eu não roubo, não estou a fazer mal a ninguém. Muito pelo contrário.

Porque é que preciso dizer que estou desempregada quando tenho de preencher um formulário? Preciso mentir para ser respeitada? Como é que isso é justo? Isso é que viver de forma exemplar?

Posso sempre dizer que tomo conta de um idoso e assim fico bem na fotografia.

Esta profissão permite-nos ter uma vida digna e só pedimos que nos respeitem e nos deixem trabalhar.

*(mudança cénica/luz. Sento-me no **Divã** para me calçar. Continua registo monólogo)*

Mas para que isso aconteça é preciso legislar o trabalho sexual.

É urgente a criação de um modelo que vise a descriminalização do trabalho sexual e legitimação como profissão. Parece um cliché, mas não é.

Porque este limbo em que se encontra a lei só nos prejudica e nos estigmatiza. Faz recair sobre nós mais violência e põe-nos ainda mais em risco.

(calço sapatos)

Mas chega de conversa. Já estou pronta.

(mudança cénica/luz. Levanto-me e vou pegar carteira que está na mesa de apoio)

Apenas queremos trabalhar e viver a vida sem julgamentos, tal como todos.

Vivemos num mundo desequilibrado, mas todos ocupamos um lugar. O lugar que nos foi destinado. E cabe a cada um de nós saber tirar partido daquilo que recebeu.

(Vai surgindo a projeção)

(Voz off) Já se viram ao espelho hoje?

FIM

ANEXO 10: REGISTO DOS ENSAIOS

Segunda 28 Junho

Comecei os ensaios na Sala Preta na ESMAE. Estive das 9h às 16h. Vi o espaço, defini espacialidades. Marquei chão com as distâncias reais do Teatro. Experimentei coisas. Marquei algumas coisas e consegui passar o texto 3 vezes.

Senti que estava a ser a primeira vez. Foi estranho. Cheguei e fiquei sempre sozinha. Sinto-me insegura e que não é a minha zona de conforto.

A primeira vez que tentei fazer ações e dizer o texto, parecia que não sabia o texto. Mas depois de fazer três vezes já consegui dizer e fazer ações. Algumas dúvidas se levantaram, como:

Vou dançar a olhar para a câmara de cima? assumo essa câmara como um espelho? Porque esta segunda câmara talvez não se adegue.

Percebi que algumas das ideias que tive quando escrevi, na prática, talvez não funcionem. É assim mesmo, faz parte. Refiro-me a ações e ideias e não ao texto em si.

Terça 29 Junho

Ando a tentar resolver a situação da câmara. Há algumas hipóteses, mas surgem sempre problemas. Ou de cabos, qualidade imagem, latência (delay) etc. Falei com várias pessoas com máquinas, pessoas entendidas e estou a tentar encontrar a melhor solução. Vão-me emprestar umas câmaras para testar.

De manhã visita ao palco. Íamos fazer teste projeção, mas falharam da parte do teatro. Estivemos a ver distâncias e a tentar recuperar o tempo investido.

Da parte da tarde ensaiei e a Rossana apareceu. Deu uma dica de cenografia e viu um corredor. Deu feedback e foi fixe sentir retorno. Foi a primeira vez que alguém viu. E ainda estou no início, por isso o que viu está muito cru ainda.

Hoje tenho a sala disponível até as 20h.

Quarta 30 Junho

Só estive de manhã e estive a ensaiar. Já tenho mais marcações definidas e está a começar a ganhar forma. Há momentos que mexo de mais, outros talvez ainda não tenha encontrado o movimento certo, mas sinto que está a evoluir. Costumo filmar o ensaio e depois vejo para perceber como funciona.

Da parte da tarde estive a trabalhar no vídeo com o João e a definir quando cada imagem aparece.

Quinta 1 Julho

Não tinha sala então estive em casa a fazer produção. Consegui uma câmara emprestada tipo Gopro que deve resolver bem a situação. Tenho que testar com o João do vídeo.

Tratei de várias coisas como folha de sala, essencialmente a linha temporal dos acontecimentos e evolução da situação do TS no mundo. O Dossier de imprensa também está quase pronto.

Sexta 2 Julho

Experimentei algumas coisas, como uma ideia de menina na parte da música, mas não funcionou.

A Cláudia esteve a tarde a ver e a trabalhar comigo. O que me disse é que as cenas do espelho são as que ainda não encontrei e eu também sinto isso.

Sábado 3 Julho

De manhã fiz um ensaio sozinha. Depois chegou Irene, Manuel e Valentina para fotografar e filmar o ensaio.

Durante a tarde fui tratar do toucador e da cadeira. Fomos a loja Emaús buscar. A peça é maravilhosa. À tarde fiz um ensaio para o Zé ver e me dar feedback. Ainda esta rápido, mas os tempos estão a começar a abrandar.

Depois fomos buscar o diva e mesinha. Entreguei câmara ao João para ele testar. Foi um dia produtivo, mas muito cansativo.

Comecei os ensaios com o texto V 8, mas, entretanto, com as correções, alterações etc. está na V11.

Segunda 5 Julho

Estive à procura das cenas ao espelho. Imaginei que estava a falar para alguém para ficar mais natural e menos pesado. Fiz várias experiências. Acho que funciona. Ainda está rápido principalmente nestas duas cenas, mas está a abrandar.

Ainda de manhã fiz um corrido com tudo. Alterei algumas movimentações e a espacialidade está melhor.

A tarde estive com a Cláudia a trabalhar. Fez algumas anotações do texto que estava a cantar demasiado e tenho que ser afirmativa. Várias frases no guião estão sublinhadas para não cantar.

Disse que houve evolução desde segunda, principalmente nos momentos ao espelho. É bom sinal. Disse ainda para criar alguns subtextos para me ajudar (exemplo alguns momentos com memórias).

Terça 6 Julho

De manhã estive a trabalhar o texto segundo as correções que a Cláudia fez ontem. Depois de almoçar fiz um ensaio com tudo antes da Cláudia chegar.

Estive com a Cláudia à tarde, fiz uma vez tudo e a interpretação está melhor. Feedback: Gestualidade, encontrar intenções troca de roupas. Dar mais tempos.

Dança dar mais tempo quando acabar antes de começar a falar.

Eu sinto que preciso definir melhor o momento que me levanto do divã depois de coser.

Ao final do dia fiz mais um com tudo e gravei para amanhã ver.

Quarta 7 Julho

De manhã fiz um corrido, sem grandes figurinos. Preciso abrandar alguns tempos porque ainda estou a falar rápido. Depois vi gravação de ontem. Está melhor principalmente cena espelho.

Percebi que a dança tenho que me soltar mais. Estou presa e parece forçado.

Não sei se estou a falar muito com as mãos.

Algumas frases chave preciso de encontrar o tom como "Eu acho que o que me levou a trabalhar na indústria do sexo foi a ambição" "eu faço disso o meu trabalho e dá-me muito prazer", "mas para trabalhar precisamos de condições" entre outras.

Durante a tarde fiz outro corrido sem grandes figurinos e estive mais atenta ao texto para não cantar.

17h fiz outro corrido, desta vez mais a "sério" e gravei. Percebi que tive algumas falhas no texto. 18h30 voltei a repetir, não filmei infelizmente, mas senti que correu muito bem.

O trabalho tem sido muito assim. Eu faço, filmo e depois vejo. Tiro as notas que preciso, percebo o que não funcionou tão bem, erros etc. e depois repito. É um trabalho muito solitário. Tem sido um processo muito solitário, mas encontrei uma forma. Encontro sempre.

Quinta 8 Julho

De manhã tratei de produção. Estive a fazer timeline folha de sala. À tarde fomos tentar fazer teste de projeção novamente, mas sem sucesso. Até fui buscar outra câmara melhor esta semana para ver a diferença para a Gopro, mas não conseguimos perceber porque do teatro voltaram a falhar. Fiquei chateada e o dia já não correu como queria.

Depois fiz um corrido, quase marcação, do texto e a Irene fez correções. Depois fui tratar boxers.

Sexta 9 Julho

Antes de vir para a ESMAE, estive a rever folha de sala e dossier imprensa e a enviar correções para a Inês.

De manhã montei tudo na sala. Estive a rever as notas e a escrever calendário processo, o que aconteceu até agora. Revi o desenho de cenografia e tenho tudo apontado.

Comecei ensaio sem figurinos às 10h45. Não correu mal. Estou com 45 minutos. Já estou a dar mais tempo e é bom. Depois, revi correções texto que a Irene fez ontem. Por vezes uso outras palavras para dizer as coisas e não queria. Quero estar mais segura do texto.

Depois vi a filmagem de 4f. Os tempos do espelho estão melhores. Ainda tive alguns erros de texto e saltei coisas.

Depois do almoço fiz um corrido, mas com algumas falhas de texto. Às 16h outro corrido. Às 17h20 vi a filmagem. Parece-me que os tempos finalmente estão a acertar. Não sei se por isso senti que a energia estava a cair um bocado, mas está mais equilibrado, mais natural. É mais fácil seguir o raciocínio e acompanhar a história da Camaleoa desta forma.

Hoje estava com a pica toda. Fiz um último ensaio as 18h45 e senti que estava com ritmo, energia, as intenções estão lá. Não estou a ser demasiado reivindicativa nem de menos. Está na dose certa.

Termino este longo dia muito satisfeita.

Sábado 10 de Julho

Ensaio corrido de manhã, e durante a tarde estive com a Cláudia a trabalhar. Esclareci algumas dúvidas e fiz um ensaio. Depois de rever as notas da Cláudia, voltei a fazer.

Feedback:

Sapatos e blusa marquei demasiado o movimento;

Canto as pernas devem estar mais firmes e cuidado para não tapar a cara com os braços;

*Frase ambição ainda não encontrei o tom certo;
Dança, o strip funciona e posso rir-me de mim;
Voz off devo estar em silencio e não a dizer baixinho,
porque funciona melhor;*

*Frase "sou empresária em nome individual" é uma certeza
que já está enraizada, não estou a pensar;*

*Frase "olhem para mim" não usar as mãos e o tom mais
coloquial funciona melhor, estava a soar demasiado a
uma ordem.*

*Frase "ganhar o ordenado mínimo, a trabalhar 8h dia.
NÃO QUERO" não pode ser frágil. Habitualmente tem soado
melhor.*

*Depois da Cláudia sair, voltei a fazer um corrido e a
filmar.*

Segunda 12 Julho

*Ontem domingo descansei, mas estive a ver a filmagem de
sexta.*

*Hoje comecei por ensaiar sem figurinos. Depois do
almoço fiz com figurinos e tudo e filmei.*

*Quando revi percebi que me sinto bastante mais
confiante, o texto não falha, e estou com bons tempos.
Está orgânico. Está lá o trabalho todo, estão as minhas
convicções e o mais incrível é que encontrei esta
Camaleoa bem dentro de mim. É como se existisse em mim.
Eu não sou nem fui TS, mas a história que conto é muito
real para mim. A ligação à minha história pessoal, as
crenças que tenho que fui encaixando no texto, o lado
sensual, sinto que estou a explorar muitas coisas em
mim e que está a ser uma oportunidade para me afirmar
como artista.*

Conclusões que tirei:

*Página 3: Dei mais tempo a ver a roupa antes de falar
"Naquela altura eram aqueles..." e funciona melhor.*

Por batom com calma e só depois falar, fica melhor.

Frase ambição está muito melhor. Este sentimento de que estou a pensar, ou seja, estou a aperceber-me no momento em que a digo que de facto o que me levou a ser TS foi a ambição. Fica muito orgânico. Boa.

Página 7: Quando visto bolero, estou a sentar-me sem motivação. - TESTAR DEITAR DIVÃ.

O momento do strip foi muito genuíno. Experimentei ir ao sofá como se estivesse um cliente, depois sentei-me, usei o corpo e a sensualidade e funciona. Isto sim está orgânico. Estou num misto de show para alguém que assiste e um show no meu quarto a ensaiar. Misto de mulher a trabalhar e de mulher a experimentar e a divertir-se. Sem dúvida que fica claro o que funciona e que a dança não estava a funcionar.

A passagem do strip p "masterclass" preciso perceber se realmente funciona.

Frase "precisam de alguma justificação pra foder" acho que encontrei o tom.

Página 10: "Na realidade..." tom certo.

Estou com 42 minutos o que é bom. Talvez esteja ligeiramente acelerado, mas é mais ou menos isto.

Depois voltei a ensaiar mais duas vezes sem figurino para reforçar estas coisas que funcionaram.

Foi um dia em cheio, produtivo, cada vez mais sinto que estou a ficar com o espetáculo pronto.

Terça 13 Julho

De manhã estive com o João Aires e a Luísa a testar vídeo e a fazer um ensaio para a Luísa fazer a luz. O feedback foi muito bom e senti-me bastante confiante. Julguei que ia ficar nervosa, mas não. Sei o que está a acontecer, sei o que construí e acredito em cada palavra do que estou a dizer. Sinto-me pronta.

Pelas 14h30 fiz um ensaio com a Cláudia e deitar-me no sofá depois de vestir o bolero, enquanto recordo a época em que trabalhava no lar, funciona mesmo. Está natural. Sinto-me a recordar.

Cláudia também sente que está bem, apenas me alertou para uma frase que cantei, mas sente a evolução.

Estas frases estão finalmente com a tonalidade certa:

Tom frase "decidi usar o meu corpo" - sorridente e como manifesto

Tom pergunta, "Poderia perguntar a cada um de vocês, mas seria constrangedor" - meia a desculpar o público

Tom frase "...justificação para foder ou podem fazê-lo livremente?" - enfatizar o foder

Tom frase "Eu faço disso o meu trabalho..."- manifesto e orgulhosa

Pelas 16h30 repeti o ensaio. O Luís de figurinos passou a ver um bocado do ensaio e deu sugestões.

Por vezes sinto que troco alguma palavra no texto, mas imediatamente resolvo e isso também me dá muita segurança. Sinto-me preparada.

Quarta 14 Julho

Às 9H30 fiz um ensaio com tudo, com a Irene no som, a Valentina a fotografar e o Manuel a filmar e correu super bem. Estava com energia, confiante e tudo foi como esperado. A Camaleoa está em cada segundo da peça, em cada poro do meu corpo e sinto-me a concretizar um sonho.

Às 11h chegou o Júri, Manuela Bronze, Cláudia e Diana Sá. Senti-me superconfiante, segura e empoderada. Correu muito bem. Senti-me uma Camaleoa e tive consciência de tudo o que estava a acontecer. Foi tudo como esperado. texto, strip etc. e o facto de não me sentir nervosa e estar confiante do meu trabalho surpreendeu-me, mas claro que isto aconteceu porque trabalhei muito para chegar a este momento.

Feedback:

Manuela bronze elogiou muito os figurinos. Disse que eram perfeitos e às vezes é muito difícil chegar a este equilíbrio.

Diana deu-me os parabéns pelo texto, gostou muito e também pela interpretação e encenação. Disse que estava mesmo bem e que levanto questões muito pertinentes e que a deixar a pensar. Apenas referiu que não falo do outro lado, do lado negativo.

Às 15h25 repeti o ensaio sem figurinos e às 16h a Sofia Príncipe veio assistir ao ensaio. Adorou. Disse que não viu a Rita Pinheiro, que me sentiu muito confortável no papel e que o texto está muito bom e a encenação e interpretação também. Sentiu poder, força e convicção e que tudo funciona muito bem.

DEVIDO AO COVID, A DATA DE ESTREIA SOFREU ALTERAÇÕES E PASSOU PARA 19 SETEMBRO

Segunda 6 Setembro

Regressei à sala de ensaios na ESMAE às 14h30. Montei tudo. Ambientei-me e fiz reconhecimento. Do espaço, das coisas, da Camaleoa. Fiz um corrido e não foi muito orgânico. Estava a recordar, a encontrar e foi rápido pareceu-me. Voltei ao texto, revi umas coisas de um ensaio filmado e durante a tarde voltei a fazer dois corridos para me encontrar. Para recordar a minha história, as sensações, o jeito do corpo, a voz, a velocidade. Terminei as 20h e senti que já foi mais fluido, mas tenho que trabalhar. O texto estou com a sensação de estar a correr.

Terça 7 Setembro

Hoje vim de manhã, preparei tudo e ainda de manhã fiz um ensaio. Os tempos estão mais próximos, o texto está mais fluído, mas parece-me que estou a cantar em algumas partes.

A tarde vi a filmagem do ensaio de dia 14, antes de apresentar ao Júri, e fiz um ensaio. Já senti que foi bem melhor. Mais maduro, com tempos e respirações.

Ao final do dia voltei a fazer mais um corrido e o dia foi produtivo.

Quarta 8 Setembro

De manhã ensaio com João para vermos os tempos da projeção. Não me senti tao a confiante como costume. Talvez não seja a confiança, mas não senti tanto empoderamento talvez. Esta jornada tem sido diferente. O voltar trouxe coisas boas naturalmente, mas tenho tido esta sensação de insatisfação que não sei explicar. Talvez por estar sempre a trabalhar sozinha e nunca receber retorno...

A tarde vi gravação de ontem

Fiz um ensaio c tudo e filmei. Estou c 40min porque não estou a dar tempo p fazer as ações e depois falar (ex. ver a roupa). No espelho também às vezes falo mais rápido.

Sinto qualquer coisa estranha. As vezes distraio-me... não sei bem.

Mas por outro sinto q algumas coisas amadureceram, encontrei mais umas coisas novas.

O strip sinto me bloqueada não sei explicar.

Quinta 9 Setembro

Estive com a Cláudia. Possivelmente desta vez não conseguirá acompanhar-me mais nenhum dia porque está cheia de trabalho.

Fiz um corrido e ela disse me que gostou muito e que ficou presa em mim. Sente que esta pausa trouxe uma carga positiva e sente-me mais madura.

Feedback:

Falhou frase espelho quando penso na minha infância teve muito ar, mas não costuma acontecer.

Meias ser mais fluido texto e ação;

Frase trabalhar não sei quantas horas por dia dicção;

AVISAR NUNO M. ESTOU ROJETO ITENERANTES INSTITUTO CAMÕES

Sexta 10 Setembro

Apenas fui fazer um corrido porque no fim de semana não poderei ensaiar e não quero estar tantos dias sem trabalhar. Vou trabalhar fora no Sábado e já não tenho sala domingo de manhã.

Segunda 13 Setembro

De manhã fiz um corrido. Senti que me distraí e tive pequenos erros.

A tarde voltei a fazer mais um corrido e filmei.

Troquei o livro de cena, que irei usar para a entrada do público. Achei bem trazer algo que realmente poderei ler e que se enquadre com a temática. "11 minutos" do Paulo Coelho. Trata-se da vida de uma jovem que entra no mundo do trabalho sexual.

Terça 14 Setembro

De manhã fiz um corrido, mas senti pouca energia.

A tarde vi a filmagem de ontem, tirei umas notas de tempos, mas percebi que está com mais força, mais maduro. Estou a solidificar.

As 14h30 fiz um ensaio filmado e acho que correu bem.

As 17h repeti e acho que esta a ganhar corpo.

Quarta 15 Setembro

Manhã um ensaio sem grandes figurinos, mas estava com pouca energia.

Início da tarde vi filmagem de ontem e depois fiz um ensaio com mais qualidade.

As 17h15 fiz ensaio com público e pela primeira vez senti me nervosa. Antes de começar não estava, mas depois senti a mão a tremer quando pego no lápis dos olhos, não estava a conseguir fazer bem o risco e comecei a perceber o nervosismo. Não me atrapalhou porque me consegui concentrar, mas fazer assim o

espetáculo de forma mais intimista também é mais exigente.

Saltei uma frase e não sei como não me atrapalhei. Encaixei num sítio possível e só depois de passar é que percebi.

Também me falhou uma palavra de arranque de uma frase, mas safei me," mas atenção que nem todo o trabalho sexual" e disse algo como, "mas não tem que fazer sempre sexo".

Quinta 16 Setembro

De manhã um corrido que correu bem. Com umas pequenas trocas m segui. Claro q não fazer "a sério" já não da tanta pica e sentes-te a meio gás. Funciona como aquecimento.

Início da tarde fiz outro corrido que gravei metade porque fiquei sem espaço, mas senti que estava com ritmo.

Último ensaio na sala preta ao final do dia e senti q foi bom. Estava com energia, sentia-me empoderada e saio daqui com a sensação de missão cumprida.

Obrigada Sala Preta, foi um prazer partilhar este espaço comigo e comigo.

Sexta 17 Setembro

Entrada no Teatro Helena Sá e Costa. Basicamente foi montar panejamento, linóleo, marcação cenografia e à tarde vimos vídeo e só. São aqueles dias que se sente que não se fez nada.

A sorte foi que trouxe o livro "11 minutos do Paulo Coelho" e já estou avançada. É um livro que faz pensar sobre a sexualidade, os sonhos e o trabalho sexual.

Sábado 18 Setembro

De manhã montagem luz. Ontem percebemos que o desenho não estava bem e hoje foi preciso alterar tudo e refazer. Estive a ajudar com isso.

Início da tarde ensaio técnico e às 17h fizemos um corrido. Estava à procura das luzes e preocupada com tudo a acontecer, então a energia foi canalizada para várias coisas, mas amanhã vai correr bem melhor.

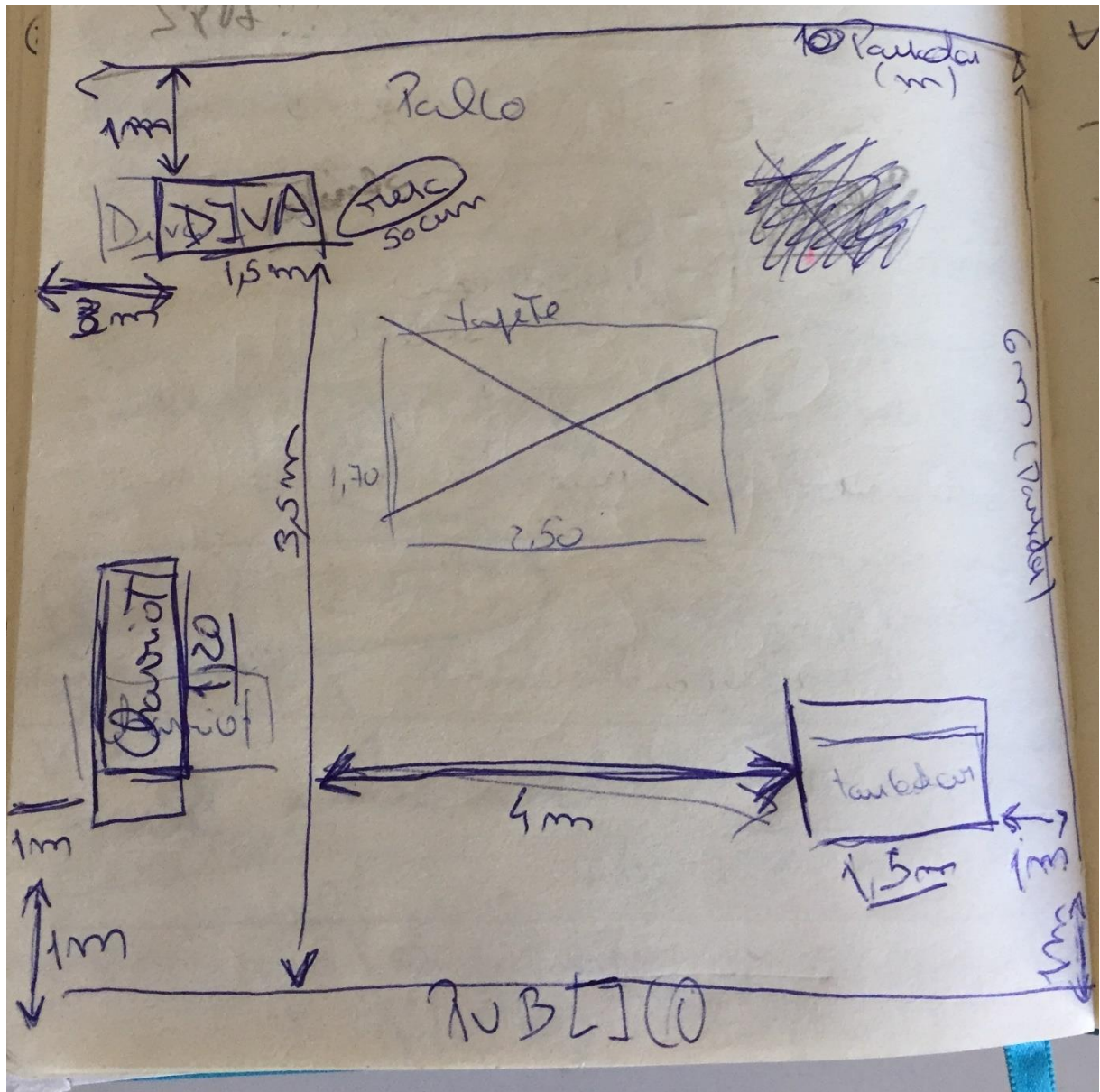
Domingo 19 Setembro

Chegou o grande dia. Ensaio geral as 15h filmado. Correu super bem.

Às 19h a grande estreia. Não tenho palavras para descrever o que senti. Um problema com um robot da luz, um áudio desligado cedo de mais, mas no geral correu bem. Senti-me verdadeiramente empoderada e que a minha Camaleoa fez-se ouvir. Os trabalhadorxs que assistiram gostaram muito e sentiram-se bem representados. Fiquei mesmo orgulhosa.

O feedback está a ser muito positivo. Apenas revelam que o som devia ter sido amplificado.

ANEXO 11: FOTOGRAFIA RASCUNHO DESENHO CENOGRAFIA



ANEXO 12: CARTAZ

MESTRADO EM ARTES CÉNICAS VERTENTE DE INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA · ENTRADA GRATUITA SUJEITA A LIMITAÇÃO DA SALA

Camaleoa

19. Set
2021
19:00



P. PORTO

ESMAE

ESMAE

ESMAE

ESMAE

MTS

TEATRO HELENA SÁ E COSTA · PORTO

Texto, Encenação e Interpretação: Rita Pinheiro

ANEXO 13: FOLHA DE SALA

Equipa técnica e artística:

TEXTO, ENCENAÇÃO E INTERPRETAÇÃO Rita Pinheiro
 VÍDEO EXPERIMENTAL João Aires
 MÚSICA Frederico Botelho e João Reis
 CENOGRAFIA Rita Pinheiro
 FIGURINOS Rita Pinheiro
 DESENHO DE LUZ Luísa L'Abbate
 DESENHO DE SOM Miguel Silva
 PRODUÇÃO Irene Reis Leite e Rita Pinheiro
 DESIGN E COMUNICAÇÃO Inês Bollen Pinto
 REGISTO SOM Alex Navarro
 REGISTO AUDIOVISUAL Imag5 in

INFORMAÇÕES TÉCNICAS THSC:
 DIREÇÃO TÉCNICA Fernando Coutinho
 DIREÇÃO DE CENA Inês Carvalhido
 LUZ José Alves
 SOM Guilherme Correia
 ORIENTAÇÃO Cláudia Marisa



MESTRADO EM ARTES CÉNICAS VERTEENTE DE INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA - ENTRADA GRATUITA SUJEITA A LIMITAÇÃO DA SALA

Camaleoa

19. Set
 2021
 19:00



TEATRO HELENA SÁ E COSTA • PORTO

Texto, Encenação e Interpretação: Rita Pinheiro

Rita Pinheiro:

Rita Pinheiro, natural da cidade do Porto, iniciou-se no mundo das artes no Balletteatro no ano 2000. Ao longo do seu percurso, teve como professores e formadores Bruno Schiappa, Cláudia Marisa, Diana Castle, Lígia Roque, Janaina Leite, José Wallenstein, Marcia Haufrecht, Margarida Gonçalves, Nuno Nunes, Nuno Pino Custódio, Roberto Merino, Patricia Vasconcelos, Teresa Brayshaw, entre outros.

Desde a sua estreia, já participou em inúmeros espetáculos dos quais se destacam a performance Xarxa 25, dos La Fura del Baus, no festival Imaginarium e a peça Os últimos dias da humanidade encenada por Nuno Carinhas e Nuno M. Cardoso.

Em cinema participou em diversos projetos, nomeadamente A Imitação de Sagona, 2000 Pés de Bruno Nacarato e André Sanjurjo; Porto de Gabe Klínger; Aquarium de Joana Correia Pinto; Zoom in -

Pequenas Maldições entre Amigos de José Pedro Lopes e IZH de José Paulo Santos. Iniciou o seu percurso nas dobragens com Alvim e os Esquilos: a Grande Aventura. Desde 2013 que integra vários projetos musicais como cantora, sendo o projeto Rita Light ao qual se tem dedicado mais.

No ano de 2018 escreveu e encenou o seu primeiro espetáculo juntamente com outra colega, Dedos curiosos, dedicado ao público infantil, com o qual circula desde então. Em 2019 estreou-se na escrita de argumentos com o seu filme 13H que se encontra em pós-produção e Cido que entrará brevemente na fase de produção com a produtora portuguesa Filmes da Mente.

Desdobra-se entre o trabalho de professora, artista e criadora e encontra-se a terminar o Mestrado em Artes Cénicas, Interpretação e Direção Artística na ESMAE.

Sinopse:

Uma camaleoa muda de cor para se camuflar, mediante o ambiente onde se encontra ou o seu estado emocional. Mas muitas vezes esta mudança acontece para defender o seu território e se tornar visível.

Camaleoa surge a partir de testemunhos de trabalhadores do sexo e pretende dar voz a quem tem vivido à margem. Numa viagem poética, falase de percursos e trajetórias introduzindo o público num universo camuflado por crenças.

"Mas quem é que definiu os parâmetros da dignidade? Eu decidi usar o meu corpo como uma armadura e deixar de ser uma vítima do sistema. Foi isso que aconteceu".

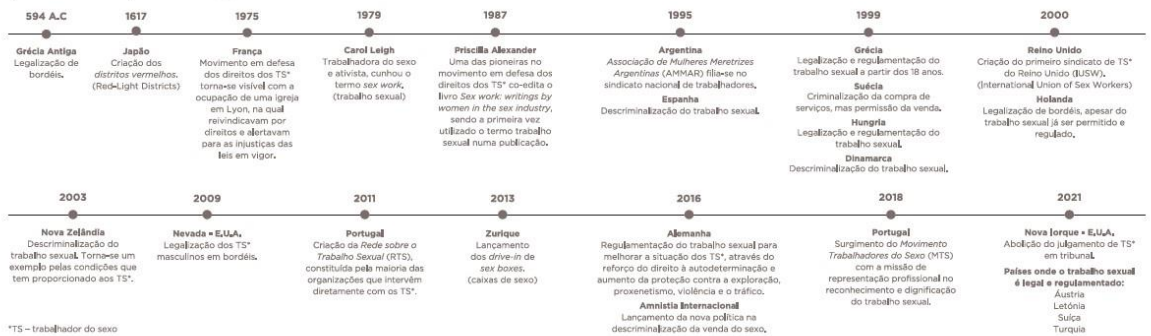
Excertos da peça:

"Como trabalhadora do sexo sou eu que giro a minha agenda, os meus horários, não tenho de dar satisfações a ninguém, tudo depende de mim e da qualidade do meu trabalho. No fundo sou uma empresária em nome individual."

"O trabalho sexual é uma opção para mim. Poderia fazer outras coisas? Sim. Poderia viver num mundo completamente feliz? Com fome, guerras, doenças, políticas destruidoras, num mundo perfeito! Gostava de fazer parte desse mundo, mas a realidade não é assim."

"Eu não roubo, não estou a fazer mal a ninguém."

Timeline do Trabalho Sexual:



*TS - trabalhador do sexo

ANEXO 14: DOSSIER DE IMPRENSA

Camaleoa

TEATRO HELENA SÁ E COSTA · PORTO 19. Set. 2021
19:00



Sinopse

Uma camaleoa muda de cor para se camuflar, mediante o ambiente onde se encontra ou o seu estado emocional. Mas muitas vezes esta mudança acontece para defender o seu território e se tornar visível.

Camaleoa surge a partir de testemunhos de trabalhadorxs do sexo e pretende dar voz a quem tem vivido à margem. Numa viagem poética, fala-se de percursos e trajetórias introduzindo o público num universo camuflado por crenças.

“Mas quem é que definiu os parâmetros da dignidade? Eu decidi usar o meu corpo como uma armadura e deixar de ser uma vítima do sistema. Foi isso que aconteceu”.

Equipa técnica e artística:

TEXTO, ENCENAÇÃO E INTERPRETAÇÃO Rita Pinheiro
VÍDEO EXPERIMENTAL João Aires
MÚSICA Frederico Botelho e João Reis
CENOGRAFIA Rita Pinheiro
FIGURINOS Rita Pinheiro
DESENHO LUZ Luísa L' Abbate
DESENHO DE SOM Miguel Silva
PRODUÇÃO Irene Reis Leite e Rita Pinheiro
DESIGN E COMUNICAÇÃO Inês Bollen Pinto
REGISTO SOM Alex Navarro
REGISTO AUDIOVISUAL 1mag3 in

INFORMAÇÕES TÉCNICAS THSC:
DIREÇÃO TÉCNICA Fernando Coutinho
DIREÇÃO DE CENA Inês Carvalho
LUZ José Alves
SOM Guilherme Correia
ORIENTAÇÃO Cláudia Marisa

Rita Pinheiro

Rita Pinheiro, natural da cidade do Porto, iniciou-se no mundo das artes no Balletteatro no ano 2000. Ao longo do seu percurso, teve como professores e formadores Bruno Schiappa, Cláudia Marisa, Diana Castle, Lígia Roque, Janaina Leite, José Wallenstein, Marcia Haufrecht, Margarida Gonçalves, Nuno Nunes, Nuno Pino Custódio, Roberto Merino, Patrícia Vasconcelos, Teresa Brayshaw, entre outros.

Desde a sua estreia, já participou em inúmeros espetáculos dos quais se destacam a performance “Xarxa 25”, dos La Fura del Baus, no festival Imaginarius e a peça “Os últimos dias da humanidade” encenada por Nuno Carinhas e Nuno M. Cardoso.

Em cinema participou em diversos projetos, nomeadamente “A Imitação” de Saguenail; “2000 Pés” de Bruno Nacarato e André Sanjurjo; “Porto” de Gabe Klinger; “Aquarium” de Joana Correia Pinto; “Zoom in - Pequenas Maldições entre Amigos” de José Pedro Lopes e “13H” de José Paulo Santos.

No ano de 2019 estreou-se na escrita de argumentos com o seu filme “13H” que se encontra em pós-produção e “Ciclo” que entrará brevemente na fase de produção com a produtora portuguesa Filmes da Mente.

Iniciou o seu percurso nas dobragens com o “Alvim e os Esquilos: a Grande Aventura”. Desde 2013 que integra vários projetos musicais como cantora, sendo o projeto Rita Light ao qual se tem dedicado mais.

Desdobra-se entre o trabalho de professora, artista e criadora e encontra-se a terminar o Mestrado em Artes Cénicas, Interpretação e Direção Artística na ESMAE.

Rita Pinheiro ainda consegue ter tempo para ajudar quem mais precisa. É voluntária na Associação Saber Compreender e com o aparecimento da doença Covid-19 juntou-se à Iniciativa “NosSOS” da associação “Palco 13” para ajudar profissionais do sector da cultural e audiovisual em dificuldades.

Portfólio:

www.pinheiorita.wixsite.com/ritapinheiro www.instagram.com/ritapinheiro_/

www.imdb.com/name/nm5378370/ pt-br.facebook.com/pg/ritapinheirooficial/

Artigos:

<https://emissor.pt/index.php/regional/1819-no-palco-tudo-pos-sivel-e-essa-magia-e-inexplicavel-descreve-a-atriz-rita-pinheiro-acrescentando-que-o-publico-faz-parte-da-magia>

<https://alma-lusa.blogs.sapo.pt/cine-tv-porto-actores-portugueses-e-2394159>

ANEXO 15: FEEDBACK

"Querida Rita Parabéns Bravo!!! Gostei imenso. É inteligente, sensível, elegante e profundo. Tão bom!!!"

"Olá! Consegui assistir, fui com meu marido. Gostamos bastante! Humano, delicado e verdadeiro. Parabéns!"

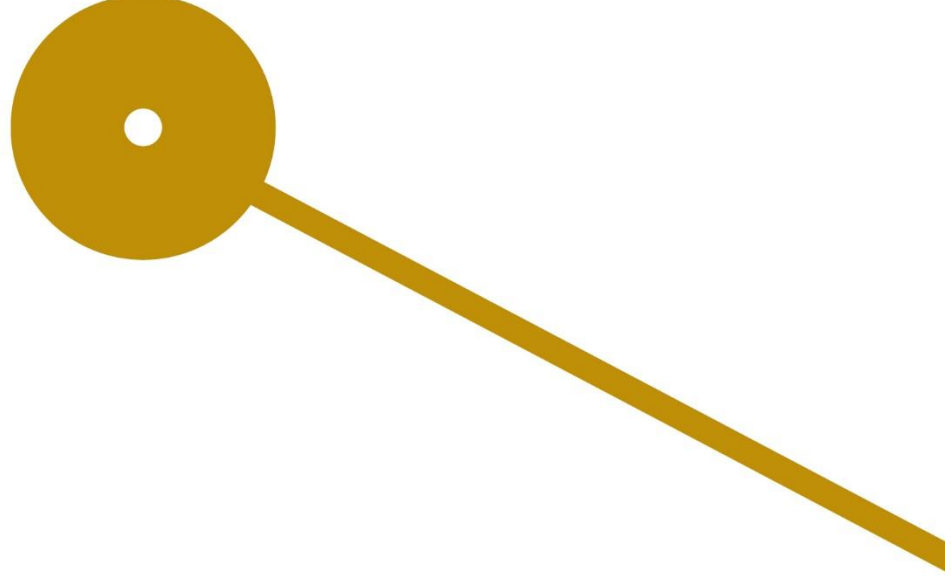
"Oi, Rita! Parabéns pela apresentação de ontem! Gostei muito, de verdade. Parecias uma gueixa experiente ou uma atotori de um hanamichi famoso. Tavas linda e acho que a peça foi bem-sucedida. Geralmente, não curto esse tipo de dispositivo "relatado", mas conseguiste prender a minha atenção o tempo todo. Foi ótimo!!"

"Vim-me embora logo no final do espetáculo. Mas queria deixar os meus parabéns!! Tiveste a casa cheia ;) E adorei ver o resultado final, as pequenas alterações foram positivas na minha opinião. Também achei piada a umas pequenas expressões. Acho que foram bem conseguidas. Acho que apresentar um projeto demonstra muita coragem, força e determinação e só isso já significa tanto..! Agora é continuar na luta."

"Foi maravilhoso adorei o tema! A tua interpretação tudo a sério! Vais fazer mais apresentações?"

ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO



M

MESTRADO
TEATRO - ARTES CÉNICAS
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

Camaleoa. Do Corpo ao manifesto